



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ERCÍLIO NEVES BRANDÃO LANGA

**PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS EM FORTALEZA NOS CIRCUITOS DA
VULNERABILIDADE E EXCLUSÃO: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NAS
TRAJETÓRIAS E PERCURSOS**

FORTALEZA

2012

ERCÍLIO NEVES BRANDÃO LANGA

PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS EM FORTALEZA NOS CIRCUITOS DA
VULNERABILIDADE E EXCLUSÃO: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NAS
TRAJETÓRIAS E PERCURSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Linha de Pesquisa: Diversidades Culturais, Estudos de Gênero e Processos Identitários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alba Maria Pinho de Carvalho.

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

L26p Langa, Ercílio Neves Brandão.
Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e
exclusão : identidades em construção nas trajetórias e percursos / Ercílio Neves Brandão Langa. –
2012. 184 f. , enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Sociologia.
Orientação: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho.

1.Pessoas desabrigadas – Praça da Gentilândia(Fortaleza,CE) – Atitudes. 2.Pessoas
HIV-Positivo – Praça da Gentilândia(Fortaleza,CE) – Atitudes. 3.Exclusão social. 4.Identity social.
5.Albergues para desabrigados. I. Título.

CDD 305.5692098131

ERCÍLIO NEVES BRANDÃO LANGA

PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS EM FORTALEZA NOS CIRCUITOS DA
VULNERABILIDADE E EXCLUSÃO: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NAS
TRAJETÓRIAS E PERCURSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alba Maria Pinho de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Rejane Batista Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Leonardo Damasceno Sá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr^a. Rilda Bezerra de Freitas
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

A Deus.

A meus pais, Angélica Magaia e Brandão Langa,

À memória do meu tio, César Frances Cuna.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Prof^ª. Dr^ª. Alba Maria Pinho de Carvalho, minha orientadora, pela amizade, pela compreensão e excelente orientação durante este longo período de trabalho.

Aos professores participantes da Banca examinadora, Rejane Vasconcelos, Leonardo Damasceno Sá e Alcides Gussi, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos sujeitos entrevistados, por terem partilhado aspectos difíceis de suas vidas e pelo tempo concedido durante as entrevistas.

À Coordenação do Centro de Convivência e Creche Madre Regina, à Casa de Apoio Sol Nascente, à Fraternidade Toca de Assis e ao Espaço de Acolhimento Noturno e seus profissionais, por terem-me permitido pesquisar em seus espaços.

Ao Adriano Henrique Caetano, pela amizade, pela força que me tem dado, pelas informações partilhadas, debates e correções ao longo deste e de outros trabalhos.

À Professora Rejane Vasconcelos, com carinho, pela atenção dispensada, pelas valiosas contribuições técnicas e de conteúdo e rigor antes, durante e após a defesa da dissertação.

À Lourdes Santos, pela força que me deu neste trabalho, pelas informações e indicações cruciais para o trabalho de campo.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões, em particular, ao André Mindoso, Edgar Braga, Érika Bezerra de Meneses e Pedro Jorge Mourão.

À Maria do Socorro Martins dos Santos, pela colaboração durante estes dois anos.

Ao Aimberê Botelho do Amaral, pela amabilidade e profissionalismo, pelas ajudas, atenção e colaboração durante estes dois anos.

A todas as outras pessoas aqui não mencionadas, que direta ou indiretamente contribuíram neste trabalho.

RESUMO

A dissertação ora apresentada consubstancia um esforço de compreensão do universo dos habitantes das ruas em Fortaleza, ao longo de dois anos, implicando um processo de redefinições do objeto, a partir das interpelações do próprio campo. O trabalho circunscreve, como eixo investigativo, as trajetórias e percursos de pessoas que habitam as ruas, enfocando processos de desfiliação e refiliação, o *habitus* do ser “morador de rua”, as exclusões e inclusões precárias, as discriminações e preconceitos, as concepções e valores assumidos por esses personagens, particularmente, as concepções e atitudes face ao HIV/Aids. O foco de análise terminou por incidir na construção dos processos identitários em suas trajetórias e percursos. O adentrar nesse universo peculiar, exigiu a construção de uma etnografia das ruas, vivenciada na Praça da Gentilândia e quatro casas de acolhida, buscando acompanhar as rotas dos personagens constitutivos do campo investigativo. Este trabalho etnográfico foi vivenciado de um lugar peculiar que possibilitou viver e sentir, na “própria pele”, a condição do “morador de rua”, ao ser confundido, no exercício de pesquisa, com os próprios sujeitos, cujo universo buscava compreender. O processo investigativo, processualmente construído, exigiu movimentar aportes teóricos com base em uma permanente pesquisa bibliográfica, possibilitando ampliar e reconfigurar teorizações, em coadunância com as próprias configurações empíricas. Utilizou-se o conceito de desfiliação social de Castel (1997), caracterizando o duplo desligamento do indivíduo do mercado de trabalho e das relações familiares, e a noção de estigma de Goffman (1988), que aparece como estratégia de classificação dos indivíduos nas interações cotidianas através da diferença, em relação aos atributos considerados normais. A ideia de refugio humano de Bauman (2005), nomeando os seres excessivos e redundantes da modernidade a vivenciar situações-limite, e a perspectiva desconstrutivista de identidades de Hall (2006) são outros aportes teóricos usados no trabalho. De fato, os habitantes das ruas vivenciam processos de exclusão e vulnerabilidade que perpassam a infância, adolescência e idade adulta, suas trajetórias revelam situações de pobreza, destituição de direitos e rupturas familiares. Começam a trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa, com experiências no trabalho informal, no comércio de bens ilícitos, no tráfico de drogas, realização de assaltos e outras formas de economia urbana nas periferias da cidade. Em seu nomadismo urbano e experiência de vida, desenvolvem formas e mecanismos de inclusão precários, trabalho informal como catadores de resíduos sólidos, flanelinhas, “bicos” na construção civil, prática de delitos, adesão a abrigos e casas de acolhida.

Palavras-chave: Habitantes das ruas. Vulnerabilidade. Exclusão. Trajetórias. Identidades.

ABSTRACT

This dissertation is an effort for understanding of the universe populated by street dwellers in Fortaleza by means of a two-year research in a process of redefinitions of the object from interpretations arising from the field. The work includes as investigative axis the trajectories of people inhabiting the streets focusing on processes of disaffiliation and new affiliation, the *habitus* that imprint the *street dweller*, precarious exclusions and inclusions, discriminations, prejudices, conceptions and values adopted by these characters inhabiting the streets and, especially, conceptions and attitudes in face of the HIV/Aids. The main point of the analysis ended up focusing upon the construction of identity-based processes found the trajectories of the streets dwellers. To enter this universe required the buildup of a street ethnography was carried up in the Gentilandia Square and four Homes in a period of 18 months trying to follow the routes of constituting characters of the investigation field. The ethnographic work carried out from a special place allowed the researcher to feel the street dweller's condition on his very skin considering that he was in the course of the research confounded with those subjects whom he was trying to understand. The investigative process, clerically constructed, led the researcher to approach theoretical support based on a permanent biographical search which allowed amplifying and reconfiguring theorizations in accordance with his own empirical ideas. Castel's (1997) concept of social de-affiliation used to characterize the individual's double alienation from the labor market on the one hand and family's ties on the other, and Goffman's (1988) concept of stigma which evident as classification strategy for individuals within daily interactions, emphasizing difference in relation to features that have been considered normal. Bauman's (2005) idea of human waste that nominates human beings, plagued by excesses and redundancies from the modern age, and who live at the brink of inescapable situations, and Hall's (2006) deconstructivist perspective of identities are other theoretical approaches used by this work. That experience processes of exclusion and are subjected to risks from infancy up to adolescence and adult age, reveal through their lives poverty-ridden situations, negation of rights and family ruptures. Start working very early in life in order to help feed the family by doing odd jobs, trading illicit merchandise, trafficking drugs and assaults, engaging in urban economic activities in poor areas of the city. By their urban mobility and experience of life, they develop mechanisms of precarious inclusions such as working as collectors of solid wastes, keeping guard of cars in the streets, temporary jobs in the construction of houses, practicing illicit acts and resorting to shelters and homes.

Keywords: Street Dwellers; Vulnerability; Exclusion; Trajectories; Identities.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

CAPR – Centro de Atendimento a População de Rua

CAPs – Comportamentos, Atitudes e Práticas

CPF – Cadastro de Pessoa Física

CNPq – Conselho Nacional para o Desenvolvimento Tecnológico e Científico

CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África

COMEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CREAS POP – Centro de Atendimento Especializado em Assistência Social para População em Situação de Rua

CRESS – Conselho Regional de Serviço Social

DST – Doença Sexualmente Transmissível

EAN – Espaço de Acolhimento Noturno

FIOCRUZ – Fundação Instituto Oswaldo Cruz

GPSS – Grupo de Pesquisa Saúde e Sociedade

GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca

HIV– Vírus da Imunodeficiência Humana

HSJ – Hospital São José

ONG – Organização Não Governamental

OSSREA – Organização para Pesquisa em Ciências Sociais da África Ocidental e Oriental

PPGSUFC – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC

RG – Registro Geral

RNP+ – Rede Nacional de Pessoas Vivendo com o HIV

SAREC – Agência Sueca de Cooperação e Desenvolvimento Internacional

SEAR – Serviço de Abordagem de Rua

SUS – Sistema Único de Saúde

SEMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social

UFC – Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
O Pesquisador e os Seus percursos: de que lugar penso e investigo as pessoas em situação de rua em Fortaleza.....	10
A construção processual do objeto.....	17
Dinâmica expositiva: a estrutura da dissertação.....	21
CAPÍTULO 1 – PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS NOS CIRCUITOS DAS VULNERABILIDADES E DAS EXCLUSÕES PRECÁRIAS: A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NO CURSO DE SUAS TRAJETÓRIAS.....	23
1.1 Pessoas que habitam as ruas: a dignidade na condição humana.....	23
1.2 A desfiliação social nas trajetórias das pessoas em situação de rua: a dialética das exclusões e inclusões precárias.....	28
1.3 O estigma como categorização social a deteriorar construções identitárias: a dupla estigmatização de morar nas ruas e viver com o HIV/Aids.....	38
1.4. Processos identitários nas trajetórias de pessoas que habitam as ruas: uma construção em aberto.....	51
CAPÍTULO 2 – UMA AVENTURA ETNOGRÁFICA NAS RUAS: O DESAFIO DE VIVER O CAMPO SEGUINDO AS TRAJETÓRIAS DE PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS.....	57
2.1 Adentrando no universo dos habitantes das ruas: o que revelam as observações e primeiras entrevistas.....	61
2.2 O segundo momento da pesquisa: percursos de campo em Abrigos e Casas de Acolhida.....	75
2.3 As casas de acolhida: uma descrição de cenários e da vida dos personagens.....	78
2.4 A inserção no campo: a peculiaridade do pesquisador a se confundido com os sujeitos de pesquisa.....	88

CAPÍTULO 3 – PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS A ENFRENTAR OS ESTIGMAS DA EXCLUSÃO E DO HIV: IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	91
3.1 A droga como elemento definidor de ruptura de vínculos sociais.....	94
3.2 Cenários de risco: relações com traficantes, dívidas no tráfico e prática de delitos...98	98
3.3 A Rua como locus de moradia.....	103
3.4 Situações que levam uma pessoa a viver nas ruas.....	111
3.5 Rupturas de Vínculos: relações nos circuitos das ruas.....	115
3.6 Imagens e autoimagens de pessoas que vivem nas ruas.....	120
3.7 Identidades nos percursos das ruas.....	128
3.8 Visões sobre o HIV, convivência, atitudes e comportamentos nas ruas.....	136
CONCLUSÕES.....	160
REFERÊNCIAS.....	166
GLOSSÁRIO.....	169
APÊNDICES.....	171
ANEXO.....	180

INTRODUÇÃO

O pesquisador e os seus percursos: de que lugar penso e investigo as pessoas em situação de rua em Fortaleza

Como estudante de bacharelado do curso de Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, integrei um grupo de pesquisa no campo da Saúde e Direitos Humanos. Nesta condição, tive a oportunidade de conhecer estudos de diferentes países no âmbito da questão da saúde, dentre esses, tomei contato com os estudos desenvolvidos por grupos de pesquisadores brasileiros, com destaque para os estudos da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Percebi proximidades entre as realidades do Brasil e de Moçambique no campo da saúde que me levaram a pensar em uma possibilidade de intercâmbio acadêmico.

O processo que culminou com a minha vinda ao Brasil teve início no mês de agosto de 2009, quando da publicação de um edital do Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique, oferecendo bolsas de estudo para cursos de mestrado e doutorado no Brasil. Nesse edital, uma das áreas de interesse eram as ciências sociais, cujos projetos deveriam ir ao encontro das necessidades e interesses de Moçambique. Nesse momento, vivenciava uma das melhores fases da minha curta carreira acadêmica, pois, no mês anterior, depois de cinco anos de faculdade, havia defendido a minha monografia na área de sociologia, com a avaliação final de 15 valores,¹ no Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane.

A minha monografia versava sobre o comportamento das pessoas durante as sucessivas epidemias de cólera que afetam Moçambique, como uma produção do Grupo de Pesquisa Saúde e Sociedade (GPSS), do departamento acima mencionado, que integrei durante mais de três anos como pesquisador-estagiário.² Foi neste grupo, em um ambiente deveras desafiador, caracterizado pela pouca disponibilidade de fundos para pesquisa e rigor na prestação de contas, onde comecei a aprender o ofício de pesquisador.

¹ Em Moçambique, tal como em Portugal, as provas, trabalhos, monografias, dissertações e teses acadêmicas são avaliadas qualitativa e quantitativamente em uma escala que vai de zero (0) a vinte (20) valores. Onde os valores de zero (0) a nove (9) são considerados negativos e os estudantes são reprovados. As notas de dez (10) a treze (13), são considerados valores positivos e os estudantes são aprovados, As notas que variam de 14 a 20 também são consideradas positivas, dando direito à dispensa das avaliações finais.

² Em Moçambique, categoria de pesquisador-estagiário equivale à categoria de bolsista de laboratório no Brasil, mas sem remuneração, visto que muitas instituições de ensino superior não dispõem de fundos para a realização de pesquisas. A maioria dos recursos financeiros para a realização de pesquisas provém do financiamento estrangeiro, como o fundo SAREC da Suécia, o CODESRIA, o OSSREA e de ONG's.

Nesse contexto acadêmico, desenvolvemos várias pesquisas, tendo como foco, populações vulneráveis: trabalhadores com o Vírus de Imunodeficiência Humana e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (HIV/Aids) que perderam o emprego por conta da descoberta da sua sorologia pelo patronato; estudos sobre a pobreza entre os estudantes universitários; pesquisas sobre bolsões de pobreza no pedágio entre as duas maiores cidades do país; estudos com catadores de lixo nas maiores “lixeiros” de Maputo³ e questões ligadas à saúde e direitos humanos.

Durante as férias letivas, desenvolvia pesquisas individuais sobre problemáticas vinculadas à minha experiência de vida e de vivência na academia. A primeira pesquisa versou sobre as percepções que médicos e pacientes tinham acerca da utilização da bomba no tratamento da asma no maior hospital de Moçambique, onde era paciente desde os quatro anos de idade, por conta da asma, doença que me acomete até aos dias de hoje.

Após a conclusão dessa pesquisa de caráter exploratório, investiguei sobre o comportamento das pessoas durante as várias epidemias de cólera que afetam Moçambique. Exatamente, foi este o estudo que veio a se tornar a minha principal pesquisa e tema de monografia. Também cabe destacar a pesquisa sobre a utilização de serviços de parto em países vizinhos por parte de mulheres moçambicanas, oriundas das classes mais abastadas.

Cerca de quatro meses após a publicação do edital, saiu o resultado do processo seletivo da bolsa, no mês de novembro de 2009. Tive a minha candidatura aprovada pelo júri, composto por três pesquisadores moçambicanos e outros três brasileiros, colaboradores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq).

Das diversas universidades brasileiras que possuíam conceitos iguais ou superiores a quatro pontos, às quais submeti o meu projeto de pesquisa, a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) aprovaram o meu projeto. Assim, por meio de contatos com a professora Neyara de Araújo Oliveira, então coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, acertei a minha vinda à UFC.

A viagem para o Brasil estava marcada para o mês de janeiro de 2010, mas dificuldades econômicas e questões organizacionais impediram que os estudantes moçambicanos selecionados viajassem ao Brasil naquele período.⁴ Cheguei ao Brasil, mais

³ Capital política e econômica de Moçambique, com cerca de dois milhões de habitantes.

⁴ As passagens aéreas de Moçambique para o Brasil e vice-versa são extremamente caras para o bolso do cidadão moçambicano médio, e as festividades do carnaval tornaram ainda mais caras as passagens. Somente depois do Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique pedir ajuda financeira à empresa brasileira Vale do Rio Doce para a compra de passagens aéreas é que viajamos. Cerca de 50 estudantes moçambicanos desembarcaram no Brasil no dia 26 de Março, tempo depois das aulas terem iniciado nas universidades brasileiras.

precisamente à cidade de Fortaleza e à Universidade Federal do Ceará, em abril de 2010.

Chegando à Fortaleza, ao entrar em contato com uma sociedade diferente no tocante a aspectos culturais e de nível desenvolvimento econômico, senti imensas dificuldades em me adaptar à sociedade, principalmente devido à discriminação racial, que se fez sentir de diferentes formas no meu cotidiano. Igualmente, enfrentei questões econômico-financeiras e tive dificuldades em lidar com questões burocráticas nas instituições, como Polícia Federal, Banco do Brasil, Receita Federal, Universidade Federal do Ceará, entre outras. No contato com tais instituições, pude perceber e sentir que a sociedade brasileira, e especialmente a sociedade cearense, encarnam formas de racismo e discriminação racial institucional.

À medida que o tempo foi passando, pude perceber o lugar que a sociedade reserva às pessoas de pele mais escura, e foi exatamente este lugar de discriminação que me aproximou das pessoas em situação de rua. Na realidade, as pessoas em situação de rua foram cruciais para que eu entendesse os processos discriminatórios que marcam a sociedade na vida brasileira, inclusive, o meu próprio, nos (in)certos caminhos de um negro moçambicano no Ceará.⁵

As situações pelas quais passei e continuo a passar são analisadas por teóricos da sociologia interacionista, como Erving Goffman (1988) em *Estigma* ou Howard Becker (2008) em *Outsiders*. Goffman (1988) destaca a questão da classificação das pessoas a partir de determinados atributos, em que pessoas pertencentes a determinados grupos são bem recebidas e outras pertencentes a outros grupos não o são.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas (GOFFMAN, 1988, p. 12-13).

Para explicar as interações sociais nas quais os indivíduos são categorizados e tratados de forma diferente, como indesejáveis, Goffman usa a categoria estigma, definida como sinal corporal que evidencia “algo mau” sobre o status moral de quem os apresenta. De acordo com a demonstração feita pelo autor, quando nos deparamos com um estranho à nossa frente, podem surgir evidências de que ele possui um atributo que o torna diferente dos outros, que o torna menos desejável, “[...] um caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa

⁵ Esta situação instigou-me a desenvolver outra pesquisa, acerca da diáspora africana no Ceará, assim entendendo a imigração massiva de estudantes oriundos de diferentes países africanos, nomeadamente, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique. Nesta pesquisa que estou a empreender, busco analisar os sentidos e significados de ser negro, africano e estrangeiro na sociedade cearense. Este estudo, ora em curso, deverá constituir a referência para um projeto de doutorado que pretendo elaborar.

estragada e diminuída” (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Na sua sociologia do desvio, Becker (2008) afirma que, nas sociedades, determinados grupos sociais possuem uma “identidade desviante”: um traço-chave que serve para distinguir entre os que os possuem ou não nas sociedades, que igualmente os atribui “um status principal” e vários “status auxiliares”. Becker (2008) mostra, como exemplo, que, em determinadas sociedades, espera-se que um médico seja de classe média alta, branco, heterossexual e católico.

No Brasil, as pessoas negras são atingidas por tais processos estigmatizantes e discriminatórios, o mesmo acontecendo com os imigrantes africanos, cuja maioria é de raça negra. No Ceará, os imigrantes africanos possuem uma identidade desviante: “são negros” antes de tudo, sendo-lhes, então, atribuído o status principal: “estrangeiro” e, finalmente, são-lhes atribuídos os status auxiliares: “estudante, professor, músico, enfermeiro, peão”. Estes processos de estigmatização são também vivenciados por sujeitos constituintes do meu campo investigativo: as pessoas que habitam as ruas.

De fato, as pessoas que habitam as ruas sofrem com o estigma e discriminação por conta da sua condição de morar nas ruas, por causa das suas vestimentas nem sempre limpas, devido ao seu cheiro forte e à associação destes atores com a marginalidade e o uso abusivo de álcool e drogas. Por estas razões, muitas pessoas em situação de rua têm os seus direitos humanos violados, são impedidas de ter acesso aos equipamentos de saúde, de educação, aos programas sociais, a instituições bancárias e instituições públicas, entre outros locais.

Os habitantes das ruas ganham visibilidade quando aparecem em determinados espaços, onde as outras pessoas se sentem incomodadas com a sua presença, considerando que elas não têm o direito de transitar em tais espaços ou fazer uso de determinados serviços: shopping centers, ônibus, restaurantes, bancos, caixas eletrônicos, supermercados, hospitais etc. Assim, foram constituindo-se os laços entre o pesquisador e os sujeitos que povoam o campo da investigação, a partir deste lugar do estigma e da discriminação.

Muitas vezes, percebo-me como *outsider* em espaços que não são reconhecidos como espaços onde os negros possam transitar.⁶ Como negro, imigrante e africano, percebi, somente mais tarde, que determinados espaços e lugares me eram vedados principalmente devido à cor da minha pele. É nesses mesmos lugares e espaços, e no seu entorno, que se

⁶ Uma vez, fui consertar o meu laptop em uma loja de informática no bairro Varjota. O técnico de informática explicou-me que se pagasse em espécie teria 10% de desconto. Assim, dirigi-me ao caixa eletrônico mais próximo, que ficava em um posto de gasolina na esquina das avenidas Santos Dumont e Coronel Jucá, dentro de uma padaria/lanchonete, para sacar o dinheiro. Entrei na lanchonete, dirigi-me ao caixa eletrônico e formei a fila. De imediato, percebi que os clientes da lanchonete e outras pessoas que estavam na fila se sentiam incomodados com a minha presença naquele local porque era negro.

encontram pessoas em situação de rua, pedindo “uns trocados”.

Quase sempre, os habitantes das ruas que ficam pedindo nesses estabelecimentos, são afetuosas comigo, me chamando amigo, irmão.⁷ Assim, em determinados espaços e lugares de sociabilidades – em determinados bares, restaurantes, instituições públicas e privadas – sou tratado de forma diferente e estigmatizada, em função da cor da minha pele. Contudo, foram estas mesmas características que me aproximaram das pessoas em situação de rua, pois, quase sempre, estes me cumprimentam nas ruas, mesmo sem que eu os conheça.

Como pessoa, cidadão e pesquisador, sempre me indaguei acerca da razão por que as pessoas em situação de rua me cumprimentavam de forma afetuosa, apertando a minha mão, dando-me abraços como amigos íntimos.⁸ Se a maioria das pessoas de pele mais clara muda de calçada quando se depara comigo e com outros “negros”, se elas preferem ficar em pé a ter que sentar ao lado de outra pessoa de pele mais escura nos ônibus, por que este segmento se comporta de forma amistosa?

De início, ficava assustado e receoso com os “sinais” e “chamados” dos habitantes das ruas, mas, aos poucos fui percebendo que alguns deles também tinham medo de mim. Quando me dirigia decididamente ao encontro destes personagens, no meu estilo formal, estes também ficavam receosos. Quase sempre, os “moradores de rua” me cumprimentam dizendo: “aí negão”, “aí baiano”, acenando com a mão para que eu me aproximasse deles. Em seguida, perguntam se desejo “alguma coisa”, “um bagulho” etc. Não entendia esta linguagem e somente mais tarde percebi que eles pretendiam vender-me drogas, e outros queriam simplesmente conversar.⁹

Mesmo com o meu sotaque de “português de Portugal”, estes se esforçavam para

⁷ Tenho uma relação afetuosa com um “pastorador de carros” do Restaurante e Bar “Dona Chica”, que fica situado na avenida de Universidade, onde, durante algum tempo, frequentei de forma assídua, quase todas as sextas-feiras. Este me cumprimenta carinhosamente e reclamava da minha ausência neste espaço. No início, pedia-me dinheiro, mas depois passamos a conversar em um contexto de igualdade. Já fui discriminado por várias vezes por me “meter com moradores de rua” pelos transeuntes e clientes do bar. Assim como já fui tratado de forma diferente quando estava na companhia de uma amiga negra.

⁸ A mesma situação acontece com os operários das obras nos edifícios da UFC vestidos de roupa azul, que me cumprimentam de forma amistosa sem que os conheça. Muitas vezes me cumprimentaram, mas não cumprimentaram aos meus colegas brasileiros que estavam ao meu lado.

⁹ O racismo e a associação das pessoas de pele escura com atividades consideradas ilícitas, como furtos, falsificação, venda de artigos roubados, tráfico, consumo e venda de drogas é algo recorrente em Fortaleza. Nas ruas, quase sempre as pessoas mudam de calçada quando deparam com um negro, mudam de assento quando percebem um negro sentado ao lado. O mesmo acontece nas filas de bancos e outras instituições, nas quais as pessoas logo vão escondendo a carteira e celulares sempre que algum jovem de pele escura aparece na fila. Por outro lado, parece-me que as pessoas de pele escura sofrem poucos assaltos. Por várias vezes cruzei com assaltantes, de madrugada, no bairro Benfica, e estes nunca me assaltaram. Quase sempre se aproximam na tentativa de assalto, mas vou em direção a eles, sem receio, cumprimento-os, e os assaltantes percebem que se trata de um negro e africano e desistem do assalto. Parece-me existir algum acordo tácito que impeça assaltos entre determinados segmentos discriminados.

entender o que eu falava. Desde o início, percebi uma maior aproximação deste segmento em relação aos africanos e não entendia por que este grupo nos olha com familiaridade.

Mais tarde, cheguei à conclusão de que a aproximação não era em relação aos africanos, mas em função da cor da pele. De fato, as pessoas em situação de rua partilham, com os negros e outros grupos sociais discriminados, o estigma, o preconceito e a discriminação. Por viverem semelhantes situações de discriminação, muitos destes tendem a aproximar-se dos africanos.¹⁰

Depois de ter sido abordado várias vezes pelos habitantes das ruas em diferentes locais e bairros, após ter conversado e feito amizades com estas pessoas, que decidi pesquisar este grupo. Por outro lado, enquanto realizava a pesquisa de campo em abrigos para pessoas em situação de rua, por várias vezes fui confundido e tratado como “morador de rua”.

Em várias ocasiões, fui confundido com os meus sujeitos de pesquisa pelos seguranças de abrigos públicos e de instituições filantrópico-religiosas, assim como pelas assistentes e educadores sociais.¹¹ Esta situação peculiar de identificação pública do pesquisador e os sujeitos do campo será tratada no capítulo 2, no qual narro a minha inserção no campo.

De fato, vigias e seguranças dos abrigos e casas de acolhida onde realizei a pesquisa de campo olhavam de forma discriminatória, assim que um “morador de rua” se aproximasse do portão e, muitas vezes, repetiam várias vezes a mesma frase, como se o “morador de rua” fosse surdo. E realizavam as coisas lentamente, procurando atrasar tudo, fazendo com que os sujeitos das ruas esperassem fora do edifício, debaixo de sol ou de chuva até a chegada de algum profissional da instituição. Muitas vezes, não entendem o imediatismo, o “tempo da rua” que caracteriza os personagens das ruas e suas interações.

Lembro-me de uma vez em que fiquei debaixo da chuva por mais de cinco minutos no portão de entrada do Espaço de Acolhimento Noturno (EAN), da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), pois, na visão do segurança, os moradores de rua só devem permanecer dentro do edifício depois de autorizados por algum profissional da casa. Debaixo

¹⁰ Quando me mudei para a rua Marechal Deodoro, no bairro Benfica, ficava até altas horas da noite conversando com os imigrantes guineenses. Estes estavam há mais tempo do que eu no Brasil, e desenvolviam relações, às vezes amistosas e às vezes conflituosas, com os catadores que recolhem papel, garrafas pets e metal nas lixeiras dos prédios. Lembro-me de uma senhora que empurrava uma carroça ter exigido a alguns jovens guineenses que lhe dessem alguma coisa, esmola, porque eles “também não são daqui”. Ela se sentia estrangeira dentro do país onde nascera, e na mesma condição que os imigrantes africanos. Na visão desta senhora, os guineenses deviam ajudá-la porque eram estrangeiros, logo, deveriam ajudar os brasileiros pobres.

¹¹ Vários dos meus informantes me tratam afetuosamente, me abraçam de forma calorosa, e perguntam se estou bem. Numa das vezes, prometeram “fazer uma macumba para que a moça que estava me perturbando voltasse para mim e caísse aos meus pés”. Alguns dos meus interlocutores mostram-se solidários, tentando ajudar-me no que lhes é possível, se disponibilizando a emprestar dinheiro e acolherem-me nos espaços onde dormem.

da chuva, ainda tentei explicar quem era, mas o segurança municipal não quis conversa.

Por outro lado, ao adentrar os abrigos e casas de acolhida, também pude perceber o olhar hostil por parte de “moradores ruas” internos das instituições com a chegada de “mais um” na Casa. Somente ao mergulhar nos interstícios do campo, pude perceber as relações de poder e de dominação que permeiam as interações entre as pessoas em situação de rua e o resto da sociedade e, também, nas relações entre as próprias pessoas em situação de rua, de acordo com o sexo, orientação sexual, idade, força física etc. Essas relações desiguais somente se tornaram visíveis após vários meses de pesquisa de campo nas casas de acolhida e colocadas a descoberto pelas leituras de Pierre Bourdieu (1989) acerca do poder simbólico:

No entanto, num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que- sem nunca fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de «círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma» - é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Assim, pude perceber e sentir na pele como as pessoas em situação de rua são tratadas. Em outros abrigos, tive acesso imediato e, em menos de cinco minutos, já estava almoçando ou jantando em processos de socialização com os usuários em situação de rua. Somente depois de explicar que era estudante e perceberem o meu sotaque diferente é que as assistentes e educadores sociais se davam conta da minha presença.

As situações pelas quais passo e a posição em que sou colocado pela sociedade cearense e pelos moradores de rua, assim como o fato de algumas vezes ser confundido com os meus sujeitos de pesquisa, colocam-me em um lugar muito peculiar na pesquisa. Estes momentos e eventos em que sou confundido e tratado como “morador de rua” permitem aproximar-me muito dos sujeitos de pesquisa e algumas vezes sentir o preconceito tal como eles. A forma como fui e sou tratado nesses espaços, confundido com “morador de rua”, assegurou-me condições de sentir na pele a discriminação e violação de direitos das pessoas em situação de rua. Esta “mistura” com as pessoas em situação de rua me conferiu uma identificação muito grande com os sujeitos, o que me permitiu avançar muito no trabalho e ir além do que seria exigido pela pesquisa.¹² Foi deste modo que mergulhei profundamente na convivência com este grupo tanto nas ruas, assim como nas casas de acolhida.

¹² Por conta da pesquisa, acabei constituindo laços de amizade com este segmento, a envolver-me de forma profunda com eles, servindo de ponte entre estes e profissionais de serviços sociais, cedendo meu telefone para contatos, pressionando assistentes sociais em tentativas de retirada de documentos destes sujeitos.

A construção processual do objeto

A presente pesquisa aborda como questão central as trajetórias e percursos de pessoas que habitam as ruas na cidade de Fortaleza, enfocando processos de desfiliação e refiliação, o *habitus* do ser “morador de rua”, as exclusões e inclusões precárias, as concepções e valores assumidos por esses personagens que moram nas ruas e, particularmente, as concepções e atitudes face ao HIV/Aids. Enfim, nesse adentrar o universo dos moradores de rua, o foco da pesquisa terminou por incidir na construção dos processos identitários como processos abertos, em construção nessas trajetórias e percursos dos habitantes das ruas.

Na realidade, esta é a configuração do objeto que foi se desenhando no exercício hermenêutico do material de campo, resultante de mais de um ano e meio de etnografia nas ruas. É o objeto que emergiu do trabalho de interpretação das anotações do diário de campo, das conversações, de fragmentos de entrevistas e, sobretudo, das histórias de vida.

Depois de várias aproximações e algumas redefinições de foco, ingressei no campo com a pretensão de investigar a vivência das pessoas em situação de rua na cidade de Fortaleza, convivendo com o vírus HIV/Aids, no sentido de perceber como estas pessoas afetadas pelo vírus concebiam e enfrentavam a situação de ser portador desta doença na condição de morador de rua.

Nesta perspectiva, também pretendia compreender as formas de sociabilidade do viver na rua, configurando os recursos institucionais que estes moradores dispõem no exercício do direito à saúde. Foi com este recorte de objeto que parti para as aventuras etnográficas, segundo as trilhas dos moradores de rua. É necessário deixar claro que decidi estudar pessoas em situação de rua vivendo com o HIV/Aids, pois há alguns anos faço pesquisas em ciências sociais ligadas a questões de saúde e doença, estando, assim, como pesquisador africano, familiarizado com esta temática.

De fato, a Aids é uma doença endêmica em vários países e regiões do continente africano, em particular na África Subsaariana, de onde sou oriundo. A curiosidade em conhecer a experiência brasileira nessa área e o desejo de levar subsídios para o meu país de origem foram outras razões para desenvolver a pesquisa sobre este assunto. O Brasil é o país em desenvolvimento que melhor tem dado respostas a esta epidemia, cujo programa de prevenção ao HIV/Aids se tornou referência mundial, ao reduzir o número de infecções ano após ano e universalizar o acesso dos pacientes à terapia antiretroviral. Cabe aqui destacar os percursos vivenciados no esforço de construir o objeto investigativo no interior desta

temática.

Na realidade, a proposta foi formulada e reformulada de acordo com o “fazer” sociológico, atendendo a interpelações e respondendo a condições impostas pela dinâmica da realidade. Este estudo surgiu a partir da impossibilidade de voltar a Moçambique,¹³ meu país de origem, para realizar a pesquisa bibliográfica e de campo específicas sobre a problemática da cólera, projeto que me trouxe ao Brasil.¹⁴

De fato, quando da minha vinda ao Brasil para fazer o mestrado em sociologia, tinha como projeto original de pesquisa estudar o comportamento das pessoas durante as epidemias de cólera em Maputo, capital de Moçambique. A pesquisa então proposta representaria um aprofundamento e continuidade no estudo da problemática da cólera, tema da minha monografia.

Assim, frustrada a possibilidade de voltar a Moçambique para realizar a pesquisa bibliográfica específica e a pesquisa de campo sobre a problemática da cólera, decidi fazer a pesquisa no Brasil. Foi, então, depois de ter sido abordado pela sexta vez por pessoas em situações de ruas, em diferentes locais e bairros de Fortaleza, que decidi estudar este segmento. Como já vinha fazendo alguns estudos nas ciências sociais ligados à área da saúde e direitos humanos, optei por compreender a vida destes personagens, particularmente a sua relação com os processos de saúde e doença e com o sistema de saúde.

Ao longo do tempo, a proposta investigativa sofreu formulações e reformulações, na tentativa de construir um objeto de estudo que desse conta da complexidade e das configurações específicas do campo de estudos em pauta. Nesse sentido, vivi, de forma intensa, o que aponta Bourdieu (1989) no seu artigo *Introdução a uma sociologia reflexiva*, em suas lições epistemológicas acerca dos processos de construção do objeto:

¹³ Moçambique é um país empobrecido da costa Oriental da África, situado na região austral, com uma costa extensa e banhada pelo oceano Índico. É um país de clima tropical úmido com imensas florestas. Localiza-se na região mais abaixo do nível do mar, o que o torna vulnerável às calamidades naturais como ciclones, tempestades tropicais e secas que se verificam anualmente. Por outro lado, devido a vários fatores, a população é afetada por doenças endêmicas no continente, como cólera, malária, HIV/Aids, tuberculose, que são enfermidades permeadas por acusações e conflitos sociais na esfera familiar, do bairro e das relações de trabalho. De fato, sempre que ocorrem, estas endemias geram tensões e conflitos sociais em nível micro e macro. No nível micro, destacam-se acusações, estigmas no nível familiar, por conta da infecção pelo HIV/Aids, que afeta mais de 5% da população. No nível macro, nas povoações e aldeias desencadeia-se um verdadeiro processo catártico de culpabilização, punição e linchamento de personagens julgados responsáveis pelas epidemias, secas e ataques de animais selvagens, como acusações, estigma, violência física e morte de idosos, curandeiros e agentes de saúde.

¹⁴ Quando vim ao Brasil, meu projeto de pesquisa intitulava-se “Comportamento social dos moradores do bairro de Maxaquene diante de epidemias de cólera”. Tal estudo seria um aprofundamento do tema estudado na minha monografia. Não dispondo de condições financeiras para voltar à Moçambique para fazer a pesquisa bibliográfica e de campo sobre esta temática, decidi realizar a pesquisa tendo como lócus uma realidade brasileira, mais especificamente, a realidade circunscrita na cidade em que moro: Fortaleza.

Mas, antes de mais nada, a construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico, inaugural e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas (BOURDIEU, 1989, p. 26-27).

Na primeira formulação da proposta, pretendia fazer um estudo sobre o comportamento, atitudes e práticas (CAPs)¹⁵ das pessoas em situação de rua em relação aos processos de saúde e doença, em decorrência da condição de viver/morar na rua. Este seria um estudo exploratório nas ruas de Fortaleza, cujo instrumento principal seria um questionário estruturado.

Neste período, ia descobrindo a cidade de Fortaleza, conhecendo a sua história e seus personagens, viajando pelos seus pontos de referência: o Centro da cidade, a orla marítima, os bairros, as escolas e colégios, as praças, pontes e monumentos, centros culturais, shoppings, casas de samba, de pagode e de forró e, ao mesmo tempo, ia percebendo a segregação nos seus vários espaços e lugares, onde a sociedade se separa segundo critérios de classe, renda, raça, consumo, status etc.

Nesse adentrar Fortaleza, deu-se a minha aproximação com os personagens das ruas. A partir da própria proximidade do lugar de discriminação, senti-me interpelado a conhecer e desvendar este universo das ruas que me era, então, estranho. E, comecei, a minha busca de autores e obras de referências de estudiosos acerca dos chamados “moradores de rua”, como sujeitos de investigação. Senti, mais uma vez, o desafio da pesquisa.

A rigor, pesquisar é aventurar-se nos caminhos íngremes e apaixonantes do conhecimento do que está escondido e/ou disperso nas aparências, nas evidências, buscando delinear relações e determinações, reconstruir mediações que conferem sentido e significado aos fenômenos, fatos, representações circunscritos no real. É por em questão fatos, fenômenos, representações, classificações, versões [...] é desnaturalizar o que é dado como «natural», é desconstruir o que se apresenta como construído (CARVALHO, 2009, p. 130).

À medida que fazia o levantamento bibliográfico, iniciei a pesquisa de campo na Praça da Gentilândia, onde fui estabelecendo contatos e adentrando o mundo destes atores. Aos poucos, fui aceito pelas pessoas em situação de rua. Decidi, então, observá-los de forma sistemática, conversando com estes personagens, penetrando, com cuidado e perspicácia, no seu mundo e, conseqüentemente, nas suas dificuldades.

¹⁵ Estudos exploratórios em curtos espaços de tempo para determinar os comportamentos, as atitudes e as práticas das pessoas ou de um segmento populacional diante de determinado fenômeno, no âmbito da sociologia moçambicana.

Fruto das observações e conversas percebi algumas situações intrigantes e, ao mesmo tempo instigantes, relativas às dificuldades das pessoas em situação de rua em ter acesso aos hospitais e postos de saúde, enfim, ao Sistema Único de Saúde (SUS). Na sua proposta acerca do processo de produção de conhecimento, Alba Carvalho (2009) argumenta que este processo nunca se torna completo, mas se encontra sempre em aberto às provocações do real.

A autora acrescenta que esta produção efetiva-se em espaço e tempo específicos, dentro de um contexto sócio – político – cultural. Nesse sentido, a reflexão epistemológica precisaria incidir em práticas de conhecimento contextualizadas, reconhecendo a diversidade de experiências e epistemologias.

A produção do conhecimento é um processo que se faz em um percurso infinito de aproximações que não compreende completude, tendo em vista o processo sempre em aberto da História... É a convicção de que a realidade, no seu movimento incessante e em sua complexidade, é sempre mais rica do que qualquer conhecimento que possamos construir e sistematizar. Logo o real está sempre a provocar, a interpelar o processo do conhecer... (CARVALHO, 2009, p. 125).

Assim, a autora recomenda que a prática científica e, especificamente, a dinâmica processual do conhecimento, devem ser movidas pela “lógica da descoberta”, no sentido de resgatar sentidos e significados, cabendo ao pesquisador “assumir a condição de sujeito do conhecimento que interpela, que problematiza, no esforço de descobrir, abdicando de qualquer pretensão passiva de mero coletor de provas sobre o real considerado já dado e previsível” (CARVALHO, 2009, p. 126).

Foi no processo de construção do objeto de estudo, movido pela “lógica da descoberta” que, após quatro meses de observação, conversas e entrevistas na Praça da Gentilândia, tentando perceber o *habitus*¹⁶ da rua, tive conhecimento de casas de acolhida que abrigavam pessoas em situação de rua doentes ou com problemas de saúde.¹⁷ Assim, por intermédio de colegas do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará que ao mesmo tempo eram ativistas na área do HIV/Aids, tive conhecimento de ONGs e casas de acolhida que têm como público alvo pessoas vivendo com o HIV/Aids.

¹⁶ Bourdieu (2003, p. 125) define *habitus* como um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, e gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores, sem terem sido expressamente concebidos para esse fim”.

¹⁷ Durante a experiência etnográfica em casas de acolhida, muitos personagens das ruas tinham aparência saudável, à primeira vista. Mas, após interagir com eles, percebia que tais sujeitos apresentavam diversos impedimentos físicos e mentais, bronquite asmática, “cansaço”, pneumonia, doenças de pele, trombose, feridas que não saravam, acidente vascular cerebral, e outros tomavam remédios para controlar a pressão arterial, o nível de açúcar no sangue e o coquetel antiretroviral.

Estas descobertas de campo e a “dinâmica processual do conhecimento” fizeram com que, mais uma vez, reformulasse o projeto. Nesta segunda formulação do projeto, pretendia saber como as pessoas em situação de rua em Fortaleza pensam o risco de infecção e situações de vulnerabilidade diante do vírus HIV/Aids.¹⁸

Ao perceber como seria difícil saber da sorologia das pessoas em situação de rua, decidi estudar “moradores de rua” soropositivos em abrigos e casas de acolhida. O trabalho de campo ganhou maior dinâmica quando soube da existência de duas casas de acolhida que recebiam pessoas em situação de rua vivendo com o HIV/Aids.

Assim, iniciei o trabalho de campo no Centro de Convivência e Creche Madre Regina; em seguida, na Casa de Acolhida Sol Nascente; e, por fim, na Fraternidade Toca de Assis. Nesse momento, o campo desdobrou-se com dois locais de estudo: a Praça da Gentilândia e as casas de acolhida. Procurei seguir a dinâmica desses campos, observando, conversando com as pessoas e realizando entrevistas. E, quando estava a analisar o material de campo, isto é, fazendo a hermenêutica desses dados, foi se configurando o novo objeto, tal como apresento no início deste item.

Dinâmica Expositiva: estruturação da dissertação

Nesta dissertação, com o título “Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza: identidades em construção nas trajetórias e percursos”, tenho como objeto de estudo empírico os habitantes das ruas em Fortaleza. A dinâmica expositiva da dissertação está estruturada em três capítulos.

O primeiro capítulo, de cunho teórico, com o título “Pessoas que habitam as ruas nos circuitos das vulnerabilidades e das exclusões e inclusões precárias: a formação de identidades no curso das trajetórias”, aborda a temática relativa aos habitantes das ruas na sua dignidade humana, a questão da desfiliação social nas trajetórias destes sujeitos, a partir da dialética das exclusões e inclusões precárias, o sentido da dupla estigmatização de morar nas ruas e viver com o HIV/Aids e, por fim, discute acerca dos processos identitários nas trajetórias de pessoas que habitam as ruas.

O segundo capítulo, com enfoque metodológico, intitulado “Uma aventura

¹⁸ Concebo risco e vulnerabilidade social como expressões de processos de exclusões e inclusões precárias decorrentes da dinâmica de funcionamento do sistema do capital em domínio do neocolonialismo em tempos contemporâneos. São estas duas noções trabalhadas no capítulo metodológico que consubstanciam as reflexões e aportes teóricos.

etnográfica nas ruas: o desafio de viver o campo seguindo as trajetórias de pessoas que habitam as ruas”, discorre acerca da minha inserção no universo dos moradores de rua e o que revelaram as observações e primeiras entrevistas. Ainda neste capítulo, descrevo o segundo momento da pesquisa, em abrigos e casas de acolhida, os cenários e a vida dos personagens nestas instituições e, finalmente, a peculiaridade do pesquisador a ser confundido com os sujeitos de pesquisa.

O terceiro capítulo, com o título “Pessoas que habitam as ruas a enfrentar os estigmas da exclusão e do HIV: identidades em construção nas trajetórias de vida”, apresenta as descobertas de campo, a partir, de temas que circunscrevem a análise de conteúdo, os seguintes itens: a droga como elemento definidor de rupturas de vínculos sociais na vida destes personagens; os cenários de riscos inerentes a relações com traficantes, dívidas e práticas de delitos; a rua como lócus de moradia; as situações que levam os indivíduos a morar nas ruas; as relações nos circuitos das ruas; as imagens e autoimagens das pessoas que habitam as ruas; as identidades nos percursos das ruas; e, finalmente, a visão, concepção e atitudes face ao HIV/Aids.

CAPÍTULO 1

PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS NOS CIRCUITOS DAS VULNERABILIDADES E DAS EXCLUSÕES E INCLUSÕES PRECÁRIAS: A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NO CURSO DAS TRAJETÓRIAS

1.1 Pessoas que Habitam as Ruas: a dignidade na condição humana

Os sujeitos que circunscrevem o campo de estudo da minha investigação constituem a “população em situação de rua”,

[...] um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia

convencional regular, e que utiliza logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009d).¹⁹

A rigor, cabe demarcar que na cultura brasileira, uma diversidade de noções, conceitos e termos têm sido usados para definir as pessoas que moram nas ruas, nomeadamente, “mendigos”, “esmolders”, “moradores de rua”, “povo da rua”, “pessoas em situação de rua”, “habitantes das ruas” etc. Em verdade, tais noções encarnam concepções sobre este segmento que tão estranhamente, confronta com os padrões de sociabilidade instituídos, gerando visões diferenciadas, desde as que estigmatizam estas populações, até as que buscam resgatar sua cidadania.

Como pesquisador, assumo a perspectiva que designa os sujeitos constituintes desta população como “pessoas em situação de rua”, no sentido de sublinhar a condição de pessoa destes sujeitos, afirmando o reconhecimento de sua dignidade e cidadania. Na sua gênese, a categoria “pessoa em situação de rua” tem origem no discurso institucional e emancipatório, buscando enfatizar um sentido ético e político para esta população. É assim que esta categoria se converte em uma designação institucional e administrativa, operada por aqueles que trabalham com este segmento.

Em uma perspectiva de afirmação de cidadania, esta designação confronta-se com a visão discriminatória e desqualificatória atribuída a esta população por um discurso que se fez dominante por muitas décadas. Assim, as categorias “pessoa em situação de rua” e “habitantes das ruas” afiguram-se centrais na construção da argumentação ao longo de toda a dissertação que ora apresento. Cabe circunscrever a discussão conceitual em torno destas categorias, resgatando sentidos e significados.

Marcel Mauss (2003) é um dos autores que inaugura a discussão sobre a noção de pessoa. No quarto capítulo do livro *Sociologia e Antropologia*, com o título *Uma categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’*, Mauss considera a pessoa como uma categoria do espírito humano que surgiu e desenvolveu-se ao longo de séculos, inaugurando, deste modo, aquilo que podemos chamar de Antropologia da Pessoa. Entretanto, ao discutir a noção de pessoa, este antropólogo restringe o seu estudo a apenas uma categoria de pessoa – o “eu” ocidental. O autor percorre o mundo em diferentes épocas históricas, culturas e sociedade para explicitar a variação das noções de pessoa. Este pesquisador mostra as

¹⁹ Aqui resgato a concepção fundada em BRASIL. Distrito Federal. Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009d, no seu artigo 1º, parágrafo único que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

diferentes formas que a noção de pessoa adquiriu em diversas sociedades “primitivas” e a sua “evolução” até tornar se tornar mais “nítida” nas sociedades “ocidentais”.

Neste debate, Mauss (2003) argumenta que a noção de “pessoa” é algo recente, fruto de um “processo de evolução” iniciado no direito romano. A partir da definição etimológica, o autor mostra que esta noção deriva do latim e sua civilização, na qual significava máscara. Na civilização romana, a ideia de pessoa tinha o sentido de “persona”, de “máscaras sociais”: máscara trágica, máscara ritual, máscara ancestral. Assim, nesta sociedade, “a pessoa torna-se algo mais do que um elemento de organização (corporações, fundações, clãs), mais do que um nome ou uma máscara ritual, para se transformar num fato fundamental do direito” (MAUSS, 2003, p. 385).

No desenvolvimento da sua análise, Mauss (2003) afirma que os gregos deram o sentido jurídico à noção de pessoa, ou seja, um sentido de ser consciente, independente, autônomo, livre e responsável. Às funções, honrarias, cargos e direitos, os gregos acrescentaram uma dimensão moral à pessoa, uma moral consciente. Ainda assim, faltava à noção de pessoa uma base metafísica segura. Coube ao cristianismo fechar essa lacuna.

De acordo com Mauss (2003), os primeiros cristãos é que fizeram da pessoa moral uma entidade metafísica, a partir da religião cristã. Mas, somente com o advento do cristianismo que se colocou a questão da unidade da pessoa, e a unidade da igreja em relação à unidade de Deus. Deste modo, “a pessoa torna-se uma substância racional, indivisível e individual” (MAUSS, 2003, p. 393). Faltava ainda fazer dessa substância racional e individual, o que ela é atualmente: uma consciência e uma categoria, aponta Mauss (2003).

Coube à filosofia esse trabalho, a partir de Renée Descartes com o seu “cogito ergo sum”, passando pela contribuição de David Hume e, principalmente, as de Kant e Fichte. É Kant que dá à noção do “eu” a ideia de pessoa indivisível, portadora de dignidade e de respeito. Mas foi Fichte quem afirmou que todo o fato de consciência é um fato do “eu”, dando à categoria do “eu” uma condição da consciência e da ciência, da razão pura, a mesma que revolucionou as mentalidades e fez eco posteriormente na Declaração dos Direitos na França.

Desde essa época até aos nossos dias, é esta noção que tem prevalecido, a noção de pessoa fundada pelo cristianismo cujas ideias apontam para a pessoa como uma realidade indivisível, uma dignidade onde todos são filhos de Deus e seres humanos. A noção cristã afirma que todas as pessoas têm algo que os une e compartilham de uma humanidade em comum. Mesmo inaugurando aquilo a que hoje se designa de Antropologia da Pessoa, Mauss (2003) faz uma análise etnocêntrica, pois, ignora as concepções de pessoa de outras

civilizações e culturas diferentes da europeia.

Temos como exemplo as sociedades africanas e indígenas que têm uma visão holística de pessoa, onde o ser humano é apenas mais um elemento da natureza e não ocupa um lugar central em relação ao resto da natureza. Influenciado pela forma de pensar as sociedades da sua época, Mauss (2003) inicia a análise sobre a noção de pessoa partindo das sociedades tidas como “primitivas”, atrasadas e termina a sua análise nas sociedades “ocidentais” tidas como superiores, deixando transparecer uma evolução linear, característica da corrente de pensamento evolucionista. Assim, Mauss (2003) revela ser evolucionista e um homem do seu tempo ao afirmar que a visão racional e nítida sobre a pessoa ocorre somente nas civilizações ocidentais – grega e romana – e somente com o advento do cristianismo, ignorando a contribuição de outras sociedades e civilizações.

Indo ao encontro da temática desta dissertação, que é a discussão sobre as “pessoas em situação de rua”, é importante frisar que vários critérios são usados para definir e distinguir as pessoas que têm as ruas como local de moradia. Contudo, esta tarefa não se mostra fácil quer aos pesquisadores quer às políticas de assistência social e instituições que trabalham com este segmento, devido às características peculiares deste grupo bastante heterogêneo.

De acordo com Sarah Escorel (2003), pesquisadores fazem distinção entre pessoas que estão nas ruas *temporariamente* ou *permanentemente*, ou aquelas que *estão na rua* daquelas que *são da rua*. Outros definem a *estadia temporária* como *situação de rua*; enquanto que *aquelas pessoas que vivem permanentemente nas ruas* são tidos como *moradores de rua*.

Carneiro Junior et al., (1998, p. 50) distinguem três situações das pessoas nas ruas, a partir do tempo de moradia nas ruas: *o ficar na rua*, *o estar na rua* e *o ser da rua*. Para estes autores, *ficar na rua* refere-se a uma situação recente que leva o indivíduo a não ter onde morar, como o desemprego, a migração ou a busca de tratamento médico. Enquanto que *o estar na rua* é caracterizado pela permanência mais prolongada na rua, onde as pessoas pernoitam e estabelecem relações com outras na mesma situação, mas mantêm o projeto de sair dessa situação e mantêm alguns contatos com familiares. Já *o ser da rua*, define aquela situação em que as pessoas passam a ter a rua como seu lugar de referência e espaço de relações, onde o aspecto físico destes sujeitos modifica-se devido às condições da rua, alimentação, higiene e uso de álcool e drogas.

Outros autores usam definições mais abrangentes, definindo *população de rua* como o conjunto daqueles que vivem permanentemente nas ruas, ou que dependem de

atividade constante que implique ao menos um pernoite semanal na rua (RODRIGUES; SILVA, 1999 apud ESCOREL, 2003). Esta definição permite identificar com maior precisão os diversos usos das ruas, mas, por outro lado, incorpora prostitutas, vigilantes, policiais e outros profissionais, aumentando a heterogeneidade e o quantitativo das pessoas que compõem este segmento.

Pesquisas e estudos revelam a existência de um perfil eminentemente plural, ou seja, trata-se de uma população heterogênea, com vários perfis e com grande mobilidade, constituída predominantemente por homens e alvo da desqualificação social por outros grupos sociais. Apesar de sofrerem várias formas de desqualificação social, as pessoas que habitam as ruas podem usar suas “estratégias e táticas”, reivindicar os seus direitos como cidadãos.²⁰ Nesses processos, vai-se gestando e construindo a identidade do morador de rua. Vários habitantes das ruas têm consciência de seus direitos, e reivindicam o direito de ter seus os seus espaços nas ruas, viadutos e praças, de possuir a Carteira de Identidade, o Cadastro de Pessoa Física (CPF), ou possuir o título de eleitor que lhe permita votar.

Sobre a questão da cidadania no Brasil, José Murilo de Carvalho (2001) argumenta que os direitos políticos saíram na frente em relação a outros direitos como considerados “básicos” como é o caso dos direitos à educação, saúde e moradia, que são legalmente reconhecidos na Constituição de 1988. Este autor define a cidadania a partir dos direitos civis, políticos e sociais e distingue três tipos de cidadãos: *o pleno, o incompleto e o não cidadão*. De acordo com este autor, *o cidadão pleno* seria aquele que fosse titular das três categorias de direitos, os *cidadãos incompletos* seriam aqueles que possuíssem apenas alguns direitos, e finalmente os *não cidadãos* seriam aqueles que não se beneficiassem de nenhum dos direitos (CARVALHO, 2001).

Nesta tipologia de direitos de cidadania proposta por Carvalho (2001), as pessoas em situação de rua se encontrariam na condição de *não cidadãos* pois, ainda têm que reivindicar alguns direitos de cidadania há muito consagrados por lei. Organizados em movimentos e pastorais, em suas lutas, muitos estão buscando os seus direitos, como acesso à educação e saúde ou a carteira de identidade, inclusão em políticas públicas e programas sociais estatais.

Em uma abordagem sobre os direitos de cidadania e vulnerabilidade no espaço

²⁰ Um exemplo de reivindicação de espaços pelos moradores de rua ocorre em frente ao Theatro José de Alencar, onde existe um pequeno grupo de pessoas em situação de rua. A Prefeitura tentou sem sucesso retirá-los para um abrigo. Porém, estes recusaram e continuam morando na rua e usam os banheiros do teatro como seus. Estes preferem morar na rua a viver num abrigo. Alguns deles dormem na marquise do teatro e, durante a limpeza do espaço frontal do teatro, estes pedem à faxineira/gari que limpe também a “sua casa”.

urbano no Brasil, Lúcio Kowarick (2009) chega a uma conclusão similar à de Carvalho (2001). Kowarick (2009) afirma que, entre as décadas de 1980 a 1990, houve uma consolidação do sistema político democrático baseado no voto universal, na competição partidária, na alternância nos vários escalões dos legislativo e executivo e controle do processo eleitoral por parte do poder judiciário, porém, o mesmo não se pode dizer dos direitos civis. O autor argumenta que há um *déficit* de direitos civis e sociais, particularmente os relacionados à igualdade perante a lei, à integridade física das pessoas, direito à moradia digna, serviços de saúde, assistência social e emprego.

Ao nomear os sujeitos desta pesquisa, dou sangue e vida a estas pessoas subjetivas que estão em situação de rua. Estes personagens e sujeitos das ruas ficariam apagados se lhe chamássemos “moradores de rua”. Por outro lado, o nome ou designação “moradores de rua” é imposto a estas pessoas por outros segmentos da sociedade, pois, nem sempre estas pessoas assim se nominam.²¹ Ao adotar a categoria pessoa em situação de rua considero a pessoa nesta situação como um microcosmo social, dando voz a estes personagens da cena urbana.

A ideia de pessoa, operacionalizada neste trabalho, parte da noção antropológica de pessoa de Mauss (2003), procurando eliminar o preconceito e estigma sobre estes sujeitos. Aqueles que moram nas ruas são pessoas porque partilham a dignidade na condição de humanidade. Na presente análise, a rua aparece apenas como uma situação, um lugar de participação e de passagem.²²

De fato, os habitantes das ruas são pessoas que vivenciam a condição humana em uma situação peculiar de vida. Alguns se adaptaram ao estilo de vida nas ruas, conseguindo viver nas ruas com dignidade, buscando trabalho, acesso à alimentação, serviços sociais e de saúde sem sair da rua. Outros aderem a abrigos e casas de acolhida, num esforço que visa à saída da situação de rua e buscando uma vida em domicílio. Ao tratá-las pelos nomes próprios, ainda que fictícios, por questões éticas ligadas à proteção de sua identidade, damos existência a estas pessoas.

1.2 A desfiliação social nas trajetórias das pessoas em situação de rua: a dialética das exclusões e inclusões precárias

²¹ Um exemplo desta autonomação das pessoas em situação de rua é o caso das pessoas que moram na Praça da Gentilândia, que se nominam de “facção”.

²² A adesão a abrigos e casas de acolhida constitui uma estratégia de fuga da rua ou alternativa à vida nas ruas, como veremos mais adiante.

Ao buscar-se uma caracterização do segmento populacional em situação de rua, sublinha-se a inexistência de uma moradia convencional e o habitar nas ruas como espaço de moradia. Nesse modo, pensa-se esta população sempre na relação “casa e rua”, categorias fundamentais na elaboração do Roberto Da Matta (1991) para compreender a vida brasileira. Na visão de Da Matta (1991), a casa e a rua não designam apenas espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas, acima de tudo, entidades morais, campos de ação social e domínios culturais institucionalizados. Assim, na tradição brasileira, a casa sugere um local privilegiado, espaço íntimo e privativo de uma pessoa, em oposição à rua, um local perigoso.

Pode-se pensar que as pessoas que moram nas ruas rompem com um padrão instituído da casa como local de proteção, de privacidade e intimidade e assumem viver no local do perigo, da publicidade, do anonimato. Transformam a rua em moradia e nesta transmutação expõem-se a riscos de diferentes naturezas que vai desde a exposição às intempéries naturais até as agressões físicas, violências e morte. No habitar às ruas, em condição de risco, sem contar com a proteção da casa e sem acesso ao sistema de proteção social, os personagens das ruas vivenciam processos de vulnerabilidade e marginalização social (CASTEL, 1997; ESCOREL, 1999; PAUGAM, 2010). De fato, viver nas ruas é estar vulnerabilizado, sem acesso a direitos correspondentes: habitação, educação, saúde, trabalho, segurança, saneamento e lazer.

É nessa perspectiva que Sarah Escorel (1999) refere-se à exclusão social para qualificar este fenômeno. Ao discutir a questão da exclusão social, considerando, especificamente, a situação do “morador de rua”, a autora procura demarcar os elementos que materializam os processos de exclusão social, a partir da análise das trajetórias de vida de pessoas em situação de rua, sublinhando as suas relações com o trabalho e com a família.

De antemão, preocupada com o possível equívoco de homogeneizar um grupo social a partir de uma configuração espacial – a rua – tinha como pressuposto que chegar a morar a rua era o ponto final de uma série de rupturas dos vínculos sociais – com o mundo do trabalho e com a esfera familiar – com consequências no âmbito da cidadania e da própria vida. Produto de processos variados, a condição de morador de rua expressava por si um estado permanente de desvinculação e um estatuto de excluído (ESCOREL, 1999, p. 84).

Escorel (1999) enfatiza a dimensão familiar e a dimensão ocupacional como duas esferas de sociabilidade importantes na vida dos indivíduos, que, quando rompidas, influenciam para que o indivíduo tome a decisão de habitar as ruas. A autora demonstra existir uma relação entre a moradia nas ruas e a vulnerabilidade habitacional na vida de muitos de seus entrevistados, pois a maioria dos habitantes das ruas vivia em favelas, em casas alugadas, casas abandonadas, hospedarias, internatos de menores, albergues, entre

outras (ESCOREL, 1999).

Nesse sentido, ela considera que morar na rua representa a última alternativa aos indivíduos que romperam os vínculos sociais com a família e com o mundo do trabalho. No seu esquema teórico, esta autora considera que o fenômeno da exclusão abrange os vínculos sociais em três níveis: entre indivíduos e grupos sociais; entre grupos intermediários; entre grupos e a sociedade global.

Segundo Escorel (1999), a natureza e a forma dos vínculos sociais conferem a cada ser humano um lugar na sociedade, a circunscrever dimensões materiais e simbólicas. Assim, a autora considera a precariedade e a vulnerabilidade como etapas de qualquer processo de exclusão. Na sua ótica, a categoria exclusão social adquire uma abrangência que, se por um lado, leva à perda da nitidez de seus contornos conceituais, por outro, estabelece limites aos termos e noções que lhe são contrapostos ou agregados.

Na busca de adensar contornos conceituais à categoria de exclusão como referência teórica para adentrar o universo dos habitantes das ruas, resgato, nas tematizações de Zygmunt Bauman (2005, p. 12), a ideia de “refugio humano”.

A produção de "refugio humano" ou, mais propriamente de seres humanos refugados (os "excessivos" e "redundantes", ou seja os que não puderam ou não quiseram "ser reconhecidos" ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade.

Bauman (2005) considera que a produção de "refugio humano" é efeito colateral inevitável da construção da ordem e do progresso econômico. Este autor afirma que os processos de modernização e globalização têm como resultados a produção de “refugio humano”, de "pessoas descartáveis", "redundantes", de "consumidores falhos", de desempregados que não mais voltarão ao mercado de trabalho.

A produção de “refugio humano” torna-se um problema para a sociedade consumista e individualizada, em termos de segurança, implicando o florescimento de condomínios fechados, da indústria de segurança, da preocupação com a imigração e com a superpopulação (BAUMAN, 2005).

Vale demarcar que os personagens circunscritos por Bauman (2005) como “refugio humano” estão inseridos no contexto europeu, vinculadas aos processos do capitalismo globalizado, a gerar populações supérfluas.

Assim, como sobrantes da ordem do capital, esses cidadãos recebem algum tipo de benefício econômico do Estado por conta do desemprego, reinserindo-se no mercado como consumidores, e não mais enquanto produtores. Se no passado, o destino dos desempregados

era ser chamados de volta ao mercado de trabalho a qualquer momento, como produtores, atualmente o destino dos desempregados na condição de "refugo humano", é a exclusão do mercado de trabalho, em um padrão de organização social onde o desemprego passa a ser uma regularidade e normalidade.

De acordo com o autor, nas configurações atuais da sociedade, não há um compartimento, um lugar reservado para as "pessoas refugadas", que, em algumas circunstâncias, ficam "sem teto-social", acabando por perder seus projetos de vida, a confiança de terem o controle de suas vidas, a autoestima e o sentido de vida.

Refletindo sobre o universo dos habitantes das ruas em Fortaleza, percebo que tais personagens, com trajetórias a encarnar processos estruturais de exclusão, encontram-se abaixo daquilo que Bauman (2005) designa de refugo humano, constituindo, pois, o "refugo do refugo humano", a viver uma situação-limite.

Entretanto, os habitantes das ruas têm dimensões em comum com o "refugo humano" europeu: o fato de serem considerados um problema financeiro por alguns segmentos da sociedade, porque, estas pessoas precisam ser alimentadas, vestidas, abrigadas, ser atendidas pela assistência médica e, às vezes, hospitalizadas, pois, não sobreviveriam por si mesmas, faltam-lhes meios para sobrevivência. Portanto seriam "dispensáveis, pessoas que não fazem falta e que sem as quais, a sociedade viveria melhor" (BAUMAN, 2005, p. 20).

Como "refugo humano" na condição de um segmento populacional supérfluo, indesejável socialmente, os habitantes das ruas estão submetidos a processos de exclusão social, a integrar uma "coletividade de despojados", constituída "por aqueles para os quais foi impossibilitado o acesso aos chamados direitos econômicos e sociais (direito ao trabalho, a um emprego; à terra, à moradia, à educação, à saúde, ao lazer)" (CARVALHO, 2008, p. 16).

De fato, as pessoas em situação de rua, ao longo de suas trajetórias, vivenciam processos de exclusão e vulnerabilidade desde o nascimento, passando pela infância e adolescência, inseridos nas periferias da vida. Suas trajetórias revelam as situações de pobreza e precariedade, com destituição de direitos básicos e rupturas familiares, no contexto do alcoolismo e das violências dentro de casa. A maioria destes personagens começou a trabalhar cedo para ajudar no sustento de casa, vivenciando experiências no trabalho informal, no comércio de bens ilícitos, no tráfico de drogas, na realização de assaltos e outras formas que perpassam a economia urbana, nas cidades.

Muitos abandonaram a vida em seus bairros de origem ainda na adolescência por conta de riscos inerentes às experiências neste mercado ilícito: eram procurados pela polícia ou pelas vítimas de suas artimanhas na prática de delitos e, particularmente, corriam risco de

vida por situações inerentes ao envolvimento com o tráfico de drogas, quais sejam, dívidas, ameaças de morte para si e sua família.

A rigor, o segmento designado socialmente como “moradores de rua” encarna a condição, circunscrita por Bauman (2005) de “sem teto-social”, despojados de projetos de vida e, no limite, de sentidos do viver. Nessa condição de despojados de horizontes e de sentidos de vida, atingidos em sua dignidade humana, como população sobrando, descartável, os habitantes das ruas, em seus percursos e trajetórias, vivenciam a perversa dialética, própria da sociabilidade do capital, dos processos de exclusão e inclusão precárias (CARVALHO; GUERRA, 2008).

Ao focar tal dialética, Alba de Carvalho (2008) argumenta tratar-se de uma forma de “dominação abstrata, na extrema vulnerabilização do trabalho”, na qual cada vez mais, os indivíduos vêm sendo excluídos do mundo do trabalho, caindo no desemprego e no subemprego. A autora alerta que, neste sistema do capital, ninguém está totalmente excluído, existindo espaço para formas de inclusão precárias que configuram este “fio da navalha” onde os indivíduos tentam viver ou sobreviver. Nas suas palavras:

[...] essa exclusão não pode ser vista como total e absoluta, pois a própria lógica do capital, nas suas encarnações, cria formas vis e degradantes de inclusão, pondo em risco a vida e comprometendo a humanidade de homens e mulheres. São formas precárias de inserção no chamado mundo da informalidade, no qual os limites entre o ilícito e ilícito são bastante fluidos; formas que podem se manifestar através da filantropia, materializada em ações e programas compensatórios, a mobilizar o novo exército de voluntariado (CARVALHO, 2008, p. 18).

De fato, este segmento a perambular nas ruas, no seu nomadismo urbano, excluído de dimensões-chave da vida social, desenvolve, em sua experiência de vida, formas e mecanismos de inclusão precária. Dentre tais formas de inclusões precárias, vivenciadas pelos habitantes das ruas, destaca-se o desenvolvimento de atividades no âmbito do trabalho informal, como catadores de resíduos sólidos, flanelinhas, bicos²³ na construção civil, prática de delitos, adesão aos projetos de abrigos e casas de acolhida.

Ao configurar as condições de vida do “refugo humano”, Bauman (2005) abre uma via analítica que se faz fecunda para adentrar nesta dialética das exclusões e inclusões experienciadas pelos “moradores de rua”. Argumenta ele que “pessoas refugadas” vivem em uma “zona de fronteira”, entre dois mundos distintos:

Os coletores de lixo são os heróis não decantados da modernidade. Dia após dia, eles reavivam a linha de fronteira entre normalidade e patologia, saúde e doença, desejável

²³ Categoria nativa brasileira que designa serviço ou trabalho temporário no setor informal. O mesmo que biscate, pequeno ganho avulso.

e repulsivo, aceito e rejeitado, o *comme il faut* e o *comme il ne faut pas*, o dentro e o fora do universo humano (BAUMAN, 2005, p. 39).

Esta configuração baumaniana das pessoas sobrantes e descartáveis, ou seja, do refugio a viver nesta zona de fronteira entre “o dentro e o fora do universo humano”, revela-se como uma chave de compreensão privilegiada nesta hermenêutica do universo dos habitantes das ruas.

De fato, os habitantes das ruas vivem esta condição de pessoas humanas estruturalmente atingidas em sua humanidade: a vida errante, o uso abusivo de drogas, a exposição permanente às intempéries, a ausência de higiene corporal por períodos prolongados, as roupas sujas, o cheiro forte a repelir o contato, as doenças crônicas e de pele, o comprometimento da saúde mental, a invisibilidade social e o impedimento de acesso a determinados serviços sociais. Enfim, a conjugação de todos estes elementos parece violar a fronteira do humano, colocando estes personagens, que povoam as ruas como refugio, nas franjas da vida social, fragilizando laços e ativando rupturas, em uma tênue fronteira entre o humano e o não humano.

Ao descrever o cenário urbano e suas práticas, dando ênfase à vida nas periferias das cidades com suas formas de exclusões e inclusões no mundo globalizado, Vera Telles e Daniel Hirata (2007) argumentam existir, nestes espaços, intersecções entre os mercados formais e os mercados informais, ilegais ou ilícitos. Na visão dos autores, o cenário urbano expande-se em direção às periferias, “em uma ampla zona cinzenta que, tornam incertas e indeterminadas, as diferenças entre o trabalho precário, o emprego temporário, expedientes de sobrevivência e as atividades ilegais, clandestinas ou delituosas” (TELLES; HIRATA, 2007, p. 173).

Tendo como ponto de partida a vida de personagens das favelas, ocupações e outras formas de habitar nas periferias das cidades, os autores mostram que tais sujeitos sobrevivem entre os empregos precários ou temporários, geralmente mal pagos, “bicos”, e todas as capilaridades da econômica informal, e atividades ilícitas como comércio de objetos roubados, venda de produtos pirateados, tráfico de drogas, ou “agenciamentos” na alocação de “serviços” de água, luz, telefone, internet, TV fechada às suas comunidades, no consagrado “reinado das gambiarras e gatos”²⁴. São as “fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito”:

É justamente nas fronteiras porosas entre o legal e o ilegal, o formal e informal que transitam, de forma descontínua e intermitente, as figuras modernas do trabalhador

²⁴ Expressão popular que designa acesso ilegal a serviços de eletricidade, água, telefone e internet.

urbano, lançando mão das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se superpõem nos mercados de trabalho. Oscilando entre empregos mal pagos e atividades ilícitas, entre o desemprego e o pequeno tráfico de rua, negociando a cada situação, em cada contexto os critérios de aceitabilidade moral de suas escolhas e seus comportamentos. (TELLES; HIRATA, 2007, p. 174).

Este “borramento de fronteiras” apontado por Telles e Hirata (2007) fica evidenciado no cenário cotidiano dos habitantes das ruas, no qual o emaranhado de atividades informais, ilegais e ilícitas marca a sua luta pela sobrevivência nessa situação-limite em que estão mergulhados.

De fato, as atividades informais de trabalho, o comércio de bens ilícitos, de produtos de roubos e furtos, o tráfico de drogas e as práticas de delitos em que estiveram ou continuam inseridos muitos habitantes das ruas, refletem estas formas legais e ilegais de sobreviver nas periferias da vida, e tornam-se o um modo de “estar no mundo das ruas”. A inserção dos moradores de rua nas capilaridades da economia informal, a estender-se aos domínios do ilícito e do ilegal, abre um campo de investigações a ser trabalhado na hermenêutica do “universo das ruas”.

A Pesquisa Nacional sobre População de Rua, realizada entre os anos 2007 e 2008 em 23 capitais de estados brasileiros bem demarcou a inserção dos habitantes de rua no chamado mercado informal de trabalho. A rigor, esta investigação revelou que parte significativa da população que habita as ruas é composta por trabalhadores no mercado informal, mais precisamente 52,6%, que recebiam entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00 semanais, atuando como catadores de material reciclável (27,5%), flanelinhas (14,1%), em setores da construção civil (6,3%) e limpeza (4,2%), como carregadores e estivadores (3,1%). A maioria (47,7%) nunca teve carteira assinada ou não trabalhava formalmente há muito tempo (BRASIL, 2009a).

A etnografia das ruas que vivenciei, durante ano e meio, com habitantes das ruas de Fortaleza, igualmente mostrou que estas pessoas desenvolvem atividades no mercado informal, desmontando uma representação tradicional de que constituem uma população de pedintes ou mendigos. A rigor, as pessoas em situação de rua vivem processos de ruptura de vínculos sociais, o que não significa, em absoluto, que se transformem em mendigos.

Para pensar esta ruptura de vínculos, Robert Castel (1997) abre uma fecunda via analítica com a categoria de “desfiliação”. Segundo este analista, todo o indivíduo insere-se na vida social por um duplo eixo: integração pelo trabalho e inserção relacional.

Este autor destaca três zonas de sociabilidade: uma zona de integração, onde o trabalho e a forte inserção estão sempre juntos; outra zona, de vulnerabilidade, caracterizada

pelo trabalho precário e fragilidade dos apoios familiares. E, por último, uma zona de marginalidade, à qual o autor prefere designar de “desfiliação”, que define um duplo processo de desligamento, ausência de trabalho e isolamento relacional (CASTEL, 1997). O autor situa os habitantes das ruas na zona de desfiliação, onde os indivíduos não encontram lugar na ordem do trabalho nem na vida comunitária, senão vejamos:

O personagem tipo da zona de grande marginalidade, ou de desfiliação, é o vagabundo. Ele não trabalha, apesar de poder trabalhar, no sentido de estar apto ao trabalho. Ao mesmo tempo, ele está cortado de todo apoio relacional. É o errante, o estrangeiro que não pode ser reconhecido por ninguém e se encontra rejeitado, de fato, por toda parte. Consequentemente recaem medidas repressivas cruéis, do rechaçamento à exposição à morte, em casos extremos (CASTEL, 1997, p. 24).

Na visão de Castel (1997), a integração de um indivíduo na sociedade depende ao mesmo tempo de sua inserção no seio da família e também de uma rede de relações sociais mais amplas. Para este autor, as transformações no mercado de trabalho em termos de precarização foram acompanhadas de uma degradação dos apoios sociais relacionais, conduzindo os indivíduos às situações de dependência econômica, risco de desemprego e isolamento relacional.

A desfiliação se apresenta como o fim de um percurso das pessoas que passaram pelo processo de vulnerabilização social, chegando ao extremo deste processo, sendo caracterizada pela ruptura com o mercado de trabalho e com as relações familiares. No adentrar o universo de rupturas de vínculos e desfiliação dos sujeitos em situação de rua, uma questão decisiva são os motivos que os fazem tomar a rua como local de moradia.

A pesquisa sobre as pessoas em situação de rua em Fortaleza, conduzida pelo Instituto Municipal de Administração e Recursos Humanos (IMPARH) no ano 2000, mostrou que 47% dos homens e mulheres em situação de rua tinham o desemprego como principal motivo de ida às ruas, seguidos da incompatibilidade familiar (12,9%), uso abusivo de álcool (7,6%), seguidos de outros fatores em menor porcentagem (IMPARH, 2000).

A etnografia das ruas, vivenciada em Fortaleza, mais precisamente na Praça da Gentilândia e casas de acolhida, revelou o peso que a dependência às drogas assume nos processos de desfiliação, sobretudo na ruptura com os vínculos familiares. Também compareceram, com expressiva presença como fatores de ruptura de vínculos com a família, os conflitos decorrentes a homossexualidade e o estigma em decorrência do HIV/Aids.

As histórias de vidas dos personagens que fizeram o meu campo revelam trajetórias marcadas, particularmente, por processos de desfiliação social, pobreza e destituição de direitos nas periferias da cidade, alcoolismo e violência por parte de pais, inclusão precária no

mundo do trabalho, migração do interior do Estado para cidades devido à rejeição familiar por conta da homossexualidade e, de forma recorrente, a dependência às drogas.

Cabe refletir a questão da inserção de pessoas sobrantes no tecido social da cidade, cabendo-lhes as periferias e franjas. Guilherme Magnani (2002) é um dos autores que abre caminhos para pensar a cidade como polo de atração e realização pessoal e também o seu lado oposto, caracterizado pela vulnerabilidade social.

Na sua etnografia urbana a partir do seu olhar de *perto e de dentro*, Magnani (2002) faz uma abordagem sobre a cidade e as consequências do processo de urbanização em curso nas grandes metrópoles, enfatizando os aspectos desagregadores, tais como o colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a falta de moradia, a concentração e desigual distribuição de equipamentos e a violência.

De acordo com este autor, pesquisas sobre aglomerados urbanos no Brasil mostram que a cidade é vista como o lugar de realização de um projeto de vida básico, por meio da possibilidade de um emprego estável, da aquisição da casa própria, do acesso à escola e aos serviços de saúde. Entretanto, existe uma distância entre o que se espera da cidade e, o que ela realmente oferece. Essa distância é percebida não apenas sob forma de carências, mas também de distribuição desigual dos recursos e equipamentos, entre ricos e pobres, fracos e fortes, vilas pobres e bairros ricos (MAGNANI, 1998). Nesta discussão sobre o espaço urbano brasileiro e suas características, vários autores apontam a pobreza e as desigualdades sociais como empecilhos ao bem-estar e desenvolvimento na vida dos cidadãos, particularmente no nordeste brasileiro.

Nívia Pereira (2006) argumenta que o nordeste brasileiro concentra grande parte da população pobre do país, persistindo como uma das regiões mais desiguais do Brasil, onde se verifica uma alta concentração de riqueza fruto do capitalismo e do modelo político neoliberal adotado. A metropolização, isto é, a concentração demográfica excessiva é outro fator responsável pela pobreza no meio urbano apontado pela autora.

Acerca da cidade Fortaleza, *locus* do nosso estudo, se destacam os trabalhos de dois autores, nomeadamente as análises sobre o crescimento da cidade e seus moradores a partir das lentes de Elza Braga (1995) e Borzacchiello da Silva (2001). Apesar de retratarem contexto da cidade de mais de uma década, as suas análises se apresentam como as mais profícuas para a compreensão da dinâmica do crescimento urbano da cidade.

Em seu trabalho sobre a questão habitacional em Fortaleza, a socióloga Elza Braga (1995), circunscreve as desigualdades sociais que se mostram na estrutura espacial de Fortaleza, particularmente nas regiões mais pobres. Para esta autora, ao mesmo tempo em que

é vista como uma das cidades luxuosas do Nordeste brasileiro, devido às suas casas, clubes sociais e belas praias, Fortaleza revela-se uma cidade de grandes disparidades sociais e econômicas.

Nas zonas oeste e sudoeste de Fortaleza localizam-se os bairros mais povoados e pobres das cidades albergando 2/3 da população da cidade, onde residem os operários, trabalhadores de baixos salários e também trabalhadores informais, em situação de miséria. É nestas regiões que se localizavam as favelas e áreas de ocupação, que constituem estratégias informais de habitar na cidade. Estas regiões eram caracterizadas pela utilização de material precário na construção das moradias, com taipa, papelão, lona, plástico, madeira, zinco e outros, assim como pela deficiente infraestrutura urbana, negando aos seus habitantes requisitos mínimos de uma vida digna (BRAGA, 1995).

Na sua visão, esta condição conduziu a duas situações: por um lado os habitantes são considerados cidadãos perante o mundo do trabalho e do consumo; por outro lado, devido à sua condição de subcidadania lhes é negado um padrão mínimo de qualidade de vida, vivendo num mundo informal do trabalho e do consumo, onde desenvolvem várias alternativas para garantir o nível mínimo de sobrevivência (BRAGA, 1995).

Acerca do crescimento urbano em Fortaleza, Silva (2001) considera que a cidade cresceu sem tomar em conta a população pobre que afluía à capital em busca de melhores condições de vida, onde o migrante recém-chegado à cidade sentia a ausência de políticas públicas. Sem emprego e moradia, a favela e a mendicância surgem como possibilidade de sobrevivência. De acordo com Silva (2001), quanto maior o número de migrantes, mais espontâneo era o crescimento da cidade.

Numa cidade campeã na concentração da renda, a desigualdade social encabeça a lista. Mesmo morando ao lado ou convivendo em espaços aparentemente homogêneos, o fortalezense é excessivamente desigual. A minoria rica é muito rica e a minoria pobre é, na verdade, miserável (SILVA, 2001:21).

O autor considera a desigualdade social o primeiro dos "setes pecados capitais" de Fortaleza, e mostra que ao longo do tempo, a cidade tornou-se cada vez mais excludente para os pobres, que vão perdendo a sua referência.

Sobre este mesmo contexto de espoliação urbana, Braga (1995) argumenta que a propriedade privada da terra e a segregação espacial veem se acentuando nas últimas décadas, através da valorização do solo urbano e da diminuição do poder aquisitivo da classe trabalhadora que não dispõe de condições econômicas e materiais para construir ou comprar moradia.

Este processo de valorização do solo e a pauperização de segmentos sociais, por um lado, e, por outro, as limitações e fracassos das políticas estatais de moradia popular têm contribuído, de forma determinante, para a intensificação dos processos de assentamentos "ilegais" do solo urbano. Ao consolidar-se como espaços de habitar, estes assentamentos constituem, de alguma forma, uma expressão da luta política contra a propriedade privada do solo, muitas vezes desocupada e à espera de valorização (BRAGA, 1995, p. 128).

Atualmente, o aumento da espoliação urbana, o aumento da propriedade privada da terra e da segregação espacial da cidade, descritos por Braga (1995), a valorização do solo urbano e a pauperização de vastos segmentos sociais e ausência de políticas públicas descritos por Silva (2001) conduzem à falta de habitação na cidade de Fortaleza. Aliados a um contexto de desigualdades acentuadas, tais processos acima descritos conduzem as pessoas às favelas e morros. Quando não conseguem um lugar para viver nas favelas e morros, algumas pessoas optam por moram nas ruas.

Para a compreensão das motivações que conduzem os indivíduos à situação de rua, vários autores avançam hipóteses para a compreensão deste processo, dentre os quais destaco a hipótese arrolada por Castel (1997) sobre a desfiliação. Castel (1997) aponta a pobreza como um fator importante nos processos de desfiliação, mas argumenta que esta não seria exclusivamente determinante. Neste contexto, o autor distingue três tipos de pobreza que se apresentavam qualitativamente distintas.

Nesta tipologia, Castel (1997) aponta que a “pobreza integrada” é típica da classe trabalhadora; enquanto a “indigência integrada” afeta o indivíduo que depende das ações de socorro ligadas à inserção comunitária. Por fim, a “indigência desfilhada”, marginalizada e excluída, é característica do indivíduo que não encontra um lugar na ordem do trabalho, nem na ordem comunitária. Na ótica deste autor, a inserção do indivíduo depende ao mesmo tempo de sua inserção no seio da família e também da inserção no mercado de trabalho.

Neste cenário, as transformações no mercado do trabalho, em termos de precarização e diminuição do emprego formal, foram acompanhadas de uma degradação dos apoios sociais relacionais, conduzindo os indivíduos à situações de dependência econômica, isolamento relacional e risco de desemprego. Estes fatores configurariam a desfiliação social, que no seu último estágio conduziria as pessoas às ruas.

Percebe-se, assim, que a precariedade do trabalho ou o desemprego e a fragilidade das redes relacionais, estão frequentemente associadas e ampliam os riscos de queda de vulnerabilidade, para o que eu chamei de desfiliação, isto é, a conjunção de perda de trabalho-isolamento relacional. Da mesma forma, a fragilidade da estrutura familiar é acompanhada, frequentemente, das situações de degradação das redes de sociabilidade popular (CASTEL, 1997, p. 32).

Entretanto, existem outras razões não menos importantes que conduzem as pessoas a viver nas ruas: problemas na família, dívidas, uso abusivo do álcool e drogas, violência doméstica, tentativas de estupro, rejeição pela família por conta da orientação sexual, e migração à cidade em busca de emprego e melhores condições de vida, que foram apontadas pelos sujeitos desta pesquisa, como motivos de idas às ruas.

1.3 O estigma como categorização social a deteriorar construções identitárias: a dupla estigmatização de morar nas ruas e viver com o HIV/Aids

A moradia nas ruas apresenta-se como alternativa extrema a milhares de pessoas que, envolvidas em processos estruturais de exclusões e de precárias inclusões, a integrar uma “coletividade de despojados”, vão efetivando rupturas de vínculos sociais com a família, a comunidade, o mundo do trabalho e determinadas instituições sociais.

Nesta situação-limite, os habitantes das ruas circunscrevem um segmento social, cujos modos de vida não são compreendidos e aceitos pela maioria das pessoas, sendo sempre vistos como elementos estranhos, fora dos circuitos sociais. As roupas nem sempre limpas, o cheiro forte, a realização de atividades tidas como privadas em locais públicos, como dormir, tomar banho, comer, defecar, ter relações sexuais e a própria condição de “nômade urbano”, causam estranhamento em relação ao modelo padrão de comportamento vigente na sociedade.

E, quando se descobre que estes habitantes das ruas são portadores do vírus HIV/Aids, o estigma e a discriminação aumentam duplamente, devido, inclusive, às dimensões morais ligadas ao modo como a doença é compreendida e metaforizada. Associada à promiscuidade sexual, ao comportamento sexual desviante, assim como ao uso de drogas injetáveis e ao pecado, a Aids apresenta-se como uma doença moralmente condenável aos olhos da sociedade, implicando, via de regra, culpabilização de seus portadores.

No caso das pessoas que habitam as ruas, tais situações de discriminação e preconceito acontecem não apenas quando seus familiares, e mesmo companheiros de rua, descobrem sua sorologia, mas também quando estes sujeitos das ruas buscam serviços sociais e de saúde, instituições de acolhida e quando procuram atividades informais de trabalho. Geralmente, buscam ajuda médica, somente, quando a infecção pelo HIV encontra-se em estado avançado.

Para lançar luzes sobre este cenário de exclusões e categorizações discriminatórias, habitado pelos personagens das ruas, busco teorizações no campo da sociologia do estigma de

Goffman (1988) – seu principal percussor –, articulando com aportes e análises de autores mais contemporâneos como Susan Sontag (2007), Richard Parker e Peter Aggleton (2001) e, Herbert Daniel e Richard Parker (1991), que constituem referências obrigatórias no debate sobre os sentidos e significados da AIDS no âmbito das Ciências Sociais.

No seu trabalho sobre o estigma e a manipulação da identidade, Goffman (1988) parte de noções preliminares, sublinhando que a sociedade estabelece formas de categorizar os seus indivíduos e o total de atributos considerados comuns e naturais, para os membros dos vários segmentos sociais que, compõem uma determinada coletividade. Na teoria goffmaniana, “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas”.

Assim sendo, tais ambientes teriam a função de distinção social do tipo de indivíduos que os frequentam, a partir de determinados atributos, demarcando quem pode estar em tais espaços. Para explicar o processo de estigmatização dos indivíduos, o autor parte de circunstâncias cotidianas, tendo, por exemplo, uma situação em que um estranho nos é apresentado. De acordo com o autor, quando um indivíduo desconhecido nos é apresentado, temos sempre alguma expectativa em potencial e, em nossa mente, fazemos exigências acerca da sua identidade, mediante seus atributos físicos e sociais. “Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas e, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 1988, p. 10).

Acerca do processo de caracterização da identidade nas interações sociais, este autor aponta que as exigências que achamos que o indivíduo preenche e, o caráter que o imputamos quando ele se encontra à nossa frente, configuram a "identidade social virtual", enquanto que a categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, o autor designa de "identidade social real" (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Na ótica deste sociólogo interacionista, a lógica da classificação entre a identidade real e virtual e as várias formas de identidades deterioradas, nas quais se destaca, particularmente, o estigma, ocorrem nas interações cotidianas. Entretanto, as interações sociais rotineiras em mesmos espaços, permitem aos indivíduos ter um relacionamento previsto, sem serem alvos de atenção ou reflexão particular por parte de seus semelhantes.

Ao contextualizar a gênese do conceito de estigma, Goffman afirma que este termo surgiu na Grécia antiga “para se referir a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral dos indivíduos que os apresentavam” (GOFMANN, 1988, p. 11). Estes sinais no corpo avisavam que o portador do estigma devia ser evitado, principalmente, em lugares públicos. Na era cristã foram

acrescentados ao termo estigma mais dois níveis de metáfora: o primeiro ligado à religião, referindo-se a sinais corporais de graça divina que, tomavam a forma de flores em erupção na pele; enquanto no segundo nível, era feita uma alusão médica e, o estigma referia-se a sinais corporais de distúrbios físicos. Entretanto, atualmente o termo é amplamente usado de modo semelhante ao original, mas muito aplicado à desgraça do que a sua evidência corporal.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande- algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social e a identidade real (GOFFMAN, 1988, p. 12).

A partir das situações descritas pelo autor, percebe-se que o estigma é uma estratégia ou forma de classificação dos indivíduos nas interações cotidianas, através da diferença em relação a um conjunto de atributos considerados “normais” aos olhos da sociedade em que estão inseridos. Logo, o estigma decorre da encarnação de um atributo ou característica diferente, em um sistema de relações, a gerar descrédito nos seus portadores, reduzindo-os a esses aspectos que os distinguem dos outros. Sinaliza Goffman (1988) que o estigma implica “uma linguagem de relações” que faz com que determinados atributos sejam estigmatizantes. O autor argumenta:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas que o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Assim, percebe-se que o estigma não se refere a um atributo físico ou social depreciativo em si, mas a uma linguagem de classificações nas relações cotidianas, entre os indivíduos. O estigma é um atributo que diferencia uma pessoa no sentido de reduzir as suas qualidades humanas, diante de seus semelhantes. De fato, o estigma aparece como um processo social que evolui com o tempo e de acordo com os valores e o contexto social vigentes na sociedade. É importante considerar que, em um determinado contexto de interações, atributos físicos e sociais, como a anatomia e fisionomia do indivíduo, cabelos, cicatrizes, manchas e cor da pele, mas também, roupas, calçados e outros adereços configuram a “informação social” acerca do indivíduo.²⁵

²⁵ Segundo Goffman (1988, p. 52), informação social refere-se “à informação sobre um indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição a estados de espírito, sentimentos ou intenções que ele

Na visão de Goffman (1988), o corpo é o principal veículo de transmissão de informação social, de signos, símbolos de prestígio e de estigma. Neste sentido, a informação social é transmitida pelo próprio indivíduo através do seu corpo e vestes. De fato, alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma frequente e regular, enquanto que outros podem estar ocultos. Assim sendo, o estigma circunscreve-se quando a informação social, que um indivíduo apresenta, é destoante do comum esperado pela sociedade.

As situações configuradas por Goffman (1988) permitem bem perceber a categorização estigmatizante dos habitantes das ruas no âmbito da sociedade. De fato, por vestirem roupas nem sempre limpas, apresentarem cabelo e barba por cortar, corpo magro, lábios escurecidos, cheiro forte e por viverem na rua. Tais indivíduos constituem, em suas diferenças, um segmento à margem, invisibilizado em sua condição humana.

Os “moradores das ruas” apresentam um conjunto de situações que lhes discriminam, pois, chocam com o padrão de vida da civilização ocidental, no qual, as pessoas habitam casas, com determinadas práticas relativas à higiene corporal, vivenciam um cotidiano determinado por rotinas previstas, hora de acordar, de alimentar-se, trabalhar e de dormir, dentre outras práticas.

A rigor, o cotidiano vivenciado pelos habitantes das ruas não acontece dessa forma e, sua situação é deveras complexa, pois seus modos de vida e de estar no mundo contrariam este “processo civilizatório”. Em suas teorizações, este sociólogo distingue uma dupla perspectiva do estigma: a primeira, quando a pessoa portadora do estigma assume que o seu estigma é conhecido ou imediatamente evidente, ficando na condição de “desacreditada”, já a segunda perspectiva, acontece quando o estigma não é conhecido pelos presentes e nem imediatamente perceptível, na qual, segundo o autor, estamos perante a pessoa “desacreditável” (GOFFMAN, 1988).

Durante a etnografia com os personagens das ruas na Praça da Gentilândia, verifiquei que estes se enquadram na situação de “desacreditados” por morarem nas ruas e, por conta das características físicas e sociais acima mencionadas. Entretanto, quando os sujeitos que habitam às ruas são portadores do vírus HIV/Aids e procuram os serviços de saúde, abrigos ou trabalho, ou quando, as pessoas “normais” têm conhecimento do seu estado sorológico, eles passam por ambas as situações: “desacreditados” e “desacreditáveis” perante

poderia ter em certo momento”. Na ótica do autor, as informações e os signos que a transmitem são reflexivos e corporificadas, ou seja, são transmitidas pela própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem.

a sociedade. Desse modo que eles passam a ser duplamente estigmatizados: por viverem em situação de rua e viver com o vírus HIV/Aids. De fato, a associação da Aids com os grupos socialmente marginalizados é um fenômeno antigo em várias partes do mundo.

Relativamente contexto de emergência do HIV/Aids no Brasil, Daniel e Parker (1991) afirmam que a doença esteve associada à desigualdade social, na qual, os setores tradicionalmente marginalizados da sociedade – homossexuais, travestis, pobres – têm sido vistos, desde há muito tempo, como uma fonte de perigo e submetidos a um conjunto de práticas variadas de contenção e controle moral e físico. Argumentam os autores:

Essa caracterização básica das pessoas com AIDS e, por extensão, daqueles que estão mais expostos ao risco de contraírem o vírus foi finalmente ligada, então, a um amplo conjunto de significações nos quais a marginalidade social é rapidamente traduzida numa série de noções reativas a contaminação ao contágio e ao perigo (DANIEL; PARKER, 1991, p. 19).

De fato, desde a sua aparição, epidemia da Aids foi associada a determinados grupos, marginalizados, considerados “de risco”, atribuindo-se vários sentidos e significados à doença e aos indivíduos por ela acometidos, muitos deles ligados a questões morais e comportamentais.

A rigor, os habitantes das ruas são "pessoas desacreditadas" por viver na rua, pois, são associadas ao uso de drogas, álcool, à sujeira e à vagabundagem por outros segmentos da sociedade. Quando se descobre que estes sujeitos vivem com o vírus HIV, tornam-se duplamente estigmatizadas e associadas à promiscuidade e desvio sexual, drogadição e todos os outros preconceitos morais ligados a Aids.

Em seu livro *Doença como metáfora, Aids e suas metáforas*, Sontag (2007) mostra que muito antes do início da epidemia da Aids, quando enfermidades como a lepra, a tuberculose ou o câncer ainda não era tratáveis, qualquer doença misteriosa e temida de forma incisiva era considerada moralmente contagiosa e, os seus portadores eram evitados e alvo de procedimentos de descontaminação.

No contexto da Aids, a contaminação e a vulnerabilidade são concebidas como estados permanentes, mesmo que a pessoa infetada jamais manifeste qualquer sintoma. Sabe-se de antemão que, o vírus permanece no organismo, acreditando-se que é só uma questão de tempo para que alguma coisa o desperte, desencadeando o processo e, logo, os sintomas reveladores da doença aparecem.

No caso dos habitantes das ruas, se morar nas ruas é motivo para estigma de vagabundo, drogado e todo o tipo de discriminação ligados à condição de marginalidade social e moral, quando se descobre que estes sujeitos são portadores do vírus HIV/Aids, são

duplamente associados ao contágio e ao perigo.

No desenvolvimento de sua teoria, tentando dar conta da realidade vivenciada pelo indivíduo estigmatizado, Goffman (1988, p. 14) distingue três categorias principais de estigma, nomeadamente, as “abominações do corpo” como são os casos das deformidades físicas e marcas na pele; as “culpabilizações de caráter individual” percebidas como vontade fraca devido ao alcoolismo, desemprego, homossexualidade; e os “estigmas tribais” ligados à raça, etnia, nação ou à religião.

A rigor, nesta tipologia goffmaniana, as pessoas que habitam as ruas enquadram-se nos estigmas ligados às culpabilizações de caráter individual, por morarem nas ruas, terem rompido com suas famílias, se encontrarem desempregados e porque alguns fazem uso abusivo de álcool e drogas. Vejamos o relato de um habitante das ruas convivendo com o vírus HIV/Aids e desempregado por conta do estigma da doença:

Qual a empresa que segura um funcionário nesse sentido? Não segura. Outra vou-lhe dizer a verdade, até dentro do hospital existe preconceito, o hospital que trata a gente existe discriminação, fica difícil sabe, fica difícil a pessoa... É desse jeito, é difícil demais, é ruim demais. (“Vivido e Experiente”, 45 anos, morador de rua e soropositivo).

“Vivido e Experiente” é um habitante das ruas que, vive com o vírus HIV/Aids há nove anos e está na rua há quatro anos. Sempre trabalhou, mas não consegue mais arranjar trabalho devido ao preconceito, por ser soropositivo. No passado, trabalhou como motorista em uma empresa de conserto de móveis e, segundo suas palavras, sabe “fazer um pé de meia” e “todo o tipo bicos” na construção civil. Além de ter sido despedido do emprego, “Vivido e Experiente” separou-se da esposa, terminando por sair de casa, porque, segundo suas próprias palavras, viviam “como dois irmãos” e “sem relação nenhuma”.

Mesmo diante da reviravolta em sua vida, e da dependência em relação às drogas, particularmente, cocaína e crack, este personagem das ruas identificava-se como trabalhador, enviando currículos regularmente, deixando o seu número de telefone com amigos para contato, caso surgisse algum “bico”. Vejamos a sua fala acerca de sua experiência com a doença:

Olha, sou pintor de parede, eu puxo o piso de cimento, faço reboco de parede, eu mexo com telhado, mas onde é que eu arranjo trabalho? Quem é que me dá? Mas não posso desistir. Não posso ficar martelando a cabeça, sempre pensando nisso, não vale não [...] Nenhuma empresa admite nós que temos o HIV, nessa fase que eu tô agora, fui três dias seguidos levar o exame de escarro. Fui segunda-feira, tirei radiografia e tal, peguei a receita, no hospital não tinha, pra poder curar. E eu aqui cheio de febre, aí não consegui. Aí fui ao posto, no posto não tinha. Tenho que comprar, cadê o dinheiro? Aí fui três vezes seguidas, terça, quarta e quinta, levar o exame de escarro.

Aí segunda-feira tenho a consulta da doutora. Quer dizer, qual a empresa que segura um funcionário nesse sentido. Não segura. (“Vivido e Experiente”, setembro 2010).

Em seu depoimento, este habitante das ruas apresenta demarcações de identidades ligadas às suas habilidades no trabalho, particularmente no ramo da construção civil, revelando expectativas em conseguir trabalho. A sorologia, a magreza e as idas às consultas regulares no Hospital São José obrigam-no a faltar ao trabalho pelo menos uma vez ao mês e o fato de ter que informar a razão de sua consulta sistemática, impedindo-o de ter um trabalho fixo ou com “carteira assinada”. Assim, este habitante das ruas enfrenta dificuldades em se manter no trabalho, devido às idas regulares ao médico e também por conta do preconceito e estigma, pelo fato de conviver com o HIV.

Ao abordar a questão do estigma nas relações sociais no cotidiano, Goffman (1988) afirma que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre a identidade que as pessoas consideradas "normais". Nesse sentido, mesmo morando nas ruas e vivendo com o vírus HIV/Aids, muitas pessoas continuam a identificar-se com as várias esferas da vida enquanto seres humanos.

De fato, autores como Parker e Aggleton (2001) reconhecem existir um déficit de abordagens adequadas às situações de estigmatização e discriminação em relação ao HIV/Aids ligado a disponibilização de instrumentos teóricos e metodológicos para lidar com este problema. Por outro lado, estes autores argumentam que as formas de estigmatização e discriminação em relação às pessoas que vivem com o vírus HIV/Aids tomaram sociedades e comunidades ao âmbito coletivo, e também, na esfera da subjetividade e práticas individuais, em contextos que têm sido pouco explorados como, escolas, sistemas de saúde, locais de trabalho e outros serviços sejam eles públicos ou privados.

No debate sobre os sentidos e significados do estigma, Parker e Aggleton (2001) procuram um entendimento mais completo da estigmatização, argumentando que a ênfase colocada por Goffman (1988) ao estigma como um atributo depreciativo, conduziu a uma visão do estigma como uma característica estática, como uma coisa.

De acordo com Parker e Aggleton (2001), ao usar termos como "diferença indesejável" que leva a uma "identidade deteriorada", Goffman (1988) encoraja uma análise individualizada, na qual, os indivíduos são caracterizados de forma imediata pelo estigma que portam. Deste modo, o estigma passa a ser entendido com um atributo negativo, mapeado sobre as pessoas, que em virtude de sua diferença, veem-se negativamente valorizadas na sociedade (PARKER; AGGLETON, 2001).

De fato, no contexto da Aids, muitos dos indivíduos infetados com a doença

apresentam identidades deterioradas, associadas aos significados e metáforas pelas quais é compreendida pela sociedade, assimilando os preconceitos e estigmas existentes sobre seus portadores, situação que vai de encontro à teoria goffmaniana sobre o estigma e a interação cotidiana entre os indivíduos. Senão, vejamos o depoimento de “Vivido e Experiente” acerca da sua convivência com a infecção:

É mesma coisa você ter uma deficiência brava. Eu não desejaria para nenhum inimigo. É horrível, a pessoa que tem essa doença... pela discriminação, não é pela doença em si. Porque pela doença em si, você leva tranquilo [...]. Outra coisa, vou lhe dizer a verdade, até dentro do hospital existe preconceito, o hospital que trata a gente existe a discriminação. Fica difícil sabe, fica difícil a pessoa. É desse jeito, é difícil de mais, é ruim demais. Eu fico assim (“Vivido e Experiente” setembro, 2010).

A partir da sua experiência com a doença, este habitante das ruas apresentava visões acerca do HIV, como peste mortal, uma doença que aniquila perspectivas de vida, tornando-a muito difícil. Sentia-se discriminado por conta da infecção, encarnando o estigma que faz do portador da Aids, uma pessoa discriminada.

Devido às situações de estigma e discriminação, este sujeito apresentava uma postura negativa face à doença, caindo em depressão, interrompendo o tratamento e só recorrendo a ele em situações de agravamento do HIV. De fato, “Vivido e Experiente” sentia-se discriminado no cotidiano nas relações com as outras pessoas, inclusive no hospital, local para o qual se deslocava com regularidade para consultas regulares e tratamento médico.

Acerca das situações vivenciadas pelos indivíduos estigmatizados, em suas discussões teóricas, Goffman (1988) admite existirem várias possibilidades de resposta à situação do estigma, por parte das pessoas estigmatizadas nas relações cotidianas. Tais respostas vão da indiferença, à identidade própria, à aceitação do estigma, à tentativa de correção. O autor admite também outras atitudes por parte do estigmatizado como, a vitimização, a utilização do estigma para ganhos secundários, e por último, a visão do estigma como benção secreta. Durante a aventura etnográfica nas ruas, pude vivenciar distintas respostas de habitantes das ruas vivendo com o HIV/Aids face ao estigma e discriminação, circunscritas entre a identidade própria, a utilização do estigma para ganhos secundários e visão do estigma como benção secreta.

Um exemplo da utilização do estigma para ganhos secundários e como desculpa pela situação de fracasso a que o indivíduo chegou, é dado por um habitante das ruas de 28 anos de idade, que viaja de um lugar em lugar, atravessando diversas regiões e estados pelo Brasil. Para nominar este personagem das ruas, atribuo o pseudônimo de “Viajante e Errante”, por conta de suas peculiaridades: o nomadismo, trechos entre grandes cidades e acessos de

cólera decorrentes do que parecia ser um distúrbio mental.

“Viajante e Errante” era um jovem adulto alto, magro e pardo que caminhava pelas ruas do bairro Benfica vestindo sempre uma camiseta preta e calças caqui sujas. Porém, diferente de muitos outros habitantes das ruas, este sujeito não apresentava um cheiro forte.

Quando notei a presença deste sujeito nas ruas do Benfica, logo percebi que ele estava naquele lugar havia pouco tempo. O lugar que escolhera para mendigar era pouco estratégico: a rua Juvenal Galeno, um logradouro ensolarado, sem marquises e comércio, apresentando-se como um local barulhento por ser rota de tráfego de ônibus. Por outro lado, era escura, mal iluminada durante a noite. Pode-se dizer que este habitante das ruas estava no local errado, aparentemente pouco frutífero para mendigar.

Por conta de suas características, os transeuntes desta rua, particularmente mulheres, se afastavam ou mudavam de calçada logo que o avistavam, temendo que este sujeito fosse assaltante. De fato, este personagem das ruas “chamava a atenção” dos transeuntes, pois as calçadas laterais da rua eram curtas, com dois metros de comprimento no máximo, quem passasse por ela dava de cara com este habitante das ruas mendigando.

Outra razão para o receio das mulheres eram os acessos de raiva deste habitante das ruas, que, muitas vezes, ficava agressivo, gritava palavras obscenas se referindo a alguma mulher: “filha da puta, vagabunda, cachorra” e, em seguida, atirava pedras nos portões de metal das instituições sediadas na rua, provocando um barulho estrondoso. Este sujeito parecia passar por algum transtorno mental, com momentos de crise aguda, nos quais ficava agressivo, seguidos de momentos de lucidez, ficando manso e pedindo esmolas.

Com o passar do tempo, “Viajante e Errante” foi se deslocando para a parte mais movimentada da rua, se aproximando do semáforo que separa a rua Juvenal Galeno da avenida Carapinima, em direção ao Shopping Benfica. Este habitante das ruas parece ter percebido que a proximidade com o shopping traria alguns benefícios à sua atividade de pedir uns trocados. Já no semáforo, este sujeito mendigava não apenas aos transeuntes, motociclistas e automobilistas que passavam pela rua, mas, particularmente, abordava pessoas que iam e vinham do shopping.

Quando se dirigia a estas pessoas na rua, pedindo “uns trocados”, “Viajante e Errante” informava que tinha Aids e que morava nas ruas, tentando sensibilizá-las ou intimidá-las com a sua condição social. Eis um trecho de suas palavras durante uma de suas abordagens:

Aí patrãozinho, peço uns trocados pra mim comer. Peço uns trocadinhos, eu tenho Aids, tô na rua... Amén, amén. Oh, eu agradeço você, o senhor, o que o senhor tá me

abençoando. Só, de você estar me entregando essa moedinha que Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, da Bíblia Sagrada, tá determinando e permitindo da forma, da ordem de o senhor me entregar pá mim, já tá me ajudando. Deus lhe abençoe (“Viajante e Errante”, março 2011).

Observei que este sujeito trazia sempre moedas em um copo plástico, o que demonstra a sua eficácia em conseguir dinheiro. Por outro lado, isso também dava a impressão aos transeuntes que outras pessoas colaboravam e sensibilizavam-se com a situação deste personagem. Deste modo, percebi no discurso deste habitante das ruas uma utilização do estigma para ganhos secundários.

Ao mesmo tempo, este personagem das ruas apresentava uma visão e atitude diante de seu estigma, semelhante a que Goffman (1988) descreve como “benção secreta”. Goffman (1988, p. 20) aponta, dentre várias atitudes que “o estigmatizado pode, também, ver as privações que sofre como uma benção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas”, apresentando uma identidade própria.

Ao analisar as atitudes destes dos dois habitantes das ruas, aqui retratados, percebi que, contrariamente à visão predominante no personagem “Vivido e Experiente”, “Viajante e Errante” pouco se identificava com outras esferas da vida, vivendo da mendicância. A religião parece ser uma dimensão marcante na sua vida, como fica patente em seu discurso entrelaçado por versículos, alusões a sentenças e personagens bíblicos. Eis um trecho de sua narrativa:

Eu tô pagando o preço na terra. É o meu preço. Não, mas é o meu preço que eu tô pagando. Só não julgue para não ser julgado. É o meu preço. Amén, amén. Oh, eu agradeço você, o senhor, o que eu senhor tá me abençoando. Só de você estar me entregando essa moedinha que Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, da Bíblia Sagrada, tá determinando e permitindo da forma, da ordem de o senhor me entregar pra mim, já tá me ajudando (Viajante e Errante, março, 2011).

De fato, as atitudes de “Viajante e Errante” pareciam ser decorrentes de filiação à alguma seita religiosa e suas falas e ideias eram confusas. A sua visão sobre a doença da Aids era influenciada por alguma crença religiosa, pois, quando abordava as pessoas, e também, quando falava sozinho nas ruas, este habitante das ruas usava muitas citações bíblicas.

Durante a única vez que se deixou entrevistar, este sujeito das ruas não quis revelar a religião que professava, afirmando apenas que dava o dízimo regularmente, referindo-se à sua igreja como “Casa do Senhor”. Este habitante das ruas acreditava que a sua infecção pela Aids era uma forma de “expição”, de pagamento pelos erros que cometeu no passado. Entretanto, não foi possível obter mais informações acerca de sua vida por falta de

oportunidades, sempre que o abordava, este sujeito estava mendigando ou dormindo. Vejamos um trecho de um de seus depoimentos:

Eu tô pagando o preço, pagando o preço, fumando a química do crack... Dois preços, porque o pessoal tá pagando preço aqui na Terra. Não julgue para não ser julgado. É o meu preço, o meu preço que eu tô pagando. Tenho Aids e pedi a Deus para mim continuar com Aids, e com todas as contaminação por dentro e por fora do meu corpo, porque eu quis. Foi uma decisão minha (“Viajante e Errante”, março 2011).

Durante a sua narrativa, percebi que este habitante das ruas apresentava desfiliação de ordem familiar, pois, sua família era lembrada como fonte de conflitos e, razão pela qual viaja pelo mundo afora. Este sujeito das ruas era usuário de drogas, particularmente crack e LSD. Entretanto, mesmo se declarando soropositivo, “Viajante e Errante” não havia feito o teste de HIV. Estivera no hospital recentemente, e afirmou que foi lá que se contaminou, que lhe foi dada uma sopa de beterraba com sangue contaminado. Ainda assim, ele não queria processar a pessoa que fez isso, nem a direção do hospital onde esteve internado.

Para justificar a convicção de que era portador da Aids, sem ter feito o teste de HIV, este personagem afirma que tinha o vírus HIV e sentia a “doença” no seu corpo, que o “cansaço e as febres” que o acometiam não eram normais. Durante a curta entrevista, este sujeito usou várias vezes a expressão “contaminação no meu corpo”. Senão, vejamos a sua fala sobre este assunto:

Tenho Aids e pedi a Deus pra mim continuar com a Aids com todas a contaminação por dentro e por fora do meu corpo, porque eu quis, eu tava precisando, por que eu pedi. Eu vi Deus sofrendo, eu vi o filme da Paixão de Cristo, eu vi Deus sofrendo. Eu vi o olho de Deus escorrer. Deus é espírito, Jesus é corpo glorificado. Deus é espírito. Sobre ele está escrito, “o verbo se fez em carne” porque Deus é a palavra. Quem se fez... Deus criou o filho dele e enviou o filho dele para morrer por nós. Deus é a palavra, o alfa e o ômega, o antes, o agora e o para todos os séculos, soberano e todo o poderoso senhor dos exércitos, significa espírito. Deus é espírito, Deus se encontra no trono do livro da Bíblia Sagrada dele descansando os filhos deles em paz. Tenho Aids, eu sinto o sintoma da Aids. Como qualquer ser humano que tem Aids sente o sintoma dela. É a Aids mesmo. Não é esse cansaço que venho sentindo no corpo. É Aids mesmo. Eu tava no hospital, aí eu comi um prato de beterraba com sangue contaminado de gente que tem Aids no hospital. Só que eu não me conformo de ser tirado a minha Aids, e nem do responsável do hospital pagar nada por mim. Eu não me conformo de ficar sem a doença. O que eu tenho para dizer para você, que Deus te dá muita força, que agora Deus seja com você, que a paz do senhor Jesus esteja com você. Eu amo você, como eu amo esses meninos aqui da vila aqui, como se eu fosse um irmão pra mim. A vila aqui do estado do Ceará. Como eu amo o pessoal aqui, como ser humano, como eu vejo a tia aqui, como eu olho para mim, como eu vejo muitas pessoas, como mãe, pai e pelo esse Brasil que eu já andei a pé, de carona, de caminhão, graças a Deus (“Viajante e Errante”, março 2011).

Como demonstra o trecho, algumas vezes as falas deste sujeito eram confusas ou desconexas, misturando vários assuntos, dentre os quais a religião e a Aids. Ao longo do tempo da entrevista, indaguei-o sobre vários assuntos e percebi que este habitante das ruas

não tinha relações sexuais há muito tempo e usava drogas todas as noites. Sempre que eu falava de sexo, ele mudava o rumo da conversa. No entanto, falava de problemas familiares e informou que era usuário de crack abertamente.

De fato, este personagem não se identificava com outras esferas da vida, como são os casos do trabalho ou da vida sexual, como acontecia com outros habitantes das ruas vivendo com o HIV. Além deste fato, percebi que este sujeito apresentava grande mobilidade, pois já "rodou por muitos lugares" e andava "de cidade em cidade, viajando de carona". Durante a entrevista, este sujeito revelou que tinha planos de sair de Fortaleza em maio de 2011, quatro meses depois de ter desembarcado nesta cidade.

Ao analisar as falas dos dois habitantes das ruas vivendo com o HIV/Aids, aqui retratados, percebo que "Vivido e Experiente" revela demarcações identitárias ligadas à família e ao trabalho, mesmo sofrendo com o preconceito e discriminação. Durante as entrevistas etnográficas, percebi que, mesmo não conseguindo encontrar trabalho por conta do preconceito e discriminação, este habitante das ruas identificava-se como cidadão e trabalhador, como pessoa portadora de direitos.

Algumas vezes, a situação discriminação contribuía para a visão negativa de si próprio. Este personagem das ruas apresentava uma postura de repulsa face à doença, assimilando os estigmas existentes acerca dos habitantes das ruas e, às vezes, caindo em depressão, interrompendo o tratamento com a terapia antiretroviral. Assim, este sujeito vai adotando uma "identidade deteriorada", parodiando Goffman (1998).

De fato, o estado emocional de "Vivido e Experiente" e seus sentimentos dominantes, eram derivados do preconceito e da negação da integração no mercado de trabalho por conta da infecção pelo HIV/Aids. Tal situação caracteriza o estado a que Daniel e Parker (1991) designam de "morte civil", imposta por uma concepção dominante, que faz do doente de Aids um "pária". Sobre esta situação, os autores argumentam:

Assim como noções pré-existentes e preconceitos relativos à homossexualidade modelaram o tratamento da AIDS, a estigmatização de outros grupos, reconhecidos como estando em risco diante da epidemia de HIV, levou frequentemente a várias formas de discriminação. Médicos que trabalham com populações na rua, com prostitutas e travestis no Rio de Janeiro, por exemplo, relatam reações hostis da parte de colegas de profissão, como se eles próprios, aparentemente através da culpa por associação, passassem a ser vistos como fontes de contágio e risco. Quando enviam seus pacientes para clínicas ou hospitais locais, a simples aparência dos pacientes é suficiente para justificar que a pessoa seja confrontada com questionários agressivos de todo um conjunto de secretárias, assistentes sociais e enfermeiras, antes mesmo de ser admitida para um simples exame (DANIEL; PARKER, 1991, p. 23).

De acordo com os autores, a “morte civil” é ocasionada pelo modelo ideológico que existia e continua a existir, segundo o qual a Aids seria uma doença de homossexuais ou de marginais, cuja marca seria a “doença do outro”, do estrangeiro ou do estranho. Dessa forma, a doença da Aids emergiu como evidência disponível para a legitimação da opressão sobre grupos já estigmatizados, como prostitutas e homossexuais e população em situação de rua.

Em suas interpretações sobre a teoria do estigma de Goffman (1988), Parker e Aggleton (2001) argumentam que a utilização das teorizações de Goffman em estudos sobre o HIV/Aids, nos quais o estigma é apresentado como uma atitude fixa ou estática e não como um processo social em mudança, tem colocado limitações às abordagens relativas ao estigma e discriminação das pessoas vivendo com o HIV/Aids.

Mesmo com tais limitações, estes autores reconhecem a aplicabilidade do trabalho de Goffman (1988) no campo da estigmatização em relação ao HIV/Aids. Assim, propõem uma análise sociológica enfatizando as dimensões estruturais da discriminação como sendo úteis para compreender como a estigmatização e a discriminação se manifestam no caso da Aids.

Nesse sentido, estes dois autores advogam que os processos de estigma e discriminação também podem ser entendidos à luz de noções mais amplas de poder e dominação. "Na nossa visão, o estigma desempenha um papel central na produção e na reprodução das relações de poder e de controle em todos os sistemas sociais" (PARKER; AGGLETON, 2001, p. 11).

De fato, estes autores encaram o estigma e a discriminação como processos sociais passíveis de mudança. Na sua ótica, são as relações de poder e de controle social que fazem com que alguns grupos sejam desvalorizados e, outros sejam colocados em um patamar superior, desembocando em desigualdade social. Partindo dos aportes teóricos de Goffman (1988) acerca da identidade deteriorada, noção que consideram ser uma leitura individualizada sobre o papel do estigma nas relações sociais, Parker e Aggleton (2001) denunciam que a estigmatização e discriminação apresentam-se como os maiores obstáculos às respostas sociais e de saúde pública diante da AIDS.

1.4 Processos identitários nas trajetórias de pessoas que habitam as ruas: uma construção em aberto

Ao refletir sobre as conversas, as trajetórias e as histórias de vida das pessoas em situação de rua com quem convivi, percebi que estas pessoas têm no trabalho uma dimensão central de suas vidas. Esta é uma descoberta que contraria as representações negativas sobre este segmento social que estigmatizam as pessoas como "vagabundas", caracterizando-as como pessoas que "não querem trabalhar", ou que "não querem fazer nada na vida". Surpreendentemente, a esfera do trabalho mostrou ser uma dimensão da vida, com a qual os indivíduos que habitam as ruas identificam-se, considerando-se trabalhadores.

Por esta razão, impõe-se a exigência de discutir a vinculação trabalho/identidade para pensar trajetórias de pessoas em situação de rua, contrapondo-me à visão que considera este segmento como sujeitos à margem e cidadãos incompletos.²⁶ Devido aos seus vínculos informais e invisíveis com o mundo do trabalho e – invisíveis para o mundo oficial – a população em situação de rua é vista como um segmento de pessoas destituídas de direitos e possibilidades, sendo-lhes atribuída uma identidade deteriorada. Como consequência, tais pessoas são vítimas de estigma e preconceito no cotidiano.

Neste cenário de destituições e carências, as pessoas que habitam as ruas veem as suas oportunidades de vida restringir-se sempre mais. Desse modo, entendo ser fundamental discutir a construção de identidades destes sujeitos, ao longo de suas trajetórias e vivências. Durante a pesquisa de campo, ouvi relatos negativos sobre as pessoas em situação de rua, quase sempre associados à criminalidade, ao uso de drogas e a aversão ao trabalho.

De fato, as falas destes agentes institucionais – com diferentes funções e papéis – acerca dos habitantes das ruas revelam muito sobre o modo como a sociedade vê este segmento, situando tais pessoas em uma condição abaixo, em um lugar inferior e desqualificado. Estas falas indicam a existência de representações negativas que apontam para a percepção tradicional de identidades fixas ou essencialistas acerca deste segmento.

Na realidade, esta população apresenta-se heterogênea e diferente dos estereótipos que lhes são atribuídos. Os depoimentos e falas dos sujeitos que habitam as ruas mostram processos identitários em construção a emergir em tempos contemporâneos, em uma ruptura com visões essencialistas.

Stuart Hall (2006) é um dos teóricos com obras marcantes acerca da desconstrução das visões tradicionais de identidade. Em verdade, desenvolve uma perspectiva desconstrutivista de identidade, contrapondo-a a concepção essencialista que aceita a

²⁶ Resgato aqui a tipologia de cidadania proposta por Murilo de Carvalho (2001, p. 9), na qual, a categoria de "cidadãos incompletos" caracteriza os "indivíduos que possuem apenas alguns direitos", não tendo acesso à cidadania plena.

existência de uma identidade verdadeira, relacionada a uma categoria “natural”, fundamentada na biologia, na tradição ou em raízes históricas que proclama a existência de uma identidade unificada e imutável. De fato, Hall (2006) é um dos autores que nos ajuda a refletir e discutir a questão das identidades na modernidade, apontando vias de análise profícuas para pensar as identidades e identificações das pessoas em situação de rua.

Este autor sublinha a existência de uma crise de identidades na modernidade tardia²⁷ e sustenta como argumento central da sua obra que “as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7). Afirma, então:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e racionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações, como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (p. 9).

Esta tese fundante de Hall (2006) de que, nos tempos contemporâneos – por ele denominados de “modernidade tardia” –, os indivíduos estão fragmentados, não podendo mais, portanto, serem concebidos como integrados, abre uma via fecunda para pensar os processos identitários dos indivíduos que, ao habitar as ruas, vivenciam processos de desfiliação, de rupturas de vínculos, que afetam o seu “eu” interior.

Em verdade, a desconstrução da visão de uma identidade fixa, verdadeira e essencialista interpela-me a refletir sobre trajetórias das pessoas em situação de rua que, por excelência, experienciam fragmentações e desestabilizações de toda a ordem.

Avançando nesta perspectiva, cabe destacar que para Hall (2006), as identidades constituem processos sempre em construção, a partir das negociações que os indivíduos efetivam ao longo de suas trajetórias. Logo, identidades são processos em aberto que expressam diferentes contextos sociais e trajetórias peculiares de cada indivíduo. Neste sentido, podemos pensar na existência de identidades em processo entre as pessoas em situação de rua, moldadas pelas negociações que vão efetuando ao longo de suas trajetórias.

Essa concepção que aceita que as identidades não são nunca unificadas, elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; elas não são, nunca,

²⁷ Na realidade, Stuart Hall (2006) segue trilhas analíticas abertas por Antony Giddens, quando o último autor distingue as sociedades tradicionais das sociedades modernas e discute as consequências da globalização nas sociedades. Hall usa o termo modernidade tardia para classificar a emergência do sujeito pós-moderno e as mudanças nas identidades no período pós década de 1960, que o autor considera um marco na mudança estrutural da sociedade, e, por conseguinte, uma mudança na identidade estrutural das sociedades.

singulares mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

Ao apontar as identidades como não unificadas, ou seja, como processos em construção e nunca acabados, que a todo o momento estão se formando e se transformando ao longo das trajetórias dos indivíduos, este autor nos convida a pensar as identidades como processos em constante mudança, nos quais, a todo momento, os indivíduos são influenciados pelos acontecimentos do mundo cotidiano, são marcados por suas trajetórias e ressignificam o seu “eu” interior, o seu modo de ver e estar na sociedade.

É neste sentido que Hall (2000, p. 9) fala da perda de um “sentido de si” estável, a que ele chama de um “duplo deslocamento ou descentramento dos indivíduos, tanto do seu lugar no mundo social, tanto de si mesmo”, para mostrar estas transformações na modernidade e suas consequências na vida dos indivíduos. Este caráter de mudança permanente nas sociedades coloca os indivíduos susceptíveis às chamadas “crises de identidades”. O argumento de Hall (2006) sobre as identidades na modernidade tardia como fragmentadas e fraturadas remete-nos a pensar a condição do “morador de rua” que quebrou toda uma trajetória de vínculos anteriormente firmados e constituirão novos vínculos nas ruas e de acordo com a sua condição.

Por outro lado, ao descrever as identidades como singulares e multiplamente construídas, este autor abre uma pista para pensarmos os habitantes das ruas como tendo distintas identidades e papéis que se hibridizam ao longo de suas vidas: filhos, pais, maridos, jovens, homens, membros de algum movimento, filiação religiosa, partidária, trabalhadores, dentre outros.

Desse modo, Hall (2000) aponta para a vinculação da discussão da identidade a todos os processos e práticas que têm provocado alterações no caráter relativamente “estabelecido” de populações e culturas. Nesse sentido, a “crise de identidades” seria parte de um processo de mudanças mais amplo que estaria abalando as sociedades. Esta perspectiva desconstrutivista da identidade, trabalhada por Hall (2000), mobiliza recursos da história, da linguagem e da cultura, ao destacar que a questão das identidades tem mais sentido como “tornar-se”, ou seja, “em que nós podemos nos tornar”, ao invés da reiteração do “quem nós somos” e “de onde viemos”, que são enfoques típicos de uma visão essencialista de identidade.

No caso das pessoas em situação de rua, as identidades anteriores, de outrora foram transformando-se, destituindo determinados vínculos – típicos de uma sociabilidade predominante – e constituindo outros vínculos a partir de suas trajetórias nas ruas. Assim sendo, o “tornar-se” afigura-se importante para a sua sobrevivência e ressignificação de suas vidas no cotidiano da rua. Importa à pessoa em situação de rua, o presente e o futuro, ou seja, interessa em que ela está se tornando.

Inegavelmente, o cotidiano da rua, a vivência e as experiências transformam a sua identidade, a sua visão de mundo e as relações que este estabelece consigo mesmo e com a sociedade. É importante demarcar que Stuart Hall (2006, p. 13) – em sua construção de identidades em processo – circunscribe uma visão estratégica e posicional de identidades:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Deste modo, Hall (2006) argumenta que enquanto sujeitos, somos constituídos de uma multiplicidade de identidades possíveis e cambiantes. Assim sendo, a identidade do sujeito fragmentado e descentrado torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987 apud HALL, 2006, p. 13). Na visão de Hall (2006), nós estamos sempre mudando, transformando-nos continuamente em decorrência de posições estratégicas que vamos assumindo no curso das trajetórias trilhadas.

Ao analisarmos as pessoas em situação de rua a partir da visão de Hall (2006) acerca das identidades, percebemos que os sujeitos que habitam as ruas podem assumir identidades diferentes a cada momento, sejam elas coerentes ou contraditórias e/ou temporárias, variando de acordo com a situação vivenciada pelo sujeito.

É este processo de mudança permanente que produz o sujeito do tempo presente, conceptualizado por Hall (2006) como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, e sim, identidades sempre em aberto, em processo. Nesta perspectiva percebe-se bem a fecundidade analítica de pensar identidades como “celebração móvel”.

Caminhando na perspectiva identitária protagonizada por Hall (2000), cabe assinalar a sua ênfase na questão da representação, no sentido de “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nos representamos a nós mesmos”. É necessário frisar que em Hall (2000) a representação está vinculada à concepção de cultura como “um conjunto de significados”, tendo a linguagem como um processo de

significação.

Nessa perspectiva, Hall (2000) ressignifica a tradição como uma “negociação com nossas rotas”, superando o entendimento de tradição como retorno às raízes e proclama uma concepção de tradição em movimento como “percursos trilhados” com os quais negociamos nas construções identitárias. Essa concepção privilegia a narrativização do eu na sua natureza ficcional, encarnada no discurso e pressupondo dimensões simbólicas e imaginárias.

A questão da representação é fundamental para personagens das ruas, pois há uma diferença na forma como eles são representados pela sociedade e de como eles se representam a si próprios. Da sociedade emergem discursos e atribuições depreciativas para classificar esta população. Já a forma como estes personagens da cidade representam a si mesmos revela-se muito distante dos estereótipos veiculados pelo pensamento dominante.

Esta questão das representações sociais classificatórias das pessoas em situação de rua pela sociedade remete aos estudos de Goffman (1988), especificamente ao que designa de “identidade deteriorada”, uma identidade marcada por representações negativas sobre este segmento, que o encaram como mendigos, drogados e avessos ao trabalho.²⁸

Em espaços públicos, quase sempre, as vestes e o corpo da pessoa em situação de rua funcionam como signos que transmitem uma informação social sobre a sua condição e status social, despertando atenção e tornando-as visíveis. Para a sociedade dita “normal”, as suas vestes, a magreza, o cheiro forte, as cicatrizes no corpo e outros signos revelam uma identidade social deteriorada ou estigmatizada, associada à criminalidade.

Os discursos cotidianos nomeiam as pessoas em situação de rua de forma pejorativa, designando-os de “pedintes”, “pardais”, “drogueiros”, “esmolers”, “moradores de rua”, “trecheiros” etc.²⁹ Estas representações acerca dos moradores de rua desempenham papel negativo na interação destes com os outros segmentos sociais.

²⁸ Esta situação de negatividade da sociedade em relação às populações que habitam as ruas ficou explícita durante a pesquisa de campo. Um caso emblemático deu-se em relação a uma casa alugada pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) em área residencial, funcionando como abrigo para moradores de rua. Os donos das residências vizinhas e no entorno do abrigo pressionavam o dono da casa para que este rescindisse o contrato com a SEMAS e para que a casa não fosse alugada de novo para essa finalidade, porque sentiam-se incomodados com os usuários do abrigo. Ficou claro como a sociedade pensa e representa as pessoas em situação de rua, associando-as ao perigo e ao risco, considerando-as como “refugio humano”, no dizer de Bauman (2005).

²⁹ Estes termos referem-se às designações pejorativas com as quais, muitos setores da sociedade chamam os habitantes das ruas. O termo pardal refere-se aos pássaros urbanos que comem dos restos que as pessoas jogam no lixo. O termo esmolers é de origem francesa. O termo trecheiro refere-se às pessoas que se deslocam de cidade em cidade, de carona, percorrendo grandes distâncias em pequenos trechos.

As representações sociais comumente sobre as pessoas em situação de rua, reforçam a construção de uma auto-imagem e identidades negativas, levando ao rebaixamento da autoestima, dificultando o surgimento de uma consciência crítica sobre sua própria condição, e, conseqüentemente, a reivindicação de direitos e a construção de novos projetos de vida que incluam a possibilidade de saída das ruas. Esse processo é também reforçado pela culpabilização que a visão da sociedade tende a atribuir às pessoas em situação de rua pela condição vivenciada, localizando unicamente nestes indivíduos a causa desse complexo processo, assim como os recursos necessários para a sua superação (BRASIL, 2011a, p. 30).

É importante destacar nesta caracterização apresentada em documento por BRASIL (2011a), o peso que as representações sociais classificatórias do pensamento dominante têm na construção das representações dos habitantes das ruas, e também as representações que os personagens das ruas têm de si mesmas, no sentido de uma baixa autoestima. No entanto, é preciso atentar para a expressão “identidades negativas”, atribuída a estas pessoas.

De fato, seguindo as trilhas de Hall (2006), não cabe qualificar dessa forma os processos identitários construídos pela população em situação de rua em negociação com suas trajetórias. Os habitantes de rua constroem múltiplas identidades ao longo dos seus percursos e experiências.

Avançando nas configurações identitárias das pessoas que vivem nas ruas, é importante sublinhar que apesar de grande parte desta população ser composta por trabalhadores no mercado informal, no cotidiano, estes sujeitos enfrentam o preconceito e discriminação por parte da sociedade, por conta da sua condição social de habitantes das ruas.

A Pesquisa Nacional sobre População de Rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS) no ano 2008, mostrou que a maior parte dos indivíduos que constituem este grupo social tem alguma profissão, contrariando as representações sociais existentes acerca deste segmento. De acordo com a pesquisa, “cerca de 58,6% eram trabalhadores com alguma profissão na economia informal e apenas 15% pedia dinheiro nos espaços públicos como sua principal fonte de sobrevivência” (BRASIL, 2009a, p. 26).

Esta constatação de que a população em situação de rua é constituída, majoritariamente, por antigos trabalhadores, coloca em xeque as visões e representações predominantes sobre este segmento, nas quais os habitantes das ruas são tidos como avessos ao trabalho e associados à vagabundagem.

CAPÍTULO 2

UMA AVENTURA ETNOGRÁFICA NAS RUAS: O DESAFIO DE VIVER O CAMPO SEGUINDO AS TRAJETÓRIAS DAS PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS

Além disso [...] os sociólogos deveriam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo. É como mandar construir uma casa para si (BECKER, 1993, p. 12).

Os habitantes das ruas constituem um segmento social que, nas suas trajetórias peculiares, apresentam características marcantes: heterogeneidade e diversidade em sua composição; nomadismo com deslocamentos espaciais frequentes; imediatismo com vidas focadas no presente e sociabilidades em movimentos.

De fato, podem ser encontrados, entre as pessoas em situação de rua, diferentes perfis e diferentes formas de sociabilidade, configurando um grupo bastante heterogêneo, com uma diversidade de tribos e de perfis, demonstrando ser uma população plural. São, sobretudo, nômades, perambulando pela cidade, em seus percursos, vivendo o presente e o “aqui e agora”, sem possibilidades de pensar o futuro em suas vidas no limite. Nas suas redes de sociabilidade, podem andar em grupos que se desfazem de forma rápida e fugaz. Tais configurações tornam difícil a realização de estudos com este segmento nômade, plural a construir identidades nas suas rotas incertas e quase sempre inseguras.

Por essa razão, os pesquisadores recomendam a construção, ou no dizer de Becker (1993), a invenção de metodologias adequadas às características e circunstâncias peculiares em que vive esta população. Carlos Araújo (2003) recomenda o levantamento da realidade desta população a partir de estratégias metodológicas com potencial analítico capaz de dar conta das suas especificidades. Assim, este pesquisador ressalta a importância de associar questionários estruturados, com base em tentativas amostrais, com a observação participante na pesquisa de campo com esta população.

Lídia Rodrigues (2005), a partir da sua experiência investigativa, destaca que estudar pessoas que moram nas ruas não se mostra uma tarefa fácil, devido ao nomadismo e à invisibilidade social, articulados com a complexidade e diversidade de relações sociais e de trabalho. Esta pesquisadora, ao desenvolver etnografia com os “moradores de rua”, adotou como estratégia metodológica seguir os percursos destes habitantes no Centro da cidade, particularmente à noite, visitando lugares onde estes moradores deixaram as marcas de sua vida cotidiana.

Em meu trabalho de campo com os habitantes das ruas na cidade de Fortaleza, senti-me interpelado pelo conjunto de personagens que integram os chamados "moradores de rua" e que desenvolviam formas de sociabilidade peculiares devido à condição de morar nas ruas e à situação social, constituindo o que se pode denominar uma "cultura de rua"³⁰.

Escorel (2003) dá algumas pistas sobre a localização destes grupos, ao afirmar que este segmento populacional distribui-se nas cidades de acordo com as possibilidades de obtenção de rendimentos e de resolução de necessidades básicas. A procura de abrigo e segurança seriam as primeiras necessidades. Nesta busca, estes personagens de rua escolhem local onde existem possibilidades de acesso a água (para tomar banho, lavar roupa e limpar seus pertences), lugares onde encontrariam alimentos (locais de doações e distribuição de comida) e lugares onde podem conseguir rendimentos (pontos fixos de venda de objetos recolhidos no lixo, locais onde se pede esmola).

Estas indicações de Escorel mostraram-se fecundas no esforço de adentrar o universo dos "moradores de rua". Assim, pude perceber bem que o Centro da cidade é o local preferido pelos personagens das ruas por oferecer condições de sobrevivência e, ao mesmo tempo, certa privacidade por ficar deserto à noite. De fato, à medida que fui avançando em meus percursos, observando os habitantes das ruas em Fortaleza, fui confirmando muitos destes fatos e situações descritas por estes pesquisadores, vendo suas expressões específicas locais.

No entanto, mesmo tendo esse conhecimento do Centro da cidade como local preferido pelos moradores de rua, resolvi viver uma "etnografia das ruas" fora do Centro, focalizando o meu campo de pesquisa em uma Praça próxima ao local onde vivo e ao local onde estudo: a Praça da Gentilândia. Esta escolha deveu-se sobretudo aos vínculos já estabelecidos com os habitantes das ruas que frequentavam esta Praça.

A dinâmica do campo exigiu uma ampliação do lócus da pesquisa em busca de personagens portadores do vírus HIV/Aids. Assim, realizei uma pesquisa de cunho etnográfico em casas de acolhida que recebiam pessoas em situação de rua, nomeadamente, o Centro de Convivência e Creche Madre Regina, a Casa de Apoio Sol Nascente, a Fraternidade Toca de Assis e o Espaço de Acolhimento Noturno, sendo este último espaço um abrigo da Prefeitura.

Quase todas estas instituições apresentavam normas bastante rígidas, duas

³⁰ "Cultura de rua" é uma expressão que uso para descrever o *habitus*, o *modus vivendi*, a linguagem e o jargão das ruas, apresentando-se como uma via de discurso que vem se afirmando na minha inserção no campo. É uma categoria em construção inspirada nas descobertas da etnografia nas ruas.

funcionam como instituições totais, e três ficam localizadas na periferia da cidade, com muros altos, e somente permitindo a entrada de pesquisadores depois de identificados e devidamente credenciados pelas instituições de ensino donde são oriundos.

Tomei a decisão de observar os sujeitos que habitam as ruas na Praça da Gentilândia e nas referidas casas de acolhida considerando que, nestes espaços, os personagens das ruas vivenciam uma relativa permanência, permitindo-me encontrar os mesmo personagens durante algum tempo, tendo, assim, interlocutores “fixos” na Praça da Gentilândia e nas casas de acolhida.

Outra razão para estas opções deve-se ao fato de que seria muito difícil encontrar interlocutores "ideais" para a minha pesquisa nos espaços do Centro da cidade, isto é, com as características peculiares que procurava em coerência com os recortes analíticos que, então, nortearam a minha pesquisa: moradores de rua vivendo com o HIV/Aids.

Iniciando os percursos etnográficos, decidi observar primeiro de forma exploratória, os habitantes das ruas na Praça da Gentilândia devido às “facilidades” de inserção, tentando perceber o seu *modus vivendi*, o *habitus* da rua. E, depois, observei de forma sistemática os habitantes das ruas que acessavam as casas de acolhida, procurando compreender os processos de desfiliação e refiliação, os seus percursos, as exclusões e inclusões precárias, as concepções e atitudes face ao HIV/Aids.

Este segundo momento do trabalho de campo foi deveras desafiador, caracterizando-se pelas observações sistemáticas durante horas seguidas, pelas conversas informais e entrevistas com os habitantes das ruas. Ainda neste período, as discussões teóricas dentro e fora da sala de aula acerca da metodologia de pesquisa foram muito importantes para o desenvolvimento da investigação, assim como a contribuição de professores de sociologia, dentre os quais destaco Linda Gondim e Leonardo Sá, nas disciplinas de Seminário de Dissertação e de Curso de Leitura II, respectivamente.

O diálogo permanente com a professora Alba Carvalho, minha orientadora, foi deveras interpelador para pensar o campo a partir das inspirações teóricas delineadas nos estudos. De forma especial, a interlocução com minha orientadora ajudou-me a perceber os deslocamentos do foco do objeto investigativo nos percursos da etnografia das ruas, que exigiram sempre mais a minha atenção e perspicácia.

Na construção do campo, os debates metodológicos do sociólogo norte-americano Becker foram deveras instigantes. Becker (1993) destaca que a “inserção” no campo de estudo é um problema metodológico negligenciado pelos pesquisadores, que pouco discutem

sobre as dificuldades de tal inserção ou de conseguir autorização para estudar determinado grupo-alvo. Assim, argumenta:

Um problema que aflige quase todos os pesquisadores – pelo menos todos aqueles que tentam estudar, por qualquer método, organização, grupos e comunidades do mundo real – é se inserir: conseguir permissão para estudar aquilo que se quer observar, entrevistar ou entregar questionários (BECKER, 1993, p. 34).

Ao discutir sobre as dificuldades encontradas no trabalho de campo, este autor destaca que “o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde ele está e resolve os problemas que ele quer resolver” (BECKER, 1993, p. 13). De fato, o autor mostra que, muitas vezes, o campo se apresenta distinto da realidade descrita ou esperada pelos teóricos e pesquisadores.

No âmbito das reflexões e discussões acerca da estratégia metodológica mais adequada para o desenvolvimento da pesquisa de campo, fui reforçando a opção pela etnografia a exigir-me atenção permanente numa atitude de respeito aos sujeitos, com observações sistemáticas na direção da pesquisa participante e conversas informais, e depois, exaustivas entrevistas que me permitiram recompor histórias de vida.

A dinâmica do campo exigiu-me um permanente “ir e vir” nos dois espaços, construindo estratégias metodológicas adequadas nos processos de observação e nas entrevistas em profundidade. Especificamente, para as entrevistas na composição de histórias de vida.

Aliado a estas estratégias metodológicas, utilizei um roteiro de questões abertas, no qual abordava as diferentes etapas da vida destes sujeitos – a vida antes das ruas, a vida nas ruas e a vida na casa de acolhida – enfocando temáticas como família, trabalho, religião, relações afetivas, sexualidade e o movimento de identidades. Pensei no roteiro de entrevistas como uma técnica que conferia maiores vantagens em relação às outras por se tratar de uma técnica pouco rígida e que permite que o entrevistado argumente de forma espontânea sobre vários assuntos, sem perder de vista os objetivos do meu trabalho.

Outro instrumento indispensável nos meus percursos etnográficos foi o diário de campo com registros amplos e sistemáticos, em busca de descrições densas e pistas interpretativas. As opções metodológicas justificam-se pela própria natureza da pesquisa buscando explorar aspectos comportamentais não mensuráveis, como a narrativa de suas experiências de vida, desfiliações, refiliações, percepção de risco e de vulnerabilidade, comportamentos diante da saúde e da doença, entre outros elementos de natureza qualitativa.

Em uma reflexão sobre aspectos metodológicos em pesquisas qualitativas, Becker (1993) recomenda observações numerosas, nas quais o pesquisador de campo deve entrar em contato contínuo com os seus sujeitos de pesquisa, coletando dados por meio de vários procedimentos, em diversos ambientes e em diferentes estados de espírito dos observados:

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER, 1993, p. 47).

De fato, as inspirações de Becker (1993) orientaram os meus percursos no campo de pesquisa com os habitantes das ruas, tentando penetrar na esfera mais íntima de suas vidas, conversando e partilhando experiências e vida.

2.1 Adentrando o universo dos habitantes das ruas: o que revelam as observações e primeiras entrevistas

No meu imaginário de pesquisador, com experiências investigativas em contextos moçambicanos, o trabalho de campo nas ruas de Fortaleza em busca de personagens nominados “moradores de rua” aparecia como um momento deveras desafiador que me deixava receoso e com muitas expectativas. Por ser estudante estrangeiro e “negro”, num país onde o preconceito e a discriminação racial são mascarados e negados, pensei que teria muitas dificuldades para me inserir no campo de pesquisa. Porém, aconteceu exatamente o contrário, pois tive algumas “facilidades” de inserção, tanto na Praça da Gentilândia quanto nas Casas de Acolhida, particularmente por conta das minhas características fenotípicas.³¹

Iniciei o trabalho de campo de forma não programada, nos circuitos do acaso. De fato, em uma tarde, na Praça da Gentilândia, decidi sentar num dos bancos da praça. Sentei-me em um banco, no qual havia uma árvore por trás a fazer uma pequena sombra. Este banco fica localizado precisamente na rua Waldery Uchôa, de frente para distintas instituições, uma casa de culto, uma escola pertencente a um sindicato que ministra cursinhos, o Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) e várias residências. No mesmo lado, existe um ponto de táxi. É este um lugar estratégico para os habitantes das ruas, pois

³¹ Uma prova daquilo a que designo de “facilidades” é o fato de ter sido confundido e tratado como são tratados os “moradores de rua” nas casas de acolhida e sentido os olhares hostis de usuários das casas de acolhida e particularmente de seguranças das instituições, onde fui alvo de inspeções, revistas, tal como o fazem com os “moradores de rua”.

agrega um público que chega de carro e possibilita serviços de “pastorar” e lavar carros. Após alguns minutos, sentado no banco da Praça, apareceu um personagem das ruas, incomodado com a minha presença naquele lugar.

Na verdade, aquele era o seu “pedaço”, lugar onde ele dormia e guardava os seus pertences. A categoria pedaço é usada por Magnani (1998) e melhor explicitada em sua obra de 2002. Magnani (2002) afirma que a noção de pedaço supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles. Esta é uma experiência concreta e compartilhada. Esta é uma modalidade particular de encontro, troca e sociabilidade supõe a presença de elementos mínimos estruturantes que a tornam reconhecível em outros contextos. De acordo com este autor, quando o espaço ou um segmento torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, este recebia o nome de pedaço.

Para Magnani (2002), o pedaço aponta para um terceiro domínio, intermediário entre a casa e a rua: enquanto que a casa é o lugar de família, a rua é dos estranhos, o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. No pedaço não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são de onde vem, do que gostam e o que se pode ou não fazer.

Durante a pesquisa percebi a existência de pedaços na Praça da Gentilândia e no seu entorno. Nesta praça, os bancos próximos ao estacionamento dos taxis e que ficam defronte de uma congregação religiosa e de um sindicato representam pedaços dos moradores de rua que o usam para dormir, descansar, guardar pertences, comer e beber, enquanto "pastoram" os carros.

Os outros usuários da praça evitam sentar nestes bancos, quando se sentam, abandonam os bancos logo que os moradores de rua chegam. Outros lugares que constituem pedaços dos moradores de rua são as marquises de um bar, de uma livraria e de uma escola de música que ficam na avenida 13 de Maio, próximos à referida praça, onde há lugares demarcados para cada um. Estes reservam lugares para os solteiros e para aqueles que vêm acompanhados de suas famílias.

Cabe um registro: dias depois, fui hostilizado por outro “morador de rua” por ocupar o mesmo banco. Com o passar do tempo, descobri que as pessoas que habitam as ruas usavam as árvores da praça e seus galhos para guardar seus pertences, precisamente mochilas, baldes, flanelas a secar, garrafas de bebidas alcoólicas e drogas, entre outros.

Na realidade, determinados bancos da praça eram usados pelos personagens das ruas de forma permanente, tomando-os como sua propriedade. Assim, outros usuários que frequentavam a praça com alguma regularidade, como casais de namorados, idosos, pessoas

que fazem *cooper* e taxistas, evitavam sentar-se em tais bancos, cientes de que cada lugar é um “pedaço” de um dado personagem das ruas.

Recordo-me de, durante os meus percursos de campo na praça, ter presenciado a saída de um casal adulto que namorava sentado num dado banco, segundos depois de eu e dois sujeitos que habitam as ruas sentarmo-nos no mesmo banco. Naquela tarde, o personagem perguntou-me, em tom ameaçador, o que queria naquele banco. Afirmei que a Praça era pública e por isso estava naquele banco. Este sujeito sentou-se ao meu lado, como que disputando o banco comigo, pois o banco era o seu território.

Depois de alguns minutos de estranhamento e de alguma hostilidade por conta da ocupação do seu pedaço, este personagem, que passo a denominar de “Instruído e Assustado”³², tornou-se o meu primeiro interlocutor e amigo em situação de rua. “Instruído e Assustado”, tal como outros habitantes das ruas, tinha muita curiosidade a meu respeito, por ser africano.

Em meia hora de conversa e esclarecimento de curiosidades acerca de África, “Assustado e Instruído” mostrou-se uma pessoa com conhecimentos sobre o continente africano que acompanhava algumas notícias da cena política internacional. Este sujeito também se revelou um personagem terno e carente de afetos, pegava nas minhas pernas, abraçava-me como se fôssemos amigos íntimos ou de longa data. Na mesma tarde, revelou-me dimensões de sua vida: estigma e preconceito de que é vítima por morar nas ruas; seus problemas com a família por conta do vício das drogas; o desejo e tentativas de sair desta situação. Após este primeiro contato, decidi fazer desta Praça o local da minha pesquisa de campo.

A partir das minhas conversas com “Instruído e Assustado”, consegui aproximar-me de outros personagens das ruas que usavam a praça de forma permanente, com os quais conversei e gravei entrevistas, cabendo destacar dois que se tornaram figuras centrais nas cenas constitutivas da minha aventura etnográfica nas ruas: “Sensível, Alegre e Esperançoso”³³ e “Outsider”³⁴.

É necessário demarcar que, antes de iniciar a observação, já frequentava a Praça da Gentilândia há alguns meses, onde jogava futebol e tinha feitos amigos que nela viviam.

³² Este é o pseudônimo que atribui a este personagem que constitui o sujeito que me abre as portas do campo. Cabe sublinhar que este jovem não constitui um dos personagens com quem mantive interlocuções (re) construindo “histórias de vida nas ruas”. Como usuário de drogas, este habitante das ruas não frequentou o campo no momento em que, após construir vínculos, passei às entrevistas.

³³ Este é o pseudônimo que atribui a um dos interlocutores-chave desta pesquisa, com o qual construí vínculos profundos, gravei várias horas de pesquisa e construí história de vida durante a pesquisa na Praça da Gentilândia.

³⁴ Pseudônimo que atribuo a outro personagem-chave desta pesquisa, com o qual travei conhecimento, gravei entrevista e fui tentando me aproximar mais, até ao dia em que deixou de frequentar a Praça da Gentilândia.

A praça situa-se entre a faculdade onde estudo e a casa onde vivo, o que me permitia passar por este local todos os dias e ficar neste espaço cerca de 15 horas por dia, principalmente aos finais de semana. Outra facilidade encontrada foi o fato de facilmente “misturar-me” com os meus interlocutores, já habituados com a presença de africanos neste local.

Aos poucos, fui aceito entre as pessoas em situação de rua na Praça, quer como usuário deste espaço, quer como amigo. E, fui aceito com relativa facilidade entre estes sujeitos por ser negro, africano e magro. Em quase todos os contatos com os habitantes das ruas, estes sujeitos pensavam que eu fosse usuário de drogas, e assim, que dirigia-me a eles para efetuar compra, ou que estivesse morando nas ruas. Estas situações revelam a existência de uma empatia e identificação entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador. A mesma empatia e identificação ocorreu nas três instituições de acolhida filantrópico-religiosas e no abrigo público, locais onde também de realizei pesquisa.

Outro aspecto que facilitou a minha inserção no campo com os sujeitos de pesquisa, e que fez com que me “misturasse” facilmente foi o fato de vestir-me de acordo com a situação, trajando-me de forma simples. De fato, quando ia à pesquisa de campo, usava sempre a mesma roupa: camiseta, shorts, sandálias ou tênis rasos já gastos e com escritas alusivas a eventos ou de instituições, e todas essas roupas, sempre não muito limpas e de baixa qualidade. Também nunca usava perfume ou cremes para ficar com um cheiro característico, pois, à medida que ia realizando a pesquisa, percebi que o uso de perfume, loções e cremes, davam um aspecto muito asseado, o que afastava os habitantes das ruas com seu cheiro forte.

Recordo-me que por um período passei cerca de um mês usando as mesmas peças de roupas no trabalho de campo. Quando saía de casa, levava sempre cerca de R\$ 10,00 em moedas, pois, quase sempre, os meus interlocutores pediam-me dinheiro. Entendo que o campo em uma dada pesquisa é perpassado de relações de troca. A rigor, a pesquisa é uma relação...

Foi na praça da Gentilândia onde fiz os primeiros "amigos" e interlocutores da pesquisa – habitantes das ruas –, onde fui sociabilizando com este segmento e conhecendo as vivências, o *habitus* das ruas, sobretudo no período noturno. Foi a vivência cotidiana neste local que me permitiu construir roteiros de entrevistas em consonância com a “cultura das ruas”. Foi lá que construí as primeiras relações constitutivas de pesquisa.

Na realidade, a praça da Gentilândia mostrou-se um local privilegiado para adentrar o mundo das pessoas em situação de rua, pelo fato destes personagens utilizarem este local para os mais variados fins, desde trabalho, como flanelinhas e o “pastoradores” de

carros, ao consumo e venda de drogas, constituindo-se, regularmente, também como local de descanso, lazer e dormida. Esta praça concentra um grupo relativamente permanente de habitantes das ruas em seu nomadismo, o que permitiu aproximar-me deste grupo com relativa facilidade e acompanhá-los por mais de um ano.

Inicialmente, observei e conversei com as pessoas em situação de rua que usufruem desta praça. Quando senti que já tinha construído vínculos com estes personagens, comecei as entrevistas. De início, entrevistei seis sujeitos das ruas que viviam na praça. Estes entrevistados se encontravam em situação de rua há mais de dez anos e dois deles possuíam carroças com as quais trabalhavam na recolha de resíduos sólidos.

Aos domingos à tarde, os habitantes das ruas e outros usuários da Praça da Gentilândia sentavam e lotavam os muros laterais da quadra de futebol para assistir as meninas africanas jogando futebol. Nestes momentos, sentava-me no meio dos brasileiros e dos personagens das ruas e ia escutando as conversas e os comentários que, ora discriminavam, ora sexualizavam os africanos. E, nestas escutas de observação, me inteirava dos esquemas montados para a compra e venda de drogas, com mecanismos de alerta sobre a presença da polícia. Estas conversas revelavam muitos aspectos da vida e hábitos deste segmento. Senão, vejamos a conversa entre dois personagens das ruas, durante uma partida de futebol entre jovens africanas:

Ai se Kiki pega uma dessas... [africana]. Eu pago até 150 conto pra ter uma delas, com motel, bebida e tudo. Mas elas têm b... grande. Acho que vou me perder, terei que acender a luz pra encontrar a b..., de tão escura que ela é. Eu posso trabalhar a vida inteira só pra lhe sustentar, pra ter um dessas em minha casa.

Deste modo, estes sujeitos das ruas, em suas conversas, insinuavam a frequência a motéis, quando dispunham de quantias em dinheiro que possibilitasse o acesso a tal serviço. Por outro lado, o relato acima descrito pode levar ao entendimento de uma vida sexual ativa e certa ligação com o trabalho. A afirmativa “trabalhar a vida inteira”, que contraria as percepções de senso comum de que os “moradores de rua não querem trabalhar”, são vagabundos e marginais.

Mais tarde, quando me envolvi de forma mais profunda com este grupo, pude confirmar esta intuição da existência de uma “ética no trabalho”: a pontualidade na hora de acordar e deixar limpo o “pedaço” onde dormem; a fidelidade aos clientes donos dos veículos que “pastoram”; e o esforço para impedir roubos de equipamentos e objetos em tais veículos.

Também foi notório, em muitas conversas informais, o desejo destes sujeitos de conseguir um trabalho com carteira assinada, a sua disposição em fazer e aprender a fazer

todo o tipo de bicos. Foi assim que passei a admirar a disciplina dos “pastoradores” de carros e dos flanelinhas, trabalhos desvalorizados e estigmatizados pelo resto da sociedade e, muitas vezes, associados à obtenção de rendimentos para a manutenção de vícios e à “indústria do medo” de assalto aos veículos.

Vários sujeitos das ruas trabalham como flanelinhas, “pastorando” e limpando os carros dos automobilistas que usam a Praça da Gentilândia e os estabelecimentos nas imediações. É na praça onde os habitantes das ruas fazem uso abusivo de álcool e de drogas e satisfazem algumas das necessidades biológicas, como comer e urinar.

Durantes estes percursos do campo, observei que estes personagens se alimentavam e faziam a higiene corporal em algumas casas no entorno da praça e, também no “Dispensário dos Pobres”, uma instituição filantrópico-religiosa católica, localizada na avenida da Universidade no bairro Benfica, fundada pela irmã Inês da ordem das Irmãs da Caridade, que se situa há duas quadras de distância da praça. Entretanto, nunca vi os habitantes das ruas tomarem banho ou defecar na Praça.

Durante a estadia na praça, observei por várias vezes, estes sujeitos juntarem o lixo espalhado no chão e colocarem nos devidos recipientes. Nos dias chuvosos e frios, estes personagens se deslocavam da praça para as marquises das lojas e dos bares da redondeza. À medida que avançava neste estudo, fui mobilizando, em campo, as minhas experiências de pesquisador, fazendo anotações no diário de campo e gravando as interações com este grupo com o seu devido consentimento. Passei a assistir aos jogos ao lado dos habitantes das ruas, de modo a escutar todas as conversas e perceber um pouco do mundo destes personagens.

Nesta pesquisa de campo, as ideias de Becker (1993) acerca da inserção no campo ajudaram a situar-me nos contextos da pesquisa. Este autor recomenda que o pesquisador use a sua própria experiência na situação, para produzir evidências nas interações com o grupo-alvo. Assim, adotei como via metodológica, a observação sistemática do modo de vida dos personagens das ruas que habitavam a Praça da Gentilândia.

Normalmente, chegava a esta praça cerca das oito horas da manhã e somente saía cerca da meia-noite, quando os meus “amigos” e interlocutores decidiam dormir. Durante estes percursos de campo, “virei a noite” de várias sextas-feiras e sábados na praça, bebendo e conversando com os meus interlocutores, só voltando para casa cerca das seis horas da manhã. Nestes dias, quase sempre os meus interlocutores faziam uso abusivo de álcool e drogas enquanto pastoravam carros. As sextas-feiras e os sábados eram os dias em que estes sujeitos subvertiam todas as normas e regras que regem suas condutas no cotidiano, tal como fazem os outros segmentos que compõem a sociedade.

Relativamente à pesquisa com grupos considerados “desviantes” pela sociedade, Becker (1993) recomenda a adoção de determinado tipo de metodologia adequado a estes grupos, devendo o pesquisador de campo “coletar dados por um período prolongado de tempo” e, fazer “numerosas observações em várias situações e usando diversas técnicas”, reduzindo a possibilidade de *bias*³⁵ ou viés na pesquisa. As observações contínuas, recomendadas por Becker (1993) devem evitar também que o observador “veja apenas o que ele quer ver” e ignore fatos desagradáveis ou chocantes. Acerca da postura do pesquisador na pesquisa, o autor argumenta que:

[...] se então, fizermos observações numerosas e prolongadas por um período longo de tempo, veremos, se não tudo, pelo menos a maioria das coisas e temos de fazer algumas conjecturas bastante boas sobre o resto (BECKER, 1993, p. 89).

Tentei incorporar estas pistas metodológicas do autor nas minhas posturas e atitudes em campo. Desse modo, como fruto das observações sistemáticas, fui percebendo dimensões da “cultura das ruas”: os conflitos existentes nas ruas; as disputas por pedaços para dormir e por pequenos objetos, aparentemente sem valor para quem vive em domicílio; o imediatismo; as dificuldades e a preocupação destes personagens habitantes das ruas com a temperatura e condições atmosféricas que ditam o local a pernoitar; a falta de confiança no outro; o uso abusivo de álcool e drogas; o medo da polícia; as relações afetivo-sexuais; os amores e desamores dos sujeitos das ruas.

Vejamos o depoimento de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, de 45 anos de idade, homossexual assumido, habitante das ruas há mais de dez anos e usuário da Praça da Gentilândia, ao fazer uma breve retrospectiva acerca da sua vida, das idas e vindas às ruas, em uma das ocasiões em que “viramos a noite” de uma sexta-feira na praça:

Eu só fumo quando eu estou com raiva, quando alguém em faz raiva. Ontem tinha um dinheiro pra eu fumar: merendei, lanchei, fumei minha boa maconhazinha, fui dormir feliz e um sono ótimo. Era 9h, eu já tava, era dormindo. [Maconha] Não é bom? Não é droga, isso não é droga, é um remédio! Agora eu vou usar o crack, passar a noite feito um zumbi, arrodando a praça, olhando pro chão? Catando o quê no chão? Se eu não perdi nada. Já aluguei casa, mas não deu certo porque eu aluguei casa pra morar junto. Aí a gente começava a brigar, o cara não ia mais pra casa e eu começava a dormir só. Aí eu começava a cair no crack dentro de casa, cheirava cocaína e fumava crack porque o cara não vinha dormir dentro de casa. E ali, a minha vida, eu ia me destruindo. Aí voltava pra casa da minha mãe, e da casa da minha mãe voltava pra rua. Me juntava de novo, e alugava outro canto. Já fui junto umas oito vezes. A última vez, agora foi com o Gregório, antes foi com o Cícero, depois o Graxinha, depois o Eduardo, depois o Armando e o Hernani. Mas sempre a

³⁵ Becker (1993, p. 75) designa de *bias* a tendência ou enviesamento na pesquisa provocada por causas externas, constrangimentos e por questões inconscientes dos próprios pesquisadores, como a simpatia, modo de vestir, o sexo, raça ou status do entrevistador que influenciam as respostas dos entrevistados.

gente foi feliz.[...] Às vezes eu passo por depressão, eu tenho depressão. Eu nunca vou dizer que eu nunca tive. Mas foi muito difícil, muito difícil eu ter uma depressão assim. Já tentei suicídio, cinco vezes. No tempo que eu usava droga mesmo, demais. Fumava muito roipinol, tomava muito roipinol. Aí misturava roipinol, aranha, berfongil, mintil, pra se envenenar. Aí bebia Drew, Whisky, quando meu pai era vivo. Drew, Whisky, cheirava cola, aí filho já era. Mas agora não quero mais não. Tenho umas vez depressão, quando eu tenho raiva, quando alguém me faz raiva, quando eu tenho raiva, aí eu fico com aquela depressão. Me dá uma coisa muito ruim, a depressão. É péssimo, você tem que ter muita força, porque através da depressão é que vem o suicídio, que vêm as besteiras, a loucura que você faz. Minha depressão, graças a Deus, eu consigo vencer todas elas. Choro só, vou pro um cantinho, choro só, desabafo só, entendeu. Ali eu entrego a Deus, peço uma força a Deus, peço a Nossa Senhora de Fátima, que é uma santa ótima. Eu amo ela, amo demais, que eu já vi ela. Já vi ela três vezes na morte, no dia que eu levei essa facada no pescoço que eu fiquei em coma três dias, eu vi ela todinho. (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto 2011).

O relato acima circunscreve o desabafo deste personagem em suas emoções e sentimentos: a experiência nas ruas em meio ao desejo reiterado de viver dentro de uma casa, as suas trajetórias de vida perpassadas pelo uso abusivo de álcool e drogas e pelas desfiliações e refiliações nos percursos das ruas. Esta narrativa coloca em foco a vida afetivo-sexual, os momentos de raiva e de depressão, as tentativas de suicídio, o companheirismo, a fé em Deus, sublinhando as crenças religiosas. Neste depoimento, o vício das drogas aparece como elemento definidor de rupturas familiares. Na fala deste sujeito das ruas, faz-se visível a dimensão humana de um homem angustiado, com seus desejos, expectativas, alegrias e frustrações, inseguranças afetivas e vivências de fé.

De fato, durante as interações com os personagens das ruas, pude traçar o perfil dos sujeitos de pesquisa: indivíduos do sexo masculino³⁶ entre os 25 e 55 anos de idade, magros, pardos ou negros, apresentando pouca escolaridade e rupturas familiares anteriores à vida nas ruas; alguns eram oriundos de municípios do interior do Ceará ou de bairros e classes populares da cidade de Fortaleza, tendo a maioria, vivenciado exclusões e destituição de direitos na infância, e alguns, com histórias dramáticas e dependência em relação álcool e drogas. Quase metade dos habitantes das ruas com os quais interagi era homossexual ou integravam a categoria de homens que fazem sexo com homens, com uma vida sexual ativa. Vejamos no depoimento seguinte, a fala de um habitante das ruas homossexual assumido, durante uma conversa informal na Praça da Gentilândia:

³⁶ Cabe destacar que, mesmo sendo do sexo masculino, nem todos os interlocutores assumiam a identidade masculina. Diante de amigos chegados e, em conversas íntimas, alguns assumiam identidades femininas, adotando gestos, posturas e nomes femininos. Alguns se comportavam como verdadeiras mulheres em seus papéis no cotidiano e sentiam-se atraídos por pessoas do mesmo sexo. Depois de vários meses de convivência, estes sujeitos foram se revelando, assumindo-se como gays e travestis. Após quase um ano de convivência, comecei a interrogá-los sobre as suas interações afetivas e sexuais durante as entrevistas.

Gostaria de ter um negão desses, me levar pa África [apontava para o pesquisador em tom de elogio] onde tem homi de verdade, não essas bichonas. Ia me rasgar todinho, mas eu não me importava. Eu quero é um africano, um homi desse tamanho, pa me fazer feliz, um homi pa me desrespeitar a noite inteira (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto 2011).

À medida que fui observando, de forma sistemática, e conversando com estes personagens, fui adentrando o seu mundo e inteirando-me das dificuldades por que passavam. Nessas trajetórias, percebi algumas situações intrigantes, ao mesmo tempo, instigantes, relativas às dificuldades destes sujeitos em acessar aos hospitais e postos de saúde, enfim, ao Sistema Único de Saúde (SUS). Na praça, pude acompanhar os modos de vida, o *habitus*, a linguagem, a vida afetivo-sexual, a relação com a polícia, as abordagens, as prisões, o uso de álcool e drogas e a relação destes habitantes das ruas com o trabalho e outras esferas da vida.

Somente assim, pude acompanhar a "experiência" de viver na rua, a partir do ponto de vista dos "moradores de rua", parafraseando Clifford Geertz (2006). Na sua obra “*O saber local*”, Geertz (2006) recomenda aos pesquisadores conhecer a maneira como os sujeitos de pesquisa “pensam, sentem e percebem o mundo”, distinguindo dois níveis de experiência: uma “experiência próxima”, característica dos sujeitos pesquisados no seu cotidiano; outra “experiência distante”, característica do pesquisador, com seus conceitos e arcabouços teóricos. Este antropólogo norte-americano propõe aos investigadores a adoção do “ponto de vista do nativo”, em oposição à ideia do pesquisador de campo “semicamaleão” que, segundo o mito, “se adapta perfeitamente ao ambiente que pesquisa, com empatia, tato, paciência e cosmopolitismo” (GEERTZ, 2006, p. 85).

Inspirado em Geertz, pude chegar mais próximo ao modo de vida dos “moradores de ruas”, percebendo-os, a partir do ponto de vista deles. De fato, nesta aventura etnográfica nas ruas, Geertz (2006) e Becker (1993) instigam-me a pensar nos sujeitos de pesquisa, seu *habitus*, valores e atitudes no cotidiano. Avançando no desenho etnográfico, Victor Turner (1974) abre pistas analíticas que me levaram a explorar momentos específicos vivenciados na praça, a constituir o que ele denomina de “momentos liminares”³⁷ para os habitantes das ruas que ocupam esta Praça.

³⁷ Expressão cunhada por Turner (1974) para designar "fases" ou “momentos liminares” dos rituais de passagem em grupos tribais, aqueles períodos em que os indivíduos passam por uma “ambiguidade de status”, distanciando-se e, em seguida reaproximando-se da estrutura social, perdendo o seu status. Em Turner, a “liminaridade” é comparada à morte e à invisibilidade, pois, nestas situações, os indivíduos não possuem mais o status e, se distanciam simbolicamente da estrutura hierárquica da sociedade, passando para um estado de comunhão, de igualdade entre os indivíduos - *communitas*. Tal dinâmica social apresentada por Turner (1974) resulta de uma subversão ou oposição a uma ordem estrutural vigente. De acordo com este autor, esta subversão é cíclica e ocorre em momentos designados como “liminares”, nos quais os indivíduos libertam a sua criatividade. A subversão ou oposição torna temporariamente aceitáveis, permissíveis ou toleráveis práticas que são habitualmente consideradas indesejáveis ou não recomendáveis.

Nesse sentido, recordo-me, particularmente, de determinados dias: noites de sextas-feiras, de sábados e dias que antecediam a feriados ou quando havia shows de música na Praça da Gentilândia. Em tais momentos, os personagens das ruas sentiam-se “livres” das restrições habituais impostas pelo trabalho durante o dia, dos horários para acordar normatizados pelo comércio e serviços. Eram ocasiões para beber, usar drogas com uma liberdade peculiar. Nesse clima, os habitantes das ruas pareciam se misturar com outros usuários da praça e, normalmente, aconteciam brigas e cenas de violência entre eles e a ação polícia resultava em prisões por posse de droga.

Entretanto, estas situações “liminares” eram vivenciadas não apenas pelos sujeitos que habitam as ruas, mas também, por outros usuários da praça, que “viravam” a noite bebendo e usando drogas, “ficavam”³⁸ e namoravam até tarde nos bancos, independente da orientação sexual, do status e da condição social.

Durante estes eventos, a sociabilidade entre usuários da praça e habitantes das ruas aumentava e, momentaneamente, todos se tornavam relativamente “iguais”. Os sujeitos das ruas eram solicitados para determinados “serviços”, como compra e venda de droga para terceiros, particularmente, para aqueles que não queriam se expor diretamente aos traficantes e à ação repressiva da polícia. Assim, era notório, ver habitantes das ruas e outros usuários da Praça sentados, partilhando o mesmo banco, em rodadas de cachça, de cerveja, de vinho e de drogas, em uma partilha em igualdade, sem distinção de condição social. Quando estas substâncias acabavam, cada pessoa disponibilizava o dinheiro que pudesse, contribuindo para comprar “mais” e não cortar o “barato”.

Nestes dias da semana, geralmente eu voltava para casa sem nenhum dinheiro nos bolsos, porque tinha que contribuir para a compra de álcool. Entretanto, não contribuía para a compra de droga, pois nunca as usei por opção e por temer problemas com a polícia caso fosse abordado. Esta “condição” da minha participação nestes “momentos liminares” foi deveras respeitada pelos “interlocutores” da pesquisa.

Relativamente a estes eventos e circunstâncias específicas, Becker (1993) chama atenção dos perigos metodológicos que o pesquisador corre, ao observar os sujeitos de pesquisa durante estes momentos. Usando uma expressão distinta da ideia de “liminaridade” – utilizada por Turner (1974) –, Becker (1993) designa estes eventos de “momentos livres de restrições” ou *bias* de pesquisa. Na visão deste metodólogo, a observação de tais eventos teria como uma possível consequência a limitação do alcance do olhar do observador sobre a

³⁸ Na gíria dos jovens, esta expressão designa relações fugazes e fluídas que podem durar de algumas horas a uma semana, ou um mês no máximo. Interações afetivas de curta duração, caracterizadas pela descartabilidade.

realidade estudada, pois os sujeitos estariam livres de restrições externas e se comportariam de modo diferente do comum. Sobre este assunto, Becker (1993) argumenta:

O bias do observador poderia então influenciar o que o observador vê, pois os sujeitos do seu estudo estariam livres para reagir a suas pistas. Se o observador observasse apenas nestas ocasiões, ou em umas poucas ocasiões que por acaso fossem deste tipo, estaria na posição do experimentador que faz uma série limitada de observações quando seus sujeitos estão livres de restrições externas (BECKER, 1993, p. 84).

Sobre este debate, compreendo a pertinência desta sinalização metodológica de Becker (1993). Porém, o campo mostrou-me que, no trabalho etnográfico, estes momentos também devem ser observados. A etnografia nas ruas revelou que a observação de todos os momentos e eventos se faz importante para a compreensão do cotidiano e peculiaridade dos sujeitos da pesquisa.

Assim, ao longo da pesquisa, participei de vivências cotidianas e momentos liminares com os habitantes das ruas na Praça da Gentilândia quando, neste local, “misturavam-se” distintos atores: idosos e adultos fazendo *cooper*; casais de namorados homo e heterossexuais; jovens oriundos de várias “tribos” juvenis; imigrantes africanos e brasileiros que jogavam futebol na quadra; grupos de estudantes com violões tocando música; ladrões que armavam mecanismos para arrombar portas dos carros e roubar bens e acessórios; jovens traficantes andando de bicicleta fazendo papel de aviãozinho;³⁹ vendendo e consumindo drogas; taxistas que se organizam em fila esperando clientes que saiam dos bares, dos restaurantes, das igrejas e de outras instituições que ficam no entorno da praça.

Especificamente nas “noites liminares”, na Praça da Gentilândia, os habitantes das ruas, ao fazerem uso abusivo de álcool e drogas até ficar “noiados”, expressavam-se com mais veemência: protestavam, reclamavam e falavam acerca das dificuldades, frustrações e vulnerabilidades enfrentadas. Vejamos a fala de um habitante das ruas, durante um destes eventos:

Sabe, quem tá na rua não dorme, cochila. Tô cansado desses bancos duro. Nesses banco você não tem como dormir, você já acorda cansado de tão duro que é. Passa esses paredão e despertam você. Quero ter meu barraco, minha casa, minha cama com travesseiro, minha móbilete, minha televisãozinha e meu fogãozinho. Acordar cedo, vir trabalhar, depois.., lá pas 4 da tarde, voltar pa casa, cozinhar, ver minha novela e dormir. Nos sábado e domingo, vir à praça de bicicleta, passear. Mas, cada vez que eu alugo meus barraco, vem esses vagabundo me oferecer droga, usar droga dentro da minha casa. Tô cansado dessa vida (“Sensível, Alegre e Esperançoso” agosto 2010).

³⁹ No jargão das ruas, esta expressão refere-se à pessoa, geralmente garotos menores de idade, que transporta droga de um local para o outro. O mesmo que transportador de droga.

A partir dessas e outras “falas-desabafo”, pude perceber os sonhos e anseios dos sujeitos das ruas. Muitos destes personagens chegam a expressar a sua insatisfação por morar nas ruas, tendo, por diversas vezes, tentado reorganizar suas vidas, sem êxito devido à dependência das drogas e influências negativas de companheiros.

É emblemática a trajetória de “Sensível, Alegre e Esperançoso” na condição de habitante da Praça da Gentilândia. Há vários anos que este habitante das ruas vive na expectativa de conseguir um trabalho com carteira assinada. Porém, cada vez que deseja retirar documentos de identidade, recorda-se de que praticou crimes no passado e que tem problemas com a justiça, desistindo, então, de retirar os documentos. Vejamos a fala deste personagem:

Mudei né, porque na minha infância eu era muito danado, muito danado. Mexi muito nas coisas dos outros, era uma vida muito amaldiçoada, mas agora não. Agora tô recuperado, graças a Deus. Pelo jeito que eu era, do jeito que eu tava indo, se eu não tivesse deixado a maioria das drogas eu tinha morrido, por que, eu era muito danado.[...] – “Ah, já fui preso muitas vezes que perdi as conta. Quando eu tinha meus 14 anos, a minha casa era a delegacia. Já acordava pra ver a turma na porta da minha casa, no 30º Distrito Policial”. – “Mbora 14, mbora 14. E o delegado me chamava de 14, porque eu passei 5 anos indo preso porque só dava 14 anos, 14 anos. Porque mudava, quase todos os anos mudava de delegado”. Aí teve um policial que um dia, o policial não mudou, não saiu, né, ficou. Aí disse: – “rapaz, levanta direito a fichinha desse cara aí, que tá com 4 anos que esse cara entra aqui dentro e só dá 14 anos”. Tem 14 anos. O policial disse : – “Qual é mesmo o nome dele?” Aí hoje em dia, eu tô de boa. [...] Aí eu fui perdendo muitos amigos e fui ficando velho, apesar de naquele momento que eu fui ficando mais velho, mais adulto, eu vi que ali não tinha futuro de eu estar no meio daquela gangue. Que ali era mesmo só chamando a morte. Aí eu fui saindo (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto 2010).

De fato, um segmento dos “moradores das ruas” desejava habitar uma casa e levar uma vida rotineira própria de quem vive em domicílio, com hora certa para acordar, arrumar a casa, fazer a limpeza, ir ao trabalho, almoçar, jantar e dormir. Durante os meus percursos de campo, percebi que, dentre tais sujeitos, alguns se lembravam de personagens emblemáticos das telenovelas que assistiram no passado quando viviam em casa, outros lembravam-se de um episódio ou personagem marcante de alguma telenovela recente, ou de uma notícia que comoveu os telespectadores dos “programas policiais” que passam em quase todos os canais televisivos.

Nesta “convivência”, uma outra descoberta foi a existência de uma ampla rede de pessoas e de instituições filantrópicas que ajudam os sujeitos que habitam as ruas. Sem sombra de dúvida, diria que, sem estas ajudas, seria impossível a sobrevivência das pessoas que habitam as ruas. Alguns personagens das ruas sobrevivem graças às esmolas e boa vontade de transeuntes, às vezes em uma relação de troca de favores e/ou interesses. De fato, boa parte destes sujeitos presta serviços tais como: pastoreio, guarnição e lavagem de carros;

transporte de objetos pesados; corte e podagem de árvores em casas; pintura de muros e paredes; compra e venda de droga para terceiros.

Relativamente aos usos que estes habitantes das ruas faziam da Praça da Gentilândia, verifiquei que a maioria usavam-na de forma permanente e com variados fins, fazendo dela suas “casas”: utilizando-a como local de trabalho, de lazer, de alimentação e, seus bancos como dormitório. Neste espaço, os habitantes das ruas sobrevivem prestando serviços a outros usuários da praça, particularmente aos donos dos automóveis que estacionam neste logradouro, às donas de casa no entorno e aos taxistas. Mas também ganhavam alguns “agrados” de outros usuários “regulares” da praça: pessoas que faziam *cooper*, idosos que usavam este espaço para lazer, crentes de uma igreja e, particularmente, estudantes que compravam droga através destes sujeitos para não se expor. Em troca, recebiam “quentinhas”, dinheiro, peças de roupa, entre outras coisas. Foi neste contexto que observei e entrevistei as pessoas que habitam as ruas, em seu cotidiano na praça, observando suas vidas e os diferentes usos que faziam da praça.

Além da prestação de serviços para terceiros, observei também dificuldades dos habitantes das ruas: a dependência em relação às drogas; as feridas necessitando de curativos e que não saravam; problemas de saúde; doenças crônicas como a hipertensão, “cansaço” como é chamada bronquite asmática; as necessidades e dificuldades em acessar os serviços médicos; as tentativas frustradas de retirar documentos e de sair das ruas; tentativas mal sucedidas em abrir bancária e passar a guardar o dinheiro do “pastoreio de carros” antes do traficante ou dos “noieiros” chegarem para-o vender drogas; falta de compreensão de suas famílias e outras situações.

Durante meus percursos na aventura de pesquisa, percebi que os dias de frio e chuva eram, particularmente, difíceis para estes sujeitos, pois tinham que “disputar” locais abrigados nas marquises dos bares e lojas no entorno da praça e somente o faziam quando estes estabelecimentos fechavam.

A violência física e simbólica⁴⁰ praticada pelas diferentes unidades policiais é outra componente da vivência destes sujeitos: as abordagens policiais feitas com a “arma na mão” e/ou apontadas às cabeças e aos corpos destes sujeitos; as frequentes “revistas”, em meio a humilhações; o olhar e tom de voz desconfiado, preconceituoso e o “xingamento”,

⁴⁰ De acordo com Bourdieu (2002, p. 43), a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante quando ele dispõe – para pensar e para se pensar, ou para pensar a sua relação com ele – mais do que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural. Assim, as classificações são incorporadas e naturalizadas, como por exemplo, alto/baixo, masculino/feminino, negro/branco.

característico das relações das forças policiais com determinados grupos sociais.⁴¹ Por estas razões, sempre que me deslocava à Praça da Gentilândia levava o meu Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), a carteira de estudante e uma credencial que confirmava a realização da minha pesquisa de campo.

Na realidade, a Praça da Gentilândia representava um "lugar perigoso". Durante os meus percursos neste espaço, presenciei a vários arrombamentos, seguidos de roubo dentro de automóveis de usuários da igreja e dos bares no entorno da praça. Os roubos aos automóveis aconteciam a partir das 22 horas, quando os habitantes das ruas que guarneciam os carros ficavam bêbados e/ou "noiados", ou dormiam em "pleno horário de trabalho". As prisões em flagrante efetuadas pela polícia contra os usuários, por porte, consumo e venda de drogas foram situações que se tornaram corriqueiras no cotidiano da praça.

Também presenciei uma briga que, por pouco, resultava em morte⁴² e, três mortes por arma de fogo, duas fruto de brigas e uma em decorrência de um assalto. Todos estes acontecimentos e circunstâncias, por mim vivenciadas, configuraram as tramas da "experiência etnográfica" com os sujeitos que habitam as ruas, como diria Geertz (2006). Ao dissertar acerca deste método, este autor recomenda aos pesquisadores que estejam "lá", isto é, no campo coletando dados com os interlocutores. Senão vejamos:

O que um etnógrafo propriamente dito deve fazer, propriamente, é ir a lugares, voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis á comunidade especializada, de uma forma, em vez de ficar vadiando por bibliotecas, refletindo sobre questões literárias. (GEERTZ, 2006, p. 11).

Foi a partir de observações, anotações e entrevistas de "ter estado lá" na Praça da Gentilândia e em casas de acolhida, que pretendi compreender a vida destes personagens a partir das suas concepções, representações e visões acerca da saúde e doença; saber dos seus conhecimentos sobre estes assuntos e perceber a sua relação com o sistema formal de saúde.

Para tal, além das observações e conversas informais, realizei, à guisa de pré-teste, entrevistas preliminares consolidando um roteiro de entrevista com perguntas abertas sobre vários assuntos, enfatizando os processos de saúde e doença, com os habitantes das ruas.

Optei pelo o roteiro de entrevista por ser um instrumento de fácil aplicação,

⁴¹ Recordo-me de ter presenciado uma abordagem policial na Praça da Gentilândia, na qual cerca de vinte pessoas, entre habitantes das ruas e jovens usuários da praça oriundos das classes populares, foram colocados lado a lado em uma fila e alvo de revistas. Alguns foram flagrados com drogas e, em retaliação, os policiais obrigaram-nos a ficar em pé, com as mãos nas cabeças e as pernas afastadas durante mais de 40 minutos. Depois que foram liberados, vários habitantes das ruas foram de imediato dormir, de tão cansados que estavam.

⁴² A referida briga envolveu o personagem "Sensível, Alegre e Esperançoso" e outro habitante das ruas, por conta de um boneco de pelúcia. Esta "cena" é relatada pelo próprio personagem, no terceiro capítulo desta dissertação.

propiciando aos meus interlocutores falar à vontade acerca das suas trajetórias e processos identitários, descrevendo as suas experiências nas ruas, atitudes e práticas quando ficam doentes.

Sobre as estratégias metodológicas na construção de vias investigativas, Robert Richardson (1997) argumenta que o pré-teste do instrumento de coleta de dados tem como objetivos conseguir novas informações com o grupo-alvo, evitar erros, vieses e falhas existentes nas perguntas. Mas também, permite aos pesquisadores formular e acrescentar novas questões, familiarizando-os com os instrumentos de coleta de dados e, finalmente, testar a sua experiência. Na ótica deste autor, o pré-teste é também um momento para observação e dissipação de dúvidas no campo de pesquisa, de verificação a operacionalidade do instrumento de pesquisa, de modo a abrir momentos de discussão e revisão do mesmo (RICHARDSON, 1997). Assim sendo, pensei no roteiro de entrevistas como uma técnica que conferia maiores vantagens em relação às outras.

De fato, esta técnica pouco rígida permite que o entrevistado argumente de forma espontânea sobre vários assuntos, sem perder de vista os objetivos do meu trabalho.

Foi a partir do teste do roteiro de entrevista, que pude adequar a linguagem formal que usava para uma linguagem mais corrente e mais próxima da vida nas ruas, enfim, do cotidiano dos seus habitantes. Como exemplos das tentativas de aproximar a linguagem do roteiro às falas dos sujeitos da pesquisa, ao invés de usar a palavra infecção transmitida sexualmente, passei a usar a expressão DST para designar as doenças sexualmente transmissíveis. Ao invés de termos como vulnerabilidade e riscos, passei a usar dificuldades, situações de perigo, entre outras. Ao invés de abstinência, passei a usar a expressão fissura, da palavra ressaca passei a usar lombra, noia, adotando, dessa forma, a linguagem e o jargão utilizado pelos habitantes das ruas.

2.2 O segundo momento da pesquisa: percursos de campo em abrigos e casas de acolhida

A pesquisa com habitantes das ruas a transitar em casas de acolhidas constituiu o segundo momento do meu percurso de pesquisa. Como pesquisador, cabe agora narrar como foram as minhas vivências no campo ao adentrar a cena dessas instituições, em busca dos personagens das ruas. Nos percursos deste segundo momento, desenvolvi pesquisa em três instituições de acolhida, nomeadamente, no Centro de Convivência e Creche Madre Regina,

na Casa do Sol Nascente de Adultos e, por fim, na Fraternidade Toca de Assis, passando cerca de dois meses em cada uma delas.

Também realizei visitas durante um mês no Espaço de Acolhimento Noturno (EAN) um equipamento da Secretaria Municipal de Assistência Social de Fortaleza (SEMAS). Desenvolvi a pesquisa nesta última instituição por um período de tempo reduzido porque não encontrei habitantes das ruas a viver com o HIV, que, então, constituía meu grupo alvo. Os usuários deste abrigo público apresentavam-se sem problemas de saúde visíveis, pois, os habitantes de rua que apresentassem doenças a exigir atenção especializada eram encaminhados às casas de acolhida filantrópico-religiosas. Apesar disso, a pesquisa no EAN revelou-se deveras importante, pois me possibilitou perceber como se dá o “encontro” entre os habitantes das ruas e o poder público, neste caso, as autoridades municipais.

A Fraternidade Toca de Assis, o Centro Madre Regina e a Casa de Apoio Sol Nascente são instituições filantrópico-religiosas, ligadas à Igreja Católica, que acolhem pessoas em situação de rua doentes ou com problemas de saúde, doenças crônicas, deficiências físicas, entre outras enfermidades. As duas últimas instituições acolhem, particularmente, pessoas vivendo com o vírus HIV/Aids, constituindo-se espaços de referência e de apoio a este grupo de pessoas. Tais instituições constituem referências no acolhimento de pessoas em situação de rua doentes, ou que necessitam de cuidados médicos, especialmente vivendo com o HIV/Aids. Foi nessas casas de acolhida que, durante a pesquisa de campo, observei, conversei e entrevistei as pessoas em situação de rua vivendo com o vírus HIV/Aids. Também conversei e desenvolvi entrevistas com profissionais que trabalham nessas casas: assistentes sociais, educadores sociais, terapeutas e religiosos.

De fato, acumulei um precioso material de campo relativo aos profissionais atuantes nas casas de acolhida, mas optei por não trabalhar este material nesta dissertação, considerando que, ao fazê-lo, precisaria ampliar os recortes do objeto, não dispondo mais de tempo para esta empreitada.⁴³

Os percursos etnográficos nas casas de acolhida exigiram-me uma vivência por cerca de oito meses. Foi um tempo em que observei os cenários, conversei com os personagens e busquei muito desenvolver entrevistas, encontrando dificuldades vinculadas à

⁴³ Cabe registrar que, na construção do instrumental da análise de conteúdo, defini temas específicos para discutir concepções e percepções destes profissionais sobre os habitantes das ruas, tais como: visão dos profissionais sobre as pessoas que habitam as ruas; relação dos habitantes das ruas com os profissionais e, concepção dos habitantes das ruas sobre casas de acolhida. Ao tomar a decisão, juntamente com a orientadora, de não contemplar especificamente este recorte de estudo, não considerei estes temas na construção de análise de conteúdo. Pretendo explorar este material relativo aos profissionais em artigos para apresentação e publicação de trabalhos em eventos.

própria condição física e emocional dos moradores de rua vivendo com o HIV. Algumas pessoas que viviam nas casas de acolhida encontravam-se debilitadas por conta de infecções oportunistas inerentes a esta doença e, como tal, sem condições físicas e, mesmo, indispostas para conversas mais demoradas.

Fiquei observando, conversando e entrevistando habitantes das ruas nessas casas. Na dinâmica do campo, passava dois meses em cada instituição, frequentando a casa de acolhida todos os dias (com a exceção dos finais de semana), que sempre passava na Praça da Gentilândia. De fato, permanecia em uma casa até o momento em que percebia que os responsáveis pela casa estavam "fartos" da minha presença. Estas instituições eram geridas por entidades filantrópico-religiosas, tinham uma rotina similar, à qual fui me adaptando.

Logo que adentrava uma destas instituições, sabia de antemão que levaria algum tempo até que os personagens das ruas ganhassem confiança e se abrissem comigo, narrando suas experiências de vida. Daí ter levado cerca de dois meses em cada uma das casas, com vivências diárias, tentando construir vínculos com estes sujeitos.

A minha persistência em pesquisar estes espaços foi inspirado na alternativa metodológica, circunscrita por Becker (1993, p. 77), de “observações numerosas, em diferentes momentos, usando diversas técnicas”, a ponto de não ser mais visto como um elemento estranho e sim como alguém inserido na dinâmica do espaço. De acordo com este autor, “se você for menos ou nada importante do ponto de vista deles, eles farão o que fariam se você não estivesse lá” (BECKER, 1993, p. 77). Este sociólogo propõe a metodologia das “observações numerosas”, quando se trata de organizações ou comunidades estudadas. De acordo com o autor, muitas vezes, os entrevistados:

[...] dizem uma coisa e fazem outra, ou dizem uma coisa em um ambiente e outra coisa em outro. Mais especificamente, podem emitir uma opinião “pública” em público, quer eles pratiquem ou não, e outra opinião bem diferente quando falam em caráter privado com o pesquisador e indicam uma descrença na cultura comum” (BECKER, 1993, p. 78).

De fato, tive que realizar mais de uma entrevista com os mesmos sujeitos, entrevistando-os diversas vezes e em distintos estados de espírito, de modo a captar os detalhes, circunscrever histórias de vida e ouvir destes sujeitos as situações e assuntos que estes não gostavam de falar ou não queriam abordar.

No decorrer da pesquisa de campo, deslocava-me a estas casas de segunda à sexta-feira. Geralmente chegava a estas instituições filantrópico-religiosas cerca das 8h, tomava o café da manhã junto com os usuários, assistentes sociais e os religiosos que nelas trabalham.

Em seguida, realizava as atividades junto com os internos: culto religioso, ginástica corporal, ajudava em algumas oficinas, como a confecção de vassouras, fabricação de detergentes e na limpeza. Cerca de 12h, almoçávamos. Em seguida, vinha o descanso e, cerca de 15h, havia algumas atividades.

Somente saía das casas de acolhida por volta das 17h-18h. A proximidade com os usuários e religiosos nestas casas foi tal que estes permitiam que eu tomasse banhos e participasse das refeições. Lembro-me que em uma das casas tinha um cachorro que colocava o queixo na minha coxa, enquanto almoçava, sinalizando, assim, para a minha familiaridade com este espaço. As casas de acolhidas pareciam "laboratórios artificiais" a domesticar os moradores de rua, moldando a vivência espontânea destes sujeitos por meio das suas normas e disciplinas. Neste período, percebi que a principal norma destas instituições era a proibição de entrada sob o efeito de álcool e drogas. Na realidade, tal proibição é deveras restritiva e excludente em relação ao segmento populacional "moradores de rua" que, no seu *habitus*, usam álcool e drogas no cotidiano.

Diferente da vivência na Praça da Gentilândia, os habitantes das ruas nas casas de acolhida controlavam as suas pulsões, moderavam a linguagem, os seus gestos e hábitos. Entretanto, uma característica permanecia: a necessidade e o uso do cigarro. As casas de acolhida não proibiam o cigarro; na realidade, não conseguiriam impor tal proibição e, por isso permitiam o seu uso.

De fato, a vida destes personagens nas casas de acolhidas pareceu-me muito distante e até artificial da realidade vivida nas ruas. Outra expressão de artificialidade das casas de acolhida é a disciplina imposta a criar dificuldades para os habitantes das ruas que não conseguem acatar tais normas, com os horários rígidos para acordar, para o banho e refeições, com a exigência de manter limpo o espaço. Na descrição da aventura etnográfica cabe configurar cada instituição, tentando trazer à luz as suas peculiaridades, sem perder as similitudes existentes.

2.3 As casas de acolhida: uma descrição de cenários e da vida dos personagens

O Centro de Convivência e Creche Madre Regina localiza-se no bairro Presidente Kennedy, na periferia de Fortaleza. Foi fundado em 1993 por uma instituição religioso-filantrópica, a Congregação de Santa Catarina, que tem a missão de acolher pessoas vivendo

com HIV/Aids, disponibilizando serviços de assistência social, ocupacional e espiritual.⁴⁴

Esta casa de acolhida oferece aos usuários oficinas de aprendizagem de ofícios para ocupação e reinserção no mercado de trabalho, tais como: fabricação de vassouras, informática, corte e costura, confecção de roupas íntimas, produção de bijuterias, de chaveiros, de mochilas, de objetos em couro e fabricação de detergentes. A casa é dirigida por uma assistente social que também trabalha no Hospital São José, tendo em sua direção irmãs religiosas, que realizam atividades administrativas e espirituais.

Além das atividades religiosas e administrativas, esta instituição desenvolve trabalhos de recuperação físico-médico e mental para seus usuários: fisioterapia, ginástica, relaxamento e meditação. Também dispõe de uma estrutura física de acolhimento que inclui sala de informática, sala de ginástica, relaxamento, salas para oficinas, cozinha, refeitório e capela para atividades religiosas. Em relação a outras casas de acolhida, esta instituição apresenta a peculiaridade de manter um funcionamento diurno, sem pernoite. Logo, os usuários não vivem uma sistemática de internação.

Já a Casa de Apoio Sol Nascente de Fortaleza de Adultos foi criada no ano 2001, acolhendo pessoas vivendo com o HIV/AIDS e que convivem com as sequelas e incapacidades decorrentes desta enfermidade. Esta casa fica localizada no Bairro Dias Macedo, na periferia de Fortaleza. No ano seguinte à sua fundação, surgiu a “Casa de Criança Sol Nascente” que passou a acolher os “órfãos da Aids”⁴⁵: crianças HIV positivas e/ou filhos de pais soropositivos e outras afetadas de forma direta ou indireta pela doença.

A Casa de Adulto Sol Nascente oferece serviços de assistência à saúde, assistência social, atividades psicoterápicas, terapia ocupacional, fisioterapia, acompanhamento nutricional, serviços de enfermagem e assistência religiosa. Tem capacidade de atender 18 adultos e, a maioria dos seus usuários encontra-se acamado, apresentando graves comprometimentos físicos e mentais decorrentes do HIV/Aids.

Esta casa funciona dentro de uma sistemática de internação, onde os usuários permanecem em regime fechado, com direito a uma saída mensal e a visitas no final de semana, antecipadamente marcadas. Durante a pesquisa em casas de acolhida, tive a sensação de que as pessoas com a “vida por um fio” não podiam aproveitar melhor os momentos que poderiam ser bem poucos, dado o quadro de doença que apresentam por conta das rígidas normas dessas instituições como é o caso permissão de visitas ao final de semana e saída para

⁴⁴ Informação copiada do folheto/folder de apresentação da Casa, que é distribuído a todos os que visitam o centro, às instituições a quem pedem apoio material e financeiro.

⁴⁵ É esta uma expressão nativa, empregada no discurso desta instituição.

lazer uma vez por mês. Aqui se patenteia bem o sentido do “expurgo de culpa”, de “sofrer consequências de um pecado”, declarado pelo personagem “Viajante e Errante”.⁴⁶

De fato, a dinâmica de funcionamento das casas de acolhida é um assunto que merece descrições e discussões detalhadas. Entretanto, por questões ligadas ao tempo e espaço para a elaboração deste trabalho e, porque o foco da pesquisa incide nos habitantes das ruas, não discutirei acerca dessas instituições nesta dissertação, limitando-me a breves descrições acerca do funcionamento e à comparação das realidades e diferenças entre elas.

Nesta instituição, as atividades cotidianas são rigorosamente estabelecidas de acordo com horários e obedecem a uma rotina rígida: hora de acordar, tomar banho, café da manhã, medicação, oficinas, almoço, medicação, ginástica, lazer, lanche e jantar. Esta rotina rígida de atividades dentro de um processo estabelecido é semelhante à rotina das outras duas casas de acolhida pesquisadas: o Centro Madre Regina e a Toca de Assis.

A Casa de Apoio Sol Nascente e o Centro Madre Regina têm parcerias entre si e com o Hospital São José, especificamente com a Associação Girassol de Voluntários do Hospital São José. Também têm parcerias com as Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, o Fórum de ONG/Aids do Ceará, em um funcionamento em rede, recebendo e encaminhando pacientes, conforme as necessidades dos usuários e as possibilidades de acolhimento destas casas.

Tais entidades regularmente recebem apoio do Ministério da Saúde, do Programa Nacional de DST/Aids, do Programa Municipal de DST/Aids, de empresas, de entidades públicas e particulares, de gráficas e editoras que as apoiam na fabricação de panfletos, folhetos e outros materiais audiovisuais de divulgação de suas atividades.⁴⁷ Estas duas instituições aceitam e recebem todo o tipo de apoio, tanto de pessoas físicas ou jurídicas.

Por seu lado, a Fraternidade Toca de Assis é uma organização da Igreja Católica, dirigida por religiosos e leigos franciscanos que têm por missão “cuidar dos pobres e sofredores que moram nas ruas, para levar a mensagem de Deus e restaurar-lhes a dignidade”.⁴⁸ Esta instituição compreende duas casas específicas: a masculina e a feminina, com regime de internamento.

A Toca de Assis Masculina, entidade que constituiu um dos locais da minha etnografia, localiza-se no bairro Passaré, na periferia da cidade de Fortaleza e acolhe habitantes das ruas doentes, com problemas de saúde, com impedimento físico e mental,

⁴⁶ Agradeço à professora Rejane Vasconcelos pela chamada de atenção para esta reflexão.

⁴⁷ Estas informações podem ser encontradas nos folders e folhetos que a instituição oferece aos visitantes.

⁴⁸ *Idem.*

dando preferência para os idosos e adultos sem família. Possui quartos com capacidade para quarenta usuários, dispondo de uma estrutura física com farmácia, sala de psicologia, sala de enfermagem, sala de fonoaudiologia, refeitório e jardim.

Os usuários desta casa são internos, passando 24h na instituição, com saída uma vez por mês para lazer na companhia dos religiosos, sendo por eles monitorados. No dia do lazer, normalmente saem para um local determinado, que pode ser uma fazenda, praia ou algum município do interior do estado.

Entretanto, cabe ressaltar, como uma peculiaridade desta casa de acolhida, o fato de que, os religiosos e leigos desta organização partilham experiências com as pessoas em situação de rua doentes, que necessitam de atendimento médico e mental, isto é, dividem o mesmo espaço, comem, dormem e passam pelas mesmas privações com os usuários da casa. Por outro lado, esta instituição sobrevive de doações, mas não pede e/ou recebe apoios de instituições públicas, estatais ou governamentais, ou seja, tem como regra não aceitar apoio institucional do Estado.

A Casa de Apoio Sol Nascente e a Toca de Assis, são entidades de internação em que os usuários, na prática, residem nestes espaços, configuram-se como instituições totais⁴⁹ nas quais os indivíduos são “separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 2010, p. 11).

Ao descrever a rotina de instituições totais, Goffman (2010), argumenta que estes espaços apresentam como característica central o fato de concentrarem, num mesmo estabelecimento várias atividades: a dormida, o lazer e o trabalho. O autor destaca ainda que estas instituições tendem ao fechamento, localizando-se nos limites das cidades e vilas, apresentando muros altos, seguranças e normas rígidas de controle, entradas e saídas. Assim configura Goffman (2010, p. 18):

Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.

⁴⁹ De acordo com Goffman (2010, p. 11) “uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados do resto da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”. Goffman aponta como exemplos de instituições totais os manicômios, as prisões e os conventos.

De fato, as duas instituições pesquisadas, em suas peculiaridades, podem ser configuradas como instituições totais pela forma de administração e controle da vida dos usuários. O Centro Madre Regina, ao contrário, não funciona com a sistemática de internação, do regime fechado. No entanto, como as duas outras de internato – Casa Sol Nascente e Toca de Assis –, o Centro Madre Regina submete os usuários a um rígido disciplinamento e, inclusive, denomina-os internos.

Cabe ainda demarcar algumas especificidades na dinâmica de funcionamento de cada uma das casas, que indicam disciplinamento: no Centro Madre Regina, os internos têm que vestir um uniforme constituído por camiseta branca e shorts verde; na Toca de Assis, existe a reza diária do terço que acontece meia hora antes do almoço e todos os internos são obrigados a participar. Na Casa Sol Nascente, cuja maioria dos usuários está debilitada ou acamada, o disciplinamento se impõe na rotina rígida.

Um elemento a sublinhar é que tais instituições, definidas como casas de acolhida funcionam em rede, numa sistemática de complementaridade e os personagens das ruas apropriam-se deste sentido de rede e circulam por entre as casas, utilizando os serviços disponibilizados de acordo com as suas carências, necessidades. Basta lembrar que alguns usuários vivendo com HIV/Aids da Casa Madre Regina, que não dispõem de serviço de internação, pernoitam na Casa Sol Nascente mediante acordos estabelecidos entre as instituições.

Durante estes percursos de campo, fui aceito nestas instituições, onde apresentei-me como estudante, que vinha conhecer a realidade e experiência brasileira na assistência social, de modo a levar subsídios para o meu país de origem. Outra razão para a fácil abertura destas instituições ao meu estudo, foi porque os responsáveis por estas instituições não viam algum risco com a minha presença, não vendo nada que pudesse ameaçar a sua reputação ou da instituição.

Mais uma vez, as discussões e contribuições metodológicas de Becker (1993) se mostraram profícuas para a continuidade da pesquisa de campo nas casas de acolhida. Ao se referir acerca da interação entre o pesquisador e seus sujeitos de pesquisa durante a pesquisa de campo, Becker (1993) mostra que muitos interlocutores e instituições tendem a ser mais abertos e a “abrir o jogo” aos entrevistadores que não representam “perigo” para eles, que não fazem diferença, cujas respostas não terão o menor efeito sobre alguma coisa na sua vida real. Argumenta o autor:

Nesta, quanto mais pessoas acreditam que não faz diferença o que o observador os vê fazer ou dizer, mais abertos ficam a ser influenciados por ele; no trabalho de campo, quanto mais as pessoas acreditam que o pesquisador é pouco importante, mais livre se sentem para reagir às outras restrições que os cercam e pressionam (BECKER, 1993, p. 77).

Assim, à medida que as coordenações e os usuários das casas de acolhida iam-se acostumando com a minha presença, mais eu participava das atividades das casas: nas oficinas, limpeza, refeições, orações, chegando ao ponto de tomar banho, como faziam todos os internos, enfim como “um deles”.

Nesta aventura etnográfica em instituições de acolhida, o EAN foi o último abrigo que percorri. Realizei a pesquisa de campo neste espaço durante um mês, com o objetivo de observar o “choque” dos habitantes das ruas com o poder público. O EAN é um abrigo noturno para pessoas em situação de rua, localizando-se na rua Manuelito Moreira, próximo do Centro da Cidade, em uma casa alugada. Tinha capacidade para atender 60 pessoas por dia, entre homens mulheres e crianças. Além de quartos masculinos e femininos, tinha dois escritórios onde funcionavam os outros dois equipamentos da SEMAS, nomeadamente, o Centro de Atendimento a Pessoa em Situação de Rua (CAPR) e o Serviço de Abordagem de Rua (SEAR).

O EAN tinha salas dos educadores, uma sala de televisão, sala de oficinas, cozinha e 65 guarda-volumes para os usuários. Era constituído por uma equipe composta de assistentes e educadores sociais que trabalham em sistema de plantão. Acolhia habitantes das ruas durante parte do dia, entre as 6h da noite às 5h da manhã do dia seguinte, somente para banho, jantar e dormida. Este abrigo também tinha as suas rotinas: logo na entrada que acontecia cerca das 17h30min, os usuários faziam fila para entrar no abrigo.

No momento em que entravam, ainda no portão, os usuários deviam, primeiro, passar pela “revista” para ver se não portavam objetos perfurantes, armas e outros objetos perigosos. Em seguida, deviam declarar todos os objetos e bens que traziam e guardá-los no seu armário individual, que era trancado à chave ou com cadeado, por conta dos constantes roubos no abrigo. Passadas estas duas etapas, em seguida acontecia a higiene corporal e, depois, o jantar, que acontecia normalmente cerca das 19h-19h30min. A partir das 20h, tinham a oportunidade de ver televisão ou desenvolver atividades lúdicas.⁵⁰ Cerca das 21h-22 horas, podem se dirigir aos quartos para dormida. No dia seguinte, havia o banho matinal e o café da manhã, em seguida, todos os usuários deviam abandonar o abrigo até às 6h da manhã.

Além do acolhimento, o EAN realizava as oficinas educativas e lúdicas, e também

⁵⁰ Durante os meus percursos de campo neste abrigo, não vi sendo realizada nenhuma atividade lúdica, apesar dos profissionais que nele trabalham garantirem-me que as realizavam.

fazia encaminhamentos para saúde conforme a demanda dos usuários. Para terem acesso e poder dormir neste espaço, os usuários tinham que assinar um termo de compromisso e aceitar um “pacto de convivência”, constituídos por várias normas que regiam o abrigo.

Quando chegava um novo usuário, um educador ou assistente social explicava-o como funcionava o abrigo e lia as normas que estabeleciam os horários de entrada e de saída, falavam acerca do respeito pelos outros usuários e profissionais que trabalham no espaço, proibição de entrada com objetos perfurantes e sob o efeito de álcool e drogas, dentre outras normas, e aderir ao abrigo e seu “projeto de ressignificação de vidas”⁵¹, assinando o termo de compromisso onde constavam as normas daquele espaço.

Durante a convivência neste espaço, percebi que os usuários violavam com frequência o termo de compromisso e o pacto de convivência, o que constituía o principal motivo de desistência dos usuários aos serviços prestados por este abrigo. A principal violação era no tocante ao uso de drogas, muito frequente entre os habitantes das ruas. A rotatividade de usuários era muito grande neste abrigo, no qual quase todos os dias viam-se caras novas. Muitos habitantes das ruas não se dirigiam ao abrigo, caso tivessem feito uso de drogas nesse dia.

Lembro-me de que um educador social ficava no portão de entrada do abrigo, acompanhado de um segurança, de modo que os usuários passassem bastante próximo destes, quase que se encostando fisicamente, para sentir o cheiro e hálito dos usuários, para saber se estes não haviam feito uso de álcool ou drogas. Se os profissionais de abrigo sentissem cheiro de álcool, drogas ou outra substância proibida, o usuário apresentasse algum sinal de “nóia”, imediatamente, o usuário era impedido de entrar no abrigo.⁵²

Além dos conflitos entre usuários e profissionais do abrigo, presenciei outros conflitos entre os próprios usuários, por conta de furtos, comportamentos considerados inadequados, desentendimento devido ao som alto do rádio, fofocas e discriminação sexual.⁵³ Duas dessas situações chamaram a minha atenção, as quais narro em seguida.

A primeira situação intrigante foi a de um usuário idoso, com mais de 70 anos de idade, que não conseguia dormir no mesmo quarto com outros usuários devido ao som alto de

⁵¹ Adoto aqui a expressão usada pelos educadores e assistentes sociais deste abrigo para se referirem ao programa que seguem dentro da instituição.

⁵² Presenciei várias discussões, insultos e ameaças de morte entre usuários do lado de fora do abrigo e educadores sociais e seguranças do lado de dentro, porque os primeiros foram impedidos de entrar por terem feito uso de álcool e/ou drogas horas antes de se dirigirem a esta instituição.

⁵³ A homossexualidade não era muito bem aceita neste espaço pelos usuários. Durante as conversas informais, algumas assistentes sociais falaram acerca das dificuldades pelas quais passam os casais homossexuais. Os usuários heterossexuais não viam com bons olhos os “cafunes” entre gays ou lésbicas e outras demonstrações de carinho à sua frente.

um pequeno rádio portátil, pertencente a um usuário mais jovem. Este senhor dormia normalmente cerca das 21h. Tal foi o seu desagrado com o som alto que ele chegou a pedir a uma das assistentes sociais, uma declaração que o autorizasse a andar à noite de ônibus, passando a noite nos corujões⁵⁴ viajando pela cidade, para não brigar com os usuários mais jovens.⁵⁵

Outra situação foi de um usuário que era homossexual e assumia uma identidade feminina. Este sujeito não era aceito no quarto masculino e não se sentia bem nele, em decorrência das ameaças e discriminação em razão da sua sexualidade. Por outro lado, também não era aceito no quarto feminino, pois as mulheres achavam que ele poderia molestar sexualmente seus filhos menores de idade e porque era do sexo masculino.

As mesmas situações aconteciam em relação ao uso dos banheiros, nos quais esse usuário ficava indeciso se deveria dirigir-se ao banheiro masculino ou ao feminino. Para solucionar o problema, o abrigo optou por colocar a sua cama no fundo do corredor, onde este personagem passou a dormir. Entretanto, este local não oferecia qualquer tipo de privacidade ao usuário. Depois de uma semana, este usuário foi transferido para outro abrigo, pois a sua situação era pouco confortável.

Aliados a estas situações e conflitos, recordo-me que, no período em que realizava a pesquisa de neste espaço, o dono da casa onde o abrigo funcionava não pretendia renovar o contrato com este equipamento da SEMAS, pois a vizinhança reclamava do fato dele alugar a casa para acolher “moradores de rua”. Os donos das casas vizinhas não viam com bons olhos o fato de, terem de partilhar a mesma rua com “moradores de rua”, e pressionavam-no para rescindir o contrato com a SEMAS e alugar a casa para outra finalidade.

Durante a aventura etnográfica pelas casas de acolhida, tive conhecimento, por meio de colegas da faculdade, da existência de uma organização que congregava pessoas vivendo com o vírus HIV/Aids. Recordo-me do dia em que participei da reunião da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com o HIV +Núcleo do Ceará (RNP+ Núcleo do Ceará), onde estavam mais de quarenta pessoas soropositivas ou vivendo com Aids. Nesse dia fiz uma pequena exposição sobre a situação do HIV/Aids em África. Mais tarde descobri que houve um equívoco do coordenador da RNP+ em relação à minha pessoa, que passo a explicar.

Na semana anterior, havia me apresentado à sede da RNP+ Núcleo do Ceará, que fica numa escola de ensino fundamental no bairro Parquelândia, bem próximo ao Hospital

⁵⁴ Nome popular dado aos ônibus que circulam depois da meia-noite em Fortaleza, este nome acabou sendo apropriado pelas próprias empresas de ônibus.

⁵⁵ Dias depois, quando questionei sobre a situação deste senhor idoso, uma das educadoras de rua afirmou que este já havia passado por vários abrigos e que ele era “muito chato, que ninguém o suportava”.

São José. Assim, fui até esta instituição e, apresentei-me como estudante que pesquisa a questão do HIV/Aids com pessoas em situação de rua e outros grupos vulneráveis. Pedi permissão ao coordenador dessa instituição para gravar a nossa conversa, que aceitou.

O coordenador foi me explicando a situação do HIV/Aids no Ceará, o perfil dos membros da RNP+, os casos mal resolvidos sobre estigma e discriminação, incluindo a sua história pessoal. Decorrente da entrevista sobre a questão do HIV/Aids, o coordenador da RNP+ pensou que eu fosse soropositivo, assim, convidou para a reunião da RNP+ na semana seguinte.⁵⁶

Desse modo, na semana seguinte, fui à reunião da RNP+, dela participando. Em meio à reunião, fui percebendo que todos os participantes eram soropositivos e que a reunião era aberta somente para pessoas vivendo com o HIV/Aids, era sigilosa. Familiares, amigos e/ou cônjuges dos membros não podem participar da reunião por conta da confidencialidade e proteção da identidade dos participantes. No final da reunião, esclareci os motivos da minha presença naquela reunião, como estudante e pesquisador.

Outras situações que enfrentei durante os percursos de campo foram as constantes paqueras e propostas sexuais que recebi dos meus interlocutores, constituídos, na sua maioria, por gays e alguns travestis. Essas paqueras iniciavam com perguntas sobre onde vivia, outros mais ousados davam-me longos abraços ou beijinhos nas bochechas, outros pegavam em minhas mãos e/ou passavam a mão nas minhas nádegas e nas minhas pernas.

No dia em que participei da Reunião da RNP+, além das paqueras dos membros do sexo masculino e convites para tomar umas cervejas, no final da reunião recebi paquera de uma moça de pernas grossas, usando uma blusa branca e uns shorts jeans de cor azul. A reunião terminou cerca das 19h. Antes do término da reunião, esta jovem perguntou várias vezes sobre o trajeto que eu usaria de volta para casa, porque tinha receio de ser assaltada ao longo do caminho. Ofereci-me para acompanhá-la até a parada de ônibus.

Ao longo da caminhada, a moça foi me revelando que os homens que participaram da reunião “era tudo gay” e que estavam interessados em mim. Foi contando a sua história de vida, informou que contraiu o vírus HIV a partir do namorado que era usuário de drogas injetáveis e que naquele momento ela vivia só. A conversa foi ficando interessante e ela me convidou para conhecer a sua casa. Entretanto, quando lhe informei que não era soropositivo e que estava fazendo a pesquisa de campo para a minha dissertação de mestrado, a moça

⁵⁶ É necessário destacar que as reuniões da RNP+ Núcleo Ceará são sigilosas e confidenciais, nas quais somente é permitida a presença de pessoas vivendo com o HIV/Aids. Cônjuges, familiares ou amigos não participam da reunião de modo a proteger a identidade das outras pessoas soropositivas.

mostrou-se decepcionada por sermos sorodiscordantes.⁵⁷ Logo depois dessa informação, a moça disse que já estava em uma zona segura, onde praticamente não ocorriam assaltos e despediu-se. Fiquei com o número de telefone dela e com o seu e-mail, por meio dos quais tentei contatá-la dias depois, contudo, ela não atendeu ao telefone nem respondeu aos meus e-mails.

Acerca da sorodiscordância, em um estudo no qual analisam o risco em casais que vivem em situação de sorodiscordância, Camila Amorim e Ana Szapiro (2008) entrevistaram sujeitos heterossexuais sorodiscordantes, questionando as estratégias preventivas adotadas por estes sujeitos. A partir deste estudo, as duas pesquisadoras concluíram existir mudanças na vida de casais após a descoberta da sorologia e que muitos casais temiam a contaminação do parceiro, além de outros receios, conforme mostra esta passagem:

O temor de transmitir o vírus HIV ao (à) parceiro (a) soronegativo (a) apareceu como uma constante. Além do medo, dificuldades para conversar sobre o assunto, planejar o futuro e manter uma vida sexual considerada satisfatória também se destacaram. O uso do preservativo não aparece como algo adotado facilmente. Os entrevistados apontam outros fatores em jogo no exercício das práticas sexuais com prevenção efetiva – para além do conhecimento sobre as formas de infecção pelo vírus. Tais fatores parecem depender mais diretamente das possibilidades de cada um dos parceiros em construir uma identidade do casal diante de uma nova realidade que traz risco. Paradoxalmente, o risco de infecção que está sempre num outro, neste caso, está num outro muito próximo, do qual depende, inclusive, a permanência do casal (AMORIM; SZAPIRO, 2008, p. 1869).

De fato, o medo de contrair e de contaminar o parceiro parece permear as relações entre parceiros sorodiscordantes e, muitas vezes, esta situação inviabiliza a convivência social, terminando em separação conjugal. Entretanto, a situação de sorodiscordância acima relatada não foi a única por mim vivenciada durante a pesquisa de campo. Um de meus interlocutores vivenciou situação de sorodiscordância e depois desta circunstância decidiu morar nas ruas.

“Vivido e Experiente”, um dos meus entrevistados, separou-se da esposa devido à sorodiscordância. Depois de cerca de oito anos de casamento, descobriu que vivia com o HIV. A relação afetivo e sexual que tinha com a esposa desandou e, aos poucos, foi se desgastando, impossibilitando a convivência social. Senão vejamos as suas falas:

Ela começou a trabalhar, já começou a mudar. Mas eu não julgo. No início fiquei chateado. Ma eu tenho que entender que se fosse eu que estivesse bom e ela estivesse doente? Então a gente tem que entender. No início machuca pra caralho. Você fica machucado, fica ferido, triste desesperado. A pessoa fica desorientada. Mas depois de um tempo. A única coisa que eu desejo pra ela, com toda a sinceridade é que ela arranje uma pessoa que a faça feliz. Que ela esteja feliz, que

⁵⁷ A sorodiscordância caracteriza aquelas relações afetivo-sexuais em que uma pessoa é soropositiva e a outra não (AMORIN; SZAPIRO, 2008, p. 1869).

ela tenha arrumado uma pessoa, que ela tenha um temperamento muito forte (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

O depoimento apresentado revela a situação de sorodiscordância vivenciada por este personagem quando ainda vivia em domicílio com a esposa. O receio da esposa em relacionar-se sexualmente, o medo da infecção, o desgaste no casamento, todos estes fatores influenciaram de forma decisiva para que este sujeito tomasse a decisão de sair de casa.

Aliada a esta situação, “Vivido e Experiente” teve dificuldades em conseguir emprego devido ao estigma por ser portador do vírus HIV. Assim, vendeu tudo e foi para o Rio de Janeiro, na tentativa de recomeçar a vida. Já no Rio de Janeiro, “Vivido e Experiente” não foi bem recebido pela sua família de origem, por conta do seu passado de envolvimento com drogas e da sorologia positiva. Voltou ao Ceará e encontrou a esposa grávida de outro homem. Deprimido, decidiu sair de casa e morar nas ruas.

Como vimos, a situação de sorodiscordância foi o elemento definidor da ruptura familiar e motivo para a decisão de habitar às ruas. De fato, os processos de discriminação e exclusão decorrentes da infecção pelo vírus HIV, são um elemento definidor de processos de desfiliação na vida de sujeitos hoje em situação de rua.

2.4 A inserção no campo: a peculiaridade do pesquisador a ser confundido com os sujeitos de pesquisa

Durante o período em que realizava a pesquisa de campo em casas de acolhida e no abrigo da Prefeitura para habitantes das ruas, fui confundido e tratado como os “moradores de rua” por diversas vezes. Em várias ocasiões, fui recebido e tratado como são tratados os meus interlocutores no cotidiano, pelos seguranças, assim como pelas assistentes e educadores sociais que trabalhavam nestas instituições.

As minhas características físicas e fenotípicas, como a pele negra e a magreza, foram fundamentais para a ocorrência de tais situações, para que durante várias vezes e situações fosse confundido e tratado como “morador de rua”. De fato, a maioria dos sujeitos que habitam as ruas apresentam características físicas semelhantes às minhas: são negros, magros, com estatura baixa ou mediana. Assim, sempre tive relações amistosas com os habitantes das ruas, onde nunca fui tratado como um estranho, mas como pessoa.⁵⁸

⁵⁸ Vários dos meus informantes me tratam afetuosamente, me abraçam de forma calorosa e perguntam se estou bem. Numa das vezes, prometeram “fazer uma macumba para que a moça que estava me perturbando voltasse para mim e caísse aos meus pés”.

Por conta do meu sotaque, algumas vezes os meus habitantes das ruas pensavam que eu fosse oriundo do sul ou do sudeste do Brasil. Especificamente, pensavam que fosse “paulista” ou “carioca”. Por conta da cor da minha pele, tratavam-me por baiano.

Já os seguranças das casas de acolhida e do abrigo olhavam de forma discriminatória assim que algum “morador de rua” se aproximava do portão. Muitas vezes, não entendiam o imediatismo e o “tempo da rua” que caracterizam a vida dos habitantes das ruas e suas interações.

Durante as interações, quase sempre repetiam cerca de três vezes ou mais a mesma frase, como se o “morador de rua” fosse surdo. Faziam as coisas lentamente, procurando atrasar tudo e irritar os habitantes das ruas, fazendo com que os usuários destas instituições esperassem fora da instituição debaixo de sol ou de chuva até à chegada de algum profissional da instituição.

Lembro-me do dia em que fiquei debaixo da chuva por mais de cinco minutos no portão de entrada do EAN, porque, na visão do segurança, os “moradores de rua” só devem permanecer dentro do edifício, no quintal ou na sala de espera somente depois de autorizados por algum profissional da casa. Debaixo da chuva, ainda tentei explicar quem era, mas o segurança municipal não quis conversa. Por outro lado, também pude perceber o olhar hostil por parte dos habitantes das ruas internos destas instituições com a chegada de “mais um” na casa.

Somente no campo percebi as relações de poder, de dominação e distinção que permeiam as interações entre os habitantes das ruas e o resto da sociedade. As mesmas relações de poder, de dominação e distinção aconteciam nas relações entre os próprios habitantes das ruas de acordo com o gênero, sexo, orientação sexual, idade, força física, tempo de estadia nas ruas e em casas de acolhidas, ficha criminal etc. Estas relações somente se tornaram visíveis após vários meses de pesquisa de campo nas casas de acolhida, e colocadas a descoberto pelas leituras de Bourdieu (1989):

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...]. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 1989, p. 14-15).

Deste modo, pude perceber e sentir “na pele” como as pessoas em situação de rua são tratadas e fazer parte do seu universo. Ao entrar nessas instituições, tive acesso imediato e em menos de cinco minutos já estava almoçando ou jantando e socializando com outros

usuários em situação de rua.

Somente depois de explicar que era estudante e perceberem o meu sotaque diferente é que as assistentes e educadores sociais se davam conta da minha presença. Assim, percebi que se não me apresentasse como estudante e pesquisador poderia fazer-me passar por habitante das ruas à vontade, obtendo alguns ganhos monetários e ter acesso aos mesmos programas sociais que estes sujeitos.

Porém, por outro lado, teria que arcar com os custos sociais do preconceito e estigma pelos quais passam estes personagens urbanos. De fato, as situações por que passo e a posição em que sou colocado pela sociedade cearense e pelos habitantes das ruas, assim como o fato de algumas vezes ser confundido com os meus sujeitos de pesquisa, me colocam em um lugar muito peculiar na pesquisa.

Estes momentos e eventos em que sou confundido e tratado como “morador de rua” permitiram aproximar-me muito dos sujeitos de pesquisa, sentir o preconceito tal como eles sentem e me tornar “um deles”. A forma como fui tratado nestes espaços, confundido com “morador de rua” deram-me condições de sentir na pele a discriminação e violação de direitos das pessoas em situação de rua.

Esta “mistura” com as pessoas em situação de rua me conferiu uma identificação muito grande com os sujeitos, o que me permitiu avançar muito no trabalho e ir além do que seria exigido pela pesquisa.⁵⁹ Foi deste modo que “mergulhei” profundamente na convivência com este grupo tanto nas ruas, assim como no Abrigo e em Casas de Acolhida.

⁵⁹ Por várias vezes, disponibilizei o meu telefone celular para que alguns habitantes das ruas ligassem para familiares, amigos e assistentes sociais para obterem seus documentos de identificação, ou soubessem do andamento desses processos. Pelas mesmas razões, passei a ser alvo de cobranças deste sujeitos e passei a intermediar estes processos.

CAPÍTULO 3

PESSOAS QUE HABITAM AS RUAS A ENFRENTAR OS ESTIGMAS DA EXCLUSÃO E DO HIV: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA

Durante mais de um ano – mais precisamente de junho de 2010 a agosto de 2011 – desenvolvi a experiência de convivência, quase diária, com pessoas que habitam as ruas em Fortaleza, nos espaços do Benfica, com concentração na Praça da Gentilândia. Nas minhas andanças e percursos, encontrei-me a conviver também com os chamados “moradores de rua” nas Casas de acolhida, particularmente em quatro espaços: no Centro de Convivência Madre Regina, situado no bairro Presidente Kennedy; na Casa de Apoio Sol Nascente, localizada no bairro Dias Macedo; na Fraternidade Toca de Assis, situada no bairro Passaré; e no Espaço de Acolhimento Noturno da SEMAS, situado no bairro Benfica.

Foi uma experiência de pesquisa e de vida, estabelecendo relações com sujeitos com trajetórias muito distintas dos caminhos do mundo social em que tenho construído a minha vida. Muitos foram os personagens que povoaram as cenas de rua do meu cotidiano de pesquisador, envolvido com o campo, buscando familiarizar-me com o estranhamente estranho. As minhas memórias desta convivência trazem rostos e nomes que, por “dever de ofício”, não posso aqui mencionar, embora alguns deles gostassem de ser aqui identificados com seus nomes próprios, a romper a invisibilidade das ruas. Conversei, dialoguei, partilhei experiências, bebi cervejas e participei de refeições e entrevistei estes distintos personagens.

Neste percurso, descobri dimensões de suas vidas a desconstruir estereótipos e estigmas e pude ir desvendando este “mundo das ruas”, movimentando teorias e conceitos que me possibilitaram perceber refiliações e identidades em processo. De forma sistemática, realizei 10 entrevistas em profundidade com os personagens deste meu campo nas ruas e infindáveis conversas informais que muito me revelaram dos códigos, dos valores, do imaginário, enfim, do *habitus* do viver nas ruas.

Alguns depoimentos expressaram-se em fragmentos e falas dispersas e, às vezes, aparentemente desconexos e contraditórios, considerando as condições físicas, psicológicas e emocionais dos “meus sujeitos”, em suas “lombas”, “nóias” e “fissuras”, decorrentes do uso abusivo de drogas e, outras vezes, de impedimentos físicos e mentais, em função de Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs), pneumonias e doenças oportunistas, ligadas ao vírus HIV/Aids.

Outras falas revelaram-se fluentes e bastante lúcidas, constituindo verdadeiras histórias de vidas, com detalhes e episódios da infância, juventude e vida adulta, versando

sobre as várias dimensões da vida, como a religião, orientação sexual, trabalho, vida sexual e afetiva, entre outras. É um rico material que me permite abrir trilhas investigativas aqui trabalhadas e a ser exploradas em outros estudos. Em meio a este material, privilegio quatro histórias de vida de personagens emblemáticos em suas trajetórias e posturas.

Para nominá-los, usei pseudônimos a demarcar características do seu perfil. O primeiro sujeito é o que denomino de “Vivido e Experiente”, por tratar-se de um indivíduo de 45 anos, oriundo do Rio de Janeiro, vivendo há cinco anos nas ruas e convivendo com a Aids. Este habitante das ruas possui experiência de trabalho formal em ourivesaria, no ramo de segurança privada, no conserto de móveis e como motorista, mas também com atividades informais na área da construção civil como rebocador de paredes, pintor e na atividade de conserto de telhados. Ao longo da sua experiência de vida, consta também o seu envolvimento com atividades ilícitas, com a fabricação, comércio e tráfico internacional de drogas, com passagens por vários países da América Latina. À época das conversas e entrevistas, estava acometido de doenças oportunistas vinculadas à Aids.

O segundo interlocutor, nomeio de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, por ser um sujeito igualmente de 45 anos, residindo nas ruas há dez anos. É homossexual assumido que declara uma identidade feminina, com experiência informal como vendedor ambulante, em trabalho doméstico “em casa de família”, como cozinheiro, dono de bar, dono de terreiro, “cafetão” de travestis e “pastorador” de carros. Revela-se uma pessoa alegre que faz ironia com as circunstâncias de sua própria vida. Manifesta esperança com expectativas de ser feliz. Tem experiências em diferentes religiões, com culto a muitos santos.

O terceiro personagem é o que designo de “Convertido e Lúcido”, um sujeito de 38 anos, que residiu nas ruas por cerca de cinco anos, realizando assaltos, vivendo da caridade, de pequenos bicos nas praças e também trabalhou como caseiro em um sítio. Por conta de uma doença agravada pelo uso abusivo de álcool, este sujeito foi perdendo a visão e acabou ficando cego, o que mudou a sua trajetória. Não conseguindo mais sobreviver nas ruas, foi recolhido por padres de uma instituição filantrópico-religiosa, abandonando as ruas, passando a viver em uma casa de acolhida.

O quarto habitante das ruas é o que considero de “Outsider”, por ser um jovem de 32 anos, oriundo de uma família de classe média, tendo estudado em um dos melhores colégios particulares de Fortaleza. Este personagem, que passou a juventude praticando judô é formado em marcenaria, fabrica móveis e também trabalha com vidraçaria.

Nas minhas andanças no Benfica, convivi com um outro personagem que não entrevistei, mas cuja presença perpassa minha experiência de campo a revelar-me muito do

universo dos habitantes das ruas. Trata-se de um homem que assumiu a alcunha de “Meu Rei”, não revelando o seu nome.

“Meu Rei” aparenta ter cerca de 50 anos, é negro e homossexual assumido. No passado, foi militar e responsável pelo armazém de uma loja no Centro da Cidade e, atualmente, vive da atividade de “pastorar carros” nas praças. Foi casado, tendo abandonado esposa e filhos para viver nas ruas por conta do uso abusivo de álcool, drogas e também de sua orientação sexual. Este sujeito vagueia pela cidade de Fortaleza, de praça em praça, usufruindo dos espaços de lazer que ela oferece: às segundas-feiras e quartas-feiras dirige-se ao Centro Cultural Dragão do Mar para lazer e encontros afetivos; às sextas-feiras frequenta a Praça Portugal; e nas manhãs de Domingo e das segundas-feiras dirige-se às praias Leste-Oeste e Beira-Mar para banhos regulares.

A situação de habitantes das ruas que convivem com o vírus HIV constitui um dos móveis da etnografia desenvolvida nos percursos das ruas. No entanto, a própria situação física precária de moradores de rua infectados com o vírus HIV impediu-me, muitas vezes, de efetivar entrevistas mais amplas a circunscrever histórias de vida. De fato, consegui contatar com oito moradores de rua convivendo com o HIV, estando a maior parte deles nos espaços das casas de acolhida.

Deste grupo, consegui realizar quatro entrevistas em profundidade, com várias sessões de encontros em momentos distintos com os habitantes das ruas. Também tenho registro de entrevistas pontuais e conversas informais com os outros sete personagens. Assim, no exercício hermenêutico de trabalhar a visão dos moradores de rua sobre a convivência com o HIV – um dos eixos analíticos trabalhados neste capítulo –, tomarei como referência a história de vida construída pelo personagem “Vivido e Experiente”, na condição de pessoa infectada com esta doença. No entanto, resgato falas e concepções dos outros moradores que vivem com o HIV e com os quais conversei durante os percursos de campo. É uma tentativa de ampliar a discussão de uma questão que encarna a vivência de um duplo estigma: ser morador de rua e ser portador do HIV.

A minha convivência com distintos personagens das ruas – parte dos quais, não desenvolvi entrevistas sistemáticas – permitem-me ousar desenhar, em esboço, um perfil da população em situação de rua: é uma população com um contingente expressivo de homens entre os 25 e 50 anos. As suas trajetórias têm um elemento definidor de rotas: o uso abusivo de drogas, que é vista por eles como responsável por processos de desfiliação. É uma população que parece viver no “fio da navalha”, entre riscos, exclusões e estigmas, apesar de alguns não assumirem a condição de vulneráveis.

Este perfil em esboço dos moradores de rua constituintes do meu campo de pesquisa aproxima-se do perfil traçado, já no início de 2012, em pesquisa do jornal Folha de São Paulo, acerca dos habitantes da Crackolândia, que é assim apresentado: população constituída na sua maioria por homens entre 25 e 34 anos de idade, que assumem ser pardos, solteiros, mas com filhos. A maioria destes sujeitos começou a usar crack quando tinha entre 11 e 20 anos de idade e, atualmente, fazem uso de uma a cinco pedras de crack por dia. A maioria destes indivíduos usa crack por um período que varia de 10 a 20 anos e combina o uso de crack com outras drogas, como a maconha, a cocaína, o álcool, o cigarro, a cola e o ecstasy. Mais de metade dos usuários de crack já tentou tratamento contra a dependência às drogas pelo menos uma vez, mas sem sucesso (MARINHEIRO, 2012, p. C2).

Em comentário, apresentado em matéria específica acerca desta população de usuários de crack, considerados “excluídos dos excluídos”, é levantada uma questão que considero pertinente para pensar o universo dos chamados “moradores de rua”: o viciado em crack tem uma vida desfilhada porque consome droga, ou consome droga porque tem uma vida desfilhada? (MARINHEIRO, 2012, p. C2).

Assim, questiono: os habitantes das ruas têm uma vida desregrada, marcada por processos de desfiliação, porque habitam as ruas ou habitam as ruas porque tem uma vida de exclusões e desfiliações? Eis o desafio, qual esfinge de Tebas, que me interpela e que tentarei responder, processualmente, ao longo deste capítulo.

Ao pensar os habitantes da rua, em suas trajetórias e vivências, cabe sublinhar, que as pessoas com quem convivi na Praça da Gentilândia e em casas de acolhida revelam, em suas trajetórias, percursos de exclusão e enfraquecimento ou rompimento de vínculos familiares. Tomando especificamente os personagens, cujas histórias de vida estou a trabalhar, constato expressões peculiares de processos de exclusão em diferentes contextos e situações, tendo a droga como um elemento demarcador da trajetória nas ruas.

3.1 A droga como elemento definidor de ruptura de vínculos sociais

“Vivido e Experiente” é um homem de 45 anos de idade que nasceu no Rio de Janeiro, no bairro Estácio, morro de São Paulo, bem perto do local onde decorre o desfile das escolas de samba. Nasceu numa família de 11 irmãos e saiu do morro com a mãe e os irmãos devido à “guerra” entre facções rivais no comércio de drogas. “Vivido e Experiente” viu muitos de seus amigos de infância morrerem nessa guerra. Apesar disso, considera a sua vida

tranquila.

Nas falas deste sujeito, chama atenção o contexto de vida do morro carioca, nas periferias, marcadas pela violência gerada pelo comércio de drogas, a guerra entre facções rivais e sustento por meio de roubos. A droga se faz presente na sua trajetória de vida desde a adolescência e durante toda a juventude. Começou com a maconha e foi experimentando drogas mais pesadas: cocaína, LSD, haxixe, crack e assim por diante. “Vivido e Experiente” foi criado pela mãe, seu pai morreu quando ele tinha seis anos de idade e seu irmão mais velho também fazia uso de drogas. Vejamos o seu depoimento acerca da sua infância, juventude e idade adulta:

Infância no morro é muito divertida, é bom. Minha vida era praia, futebol e mulher, só samba, só isso. Vivi assim até bicho-velho. Usei muita droga, desde os meus 12 anos de idade. Hoje luto para sair, sabe. Mas não é fácil não. Com 12 anos, comecei como todo o mundo começa, com a maconha, depois já tinha cocaína, tinha LSD, fazia um chá, o tal de cogumelo, quando eu acampava, ia pra uns acampamento aí. Acampeei muito: Angra dos Reis, Búzios, Cabo Frio, Saquarema, durante os feriados, carnaval, semana santa, só feriado prolongado. Uma vez saímos do Rio pra passar quatro dias a acampar, aí fomos pra uma ilha na Angra dos Reis e ficamos quatro meses. Era época de jovem, época de jovem a gente faz muita besteira. [...]. Mudei-me do morro há 23 anos. A mãe vendeu a casa do morro porque era muita guerra, é a facção rival. Uma encontrava outra e aí o bicho pegava. Minha mãe vendeu a casa e fomos morar em Vila Isabel. Muitos amigos meus morreram, não chegaram nem aos 15 anos de idade. Além das facções, eles saía pra roubar e aí às vezes não voltava mais (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Já “Sensível, Alegre e Esperançoso” nasceu num bairro da periferia de Fortaleza. Revela situações de enfraquecimento dos vínculos familiares, devido ao alcoolismo de seu pai, que inviabilizou a convivência conjugal com sua mãe. O uso abusivo de drogas e álcool é algo marcante e definidor de toda a sua trajetória de vida. Durante toda a adolescência fez uso abusivo de álcool e drogas pesadas e, por conta disso, ficava nas ruas por dias ou semanas com sua galera.

Após a morte do pai quando ele tinha 18 anos, “Sensível, Alegre e Esperançoso” passou a morar sozinho e foi aumentando ainda mais a quantidade de drogas que usava. Devido a essas situações, sofreu várias tentativas de assassinatos. As suas falas são perpassadas por várias referências afetivas aos pais, pessoas que sempre o apoiaram.

Rapaz, eu nasci no Bom Sucesso, aqui em Fortaleza, no Bom Sucesso. Era sete irmãos, morreu três. Só tenho dois. Cada um convivia nos seus canto. Eu fui criado mais com meu pai. Vivia mais com meu pai. Minha mãe não gostava muito do meu pai, porque meu pai tomava umas caninha. Mas ela vinha todos dia, só que ela não dormia em casa. Ela sempre dormia em casa da minha irmã, até hoje ela dorme, né. A casa da minha irmã era de frente, aí no Centro, ficava entre a av. Imperador com a Tristão Gonçalves. Aí eu cuidei dele (pai) até a hora de ele morrer. Fiquei na casa, foi aonde que eu comecei me cair mais nas drogas, depois que eu perdi meu pai. A minha mãe criou mais abuso dentro de casa, não queria ficar mais dentro de casa

porque se lembrava dele. E ela se passava mal. E eu fiquei dentro da casa só. Só que a casa que eu ficava só, eu comecei botar alguns amigos, né, e através dos amigos eu caí no crack, eu era só na maconha e através dos amigos, eu caí no crack. Eu era só na maconha. Através do amigos eu caí no crack. (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

“Convertido e Lúcido” é outro sujeito que habitou as ruas e revela situações de pobreza e desfiliação familiar devido à morte do pai num primeiro momento e depois com a morte da mãe. Começou a trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa. As irmãs foram casando. Morando sozinho, foi sobrevivendo de pequenos bicos. Começou a fazer uso abusivo de álcool, a praticar pequenos crimes com amigos e optou por viver nas ruas, como a última alternativa em um percurso de vulnerabilidades. Ficou cego devido a uma doença, agravada pelo uso abusivo de álcool, o que tornou impossível a sua vida nas ruas.

Nasci numa família de 7 irmãos, no Henrique Jorge. Meu pai era carroceiro, vendia água nas casas. Eu ajudava ele, o pai conduzia a carroça e eu carregava a água para dentro das casas. Meus pais tinham outra casa no bairro Montese. [...] Meu pai levou uma pancada quando eu tinha 12 anos, adoeceu da cabeça e minha mãe decidiu vender a casa no bairro Montese, mas não teve jeito. Aí, fomos, se mudamos para o Henrique Jorge. Lá no Henrique Jorge é que minha mãe começou a lavar roupa, a lavagem de roupa para sustentar nós, né. Eu ia buscar, ia deixar, ela lavava, engomava. Aí minha mãe foi adoecendo, adoecendo. Aí não tinha mais como minha mãe trabalhar. Aqueles que podiam, eram maior, ajudava em casa. Eu fazia alguma coisa pra ganhar um trocado e nós se manter. Eu ia buscar a roupa, buscava a água para ela lavar e ia deixar a roupa. [...] Ai com uns 14, quase 15 anos, minha mãe faleceu do coração. Eu trabalhava de servente, morava sozinho. A casa que os meus pais tinham deixado de herança, eu morava sozinho lá. Eu tava bebendo demais. Tava bebendo nem no copo não, só destampava a garrafa, tava bebendo é no gargalo mesmo. Eu saí de lá porque me desgostei, tava entrando muito vagabundo lá. Amigos não, porque ninguém tem amigos, eram conhecidos. Era conhecido meu mesmo. As irmãs, já tinham tudo desbandado. Depois que minha mãe faleceu, ficou eu, a Sueli, a Adriana, a Suelene e o André. A Célia, já tinha se ajuntado uma vez, se ajuntado, não casado. [...] A Suely, essa minha irmã que morava aqui no Maracanaú, venderam a casa e deram a minha parte. Compraram um barraco pra mim depois do Vila das Flores. Mas pensa num lugar assim, perigoso, só mato. E aí favela lá, aí compraram um quarto lá pra mim, me deram televisão, fogão, bujão, umas panela, umas roupa, mesa, cadeira (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

“Outsider” é um jovem que habita as ruas, mas com um perfil diferente dos interlocutores desta pesquisa por ser oriundo de uma família abastada. Contrariamente aos outros personagens entrevistados, este sujeito teve uma infância tranquila, com várias opções de vida. O único fator negativo na sua infância foi a separação dos pais. Há sete anos começou a usar droga, vendeu carro, moto e outros objetos de valor, o que acabou lhe rendendo a expulsão de casa. Apesar de se encontrar em situação de rua, mantém vínculos com o pai, em circunstâncias de extrema necessidade como doenças, perda de documentos. Suas falas são fluentes e leves e revelam certo orgulho de sua trajetória e estilo de vida.

Sou de Fortaleza. Nasci em 1979 na cidade de Fortaleza, as 24h32min da madrugada de quarta-feira, na cidade linda e maravilhosa. Sou solteiro há oito anos e sou formado em marcenaria. Trabalho com projetos e vidraçaria também, coisas grandes. Só que eu me envolvi com “chuckberry”⁶⁰, aí tive que sair de casa. – “Usei muitas coisas e tal, aí me atrasei um pouco”. Vivia com minha família, meus pais. Aí moramos aqui um tempo, fomos para Brasília, de lá para São Paulo, Rio, Pernambuco. A última cidade foi Santa Catarina e aí ficamos aqui. Terminei os meus estudos aqui no Benfica, no Christus. Agora to aí vivendo nessa vida doida, normal e tudo. Pratiquei judô. Há sete anos que eu uso drogas. Uso crack, cocaína, maconha. Eu tô saindo, não quero mais não. Quero voltar pra casa, tô na rua (“Outsider”, agosto de 2010).

As falas destes personagens das ruas revelam trajetórias de vida marcadas pelo uso abusivo de drogas e álcool, que emerge como elemento definidor dos processos de desfiliação. Além do uso abusivo de álcool e drogas, estes sujeitos têm em comum, o fato de serem oriundos de famílias que por vários motivos – alcoolismo, pobreza, separação conjugal, morte de cônjuge e apresentam ruptura de vínculos com as famílias.

A maioria começou a fazer uso de drogas na adolescência com amigos, passando de drogas mais leves como álcool, maconha, para drogas mais pesadas, cocaína e crack. Ao mesmo tempo praticavam pequenos furtos dentro e fora de casa, inviabilizando a convivência com social com parentes. Além do uso abusivo de drogas, como elemento definidor dos processos de desfiliação, emergem riscos de diferentes naturezas a este ligados, como a prática de assaltos e roubos para conseguir dinheiro, violência praticada por amigos, companheiros e traficantes devido a disputas e dívidas.

Ao refletir sobre as trajetórias dos personagens e processos que levam a enfraquecimento e ruptura de vínculos, cabe retornar à questão circunscrita no final da abertura deste capítulo: *os habitantes das ruas têm uma vida desregrada, marcada por processos de desfiliação, porque habitam as ruas ou habitam as ruas porque têm uma vida de exclusões e desfiliações?*

O campo revelou-me, como uma tendência marcante, que os habitantes das ruas vivenciaram contextos de pobreza e exclusões, inseridos nas periferias das cidades. Nessa perspectiva, vivenciaram processos de vulnerabilização social, com acesso precário a direitos básicos, nas rotas de pobreza. Esta constatação coloca em evidência uma ligação entre a pobreza, exclusão e vidas nas ruas, abrindo um campo de discussão polêmico. Escorel (1999) afirma existir uma culpabilização e criminalização da família pobre e pelos destinos “marginais” de seus filhos nas representações sociais brasileiras.

Estas representações e estereótipos ignoram as múltiplas formas de pobreza, e atribuem a essa condição, um forte conteúdo moral, nas quais, as estratégias de sobrevivência,

⁶⁰ No jargão das ruas, “chuckberry” parece se referir às drogas.

os arranjos familiares “diferentes”, as práticas sociais das famílias pobres são cunhadas de “desagregadas”. De acordo com a autora, “a opinião pública acusa as classes populares pela sua própria desgraça, uma vez que identifica nas suas formas de vida, de trabalho e de moradia a sede da desordem moral geradora de todos os males sociais” (TELLES, 1990 apud ESCOREL, 1999, p. 135). Acerca das representações negativas existentes sobre as camadas populares, a autora argumenta:

Habitantes de bairros pobres e precários, os filhos das classes populares recebem todos para estabelecer vínculos tênues e instáveis com a escola e uma utilização crescente da rua como espaço de trabalho e lazer. Responsabilizar a estrutura familiar pelo desconcerto desse múltiplo arranjo de determinações que conduzem as crianças para trabalhar e morar nas ruas da cidade é encontrar, senão um bode expiatório, uma estereotípia da família pobre, como desagregada e promotora de seres desviantes, marginais (ESCOREL, 1999, p. 134).

Desse modo, Escorel (1999) denuncia a criminalização das famílias vulneráveis, e em contrapartida, argumenta que a família incompleta e matrifocal⁶¹ se mostra a realidade empírica mais comum, em oposição à ideia de família agregada que permeia as representações da sociedade brasileira.

3.2 Cenários de risco: relações com traficantes, dívidas no tráfico e prática de delitos

As trajetórias dos personagens de rua expressam processos de vulnerabilização em contextos de riscos. Determinadas situações são emblemáticas, senão vejamos. Devido às suas ligações ao comércio de drogas e envolvimento em facções e furtos, “Vivido e Experiente” enfrentava situações de risco e de violência. Também praticava assaltos e roubos para sustentar seu estilo de vida. Várias vezes, ele e sua família sofreram ameaças de morte devido à sua ligação com o tráfico de drogas. Senão, vejamos o seu relato:

Tanto o pessoal do Terceiro Comando como do Comando Vermelho, foram tudo nascido e criado comigo. Eu só andava na parte de baixo, onde havia mulher melhores, onde aparecia as coisas para ganhar dinheiro. Eu nunca fui de sair pra roubar. Mas aparecia gente com dinheiro no bolso, a gente compra e vende. E aí eu já usava cocaína, com o irmão desse meu amigo, que também mataram ele lá no morro do Andaraí, o Marquinho Gadinha. Aí o irmão dele me ofereceu pra eu vender a porra. Passei o Natal em casa dele, na Ilha do Governador, ele me deu um saco com 40 gramas de pó puro. Ele só usava pó puro. Era todo o dia, 25, 30 gramas de pó que eu cheirava, às vezes a gente colocava na mesa e parecia que havia nevado em cima da mesa. Não estou falando isso pra me engrandecer, tô falando a verdade, mentir não adianta. Isso prejudicou muito minha vida porque eu morava entre duas facção, os caras da parte de cima tinha guerra com a parte de baixo. Eles viviam em guerra. Tinha lá um cara que não ia com a minha cara, ele queria me matar. Teve

⁶¹ Matrifocal refere-se a famílias que tem a mulher como representante ou chefe.

uma vez que o cara me assaltou. Uma vez fui a casa dele, e estava tudo o que era traficante do Rio de Janeiro. Tudo bem armado, aí ele me apresentou e disse que eu era de menor, mas ele confiava mais em mim do que no irmão dele. Quando foi na semana do ano novo, os caras me assaltaram, e eu tava com revólver guardado num bar, dentro da geladeira. Eu falei: – Rapaz o cara me apresentou a vocês e agora vocês vêm pra me assaltar. E eu tive que entregar, os caras ameaçaram minha família (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Ao longo do seu percurso de vida, “Sensível, Alegre e Esperançoso” foi se envolvendo com o submundo das drogas cada vez mais, permitindo que companheiros e traficantes de drogas frequentassem até a sua casa, com todos os riscos daí advindos. Escapou de várias tentativas de assassinato. Durante as entrevistas, mostrou as várias cicatrizes, marcas de facada, pedradas e balas no corpo, fruto da violência nesse período.

Foi aí que eu comecei a me estragar mais, a vender as coisas dentro de casa. Fogão, bujão, tudo o que meu pai deixou pra mim. Até a casa né, inclusive eu tive que vender, porque eu quase todo o final de semana, eu era drogado, tão drogado que às vezes, a galera chegava lá em casa e eu não queria deixar entrar e ela queria entrar a força, botava faca em mim e furava meu pescoço. Sabe que de um lado do meu rosto tem 8 facadas, só aqui deste lado de cá. [...]. Isso aí é porque quando meu pai morreu, muitos traficante queria mandar na minha casa, achava que me comprava com uma pedra, com duas pedras. Que chegava na minha casa e levava as mulher. Eles queria fazer um cabaré na minha casa, e eu nunca aceitei. Nunca aceitei porque eu acho que não é apesar que a gente que é um drogado, uma viciado, que vamos se vender por qualquer merda. Eu sempre quando eu tinha minha casa, minha casa sempre teve moral. Se chegou um cabra na minha casa, eu olhei pra cara e não gostei. Eu disse: –Rapaz, não entra não. E não entrava mesmo não. E proibi um cara, e esse cara chegou de madrugada com um bocado de rapariga, com um bocado de amigos dele, e eu disse que ele não ia entrar que minha casa não é um cabaré, apesar de não ter moral de mulher, mas, minha casa é uma casa de respeito. E ele pegou essa marcação comigo. Com uns seis dias, eu tava fazendo uma festa lá em casa e fui lá olhar pra calçada, me sentei na mesa e parou um cara num carro, sacou no revolver e me deu seis tiros e só pegou quatro (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Para além do vício do álcool, “Convertido e Lúcido” envolveu-se com vizinhos ex-presidiários e passou a praticar roubos para poder sobreviver. Devido às suas atividades, fez inimigos e passou a conviver com o medo e a violência. Uma das vezes, quase morreu vítima de espancamento.

Aí meu vizinho era o quê? – Patife, já começou ruim pra mim. Meu vizinho, eu nem sabia, era ex-presidiário, assassino. Aí quando foi um belo de um dia, ele me convidou ôh, chamou: – José, eu e meu irmão vamos pra uma festa lá no Jereissati, você topa ir mais nós? Eu: – será que vai ser bom lá? – Vai ser, a pessoa tem que saber entrar e saber sair. – Então se for por isso, saber entrar e saber sair, eu sei entrar nos cantos e sei sair. Aí no caminho, macho, eu não sei, eu acho que ele já levava aquilo na cintura dele, martelo, macho. Eles encontraram um inimigo deles, foi um segurou e outro abaicou, só de martelada. Aí corremos e o cara ficou lá no chão. Não morreu não. Aí certo dia, eu encontrei com uns amigos desse que levou as martelada, como era só favela, ninguém lá entregava ninguém. Os pessoais não iam dizer pra polícia quem é que tinha sido. Podia matar quem quiser e, a comunidade não ia dizer pra polícia. Me pegaram, três colegas desse que levou as marteladas, me levaram assim pro mato. Eu pensei que nesse dia, eles iam me matar, ôh. Aí disseram: – Oh negão, tu tem culpa, porque tu tava mais eles, mas nós tava

querendo pegar eles dois, mas como tu tá só e tu tava mais eles, nós te encontremos. – Vamos te dar uma surra bem legal, nunca mais vai esquecer. Aí foi uma surra mesmo e me deixaram lá no chão, só de fanada de facão, ôh ma. Só fanada de facão, mesmo. Antes deles saírem, que eu tava lá no chão, disseram: – Isso aí é só um aviso. Da próxima vez, que nós te encontrar, e nosso colega está internado, nós te damos um sumiço, tanto poder ser tu, como qualquer um dos dois irmãos. – Nós damos sumiço em qualquer um de vocês. Isso é só um aviso, que é pra eles te verem e lembrarem da covardia que eles fizeram com o nosso colega (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

Constata-se que esses três personagens conviveram com os riscos decorrentes da própria vulnerabilidade urbana, que marca o universo de vida das populações que habitam as periferias, nos processos de segregação socioterritorial, gestados na produção das cidades que bem expressam as desigualdades entre a vida de ricos e pobres, entre cidadãos e “subcidadãos”. São processos de exclusões urbanísticas, a produzir uma “coletividade de despojados de direitos”, imersos nas múltiplas formas de violência.

“Outsider” tem uma história de vida distinta dos percursos de riscos e violência vivida pelos outros entrevistados. O uso abusivo de drogas é uma das situações em comum com os outros sujeitos entrevistados. Orgulha-se de pertencer à classe média e faz constantes referências a esse detalhe, ao bairro, à casa e bens de sua família. Ao focar em sua trajetória a questão da vida em família, identifico rupturas com sérias repercussões em sua vida.

“Outsider” é filho de pais separados, foi criado pelo pai e pela avó. A situação de ruptura de vínculos, por ele destacada como determinante, foi a morte da avó que o criou. “Outsider” tentou suicídio quando esta morreu. Afirma mesmo que sua família se desagregou após a morte da avó e, por esse motivo e ele caiu no mundo das drogas.

O bairro que eu morava lá era massa. Eu morava no Pan-Americano, vizinho ao Benfica, bairro nobre de Fortaleza. Não é qualquer um que mora lá não. Lá é só casa grande, casarão. Bairro de nível alto. A Aldeota é um que é duro..., já aqui, aqui é periferia, zona sul baixa. Lá em casa, é uma casa grande que tem em cima e em baixo, garagem e três carros. Eu tive tudo na infância. Nunca me faltou nada não. Terminei meus estudos. Tentei vestibular duas vezes. Ia fazer a área de veterinária, mas não deu certo não. Não gostei não. Aí eu tava no curso lá que tinha lá de marcenaria. E me interessei por moveis, por projetos. Me formei pelo SENAC, na Barra do Ceará. Passei três anos estudando lá. Sou formado com diploma e tudo. Minha mãe (avó) faleceu e eu tentei suicídio, aí eu usei droga demais e tudo. Depois que ela faleceu aí eu só segui esse caminho. Foi um dos motivos pra eu entrar nessa besteira. Meu pai trabalha na COELCE, é diretor de lá. Às vezes ele aparece cá, dá-me 100-220 contos, mas vai logo embora, não demora. Aí mudei para cá, fico por aqui, comer aqui, fumar um bagulhozinho e tudo. Depois da morte da minha mãe, a estrutura familiar ficou totalmente fudida. Minha mãe [se refere à avó, a quem carinhosamente chama de mãe] faleceu e eu tentei suicídio, aí eu usei droga demais e tudo. Depois que ela faleceu aí eu só segui esse caminho. Foi um dos motivos pra eu entrar nessa besteira (‘Outsider, agosto de 2011).

A droga aparece, nos relatos, como um demarcador, com implicações decisivas na vida dos diferentes personagens. Na realidade, o consumo de drogas parece criar uma teia que

envolve as pessoas, impedindo-as de “sair” desse circuito, de romper com este círculo da dependência. Em suas narrativas, os personagens atribuem à droga a responsabilidade pelas rupturas que os levam às ruas. Tal vinculação das trajetórias dos personagens com as drogas revela fenômenos contemporâneos, apontados por analistas das cidades brasileiras, com destaque para autores como Telles e Hirata (2007).

A partir de suas experiências etnográficas nas periferias de São Paulo, estes pesquisadores apontam como fenômeno da vida urbana contemporânea, o embaralhamento entre a informalidade que marca a vida dos pobres e as múltiplas formas de ilegalidades. Na sua ótica, as práticas urbanas revelam “fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito” (TELLES; HIRATA, 2007, p. 195). Afirmam então:

Se é verdade que a cidade oferece todos os ingredientes que alimentam os discursos e o imaginário da “cidade global”, com seus artefatos sempre presentes e sempre iguais em todas as grandes metrópoles do planeta, também é verdade que a vida social é atravessada por um universo crescente de ilegalidades que passa pelos circuitos da expansiva economia (e cidade) informal, o chamado comércio de bens ilícitos e o tráfico de drogas (e seus fluxos globalizados), com suas sabidas (e mal conhecidas) capilaridades nas redes sociais e nas práticas urbanas (TELLES & HIRATA, 2007, p. 195-196).

Os autores sublinham esta mistura entre o informal, o ilegal, o informal e o ilícito no interior da expansão da economia e, mesmo, da cidade informal. De fato, no âmbito de uma economia informal expansiva, imbricam-se os mecanismos de trabalho informal, comércio de bens ilícitos e o tráfico de drogas, atingindo particularmente, os mercados de consumo e as formas de sociabilidade populares nas periferias das cidades. Este fenômeno de fronteiras borradas entre o informal, o ilícito e o ilegal, em uma complexa amálgama nas tessituras da vida urbana faz-se presente, com nitidez, nos percursos de vida de quem habita as ruas.

De fato, a articulação e inserção no comércio de drogas, furtos, assaltos, distintas formas de comércio ilícito perpassam as trajetórias de vida dos personagens das ruas. Alguns destes personagens iniciaram cedo na chamada “carreira delinquente”, ainda na adolescência, quando viviam em bairros nas periferias da cidade de Fortaleza. Muitos destes sujeitos passam a cometer delitos para conseguir dinheiro para sustentar o vício das drogas. E vivem tais experiências em meio a múltiplas formas de trabalho informal. Exemplo deste cenário é o caso de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, que vive entre atividades lícitas e ilícitas desde a adolescência.

Mas sempre trabalhei, sempre eu olhei meus carrinhos. Comecei a olhar carro eu tinha 14 anos de idade. Deixei de roubar. Eu deixei de roubar com 19 anos. De lá pra cá minha profissão de olhar carro, eu ganho muito bem. Todo o dia eu ganho meus

100 contos, meus 130, meus 90 conto, por dia. Se eu tivesse uma casa, ou alugasse uma casa, por dia, eu juntando, quando chegasse no fim do mês, eu tinha 1000 contos, 2000 contos guardado. É que eu gasto muito. Gasto muito, quando eu fumo maconha, eu como demais (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Por sua vez, “Convertido e Lúcido” iniciou a “carreira delinquente” ainda jovem, quando trabalhava e vivia em domicílio, no espaço de uma casa. Aos 31 anos, após vender o quarto em que morava no bairro distante, passou a alternar sua vida entre as ruas e passagens por casa de primos e de amigos, onde sobreviviam de “bicos” e faziam uso de drogas.

Eu usei cola e cachaça. Maconha usei, já usei maconha, já tomei aranha, mas isso aí quando eu morava na minha casa. Trabalhei em serraria, com o N... Mas na serraria, lá tinha um conhecido na serraria, ele sempre levava uns tiquinho de maconha pra a gente fumar dentro do banheiro. Dava mais coragem. Era pra ficar mais esperto. Não era pra a gente ficar na rua fazendo putaria. Depois que foi vendida a casa, compraram um canto pra mim depois do Vila das Flores. Depois que abandonei lá, voltei pra rua, que na rua eu fui pra casa do F., que era esse cara que gostava de cola.[...]Mas já tinha que me misturar com vagabundagem e os conhecidos que eu fui morar na casa dele, era um primo cheirador de cola. Ele botava a mulher que ele gostava pra arrumar dinheiro pra comprar cola, aí como eu morava lá, mais ele e a mulher. [...] Ele cheirava cola danada, e cachaça também bebia. Aí fui morar com ele, eu também me acostumei a cheirar cola. Me acostumei a cheirar cola[...]. Aí quando o dinheiro dava, comprava um litrão de cana, um litro de refrigerante. Aí nós ficava cheirando e bebendo (“Convertido e Lúcido”, setembro de 2011).

“Vivido e Experiente” viveu sua infância e adolescência em meio à violência entre facções rivais pelo domínio no comércio de drogas e, por sorte, escapou vivo. Começou a sua carreira no tráfico de drogas no Rio de Janeiro durante a adolescência, alternando as suas atividades com o trabalho formal no ramo da segurança privada e ourivesaria. A sua carreira se estendeu ao nível internacional, passando por vários países vizinhos como traficante de drogas. Ao chegar ao Ceará, estabeleceu-se no mercado informal, fazendo pequenos “bicos” no ramo da construção civil.

Mudei-me do morro há 23 anos. A mãe vendeu a casa no morro porque era muita guerra, é a facção rival. Uma encontrava com a outra e aí o bicho pegava. Minha mãe vendeu a casa que tinha e aí foi morar em Villa Isabel. Isso não afetou minha vida porque eu nunca meti a mão pra fazer mal à vida de ninguém. Muitos amigos meus morreram, não chegaram nem aos 15 anos de idade. Além das facções, eles saía pra roubar e aí às vezes não voltava mais. [...] Antes de vir pro Ceará, estive na Argentina, onde trabalhei numa empresa de reforma de objetos e botavam pra vender na empresa... Fiquei dois anos na Argentina. Lá era bom. Já rodei muitos lugares [...]. Não reclamo porque quem escolheu esta vida fui eu. Eu é que escolhi, a droga me fez varias viagens. Eu fiz várias viagens, fui pra Argentina, fui pro Chile, fui pra Bolívia, fui pra Colômbia, tudo por causa da droga. Foi a viagem que ela me arrumou. Já destilei, sei fazer droga, sei fazer, sei prepará-la (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

É importante registrar que este personagem chegou a fazer trabalho como motorista na casa de acolhida e terminou abandonando a casa ao cometer um roubo de computadores, voltando às suas andanças pelas ruas.

Já “Outsider” tem um percurso distinto dos outros, viveu sempre em bairros de classe média e não precisou trabalhar na infância. Aos 25 anos envolveu-se no mundo das drogas, passando a usá-la de forma abusiva, vendendo objetos de uso e de valor, roubados em casa, ou trocando-os com traficantes para conseguir dinheiro para a compra de droga:

Aí depois comecei a gastar demais, a endividar demais, por 15.000,00 passei um carro, em três meses fumando. Meu pai ia me matar. Ele tinha comprado não tinha nem três anos. O carro estava avaliado em 47.000,00 reais. Eu troquei com o traficante. Eu falei que tinha sido roubado. Aí me deu uma pisa. Me mandou embora de casa. Aí eu voltei e vendi a moto. A moto vendi por 10.000,00 custava 20.000,00 era uma Kawasaki (“Outsider”, setembro de 2010).

As histórias acima descritas mostram vidas de sujeitos atravessadas por trabalhos precários no mercado informal, os famosos “bicos” e mesmo, em alguns casos, no mercado formal em meio ao envolvimento em atividades ilegais nas periferias das grandes cidades e, hoje, nos espaços das ruas onde habitam. Muitas vezes, a trajetória de vulnerabilidade e exclusões vivenciadas por estes sujeitos leva-os a esse embaralhamento entre o lícito e ilícito.

Como vimos nos depoimentos, a maioria destes sujeitos começou a trabalhar na adolescência, num contexto marcado por precariedades e carências onde as drogas sempre estiveram presentes, alternando as suas ocupações cotidianas entre atividades lícitas e ilícitas. Em algumas narrativas parece que os tempos se sucederam entre trabalho e delitos numa alternância de experiências que terminam por misturar-se na vida nas ruas.

3.3 A Rua como lócus de moradia

Muitas pessoas que passam por processos de desfiliação, enfraquecimento ou ruptura dos vínculos sociais têm a rua como o último recurso de seus percursos de vulnerabilidade. Tal é o caso de muitos personagens que compõem a chamada população em situação de rua, que vivenciam processos que podem ser configurados no âmbito do que Castel (1997) designa por “desfiliação social”, apontando para fragilidade dos vínculos e apoios sociais e pela ausência de trabalho. De acordo com Castel (1997, p. 24), na “zona de desfiliação”, os indivíduos, apesar de estarem aptos para trabalhar, ficam fora ou nas margens do mundo do trabalho e, por consequência são expulsos das redes familiares de proteção social e da comunidade e são rejeitados e estigmatizados.

De fato, a situação vivenciada pelos sujeitos que habitam as ruas - que encontrei em meus percursos de campo – encarna dimensões do que Castel (1997) circunscreve como desfiliação social. Entretanto, é importante sublinhar que as trajetórias destes personagens

revelam especificidades típicas da vida social brasileira, no que se refere aos processos de desfiliação. Na realidade, a desfiliação dos hoje habitantes das ruas, começa nos seus percursos ao nascer no âmbito de famílias sobrantes nas cidades em expansão, famílias nas “periferias da vida”, despojadas do acesso a direitos básicos em meio a violências de toda a ordem.

A dificuldade de se inserir no mercado de trabalho é de fato, expressão de processos de exclusões e inclusões precárias na rota perversa do que analistas chamam de “carreiras delinquentes” nas quais, a droga é o grande demarcador, estas pessoas assumem a “rua como lócus de moradia”. Nas circunstâncias vivenciadas por estes sujeitos, a rua torna-se local de moradia e espaço de vida, durante semanas, meses e anos. Nas ruas, eles passam a viver e conviver, ainda que alguns mantenham vínculos com as famílias, enquanto uma parte significativa efetiva a ruptura de vínculos familiares.

Tomo como exemplo, a circunstância vivenciada por “Sensível, Alegre e Esperançoso”, que apesar de estar em situação de rua há cerca de dez anos, mantinha vínculos com a família, particularmente com a mãe, com visitas regulares à sua casa. Sua mãe ocupa um lugar especial na sua vida, constituindo a sua grande referência e o principal elo de sua ligação com a família, como mostra o relato seguinte:

Rapaz quando eu durmo assim na rua, tem que se acordar cedo, 7h. Vou pra casa, Bela Vista. Pego o ônibus e vou pra casa. Chego lá, minha mãezinha, coisa boa que tem mãe. E ela sabe que eu gosto daquele preçõ. Aí ela faz daquele caldo. Minha mãezinha sabe que eu gosto de tomar um caldo de carne moída com ovo bastante apimentado. Aí eu chego lá tomo um banho, lavo a louça, que ela sabe que eu gosto de trabalhar, não gosto de chegar. Lavo a louça, faço café do meu cunhado, quando eu chego cedo, que ele acorda 7h, 7h30min e vai pro emprego 8h. E eu chego cedo, do jeito que eu chego, eu vou direto pra cozinha (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto 2010).

“Outsider” se encontra em situação de rua há cerca de sete anos. Mantém vínculos com a família, voltando para a casa dos pais com certa regularidade. Mantém relações pragmáticas e de dependência econômica com o pai, relações afetivas com a mãe e a madrasta, e relações hostis com suas irmãs. Entretanto, a avó já falecida é sua principal referência afetiva, estando sempre presente na sua memória afetiva:

Minha mãe biológica mora aqui no Parque São José, tem uma casa boa lá, cuida do meu avô. Meu avô é aposentado, ela recebe todo o dinheiro e gasta todinho com cachaça. Tenho uma boa relação com minha mãe. Só não tenho com as minhas irmãs que são umas pestes. É todo dia um namorado dentro de casa, ficam na esquina, vão pro motel. Sabe botando menino no mundo, tendo prejuízo. A relação com meus pais é muito boa, principalmente com a minha mãe. Dia de sábado a gente vai pro forró, bebe, dança (“Outsider”, setembro de 2010).

Já “Vivido e Experiente” representa um exemplo de fragilidade e ruptura de vínculos familiares, com tentativas frustradas de reatamento. Apesar de ter rompido vínculos com a família por cerca de vinte e três anos, este sujeito sentia saudades do ambiente familiar, de sua primeira esposa, de sua filha, assim como de sua mãe. Há cerca de quatro anos, tentou reatar vínculos com os irmãos, mas não foi bem recebido, devido ao seu histórico de ligação ao tráfico e uso abusivo de drogas. A sua narrativa enfatiza a desfiliação:

Eu não sei não. Minha mãe era maravilhosa, só que eu nunca fui chegado. Entre irmãos, a gente brigava muito. Eu e meu irmão mais velho éramos considerados os ovelhas negras da família, por que a gente usava droga. A gente não se batia. Eu nunca admiti pra ela, que era usuário de droga. Ela sabia por que os outros contavam. Eu sempre neguei, nunca ia dar pra ela esse desgosto. Se minha mãe fosse viva, eu não estaria aqui no Ceará, estaria lá com ela. Minha mãe era tudo pra mim. Eu passei vários anos longe dela devido ao consumo de droga e não poder ir a certos cantos. Na época eu comecei esse negócio de viagens da EMAUS, e com esse negócio de droga, fiz várias inimizades e pra não botar a família em risco tive de me afastar. [...] Falei com a minha filha. Não consigo falar mais com ela porque eu perdi o telefone dela. Tenho uma irmã em Brasília que tenho o numero dela na cabeça. Mas quando eu ligo pra ela, ela pergunta, o que é, o que é tu quer? Aí fiz um juramento, nunca mais entro em contato com a minha família. Eu disse a eles, esta é a última vez que vocês estão me vendo. Eu nunca mais liguei pra eles, já fazem 4 anos. Lá é diferente do Nordeste. O nordeste, a família só abandona quando vê que não tem mais solução nenhuma. Lá não. Se o cara cometer um erro pequeno, acabou. E se você tem, você tem, se não tem, não tem. Acabou, ninguém te ajuda não. É ruim, você procurar tua família e eles não te ligarem (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Por sua vez, “Convertido e Lúcido” perdeu o pai durante a infância e a mãe no período da adolescência, passando a viver com as irmãs. A ruptura de vínculos familiares com as irmãs parece ter se iniciado com a morte dos pais, aliada a situações de carência e pobreza vivenciadas desde a infância, que terminou com a venda da casa em que nasceram pelas suas irmãs. Assim, este sujeito considera suas irmãs responsáveis pela sua ida às ruas. Rompeu os vínculos e nunca mais teve notícias delas, representando um caso extremo de ruptura de vínculos.

Eu fui pra rua com 31 anos. Nós tinha a nossa casa ali no Henrique Jorge, lá na rua São Luís. Uma casinha com meio lote de terra. Aí minhas irmãs eram sete: a Célia, a Solange, a Sueli, a Adriana, e a Suelene, eu e o meu irmão, o André. Sete, era sete irmãos. Ai o contato que eu tive com umas das irmãs, foi essa Célia aqui. A Alexandra foi lá na casa dela. Ela mora lá pros lado do Bom Jardim. A Alexandra levou minha identidade, né, pra ela reconhecer. Essa irmã minha, por isso que eu digo que ela pra mim é mesmo que não ter irmã. Que ela disse que não, esse meu irmão já tá com muito tempo que ele morreu. Pra que a identidade dele. Ele não existe mais, não. Já morreu faz é tempo.[...] Não, eu nunca mais tive contato com minhas irmãs. Quando eu tava com a Alexandra, ela foi à casa da Célia. Eu trabalhava de servente, morava sozinho. A casa que os meus pais tinham deixado de herança, eu morava sozinho lá. Eu saí de lá porque me desgostei, tava entrando muito vagabundo lá. Amigos não, porque ninguém tem amigos, eram conhecidos. Era conhecido meu mesmo. As irmãs, já tinham tudo desbandado (“Convertido e Lúcido”, agosto de 2011).

As situações e circunstâncias descritas por estes sujeitos, acerca da rua como lócus de moradia e de seus vínculos familiares, mostra que, em seus percursos de vulnerabilidade iniciados nas periferias das cidades até a moradia nas ruas, eles têm a família como uma referência em suas histórias de vida. Em alguns casos, a família é referenciada de forma positiva, como a fonte de amor, carinho e segurança, enquanto que, em outros, ela é representada de forma negativa, como fonte de conflitos e rejeição, particularmente na relação com irmãos. Entretanto, em todos estes casos, a figura da mãe é lembrada com carinho e nostalgia.

Na maioria dos casos, os vícios no tocante ao uso abusivo de álcool e de drogas e os conflitos decorrentes desta dependência interferiram negativamente nas relações com os familiares, gerando fragilidade ou ruptura completa de vínculos. Entretanto, em outros casos, a desavença entre irmãos, a morte de pais na infância e/ou adolescência, a inserção de pais no circuito de dependência do álcool ocasionam dispersão dos irmãos como uma estratégia de sobrevivência ou de enfrentamento de vulnerabilidades, como destaca Escorel (1999):

Por vezes as desavenças ocorrem entre irmãos, entre aquele que contribui para os rendimentos familiares, participa na estratégia de sobrevivência familiar, e um(a) outro(a) irmão (ã) que não participa da mesma forma do circuito de trocas familiares. O conflito resulta da não aceitação da existência de uma diferença de papéis, ações, valores e personalidades entre os supostamente iguais [...]. Quando os pais morrem, a dispersão dos irmãos pode ser uma estratégia de sobrevivência. No entanto, é importante destacar que a dispersão dos membros da família pode ser uma estratégia para enfrentar a vulnerabilidade econômica mesmo quando não há desestruturação do grupo familiar por morte ou separação (ESCOREL, 1999, p. 106-107).

De fato, a autora abre uma via de análise pertinente para pensar os processos de desfiliação no contexto de vivências nas ruas ao sublinhar os conflitos e tensões de âmbito das famílias. Percebo deveras fecunda esta ideia dos conflitos familiares pela não aceitação das diferenças de padrões de vida. Neste sentido, a diferença marcante pelo uso abusivo de drogas parece e pela orientação sexual parecem ter uma predominância nos processos de ruptura de vínculos.

Entretanto, durante a vivência, conversas e entrevistas com pessoas que habitam as ruas de Fortaleza, também percebi nestes sujeitos, visões e interpretações distintas sobre a vida nas ruas. Tais visões e interpretações diversas apresentam as ruas como um bom lugar para se viver, outras como uma lugar perigoso e outras ainda, mostram a rua como fonte de liberdade.

“Vivido e Experiente” habitava uma Casa de Acolhida, no momento em que o entrevistei. Havia alugado moradias no passado, mas acabou saindo destas por motivos

alheios à sua vontade, e, via a rua como um espaço de vulnerabilidade e marcado por atos de violência sobre as pessoas em situação de rua, praticados por transeuntes. Afirma ele:

Antes de chegar aqui, passei fome pra caramba. Eu consigo alugar um canto pra mim, ai de repente dá algum problema, eu volto pro meio da rua de novo. É tão difícil. [...]. Tem muita gente que passa tacar fogo, de maldade. Olha, vai ter a tal de EXPOUECE aí, dia 21 deste mês. Meu amigo pensa a maldade do pessoal quando sai dessa EXPOUECE faz com o pessoal que vive no meio da rua, que eles encontram no meio da rua. É um perigo (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Já “Sensível, Alegre e Esperançoso” demonstra uma visão oposta, declarando estar habituado à vida nas ruas e não conseguir viver mais em domicílio. Encara a rua como um espaço de liberdade para viver, com regras de relacionamento peculiares a serem seguidas, como por exemplo, “não se misturar com todo o mundo”, “saber entrar” e “saber sair”.

Por outro lado, a rua é vista por ele como um lugar de liberdade, onde pode estar com seus companheiros a qualquer momento, sem incomodar e ter que dar satisfação de sua vida às outras pessoas. Na sua visão, ela é perigosa somente para aqueles que não dominam ou ignoram os códigos de conduta da rua.

Só que eu não gosto de estar em casa, porque a casa lá é toda trancada, é cheia de grade, a casa lá é toda trancada, toda murada, entendeu, e eu... Não gosto de estar trancado. Gosto de estar solto assim no meio da rua, entendeu. Hoje eu não mexo mais nada que é de ninguém. [...] Na rua, cara, só é perigoso pra quem não sabe fazer, pra quem saber fazer a rua, ela é ótima. É não se misturar com quem não presta. Não é porque você é morador de rua que você vai se misturar com todo o mundo. Não. Tem morador de rua que sabe entrar, sabe sair, não mexo nada de ninguém pra não tar a ser perseguido com poliça, graças a Deus (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2010).

Tal como este personagem, “Outsider” encara a rua como um lugar que não representa perigo. Apesar de frequentemente ter os seus pertences roubados, este sujeito mantém uma visão positiva sobre a rua. Cabe sublinhar que, mesmo habitando as ruas, este morador revela condições diferenciadas, contando com um relativo respaldo da família. Sempre que tem os documentos roubados, faz um Boletim de Ocorrência na delegacia mais próxima e recorre a família e, em uma semana, consegue retirar novos documentos:

Ontem tava meio duro. Me roubaram só porque eu cochilei, levaram minha mochila, com meu dinheiro e todos os meu documentos. Não, mas eu peguei a folha, bati um BO estou com o papel. Consigo outros documentos. Aqui eu tiro tudinho em uma semana, pagando né.[...] [Você não acha perigoso morar na rua?]. – Perigoso sou eu na rua. Aqui ninguém é perigoso não. Quem fizer uma coisa dessa, eu mato ele no outro dia. Tô doído para pegar o cara que roubou minhas coisas. Eu vou dar um tiro nele. Tenho que ir lá em casa pegar umas roupas que eu tô sem roupa (“Outsider”, setembro de 2010).

Por sua vez, “Convertido e Lúcido” considera a experiência da rua como negativa, encarando-a como um espaço onde não existe sociabilidade familiar, o que lhe impediu de

construir vínculos afetivos. Este antigo habitante das ruas, hoje em uma casa de acolhida, encara a rua como um lugar de incertezas e preocupações que lhe tiravam o sono:

Não tive mulher nem filhos. Ficava por ficar mesmo. Não queria casar com mulher não. Só brincadeira e divertimento. Na rua passei um bocado de tempo, vii. Acho que foi... mas assim dormir, é ruim, vii. Quando chegava a noite, ficava pensando, onde é que eu vou dormir hoje, aonde? Passei quatro anos e seis meses na rua. Durou foi tempo ainda. (“Convertido e Lúcido”, agosto de 2011).

Tomando os discursos dos personagens, podemos sistematizar suas visões sobre a rua como espaço de moradia, representando-as em três grupos principais: os que encaram a rua como um espaço de liberdade para viver; os que veem a rua como a última alternativa em um percurso de vulnerabilidade; e os que compreendem a rua como um local de riscos e perigos.

Escorel (1999) aponta situações de vulnerabilidade e riscos vivenciadas pelos habitantes das ruas, desde a procura de um lugar para dormir abrigado contra a chuva e frio, passando pela procura de um lugar iluminado, seguro contra as violências institucionais (órgãos públicos de assistência social, polícia, fiscais municipais de habitação) e contra roubos e agressões entre os próprios moradores de rua. Deste modo, as tensões geradas pela insegurança e pela violência, permeiam o cotidiano das pessoas em situação de rua. Enfatiza em sua configuração do que chama “vidas ao léu”.⁶²

Nas ruas os conflitos entre moradores, pequenos ou grandes são resolvidos através dos recursos disponíveis: ameaças verbais, agressões físicas ou mortes – com pedras, paralelepípedos, facas e fogo. Nas ruas a violência se manifesta como mediadora das relações sociais e os instrumentos da violência são extremamente primitivos, a indicar um comportamento da barbárie (ESCOREL, 1999, p. 161).

Em suas reflexões, a autora alerta que se deve levar em conta os depoimentos dos personagens que se identificam com a rua e apontam a rua como um espaço divertido e de liberdade, rejeitando os valores que estruturam na sociedade tida como “normal”. A autora acrescenta ainda que:

Também no resgate da autonomia do sujeito morador de rua, não devem ser menosprezados os depoimentos que argumentam no sentido de que na rua está melhor, ‘tem mais liberdade’, ‘é mais divertido’, na rejeição dos valores que estruturam a vida social ao redor da família e do trabalho regular (ESCOREL, 1999, p. 132).

A narrativa de “Sensível, Alegre e Esperançoso” expressa bem essa situação apontada pela autora de identificação destes personagens com a rua. Senão, vejamos o seu depoimento sobre a vivência nas ruas:

⁶² É este o título da obra de Escorel (1999), que constitui uma das minhas referências na discussão sobre o universo das pessoas que habitam as ruas, consubstanciadas no capítulo 1.

Eu fico na rua porque eu gosto da rua. Porque desde os meus 14 anos que eu..., meus 13 anos que eu vivi na rua, lá pelo Centro, inclusive até meu pai ia me buscar. [...] Passava três, quatro dias, sumia. Passava um mês fora, e ele ia me buscar, ele me chamando, indo me buscar. Aí eu voltava de novo. Eu gosto da rua, eu gosto de estar na rua, porque eu não gosto de estar em casa. (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

De fato, encontrei entre os personagens das ruas, sujeitos que apesar das situações de vulnerabilidade às intempéries e doenças, riscos de violência e constantes roubos, mantêm uma visão positiva sobre a rua, como um “espaço de liberdade para viver”, em oposição à casa “toda trancada, murada e cheia de grades”. Muitos destes sujeitos adquiriram o *habitus* de viver na rua, internalizando suas regras e códigos, aprendendo posturas, estratégias de como viver e conviver. O depoimento de “Vívido e Experiente” é emblemático deste *habitus* das ruas.

Cansei de vir pra cá e dormir ali na churrascaria, ali depois daquele negócio que vem as energias da COELCE, tem a Avicunha e vem os Conjuntos, ali que tem o campo na EXPOECE. Cansei de dormir ali. E não é bom não, é horrível. O cara que tá morando na rua, ele não dorme, ele cochila. Às vezes eu tava deitado nessa churrascaria, chegou foi dois caras: – Aí mermão, tem alguma coisa pra comer aí? Eu respondi: – Não tenho não meu irmão, tô no mesmo sofrimento que você. Aí saiu, em pouco tempo voltou de novo, e disseram: – Aí meu irmão, levanta daí desse canto, que esse canto é meu. –Você deitou naquele cantinho onde eu tava deitado, não? Mas ele também não deitou. Só foi pra me tirar daquele canto. Só pra arrumar confusão. Só pra arrumar confusão. Eles repetiram de novo: – Hei meu irmão, levanta aí que esse canto aí é meu. E eu tive que levantar, vou brigar com três, do jeito que eu tava, com fome e tudo. Vou brigar aonde. Foi aqui pertinho. Hoje mesmo eu passei ficando olhando assim. Meu Deus, dormi aqui nesse restaurante várias vezes. Passei de ônibus e fiquei olhando assim. Vixe, não gosto nem de olhar. Mas eu tive que olhar, pra me lembrar de não voltar a cometer o mesmo erro (“Vívido e Experiente”, agosto de 2010).

O relato de “Sensível, Alegre e Esperançoso” é elucidativo da vida nas ruas: a venda e troca de objetos para uso de álcool e drogas, o desrespeito ao outro em seus espaços e seus objetos pessoais, ações e reações sob efeito do álcool e das drogas, a resolução de conflitos pela via da violência, a vida em risco permanente, as relações com os traficantes, entre outras situações. Vejamos o depoimento deste personagem acerca do cotidiano nas ruas:

No dia que eu fiquei doído, foi por causa do urso. Eu sou louco por ursinho, ursinho de pelúcia. Eu mato um pelo ursinho de pelúcia. Isso é matava, cara. Isso aí porque eu tava bêbedo. Eu não disse que a bebida destrói a vida da gente. Eu quase matava um cara, ia tirando a vida de um irmão que vivia comigo no meio da rua por causa de um ursinho de pelúcia. Um cachorrinho, quer dizer, porque eu me caduco muito com essas coisas. Rapaz, ele veio, ele mesmo veio e me vendeu. Ele me vendeu o cachorrinho, e eu comprei o cachorrinho. Eu comprei o cachorrinho por mesmo... eu comprei o cachorrinho por mesmo... dei 5 conto pelo cachorrinho de pêlo, deste tamanhozinho assim, grandinho, bonitinho. Aí ele foi, e eu gosto de esquecer das coisas quando eu tô bebendo. Eu esqueci no banco, e ele foi e vendeu a um traficante. E o traficante queria o cachorro pra dar o cachorro dar namorada dele, passou com o cachorro na minha frente. Ai eu perguntei cara, de quem é esse cachorro? – Esse cachorro é meu, esse cachorro que sumiu daqui. – Quem me

vendeu é o Lourinho. Aí eu fui perguntar ele [o Lourinho]. Ele tava bêbedo, dois bêbedo, dois drogado, só dá morte. E ele tava bêbedo, pegou a mão aqui nos meus peito, me deu uma mãozada, como eu sou maguinho assim, eu caí. Eu achei que aquela mãozada tinha sido uma mãozada muito forte. Aí eu puxei a chapa e cortei ele com a chapa. Foi profundo, ele quase morria, pra nunca mais mexer nas coisas e ficar quieto. Valeu o cara do SAMU que tava ali tomando sorvete (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Os depoimentos de “Vivido e Experiente” e de “Sensível, Alegre e Esperançoso” demonstram o cotidiano e os códigos sociais existentes na rua: o domínio dos mais fortes e de indivíduos que se deslocam em grupos; a incerteza de não ter o que comer e não ter segurança ao dormir; o uso abusivo de álcool e drogas; riscos de toda ordem, inclusive de agressão física; disputas por objetos e por espaços para dormir; exposição a formas de violência, enfim, vida marcada por tensões permanentes.

De fato, a experiência de viver nas ruas, ao longo do tempo, permite às pessoas a internalização do “*habitus* da rua”, ou seja, a internalização de um sistema de disposições que os indivíduos adquirem pela aprendizagem explícita ou implícita, como condição para viver, ou melhor, sobreviver neste espaço permeado de códigos.

Este *habitus* pressupõe a encarnação de posturas, de atitudes, de estratégias, de modos de proceder que bem se pode visualizar nas narrativas dos personagens habitantes das ruas: vigilância permanente, (“O cara que tá morando na rua, ele não dorme, ele cochila...”); senso de oportunidade e capacidade estratégica de retirada (“E eu tive que levantar, vou brigar com três, do jeito que eu tava, com fome e tudo”); capacidade de avaliar a correlação de forças, vendo o outro e se vendo numa dada situação (“ –levanta daí desse canto, que esse canto é meu. Eles repetiram de novo... E eu tive que levantar, vou brigar com três, do jeito que eu tava, com fome e tudo. Vou brigar aonde”), (“me deu uma mãozada, como eu sou maguinho assim, eu caí. Eu achei que aquela mãozada tinha sido uma mãozada muito forte. Aí eu puxei a chapa e cortei ele com a chapa”); a violência como via para enfrentamento de conflitos (“e cortei ele com a chapa. Foi profundo, ele quase morria, pra nunca mais mexer nas coisas e ficar quieto”). Enfim, é o *habitus* para se “virar”, para “saber entrar e saber sair”, “ficar ligado” e “esperto” nesta sobrevivência ao habitar as ruas.

O modo de viver nas ruas, em suas regras de sobrevivência, leva a uma valorização de determinados objetos que passam a encarnar valores como peças de um *modus vivendi* da rua: é o caso do balde, objeto de grande valor no cotidiano para carregar água, que também serve de assento e local de guarda de objetos. A mochila que parece ser o “artefato de carregar a vida”, onde guardam objetos pessoais, documentos, fotografias, constituindo uma mercadoria de grande cobiça que sempre “desaparece” nos furtos que marcam o cotidiano das

ruas; a flanela, utensílio de trabalho por excelência na atividade de levar carros.

Chama a atenção na narrativa de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, o apego aos ursinhos de pelúcia, que parecem ter um significado no seu universo de afetos e lembranças, mostrando que as pessoas que habitam as ruas, em meio à dureza do cotidiano, ao risco permanente, às violências múltiplas, mantêm sensibilidade, revelam afetos e emoções que ficam invisibilizados nas representações estigmatizantes acerca do morador de rua.

3.4 Situações que levam uma pessoa a viver nas ruas

Morar nas ruas representa, muitas vezes, a última alternativa de um percurso de vulnerabilidades para aqueles que romperam vínculos com a família e com o mundo do trabalho. Autores como Castel (1997) e Escorel (1999) circunscrevem trajetórias de vulnerabilidade e desfiliação social a marcar a vida de indivíduos que habitam as ruas. Especificamente, acerca dos motivos que deflagram processos de rupturas de vínculos, argumenta Escorel (1999):

Os depoimentos nem sempre são claros em relação às causas dos antagonismos familiares, mas quando a família é enunciada como motivo para ter passado a residir nas ruas, em geral, encontram-se associados o alcoolismo e o consumo de drogas, a violência doméstica, conflitos de valores entre pais e filhos, ou entre irmãos e incapacidade física, mas, sobretudo, doenças mentais (ESCOREL, 1999, p. 103).

Estas possíveis causas de rupturas de laços familiares a levar pessoas a viver nas ruas tornam-se perceptíveis nas trajetórias de vida dos interlocutores desta pesquisa. No caso dos sujeitos que habitam as ruas, a dependência em relação às drogas e ao álcool e a infecção pelo vírus HIV/Aids inviabilizaram a convivência com os familiares. Tal é o caso de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, que afirma que vendeu a casa para continuar vivo na rota de dependência das drogas. O seu depoimento bem revela as teias que envolvem os dependentes de droga, inviabilizando uma vida no convívio familiar. De fato, cada vez mais, as exigências e implicações do vício às drogas levam ao despojamento das condições de vida, empurrando as pessoas para as ruas:

Aí, eu cheirava muito, só que meu pai, ele sempre ele sabia que eu usava essas coisas. Com ele vivo, ele deixou a casa pra mim, já pra eu não usar droga no meio da rua. [...] E aí eu botei na minha cabeça, se eu não vendesse eu iria morrer, porque ali era a fonte. Porque ali era todo o mundo que chegava. No final de semana tinha mais de 30, todos 30 se drogando e eu tinha que fazer parte de todos os 30. Aí eu vendi porque ou eu vendia, ou então eu ia morrer nas drogas, dentro da casa. Vendi por R\$35.000,00 Gastei... 5.000,00 eu gastei dentro de dois dias... com drogas, drogas direto. Me internei, passei 5 dias trancado só na água de coco, e no crack e na cocaína, no uísque, cerveja. Tomava era banho de cerveja. [...]. Aí vendi a casa e

agora comprei uma casa pra minha mãe, nós tem uma casa, só que eu não gosto de estar lá, que a casa é cheia de grades, eu gosto de estar mais livre assim, no meio da rua. (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Já “Outsider” foi expulso de casa pelo pai, pois devido à dependência de drogas passou a vender objetos roubados de sua casa. Os constantes roubos de objetos dentro de casa tornou impossível o relacionamento com sua família:

Quem tem dinheiro é o pai. Roubei muito ele já. Uma vez ele me deu uma pisa, quase que mandava me prender [ria-se da situação]. Papoqueei R\$ 15.000,00 só em droga, durante 3 meses. Vendi moto, troquei carros. Uso cocaína, já experimentei crack, mas uso cocaína. É bom. Ontem gastei quase, R\$65,00 reais só de crack (“Outsider” setembro de 2010).

“Convertido e Lúcido” decidiu morar nas ruas, como a última alternativa de um percurso de vulnerabilidades. Suas irmãs venderam a casa em que vivia, que pertencia à mãe, um pouco depois da sua morte. Em troca, compraram para o personagem um quarto em um bairro distante e perigoso. No novo bairro em que vivia, o nosso interlocutor envolveu-se com vizinhos ex-presidiários em crimes de roubos e rivalidades entre ladrões. Levou uma surra que quase lhe custou a vida. Quando recebeu alta do hospital, vendeu às pressas o quarto em que vivia e decidiu morar nas ruas. Eis o relato dessa trajetória que bem expressa o processo de desfiliação vivenciado por este personagem:

A Suely, essa minha irmã que morava aqui no Maracanaú, venderam a casa e deram a minha parte. Compraram um barraco pra mim depois do Vila das Flores. Mas pensa num lugar assim, perigoso, só mato. E aí favela lá, aí compraram um quarto lá pra mim, me deram televisão, fogão, bujão, umas panela, umas roupa, mesa, cadeira. [...] E aí, quando eu melhorei, que me deram alta do hospital. Eu lá quis mas ficar ali, vendi por mixaria. Vendi por mixaria o quarto. Vou lá ficar aqui, morrer por causa dos outros. Peguei a mochila, botei as roupa dentro, vendi bujão, as panela deí lá pros pessoal, só trouxe só a roupa mesmo. Aí pra onde? Eu vou andar por aí. Eu não disse pra ninguém pra onde é que eu ia. Aí voltei lá pro Henrique Jorge. Como eu tinha minha visão. Aí ficava na casa de um e de outro. (“Convertido e Lúcido” agosto de 2011).

Por sua vez, “Vivido e Experiente” decidiu sair de casa e morar nas ruas porque não tinha mais uma convivência afetivo-sexual com a esposa, por conta da sua infecção pelo vírus HIV/Aids. A situação deste personagem mostra a dificuldade de casais vivendo em situação de sorodiscordância⁶³ em manter os vínculos afetivos. Segundo as falas de “Vivido e Experiente”, depois da descoberta da sua sorologia, ele e sua esposa passaram a viver “como dois irmãos”.

⁶³ De acordo com Amorim e Szapiro (2008), a sorodiscordância refere à relação conjugal entre duas pessoas, na qual um dos parceiros é soropositivo para o vírus HIV/Aids e outro não. Na pesquisa com o título “Analisando a problemática do risco entre casais que vivem em situação de sorodiscordância”, as autoras demonstram que além do medo, dificuldades para conversar sobre o assunto, planejar o futuro e manter uma vida sexual considerada satisfatória, o temor de transmissão do vírus HIV ao parceiro soronegativo é um sentimento constante que marca estas relações.

Meu casamento terminou porque nós não tínhamos uma relação de marido e mulher. Ela não aceitava transar, nem de camisinha. Nós vivíamos como dois irmãos. Você sabe que tanto o homem como a mulher necessitam do sexo. Ainda mais eu, que nasci e fui criado no Rio de Janeiro, samba, praia, mulher, toda a hora tinha uma mulher pra transar. Aí você se vê numa situação dessa, é difícil demais. Eu não a critico, não julgo ela. No início eu fiquei muito chateado. Mas depois eu tive que aceitar, ela é uma menina nova. Aí ficou muito tempo comigo. Aí começou as traições e tal. Ficamos juntos uns 6,7 anos, mesmo depois de eu estar infetado. Um relacionamento normal, ela nunca teve um envolvimento com outra pessoa. (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Os relatos acima mostram que, entre as principais razões apontadas pelos nossos interlocutores para a ida às ruas, estão o uso abusivo de drogas, com todas as suas implicações e a infecção por HIV/Aids.

Ao analisar o fenômeno de ida para as ruas, autores como Escorel (1999, p. 148-149), Castel (1997, p. 292-295) e Paugam (2010, p. 69) argumentam que as transformações no mundo do trabalho – desemprego, precarização do trabalho, trabalho temporário, múltiplas configurações de trabalho informal – e, as mudanças nas estruturas familiares – a fragilização e a ruptura dos laços familiares, configuram o processo que eles designam de “desvinculação sociofamiliar”. Na última etapa do processo de desvinculação sociofamiliar, os indivíduos escolheriam as ruas como a última alternativa de vida, ao longo de um percurso de vulnerabilidade.

A convivência com o campo em uma etnografia com a população que habita as ruas em Fortaleza revela um universo de desfiliação a colocar em questão esta tese – recorrente no imaginário social – de que o desemprego, ou mais precisamente, os obstáculos no acesso ao mundo do trabalho estariam na raiz dos processos que levam as pessoas a viver nas ruas.

De fato, o que o campo mostrou são processos de exclusão e vulnerabilidade social desde a infância inseridos nas periferias da cidade, aliados a processos de destituição de direitos e desvinculação familiar, a culminar no uso abusivo de drogas como elemento-chave para as pessoas passarem a viver nas ruas. É fato inconteste que, nestes processos de exclusão, vulnerabilidade social, violência dentro e fora de casa, destituição de direitos e posteriores bloqueios no acesso ao mundo de trabalho está entre os elementos constitutivos desta teia de exclusão nas cidades.

Avançando na perspectiva da vinculação entre a desfiliação familiar e o assumir a rua como lócus de vida, Escorel (1999) circunscreve um aspecto relevante nesta busca de compreensão dos fatores e situações determinantes relativos ao abandono de papéis sociais no âmbito da instituição familiar. Demarca esta autora que morar nas ruas permite desvincular-se de papéis que o indivíduo não conseguia ou não tinha vontade e disposição de cumprir, tais como o papel de marido e provedor, de pai, de filho, de irmão entre outros.

Neste sentido, a alternativa de viver nas ruas significa a possibilidade efetiva de fugir de responsabilidades e deveres que tais papéis impõem. As trajetórias de personagens que estamos a resgatar a partir da etnografia nas ruas mostram elementos que apontam nessa perspectiva de desvinculação de papéis instituídos no âmbito da vida doméstica.

“Vivido e Experiente”, em sua vida familiar, com a primeira esposa e com a filha, durante anos sempre mostrou-se “um marido e um pai ausentes”, abandonando de vez estes papéis sociais quando nos percursos de desqualificação na rota das drogas, acabou por sair de casa. Sua narrativa é deveras exemplar nesta questão:

A primeira mulher sofreu pra caramba. Eu ficava 3,4 dias fora de casa. Ia trabalhar e já saía do trabalho direto pra farra. Esta segunda, eu nunca fiz isso. A primeira, eu cansei de ir pra zona comer prostituta. Cansei de deixá-la em casa todos os dias. Pra tu ver como é que a droga faz a pessoa fazer coisas sem sentido. Não é do ser humano, ela tira do teu foco, faz tudo aquilo que você não gostava, faz você fazer coisas que você bom, você não faz. Ela te deixa completamente transtornado, uma coisa muito sinistra (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Já “Sensível, Alegre e Esperançoso” vendeu a casa que herdara do pai, comprou outra para sua mãe. Passou alguns anos morando com sua mãe, mas optou por morar na rua, deixando sua mãe morando sozinha. Apesar de ser o único filho vivo do sexo masculino, deixou a mãe de 80 anos de idade e a casa em que viviam para viver nas ruas, deixando de cumprir o que é instituído no papel de filho. Depois de vender a casa e comprar outra para sua mãe, este personagem sentiu-se livre para viver a sua vida nas ruas. Eis a sua narrativa:

Aí vendi a casa, comprei uma casa pra minha mãe. E lá na minha mãe nós tamos de boa. Meus irmãos morreu dois. Morreu um acidentado e o outro mataram. E eu comprei essa casa, e eu comprei essa casa com o dinheiro do... Comprei a casa, paguei minhas dívidas. Eu devia muito a traficante, paguei minha dívida, paguei minhas coisas.[...]. Depois que eu vendi a casa, minha vida mudou muito. Passei um tempo morando com a minha mãe. Passei uns 5 anos morando com minha mãezinha, depois eu voltei pra cá, pra rua. Mas sempre trabalhei, sempre eu olhei meus carrinhos. (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

O depoimento deste personagem revela um processo crescente de vulnerabilidade, em meio à rota do tráfico de drogas. Cabe ressaltar que, embora abandone o papel instituído de filho, este habitante das ruas continua a manter vínculos até a morte da sua genitora, sempre revelando ter a mãe como sua grande referência afetiva, o que parece mostrar os vínculos emocionais que perpassam o papel de filho.

Quem tiver suas mãezinhas, que cuida das suas mãezinhas, porque ela é tudo. Se não fosse ela, você não vivia na terra. Você não tava feliz, você não tava com esse ar bom. Então é assim, eu queria que todos os que tivessem as suas mães, nunca maltratasse ela. Eu sou revoltado quando passa um vagabundo daquele que bate numa mãe, pra mim, ele merecia a pena de morte. – Pena de morte! Onde se bate pai e mãe é pena de morte (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2010).

A etnografia das ruas mostrou quão complexo é o universo de vida dos habitantes das ruas, revelando situações de afirmação de vínculos familiares quando este sujeito passa a viver nas ruas. Em minhas andanças errantes pelas ruas de Fortaleza, em busca de acompanhar percursos de moradores de rua, deparei-me com grupos familiares que passam a habitar as ruas por não ter condições de continuar habitando um espaço construído, constituindo a crescente vaga de “sobrantes das periferias” que vai tomando as ruas. Neste caso, os papéis familiares mantêm-se ressignificados nos circuitos do nomadismo urbano.⁶⁴

3.5 Ruptura de vínculos: relações nos circuitos das ruas

O perfil da população em situação de rua mostra que esta população é constituída, majoritariamente, por homens adultos que vivem sós, com vínculos familiares rompidos ou que se distanciaram de suas famílias. Em menor número, a rua é habitada por casais de homem e mulher ou, mesmo, de dois homens que se encontram nas ruas e passam a partilhar a vida, constituindo configurações de família peculiares neste espaço da rua.

Nos casos específicos dos personagens que constituem o nosso campo, a situação marcante é a vivência de formas distintas dos processos de desfiliação familiar, a partir das rupturas gestadas nos circuitos das drogas. Cabe demarcar que, nesses processos de desfiliação, nem sempre a ruptura de vínculos familiares é completa.

Muitas vezes, os personagens mantêm vínculos com determinados familiares, particularmente com as mães, ou reaproximam-se de familiares em situações de extrema necessidade, como as de doença, de ameaça de morte, ou perda de documentos, ou ainda, quando são procurados pela polícia por algum crime cometido. Em nosso universo de pesquisa, é o caso de “Sensível, Alegre e Esperançoso”, que mantinha contatos com a mãe até a sua morte, e “Outsider” que busca a família em determinadas situações limites.

Já aqueles que rompem completamente os vínculos familiares passam a depender das instituições assistenciais, como abrigos e casas de acolhida. Tal é o caso de “Vivido e Experiente” e “Convertido e Lúcido”, que nunca mais tiveram contato com suas famílias e, no momento das entrevistas, habitavam casas de acolhida.

Especificamente “Vivido e Experiente” habitou as ruas durante quatro anos e, no momento da pesquisa de campo, vivia em uma casa de acolhida. Este personagem representa

⁶⁴ Entendo que este fenômeno de famílias que habitam as ruas interpele a um processo investigativo específico que não foi contemplado nesta etnografia.

um caso extremo de desfiliação, caracterizada pela ruptura completa de vínculos, pois se afastou de sua família há cerca de vinte e três anos, abandonando a mulher e a filha, nunca mais voltando a ter contato com elas, nem com sua mãe ou seus irmãos. Durante este período encontrou-se apenas uma vez com o irmão, há cerca de quatro anos. Apesar de ter o número de telefone de uma irmã que reside em Brasília, não liga para ela há cerca de quatro anos. Narra em seu depoimento:

Saí do Rio há mais de 20 anos. Deixei lá a mulher e filha. Todos os membros de minha família vivem no Rio de Janeiro; uma irmã minha vive em Brasília, somente eu estou aqui no Nordeste. Meu pai morreu quando eu tinha 6 anos de idade, e minha mãe há cerca de 5,6 anos. A droga me afastou deles. Me arrependo muito das coisas que eu fiz no passado. Nunca matei ninguém, nunca roubei ninguém mas, a droga acabou com a minha vida. Tanto credibilidade, tanto a vida familiar, aí logo assim veio essa doença, acabou por complicar mais ainda (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

“Vivido e Experiente” afirma de forma recorrente que se afastou da família devido ao uso de drogas e dívidas com traficantes, uma vez que não queria expor a família a riscos inerentes ao envolvimento com o submundo do tráfico de drogas. Sua família nunca aceitou o seu estilo de vida e, atualmente, não sabe do seu paradeiro.

Durante vinte e três anos, “Vivido e Experiente” passou por várias cidades do Brasil e por países da América Latina, sempre envolvido com o tráfico de drogas. Dez anos depois, decidiu mudar de vida, passou a fazer bicos na construção civil como rebocador de paredes, consertador de telhados e como pintor. Nesse período, veio a casar-se, passando a ter uma vida familiar constituída. Há cerca de oito anos, descobriu que era soropositivo, o que levou à separação da segunda esposa. Porém, a imagem que ficou perante a sua família de origem é a do usuário de drogas. Daí o seu receio de entrar em contato com a família durante esses anos. Por sua vez, “Sensível, Alegre e Esperançoso” manteve vínculos familiares com sua família, particularmente com a mãe, sua grande referência afetiva até a sua morte.⁶⁵ Mesmo morando nas ruas, deslocava-se à casa da mãe regularmente para refeições, descanso, banhos e troca de roupa.

⁶⁵ No mês de dezembro de 2011, este habitante das ruas informou-se que sua mãe falecera aos 92 anos de idade. Cheguei a conhecer a mãe deste habitante das ruas, uma senhora idosa, magra e que caminhava apoiando-se em um pau que usava como bengala, durante os meus percursos de pesquisa na Igreja Nossa Senhora dos Remédios, no bairro Benfica, onde “Sensível, Alegre e Esperançoso” pastorava carros aos domingos. Nos dias que se seguiram após o anúncio da morte da mãe, este sujeito afirmou que se recusava a voltar para casa e mesmo acompanhar o funeral da mãe, juntamente com suas irmãs, pois temia acusações de que a mãe falecera devido a desgosto e preocupação com o estilo de vida que ele levava nas ruas. Durante este período e nas semanas seguintes, “Sensível, Alegre e Esperançoso” apresentava-se deprimido, fazendo uso abusivo de álcool e drogas. Entretanto, poucos meses depois, já em fevereiro de 2012, descobri que a mãe deste personagem estava viva e saudável, encontrei-a na mesma igreja, no bairro Benfica. “Sensível, Alegre e Esperançoso” havia mentido, dizendo que sua mãe falecera, talvez, na tentativa de me comover e conseguir maior ajuda e colaboração da minha parte na retirada de documentos de identidade.

Rapaz quando eu durmo assim na rua, tem que se acordar cedo, 7h. Vou pra casa, Bela Vista. Pego o ônibus e vou pra casa. Chego lá, minha mãezinha, coisa boa que tem mãe. Quem tiver suas mãezinhas, que cuida das suas mãezinha, porque ela é tudo. Se não fosse ela, você não vivia na terra. Você não tava feliz, você não tava com esse ar bom. (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Já “Outsider”, apesar de dormir nas ruas, mantém vínculos com a família e recorre a esta regularmente, particularmente em circunstâncias de extrema necessidade: quando precisa de roupa, dinheiro, em caso de doença ou quando quer retirar algum documento, em caso de furto. Entretanto, quase sempre, entra em casa sorrateiramente, quando o pai está dormindo ou descansando, com a convivência da madrasta, e sai antes deste acordar.

Eu não estou assim exatamente na rua, há 7 anos e tudo. Mais ou menos eu alugo um kitinete, alugo um quartinho. Vou em casa ao fim de semana, deixo meu pai dormir, e vou lá, e pego algumas coisas, e vou embora. Ainda tenho um vínculo com minha família, principalmente com minha madrasta. Às vezes vou lá, dou um tchau nela, e tudo, só filé. A bicha é cega [risos] (“Outsider”, agosto de 2010).

Por sua vez, “Convertido e Lúcido”, que habita uma casa de acolhida há cerca de sete anos, rompeu os vínculos com as irmãs. Desde esse período que não têm notícias das irmãs, que também nunca o procuraram, embora tenham conhecimento que, atualmente, ele é cego e mora na casa de acolhida.

Em meio a processos de desfiliação familiar, os habitantes das ruas vivenciam relações nos percursos e vivências. Tais relações entre os sujeitos que habitam as ruas tomam diversos arranjos e configurações, que vão desde relações de companheirismo, de amizade e colaboração, a relações de disputa e conflito até relações afetivo-sexuais.

Nas minhas trajetórias etnográficas nas ruas, acompanhando e conversando com “Sensível, Alegre e Esperançoso”, percebi que este personagem, homossexual assumido, vivia uma vida afetivo-sexual intensa, apaixonando-se e desapaixonando-se. Muitas vezes dizia fazer “simpatia” para chamar e/ou não perder o companheiro, vivenciava traições, juntava-se e separava-se, demonstrando uma vida amorosa prenhe de emoções e sentimentos:

Tudo o que é bom se acaba. Ninguém é de ninguém.[...]. Isso aí eu tenho sorte, todos os homens que eu pego graças a Deus, ele mesmo que chega e diz que está afim de mim. Não é eu que vou atrás. Às vezes me paquera assim, eu tô solteiro, paquero assim, pisco o olho, brinco. Mas eu nunca passei um ano só, não. Não vou conseguir passar não. Passa um mês, dois mês e aparece um, porque eu tenho uma Santa que arrasto. Não é qualquer homem. Se eu quiser aquela pessoa, eu vou ter que fazer um catimbó, uma bruxariazinha, mas eu consigo. E graças a Deus eu tô conseguindo. Deixei um aí há pouco tempo, foi melhor eu ter deixado ele. Foi melhor porque ele tava me botando nas drogas demais. Ele tava me botando em dívida (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2010).

Este personagem também revelava ter bastantes amigos, com relações de companheirismo, partilha, mas também de contradições e conflitos. Em sua fala, expressava consciência do caráter instrumental e utilitário de determinadas relações de amizade. Por várias vezes, vi-o partilhar não apenas papelão e espaço para dormir, mas também refeições, bebidas e drogas. Quando voltava, ou dormia em casa de sua mãe, “Sensível, Alegre e Esperançoso” sentia saudades dos amigos e companheiros de rua, conforme mostra o seu depoimento:

Eu fui inventar de dormir uma vez dentro de casa, não tá nem com um mês agora. Eu tava com uma dor na garganta e bateu uma febre. E ali onde eu durmo é muito quente, e eu tava afim de dormir cedo. Eram seis horas, cinco e meia, aí peguei o ônibus e fui pra casa. Quando deu meia noite, uma hora da manhã. Eu fechava os olhos, e eu via tudinho debaixo daquele alpendre. Começou a bater aquela saudade dos meninos, apesar de muitos não ser amigos, ser tudo falso. São tudo falsos. Pois é, quase todos. Tem uns que ainda são amigos, mas tem uns que não é amigo, só são amigo quando você tem alguma coisa. Enquanto você estiver fumando droga, que tá ruim de amigos seus. Agora deixa a droga, pra você ver a coisa, se ele não fica gritando, mandando piada (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Os depoimentos são explícitos quanto à constituição de relações no espaço das ruas, permitindo-me circunscrever a “dialética da desfiliação/refiliação”. De fato, os habitantes de rua, ao abandonar o padrão vigente de habitar espaços construídos – casas, apartamentos, quartos – efetivam rupturas de vínculos familiares, de vínculos sociais. Nos mesmos cursos de vida, constroem novas relações em meio à insegurança, riscos, instabilidades decorrentes de situações que estão a viver nas ruas.

“Vivido e Experiente”, que habitava em uma casa de acolhida, lamentava pelo fato de ter poucas relações de amizade e companheirismo, sublinhando os riscos de sofrer roubos, ao partilhar a casa com um companheiro de rua. Seu discurso revelava incerteza e preocupação quanto à sua permanência na casa de acolhida, e insegurança ao voltar às ruas.

Palha é o que eu tô vivendo. Eu estar no Sol Nascente de favor. A qualquer momento chegar direção e mandar eu pegar o beco, eu sair. E eu ir dormir no meio da rua. Ou então, eu estar pedindo ao companheiro, será que eu posso dormir na sua casa hoje? E aqui ninguém deixa não. Porque, você bota o companheiro na sua casa, acontece de quando você sair, ele carregar tudo o que você tem como já aconteceu. Você bota alguém na sua casa, de jeito nenhum. Porque não tem como confiar. Ninguém quer mais (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Por outro lado, sentia-se isolado na casa de acolhida, com poucas chances de construir relações de amizade e companheirismo, visto que a maioria dos usuários desta casa onde vivia assumia a identidade homossexual. Algumas vezes, sentia-se tentado a aceitar uma relação, em troca de uma vida mais segura e confortável.

É humilhante demais, eu tenho essa idade, eu não me prostituo com um veado aí, porque eu não sou desse tipo. Tem esse daqui, que mora aqui do lado. Ele queria, e disse que montava uma casa pra mim. Mas eu não quero, sabe. Eu até gosto assim, curto, brinco. Mas é só brincadeira. Ele ficou até chateado comigo, falou que queira falar comigo. Mas eu nunca tive relacionamento com homem. Meu relacionamento é sempre com mulher. O amigo até ficou meio chateado. Ele ficava todos os dias na porta, esperando eu chegar pra conversarmos, hoje já não fica mais. Meu amigo, se você quiser ter amizade você vai ter. Pode brincar e tudo, mas só isso. Mas às vezes eu fico pensando, será que se eu fizer isso, pelo menos não vou conseguir um dinheiro pra alugar um canto, não vou ter dinheiro pra comer, durante o final de semana? Eu não sei, não me vejo nesse tipo de relacionamento, não me vejo. Mas vem na cabeça (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

A narrativa deste personagem, em sua “saga” de soropositivo em uma casa de acolhida, a viver uma situação provisória, de instabilidades, revela uma pessoa humana em meio a dilemas da condição humana, a experimentar solidão, sentimentos de estranheza, tentações de tirar proveito em determinadas situações, abandonos. É a humanidade a se revelar na sua complexidade, para além de estigmas e processos de exclusões e invisibilidade.

Por sua vez, “Convertido e Lúcido” fez amizades com companheiros nas ruas, muitas vezes instrumentais, que incluíam prestações de favores. Também prestava pequenos serviços em casas particulares como limpeza, entrega de compras, vigia, poda de arvores, capinagem etc. Estas amizades permitiram a este sujeito sobreviver, assim como proporcionavam determinadas seguranças nas ruas, garantindo refeições e bebidas. O seu relato é deveras expressivo:

Dificuldades, dificuldade era com medo de chegar alguém e fazer alguma maldade. Graças a Deus nunca aconteceu isso. Quando eu peguei amizade do Mané, deve estar vivo ainda. Pense num cara legal. À noite ele levava a janta dele e dava pra mim. Mas era mulherengo que só também. Aí me dava uma apiteira: - aqui Zezão, caso minha mulher aparecer e eu tiver ali por trás dos carros, tu apita. Porque se a mulher dele pegasse, podia dar até separação, né.[...] Eu tinha casa do P... pra mim ir almoçar, tinha casa da dona M., que era crente também. A dona M., quando eu ia lá pra casa dela, eu limpava o jardim, limpava o quintal, limpava o beco. Ela me dava uns trocados pra eu comprar uns cigarros: - aí José, toma pra tu comprar teus cigarro. Ela sabia que eu bebia. - Aí pra tu tomar tuas dose. Quando eu morava em minha casa, ela morou quase em frente, na vila, na rua São Luís. Nesse tempo, eu enxergava bem (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

Durante sua estadia nas ruas, este sujeito constituiu novas relações com amigos, quer em situação de rua, quer em domicílio, a circunscrever refiliações, chegando a viver com uma companheira em uma casa, atendendo ao seu convite. Contudo, o uso abusivo de álcool impediu-o de ter uma relação estável.

Aí foi aonde, eu arrumei até a casa da... do nome da mulher lá. Acho que ela ainda mora lá. Era uma morena, a R., tinha casa própria, lá em frente à igreja. Ela chegou pra mim e disse: - José, vamos ali pra minha casa. Eu fui, portão grande, ela abriu e eu entrei, sentemos ali em frente. Nós sentemos na área. Ela viu, os papo tudinho lá na pracinha, bebemos, era homem, era mulher, assim. Aí eu disse: - dona, R., eu não saio dessa vida porque eu tô sem lugar fixo pra mim morar. - Pois, se você

quiser sair, você deixar essa bebedeira. O cigarro eu não me importo não, eu dou o dinheiro do seu cigarro. Mas se você deixar a bebedeira, você mora comigo até ao final da sua vida, assim você queira. Aí morei durante quatro mês e oito dias com ela. Ela tinha me dado até uma bicicleta, já (“Convertido e Lúcido”, março de 2010).

Os depoimentos desses personagens das ruas mostram a formação de novos vínculos, o que contraria as visões e representações dominantes acerca deste segmento. No imaginário social, inclusive no imaginário acadêmico, os habitantes das ruas seriam “desfiliados”, sem vínculos e/ou incapazes de constituir relações sociais mais ou menos duradouras. Embora tendo a rua como *habitat*, estes sujeitos estabelecem novos vínculos nas ruas com companheiros, como também com outras pessoas que residem nas casas. Algumas vezes, chegam a constituir relações afetivas estáveis, vivendo amores e paixões em sua condição de humanos para além de riscos e estigmas.

3.6 Imagens e autoimagens de pessoas que vivem nas ruas

A população em situação de rua constrói e produz imagens e representações sociais acerca de si e de outros segmentos como construtos imaginários a partir do seu lugar social. Por sua vez, a sociedade, em seus diferentes grupos, categorias e classes, produz representações sobre os moradores de rua, verificando-se, como tendência dominante, representações estigmatizantes que os desqualificam como excluídos nas periferias da vida social. Impõe-se, como exigência analítica, configurar e discutir tais representações cotidianas, imagens e autoimagens, delineando códigos e signos que permeiam o imaginário social.

Nesta empreitada analítica, determinados aportes do sociólogo Goffman (1988) abrem-me preciosas vias de discussões: a ideia da categorização das pessoas e dos atributos comuns e naturais para membros de cada classe ou categoria social a circunscrever estigmas; o papel desempenhado pelos ambientes sociais para categorização das pessoas; o corpo, as vestimentas, a linguagem, as atitudes e posturas como signos que transmitem informações sociais sobre a condição e status social dos indivíduos.

Pensando o mundo social circunscrito nas ruas a partir de toda esta construção goffmaniana, percebo categorizações estigmatizantes, socialmente produzidas que classificam os que habitam este espaço social. De fato, os moradores de rua, em seu modo de vida, transmitem informações sociais desqualificadoras, levando diferentes segmentos sociais a vê-los como “indivíduos desacreditados”. Para a sociedade, as vestes, a magreza, o cheiro forte, ferimentos e cicatrizes no corpo, enfim, todos estes sinais corporais oferecem uma

“informação social” geradora de estigmas.

No trabalho de campo, a exigir-me acompanhar percursos e trajetórias de personagens das ruas, pude ver, de muito perto, estes signos corporificados, como um código a transmitir informações sociais desqualificadoras. Especificamente, sobre “marcas de rua”, assim se expressam dois dos personagens em cena:

Já levei, eu tenho 99 cortes no meu corpo. 99 cortes, olha o braço, aqui, oh. Só nesse braço aqui, oh, tem 49. Isso aqui foi eu, no tempo que eu tomava roipinol, que eu ficava doido da cabeça, que eu misturava todo o tipo de bebida. [...] E eu bebia tudo e tomava droga dessa maldita dessa roipinol e pirava. Aí eu subia em cima da casa, me cortava, ia pras bodegas, quebrava litro na cabeça, tacava nos meus peitos, era o cão. Minha vida era o diabo. Era o diabo quando se incorporava em mim. Queria ver sangue. Então quando eu não consegui ver sangue em mim, não conseguia fazer em outra pessoa, eu me cortava. Meu negócio era querer ver sangue (“Sensível, Alegre e Esperanço”, agosto de 2011).

Estraguei a metade do meu corpo, né. Tenho 12 facadas que eu levei, somando tudo né. Corte de garrafas, eu tenho uns 25 cortes de garrafa. Gillette tenho uns 40. Garrafa de mesa, eu tenho uns 8. Faquinha de mesa, de serra eu tenho umas 4. Facão eu tenho uns 3. Pedradas, tenho várias que perdi as conta. Paulada eu tenho umas 8 pauladas que eu já levei na cabeça. Mas sou normal. Tudo fruto de briga, confusão. Misturava com os amigos, achava que no meio de gangue tinha futuro, nunca tive futuro (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Em meio a tais códigos estigmatizadores, as representações sociais e imagens produzidas acerca das pessoas que habitam as ruas apresentam-se majoritariamente negativas e preconceituosas. A rigor, estas pessoas são associadas a atividades ilícitas, uso abusivo de drogas, à informalidade e à vida transgressora.

Os signos, encarnados nos moradores de rua, transmitem informações sociais, que servem de justificativa para os preconceitos e comportamentos estigmatizantes diante destas pessoas e, até mesmo, como elementos de legitimação de violências.

Em fevereiro de 2012, a sociedade brasileira se vê confrontada com o espancamento de um jovem que tentou impedir o ataque injustificado de três outros jovens a um morador de rua em São Paulo. Assim, embora os habitantes de rua constituam uma população heterogênea são homogeneizados nesta visão estigmatizante. E mais: noutras vezes, os próprios habitantes das ruas reproduzem estes preconceitos e estigmas existentes, culpabilizando a si e outras pessoas na mesma condição social.

Durante os percursos no campo, coletei relatos de habitantes das ruas e de profissionais que trabalham com esta população que encarnam representações e imagens a perpassarem o imaginário social. Estes relatos revelaram visões distintas sobre moradores de rua que sistematizei em sete categorias, nomeadamente: indivíduo marginal ou refugo humano; cidadão que trabalha e têm direitos; vítima da sociedade que não teve oportunidades

de vida; indivíduo desviado que desperdiçou as oportunidades de vida; cidadão que por força das circunstâncias, vive nas ruas; pessoa boa disposta a ajudar os outros; uma pessoa desanimada, liquidada, com baixa autoestima.

De fato, durante as entrevistas com estes personagens observei a presença marcante de uma determinada representação, e às vezes, de várias autoimagens a se alternarem em um mesmo indivíduo, algumas consonantes e outras contraditórias. Percebi que a autoimagem revelada estava quase sempre influenciada pelo contexto e estado de espírito dominante no momento da entrevista.

Tomo, como exemplo, o personagem “Vivido e Experiente”, que se apresentou deprimido durante os dois meses de conversas e entrevistas. Assim, mostrava baixa autoestima, e se culpabilizava pela condição em que vivia. Tinha uma imagem negativa de sua trajetória de vida e de si próprio, considerando-se um indivíduo desviado que desperdiçou as oportunidades de vida, conforme demonstram as suas falas:

Minha infância foi difícil, mas não passei fome, porque minha mãe deixava de comer e dava a gente. Meu pai morreu eu tinha 6 anos de idade. Mas, as mesmas oportunidades que as minhas irmãs que mora em Brasília teve, eu também tive. Hoje eu estou aqui, porque eu não aproveitei. Então tenho que ser realista. [...]. Me arrependo muito das coisa que eu fiz no passado. Nunca matei ninguém, nunca roubei ninguém, mas a droga acabou com a minha vida. Tanto credibilidade, tanto a vida familiar, aí logo assim veio essa doença, acabou por complicar mais ainda (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

É necessário lembrar que “Vivido e Experiente” é soropositivo e a sua segunda esposa separou-se dele por conta de sua sorologia. Outra razão que, à época, contribuía para a sua autoimagem negativa é o fato deste sujeito ter recebido uma notificação de que tinha o prazo de um mês para abandonar a casa de acolhida, pois fora descoberto usando drogas.

Já “Sensível, Alegre e Esperançoso” apresentava uma autoimagem predominantemente positiva: a de um cidadão que, por força das circunstâncias, vive nas ruas. Procurava distinguir-se de outros moradores de rua pirangueiros,⁶⁶ e mostrava-se consciente de seus direitos enquanto cidadão, particularmente diante da polícia. Senão vejamos:

A rua, ela é ótima. É não se misturar com quem não presta. Não é porque você é morador de rua que você vai se misturar com todo o mundo. Não. Tem morador de rua que sabe entrar, sabe sair, não mexo nada de ninguém pra não tar a ser perseguido com poliça, graças a Deus (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Por sua vez, “Outsider” parece, nas ruas, encarnar marcas de sua origem social. Assim, ele aparenta não incorporar o *habitus* do morador de rua, revelando uma relativa

⁶⁶ No jargão popular, pirangueira significa pessoa que não presta. O mesmo que malandro, pelintra, sem-vergonha.

adaptação às suas atuais circunstâncias, mantendo uma certa distinção no seu modo de vida.

Por ser oriundo de uma família com um padrão financeiro relativamente estável, dá a impressão de viver uma “vida de classe média” nas ruas: apresentava boa massa muscular, almoçava em restaurantes, frequentava “casas de massagem” com certa regularidade e fazia bicos que, às vezes, rendiam cerca de R\$500,00 por semana.

Este habitante das ruas apresentava uma imagem positiva de si próprio, mas, ao mesmo tempo, considerava-se um indivíduo que desperdiçou as oportunidades de vida, usando drogas e desejava voltar para casa dos pais, conforme mostra o seu depoimento:

Sou que eu me envolvi com “chuckberry”, aí tive que sair de casa. Usei muitas coisas e tal, aí me atrasei um pouco. Há sete anos que eu uso drogas. Uso crack, cocaína, maconha. Eu tô saindo, não quero mais não. Quero voltar pra casa, tô na rua. [...]. Tenho uma família aí estável. Tenho duas tias minhas que têm loja no Centro da cidade e, estão bem de vida. Como eu uso essas coisas, fiquei um pouco afastado da família. Mas eu tenho esperança de retornar de novo (“Outsider”, agosto de 2010).

Já “Convertido e Lúcido” teve um percurso, marcado pela pobreza e vulnerabilidade, que iniciou com a morte dos pais na infância e adolescência. Foi morar nas ruas já na idade adulta, com mais de trinta anos de idade, considerando-se, por isso, um cidadão que, por força das circunstâncias vive nas ruas:

Pois é, minha vida foi um bocado de.., passei um bocado de tempo ruim, viu. Mas venci. E tem gente que com a visão, não sabe rezar um terço. Eu sem a visão rezo o terço [...]. Essa senhora era que nem uma mãe pra mim. Ela me deu muito conselho, ela disse que aquilo que não era vida pra mim não. Eu viver na rua, e eu aqui na rua. Ela ficou pedindo pra mim sair daquela vida. Era mesmo trabalho pra mim. Conselho ela me dava. Aí eu não atendi os conselho dela. E bebendo, bebendo com esse pessoal de rua. Mas não é qualquer um que eu procurava não. Têm as pessoas que eu me misturava, que tinha uns que gostava de mexer nas coisas dos outros. (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

Os depoimentos acima mostram, particularmente, a presença marcante de duas autoimagens dos personagens que habitam as ruas: a de “indivíduo desviado que desperdiçou as oportunidades de vida”; a de “cidadão que, por força das circunstâncias, vive nas ruas”.

Estas visões, influenciadas pela condição social em que eles se encontram como habitantes das ruas, expressam um duplo estado emocional: o de baixa autoestima, de culpabilização nesta sua situação-limite; o de uma imagem positiva de si como cidadão, vítima de circunstâncias negativas que o empurraram para as ruas.

O relatório do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CREAS POP) de 2011 enfatiza a predominância de uma autoimagem negativa, vinculada às próprias representações estigmatizantes da sociedade:

As representações sociais comumente sobre as pessoas em situação de rua, reforçam a construção de uma autoimagem e identidades negativas, levando ao rebaixamento da autoestima, dificultando o surgimento de uma consciência crítica sobre sua própria condição, e, conseqüentemente, a reivindicação de direitos e a construção de novos projetos de vida que incluam a possibilidade de saída das ruas. Esse processo é também reforçado pela culpabilização que a visão da sociedade tende a atribuir às pessoas em situação de rua pela condição vivenciada, localizando unicamente nestes indivíduos a causa desse complexo processo, assim como os recursos necessários para sua superação (BRASIL, 2011a, p. 30).

De fato, as representações sociais negativas existentes sobre as pessoas em situação de rua estão presentes em vários círculos da sociedade, influenciando negativamente na interação cotidiana deste grupo com outros segmentos sociais. O preconceito e o estigma são situações marcantes nas falas da sociedade acerca dos habitantes das ruas, estando presentes nos discursos dos profissionais que trabalham com este segmento populacional, para além do propalado discurso oficial de cidadania. São emblemáticas falas de profissionais que, com diferentes inserções, atuam nas casas de acolhida e abrigos públicos:

Morador de rua a gente não aceita muito, porque eles não ficam. São normalmente pessoas que não ficam. Eles vêm aí, quando começam a ficar bons eles vão embora. Eles vêm, mas não ficam porque não estão acostumados a ter uma casa, uma rotina. Eles vêm e ficam uma semana, basta cansar as pernas, eles vão se embora. A gente faz todo o processo de acolhimento. São adultos, a gente não tem como segurar, muitos querem voltar pra lá, até porque muitos são usuários de droga. A nossa população basicamente é de usuários de drogas, são poucos os que não são. Acaba que eles não ficam. A gente recebe, mas são o tipo de paciente que não ficam. Logo que eles melhoram, eles vão embora porque eles não aguentam ter esse tipo de compromisso, essa responsabilidade. Ficar num ambiente fechado. Quem está aqui não pode sair. Eles não podem sair. Eles saem assim, a gente tem uns passeios. Cada paciente tem direito a uma saída por mês, para onde ele quiser ir. Fora isso, eles não podem sair todos os dias, e normalmente o morador de rua não gosta dessa rotina, ele gosta de ser livre (secretária de casa de acolhida, agosto de 2010).

O depoimento desta secretária de casa de acolhida revela a existência de uma tensão entre os profissionais que nela trabalham e os habitantes das ruas, particularmente no tocante às normas de conduta impostas pela instituição. Esta casa de acolhida destina-se a receber pessoas vivendo com o HIV/Aids em situação de vulnerabilidade, incluindo moradores de rua. O discurso revela rejeição e desqualificação, uma visão preconceituosa e estigmatizante, na qual, o habitante das ruas é tido como alguém incapaz de ter rotinas iguais às das pessoas que vivem em uma casa.

Estas interações entre os “cuidadores” e os habitantes das ruas dentro da casa de acolhida assemelham-se do processo a que Paugam (2010) designa de “desqualificação social”, no qual, os indivíduos atingidos se encontram fora do mercado de trabalho e na dependência dos serviços sociais. No processo descrito por Paugam, os assistidos “apresentam um status social desvalorizado e estigmatizado, como consequência, os pobres

são obrigados a viver numa situação de isolamento, procurando dissimular a inferioridade de seu status no meio em que vivem e mantendo relações distantes com todos os que se encontram na mesma situação” (PAUGAM, 2010, p. 69).

De fato, os curtos períodos de tempo que os habitantes das ruas permanecem nas casas de acolhida e as dificuldades em ficar na dependência destas instituições, podem ser reveladores deste “status desvalorizado” vivenciado pelo habitante das ruas que acessa seus serviços e, também do seu desejo de autonomia e de sair da dependência da instituição.

Eles não estão acostumados. É isso que seu estou te falando: - morador de rua hoje do Nordeste, são moradores de rua mesmo. Praticamente nasceram na rua. Eles não querem de jeito nenhum estar num ambiente que eles não possam fazer aquilo que querem. Eles não podem comer aquilo que querem. Eles não querem, voltam. Eles não aguentam. Uma das experiências mais frustrantes que temos é com os moradores de rua. Mesmo os que não são usuários de droga. Eles têm uma coisa que eles não conseguem seguir rotina. Eles ficam nervosos, começam a criar confusão com outros pacientes, começam a criar rebelião. São o tipo de pessoas que normalmente não aguentam, por incrível que pareça (assistente social de casa de acolhida, agosto de 2010).

A fala acima encarna representações negativas de profissionais e cuidadores que trabalham com esta população acerca do universo e vida dos habitantes das ruas. Chama atenção a expressão “Praticamente nasceram na rua”, que revela preconceito e atribuição de uma “identidade deteriorada”, negando qualquer trajetória diferente ao habitante das ruas. Esta fala também se mostra estigmatizante, quando impõe a moradia nas ruas como algo inato aos habitantes das ruas, naturalizando esta condição social, ignorando diversos motivos que conduzem os indivíduos a habitar as ruas.

Nestes dois anos, pouco se teve de muito rodízio nesse período, tirando essa outra população que vem e vai como o usuário de droga que chega muito debilitado. Mas logo que começa sentir força nas pernas, eles fogem, vão embora, eles não conseguem se manter na rotina. Enquanto estiverem debilitados, eles se mantêm aqui. [...]. O perfil das pessoas que vem cá varia. A maioria é solteira, são poucos que a gente recebe que são casados. Até porque eu te falei, a população que a gente recebe é bem pobre mesmo. E os que não são, eram aquele tipos de pessoas que não tinham uma relação fixa, sabe. Era mais uma relação de troca-troca de casal, essas coisas, era uma vida muito de balada, muito disso. Então não tinham uma relação muito fixa. E os que têm, ou o companheiro às vezes morre, ou às vezes o companheiro quando sabe [que é soropositivo] não quer mais (educadora social de abrigo, agosto de 2010).

O depoimento acima é de uma educadora social, quando questionada acerca do perfil dos habitantes das ruas que acessam um abrigo da Prefeitura. As expressões “relação de troca-troca de casal”, “vida muito de balada”, “não tinham uma relação muito fixa”, revelam preconceitos e demonstram uma representação deteriorada acerca da sexualidade dos habitantes das ruas, que, quando não são tidos como assexuados, são vistos como

hipersexualizados e com dificuldades em manter relações duradouras.

Assim, é inegável a força das representações negativas no imaginário dos habitantes de rua, impondo uma autoimagem deteriorada que contribui para incorporação da condição de sujeito à margem pelos que habitam as ruas.

A autoimagem expressa por “Vivido e Experiente” é deveras reveladora desta incorporação de uma representação negativa de si próprio, influenciada por suas interações sociais. Este sujeito demonstra viver uma situação extrema de desânimo e baixa autoestima, devido à infecção pelo HIV/Aids, às recaídas no vício das drogas e rejeição da esposa e da família, e rejeição por parte de outros usuários de uma casa de acolhida. O seu depoimento é indicativo de um sujeito sem esperanças, abandonado, sem perspectivas:

Eu acho que perdi a autoestima, perdi desde que eu me separei dessa mulher aí, vai fazer uns 4 anos, é só trombada na minha vida. Com ela não tem conversa, eu não sinto nada por ela. A minha vida não andou mais. Em vez de caminhar pra frente, caminhou pra trás igual ao caranguejo. Dou uns dois, três passos pra frente e caio de novo. Isso tudo desanima. A pessoa vai desanimando, vai perdendo a vontade. Depois que eu descobri que era portador, depois vivi tranquilo. Amigos eu não tenho. Só aqui dentro tenho colegas, não amigos. Minha família não tá nem aí pra mim. Eu fui lá no Rio de Janeiro, há 4 anos, logo assim que me separei, não me receberam bem. Voltei pro Ceará. Vou ficar no meio da rua? Fazer minha filha passar vergonha. Minha filha tem 19 anos, saber que o pai tá no meio da rua, dormindo no meio da rua, doente? Eu preferi voltar. Pra mim aqui eu tava na fazenda.[...] Então, foi por intermédio disso que eu descobri a Fazenda Esperança. Fiquei 30 dias lá, me arrumaram internação de graça, não paguei um centavo, não deu certo por causa do preconceito dos internos. Quando eu voltei, eles não me aceitaram mais. Porque tinha um cabra que vendia droga bem do lado da casa. Hoje não tem mais graças a Deus. Não tem mais esse cabra que vende (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

Ao mesmo tempo, apesar da vivência de uma situação-limite, este sujeito, ao longo da convivência em campo, também apresentava uma autoimagem positiva de si, ao afirmar ser uma pessoa boa, disposta a ajudar no que for necessário, demonstrando que a dureza da vida nas ruas, a infecção pelo HIV e a dependência em relação às drogas não alteraram o seu caráter solidário:

Eu sou uma pessoa que não sei aguentar durante muito tempo não. Eu sou um cara quieto, um cara bom. Se depender de eu fazer alguma coisa eu ajudo, se precisar de alguma coisa, eu ajudo. Por exemplo, hoje, eu sem poder, com febre saí com um cara à procura de um local pra ele, com este sol quente. Mas não deu certo. É aquele negócio, se eu puder, eu ajudo. Mas não gosto de pilantragem, não gosto de safadeza, não gosto de nada disso não. É ruim, sabe cara. [...]. Antes a pessoa que usava droga era considerado um marginal, sem vergonha. Hoje não, é saúde pública, dependência química é uma coisa séria. E, se não tomarem uma atitude com isso, vai ficar pior (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

O depoimento revela que este sujeito busca marcar distinções no universo das ruas, contrapondo a sua postura de vida à imagem negativa de seus companheiros que habitam a

casa de acolhida, justamente porque trocam a cesta básica que recebem por álcool e drogas, encarando-os como “indivíduos marginais e refugio humano”. “Vivido e Experiente” fica entristecido, pois ainda não recebe este benefício, e vê os outros desperdiçarem-no:

Então entristece as pessoas. Ai às vezes a pessoa quer ajudar, mas nem pode. Como é que vai ajudar, se a pessoa troca a cesta básica por droga e por álcool. Se toda vez que me desse uma depressão e eu fosse beber e me drogar. Eu estaria sempre drogado ou bêbado. Porque depressão bate toda a hora. Eu acredito que em vários companheiros, bate a depressão. Têm uns que bate mais forte, têm outros que bate mais fraco. Eu não sou um cara de estar com muita gente do meu lado. Eu converso e tal, brinco, mas fora daqui, sou um homem só. Então, final de semana, alguns estão se divertindo, estão fazendo o que gostam [se drogam, se prostituem]. Fazem o que fazem. Eles gostam cada um com a sua vida. Eu não posso mudar ninguém. A mim me bate a depressão. Se toda vez que batesse a depressão eu fosse beber, ou me drogar, ou pegar o pouco que eu tenho e fosse trocar o pouco que me desse por droga (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

Esta visão híbrida de si, com imagens distintas a se alternarem, também aparece no depoimento de “Sensível, Alegre e Esperançoso”: ora apresentava uma imagem deteriorada de si próprio, assimilando as discriminações e representações sociais dominantes acerca do universo de vida das classes populares, ora circunscrevia uma imagem positiva de si, a de um cidadão que trabalha e têm direitos. Eis fragmentos de suas falas, reveladores desta alternância de autoimagens:

Porque pobre é assim. Pobre quando pega em dinheiro, pobre quer gastar. Pobre quer gastar, porque pobre fica imaginando aqui, eu sou um, sou dono do dinheiro. Fica imaginando assim, porra, eu vou guardar aquele monte de dinheiro pra quando morrer aquela minha família ta brigando. Não, aquilo ali é meu. Aquele ali é meu, tanto é meu, tanto é meu, tanto é meu. Eu gosto de gastar. Eu sou muito estragado. Eu não gosto de.. Dinheiro no meu bolso é de passagem. Posso até um dia, eu tenho um sonho de guardar um dinheirinho, né. Mas aí já tá pago o caixão e o canto de se enterrar. O resto é... O resto a gente corre atrás.

Que todo mundo na rua tem o seu direito. Eu só me misturo com aquela pessoa se eu quiser. Eu tô morando na rua, não sou obrigado a tar bebendo cachaça, não sou obrigado a ta fumando crack toda hora, não sou obrigado a tar fazendo mandado. Não. Eu faço o que eu quero. Se eu quiser ficar aqui, não quero conversar com ninguém, eu tô no meu direito, ninguém vai me obrigar. Onde tem essa lei de obrigar você falar? Então é por isso que eu vivo minha vida. Meu trabalho, minha vida é ótima, não tenho nada que reclamar da minha vida não (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

A primeira autoimagem, encarnada por este habitante das ruas, é a do indivíduo pobre, cuja vida é caracterizada por gastos supérfluos, imediatismo, ausência de partilha, de poupança e de planos para o futuro, assimilando os discursos preconceituosos acerca deste segmento. Já a segunda fala demonstra uma autoimagem de um indivíduo autônomo que, apesar de habitar as ruas, é seletivo nas amizades e sabe dizer “não” aos convites feitos por outros companheiros para usar drogas.

Entretanto, é preciso atentar que, neste segundo depoimento, este personagem das

ruas de Fortaleza considera o seu trabalho e sua vida ótimos, não tendo do que reclamar, mostrando ser um cidadão que trabalha e têm os seus direitos, e que, por forças de circunstâncias, vive nas ruas. Em verdade, a hibridização de autoimagens aponta para os fluxos constitutivos dos processos identitários onde diferentes representações convivem e disputam o imaginário de quem habita as ruas.

3.7 Identidades nos percursos das ruas

Durante a convivência diária no esforço de construção de uma etnografia com os habitantes das ruas, uma das descobertas marcantes foi a existência de diferentes configurações identitárias entre estes personagens. Em diferentes momentos e situações, estes sujeitos afirmam múltiplas identidades em um processo sempre em aberto de construção.

Assim, em seus percursos nas ruas, revelam desde aquelas identidades que confirmam os estereótipos existentes, até outras configurações identitárias que desfazem as representações grotescas e deterioradas acerca dos moradores de rua. A questão das identidades vem sendo cada vez mais discutida nas ciências sociais, com novas perspectivas, apresentando-se como uma ferramenta profícua para a compreensão da vida social contemporânea.

De fato, esta dimensão apresenta-se central na vida dos habitantes das ruas de Fortaleza, que demonstram identidades em aberto e identidades em transformação nos percursos das ruas. Estes sujeitos apresentam diversas demarcações identitárias: algumas anteriores à vida nas ruas, resgatadas como forma de afirmação da dignidade de pessoa, outras em transformação e, outras, ainda em construção nos percursos das ruas.

A existência de múltiplas identidades que perpassam os diferentes momentos e etapas da vida do indivíduo na modernidade foi constatada por diversos teóricos, com destaque para Hall (2006) e sua perspectiva desconstrutivista, a desfazer ideias fixas instituídas acerca do indivíduo moderno como um sujeito unificado, onde todas as esferas de sua vida se encaixavam facilmente. Ao discutir as metamorfoses a ocorrer nas paisagens identitárias, até então tidas como fixas, o autor argumenta:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas identidades estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Esta via analítica de identidades em aberto, identidades novas nos fluxos de negociações com as trajetórias de vida, interpelou-me profundamente nos meus próprios percursos etnográficos. De fato, a questão das identidades dos moradores no habitar as ruas ganhou uma centralidade no âmbito investigativo do campo, permitindo-me adentrar a complexidade e diversidade do universo das ruas.

Durante os percursos da etnografia dos habitantes de rua, pude perceber e, mais que isso, pude sentir a multiplicidade de identidades nas rotas dos personagens em cena. Em um esforço de sistematizar e orientar a análise, delineei três alternativas identitárias: identidades deterioradas de indivíduos marginais, assimilando as discriminações e representações sociais negativas; múltiplas identidades nas rotas das suas trajetórias nas ruas em configurações híbridas; identidades em construção na situação de rua, identificando-se como trabalhadores e cidadãos.

O campo e os percursos dos meus personagens revelam-me, em meio à incorporação de identidades deterioradas, expressões fortes de construções de identitárias carregadas de positividade a afirmarem o lugar social de cidadão e mais que isso, de cidadão trabalhador. Em seus depoimentos, os habitantes das ruas identificam-se como pais, filhos, irmãos, maridos, enfim, reivindicam a condição de cidadania, a partir das vivências familiares. Junto com estas configurações apresentam demarcações identitárias ligadas à profissão e ocupação no cotidiano, sublinhando o lugar de trabalhador, a exercer determinadas atividades, como “pastorar” e lavar carros, transportar mercadorias, cuidar de jardim, entre outras. Tais identidades aparecem entrelaçadas e imbricadas com outras expressões identitárias, ligadas à classe social, etnia, orientação sexual e religião. Neste contexto, os sujeitos que habitam as ruas revelam identidades múltiplas e em construção, ao longo de seus percursos nas ruas. É o que bem argumenta Hall (2006, p. 38):

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos conscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

“Sensível, Alegre e Esperançoso”, em sua trajetória de vida, bem encarna este caráter processual da construção da identidade “sempre sendo formada”. Deixa claro esta hibridização de configurações identitárias quando explicita sua condição de trabalhador, com exercício de diferentes atividades, sua orientação homossexual, sua posição de filho a receber pensão do pai e a manter um relacionamento com a mãe:

Eu sempre fui batalhador, sempre eu gosto de trabalhar, e aí a minha vida vai levando. Recebo meu dinheirinho que meu pai deixou também. Recebo meu dinheirinho que meu pai tá deixando. Até hoje tá dando pra eu me manter. Eu trabalho também lavando meus carrinho. Aí eu vou levando minha vida. Ah, ah, ah. Ah, trabalhei. Trabalhei em três casas de família (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

Rapaz, minha vida ela é assim, ela é um pouco assim, complicada, quando eu complico ela. Porque ninguém é de ninguém. Eu sou daqueles que só quero pra mim. Agora eu já tô entrando, já tô sabendo. Rapaz eu sempre fui homossexual, desde os meus 15 anos de idade. Isto é, desde os meus 12, 11 anos. Mas a partir do momento que eu comecei a me ajuntar com homem, foi com 15 anos de idade. Primeira vez, me ajuntei morando na casa de meu pai, da minha mãe morava junto, minhas irmãs. Inclusive ele trabalhava até pro meu pai. Minha família sempre aceitou o que eu era. Minha família não me abandonou na rua, depois que descobriu que eu era viado. Não. Você quer ser isso, vai ser aquilo, mas oh. Eu era mais melhor do que minhas irmãs. Minhas irmãs namorava dentro do mato e eu era dentro de casa, papai ali e mamãe ali (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

Graças a Deus que toda a minha família me ajuda. Graças a Deus que basta eu chegar em casa sou amparado por eles, por minha mãe, minhas irmãs, meus cunhados. Ninguém tem raiva de mim, nunca levei nada dentro da minha casa. [...]. Eu e meu pai, há nós éramos amigos demais. Ele era um pai, companheiro, ele era tudo, tudo, tudo, tudo ele era. Vinha me buscar na rua, eu cheirava cola nesse tempo. Eu ia pra Praça José de Alencar e ele ia lá me buscar (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

Acompanhando as trajetórias deste personagem por meio do resgate de sua história, pude bem perceber sua afirmação como trabalhador, atuando como empregado doméstico, gerente de bar, dono de terreiro, “cafonete” e como guardador de carros. Ficou explícita sua condição homossexual em busca de relações amorosas com parceiros, desde a adolescência até ao presente nas ruas. E, nas suas falas, a relação com a mãe e com o pai revela sua posição de filho. E estas expressões identitárias articulam-se com a sua dimensão religiosa.

Este personagem revela devoção a vários santos e santas, declarando ter professado diversas religiões cristãs e de matriz africana, com destaque para o catolicismo, religião com a qual mais se identifica, e para a Umbanda, religião que frequentou desde pequeno e, ainda, para a macumba, religião na qual se iniciou durante a juventude. Assim, fica patente o seu profundo sincretismo religioso como base de uma das suas expressões identitárias. Senão vejamos sua fala:

Mas graças a Deus que eu tenho muita fé em Nossa senhora de Fátima e no meu Exum Malandro. Primeiro em Deus né, e na Nossa Senhora de Fátima, e no meu Exum Malandro, e minha Santa Boa, que é dona Maria Padilha, minha Pomba-gira e se ajuntar com outras cearenses que eu tô aqui pra contar história. [...]. Eu sou umbandista, sou umbandista. Eu comecei a entrar, minha mãe tem dois terreiro. Sou umbandista. Eu creio primeiro em Deus, mais nos outros esprito, nos outros encarnação, tudo isso aí existe. Sou umbandista. Eu creio muito na Igreja Católica. Isso é, eu creio todo o tipo de religião que se fala em Deus. Mas eu acho que a verdadeira mesmo, é a igreja católica. Eu creio muito na igreja católica. E depois dela, eu creio na minha religião, no meus búzios, na minhas mente, no meus guias,

no meu espírito que se incorpora em mim, que eu trabalho. Comecei a trabalhar na macumba, eu tinha meus 17 anos de idade. Cheguei foi difícil né, porque pra a gente se incorporar com um desses espíritos não é só chegar e bater o pé no chão e dizer que está com ele não. Tem que fazer 07 cruzeiros. E você sofre muito. Mas se você tem aquele destino pra ser aquilo, você tem que puxar aquele destino. Você não pode desviar o caminho. Se você nasceu pra ser aquilo, você tem que morrer aquilo. Se você for mudar o caminho é pior. Você não sabe o que você vai ser. Fica num, noutro, joga pra um, vai pra outro, joga pra outro. E outra, eu não tenho contra nenhuma religião não. Porque eu torço em Deus, você tendo fé, Deus pra tudo o que é canto, é só fé. Não ser humano, não o espírito que vai ajudar, o que ajuda e o que cura é a fé. A fé é a mais importante (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

Nas construções identitárias negociadas em seus percursos de vida, destaca-se a sua orientação sexual. Este personagem, homossexual assumido, assume uma identificação de gênero híbrida, com encarnação da identidade feminina desde a adolescência, e revela não ter tido problemas com a família por conta desta sua orientação. A sua história de vida está repleta de relações afetivas com outros homens. Durante a pesquisa de campo com este personagem, percebi que seus companheiros de rua sabiam de sua orientação sexual e, algumas vezes, tratavam-no como mulher, referindo-se a “ela” e feminilizando o seu próprio nome.

Em sua trajetória, em meio à dureza da vida nas ruas, aos preconceitos e estigmas por habitar as ruas e por ser homossexual, este personagem sofreu pressões para tirar proveito de seu corpo nas ruas, para “transformá-lo” em um corpo feminino e ganhar a vida no mundo da prostituição. Durante algum tempo, ganhou dinheiro gerindo uma casa de prostituição de travestis no Centro da cidade, mas declarou ter se arrependido desta atividade e manteve, então, um estilo de vida que considera correto, amparado pela religião, como mostra o depoimento seguinte:

Eu gosto sempre de me juntar com pessoa e respeitar assim, não sei por quê. Eu acho que meu espírito, eu me sinto assim, um espírito assim de uma mulher. Como se viesse de outra encarnação. Porque eu me sinto tão bem. Eu não sou desses viado que chega e, vai pras esquinas, que já peguei muito dinheiro, já tive uma casa no Centro da cidade, bem no centro da cidade, coloquei travesti pra trabalhar pra mim, quando eu era mais nova. Eu coloquei, eu fui cafonete, eu coloquei uns travestis pra trabalhar pra mim. Já quiseram me botar silicone, já quiseram me bombar toda. Só que eu não quis, porque ali eu já tô pecando uma coisa que Deus não deixou. Eu ainda vou querer me transformar meu corpo. Uma coisa que não tinha condições. Então se é pra procurar minha felicidade, é pra procurar minha felicidade do jeito que eu sou mesmo. E do jeito que eu sou aqui. Eu graças a Deus, tô com um príncipe agora [Neste momento, “Sensível, Alegre e Esperançoso” apontava para outro habitante das ruas, que era seu namorado há alguns dias, um homem “casado” que se tornara seu companheiro em uma relação afetivo-sexual por algum tempo]. Não é também essas coisas toda não? Mas bonitinho ele é [apontava para o seu namorado] (“Sensível, Esperançoso e Alegre”, agosto de 2011).

As múltiplas identidades e demarcações identitárias assumidas por este habitante das ruas refletem a existência de rupturas familiares parciais, com manutenção de certos

vínculos, mantendo a identidade de filho, refere-se a um contexto familiar de aceitação das diferenças e de estilos de vida. No percurso das ruas, este sujeito pareceu encontrar um ambiente onde pôde construir e expressar livremente as suas identidades.

Em distintas situações, percebi uma relativa aceitação da sua condição de homossexual pelos companheiros e transeuntes, com quem mantêm relações de amizade e cooperação. Em verdade, este personagem constrói múltiplas identidades nas rotas de suas trajetórias nas ruas reforçando dimensões permeadas de positividade em meio a preconceitos e visões estigmatizantes.

Movimentando inspirações teóricas da perspectiva desconstrutivista de Hall (2006), cabe sublinhar que os habitantes das ruas, em sua condição e inserção social peculiares, encarnam identidades fragmentadas e contraditórias que marcam o indivíduo moderno.

É importante sinalizar esta contrariedade de expressões identitárias no universo dos personagens das ruas. Eles expressam muitas configurações identitárias conflitantes, embora com dominância que circunscrevem perfis desses habitantes das ruas. Assim, no cotidiano, os personagens das ruas também apresentam identidades negativas de indivíduos marginais, com identidades deterioradas, assimilando as discriminações e representações instituídas.

“Vivido e Experiente” é um dos habitantes das ruas, ao qual analiso as identidades e demarcações identitárias nos percursos das ruas. Este personagem nasceu em um dos morros do Rio de Janeiro, tendo viajado por diversos lugares e trabalhado em várias áreas, como segurança, ourivesaria, motorista e têm experiência em algumas áreas da construção civil ganha ao longo da vida. Identifica-se marido, pai filho e irmão, mas também como trabalhador e cidadão, e reclama de falta de oportunidades por conta da infecção pelo HIV.

Percebe-se nos seus depoimentos que a infecção pelo HIV/Aids perpassa todas as identidades e demarcações assumidas. Ainda assim, mantinha a esperança de encontrar um trabalho, e procurava ter um pensamento positivo, mas quase sempre, as suas falas eram dominadas por identidades negativas, de um indivíduo marginal.

Saí do Rio há vinte anos. Deixei lá a mulher e uma filha. Atualmente todos os membros da minha família vivem no Rio de Janeiro, uma irmã vive em Brasília, somente eu estou no nordeste. Meu pai morreu quando eu tinha seis anos de idade e minha mãe há cerca de 5,6 anos. [...] Olha, eu sou pintor de parede, eu puxo o piso de cimento, faço reboco de parede, eu mexo com telhado, mas onde é que eu arranjo trabalho? Quem é que me dá? Mas não pode desistir. Não pode ficar martelando a cabeça, sempre pensando nisso, não vale não (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

Uma demarcação identitária na vida deste personagem é a sorologia, pois se identifica como soropositivo e sente as dificuldades, preconceitos e estigmas de quem convive

com esta doença. Este sujeito sente-se discriminado pela família, nos hospitais, no mercado de trabalho e na casa de acolhida onde habitou, por ser portador do HIV/Aids, conforme demonstra o seu depoimento:

É, não é tão fácil não a vida com doença. Veja a minha situação. Eu tava no meio da rua, peguei essa pneumonia no meio da rua, por causa de duas noites que eu passei no meio da rua. Agora estou numa instituição chamada Sol Nascente, lá no Castelão. Eu até dirigia pra essa instituição, eu fui interno nessa instituição, aí renovei minha carteira de motorista. Aí eu saí. Saí me internei numa fazenda pra dependentes químicos que eles arrumaram pra mim. Fui viver numa fazenda que trata dependentes químicos. Aí eu saí por causa do preconceito. Por causa do preconceito. Aí eu saí. Os internos descobriram que eu era portador, não a direção da Fazenda, esses já sabiam. Aí começaram, a me hostilizar e tudo. [...]. Não acredito que as coisas vão melhorar, eu sou sincero. Não acredito. É assim, eu não tenho como arrumar um emprego. Mesmo com a carteira de motorista eu não arrumo um emprego. Qual é a empresa que vai dar emprego a uma pessoa com esse problema? Você será obrigado a faltar pra ir pro médico. Quando você voltar com atestado médico, vai vir escrito lá Hospital São José, o médico: infectologista, aí o bicho pega. Esse é o problema [preconceito]. Hospital, qual hospital São José? O nome do paciente, o carimbo do médico: infectologista. Qual a empresa que vai dar emprego? (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

Outra demarcação identitária que se tornou importante na vida deste personagem é a orientação sexual. Por habitar uma casa de acolhida cuja maioria dos usuários é homossexual, este sujeito passou a afirmar a sua identidade heterossexual, distinguindo dos demais companheiros na mesma condição social, ainda assim, não os discriminado por conta da homossexualidade. Vejamos sua fala:

Aquele negócio a gente nunca pensa que vai acontecer com a gente. Nunca pensa que vai acontecer com a gente. Aqui a maior parte é tudo homossexual. Eu não, meu negócio é mulher. Não critico, não julgo porque eu não sou ninguém pra julgar a atitude de ninguém. Apesar de eu ter 45 anos, eu fui criado num regime de discriminação, mas eu aceito qualquer tipo de coisa. Eu sofri discriminação na época. Meu pai é português, ele não admitia seu filho se fosse homossexual, como dizem aqui veado. Não admitia que a filha fosse uma prostituta. Na minha família não tem. Inclusive todos estão bem de vida, graças a Deus (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

A identificação como trabalhador e cidadão, e a demarcação identitária de classe social e de habilidades profissionais estão presentes ao longo do discurso deste personagem das ruas. Este sujeito revela identidades em construção na situação de rua, distinguindo-se de outros usuários da Casa de Acolhida.

Eu graças a Deus sei ler e escrever. Estudei pouco, tirei minha carteira de motorista. Mas eu devia ter feito mais. Hoje eu tenho um sobrinho que é capitão do corpo de bombeiro em Brasília, minhas duas sobrinhas que moram em Brasília são médicas, minha sobrinha que mora em Copacabana, casada com um delegado da polícia federal é pediatra, tem um consultório de pediatria em plena Copacabana, e eu fiz o aniversário dela de 15 anos. Olha os empregos que eu tive: já fui fabricante de jóias na Av. de Nossa Senhora de Copacabana, 435, trabalhei uns 2,3 anos, eu já tava fazendo as jóias. Eu iniciei trabalhando fazendo um favor como um Office boy, mas

naquela época, a gente podia andar com os bolsos cheios de jóias, anéis, colares. Eu levava pra gravar as jóias, lá Centro da Cidade na Praça Monte Castelo, esquina com rua... Lá no gravador, me lembro até hoje do nome do gravador, era Walter. Eu ia com os bolsos cheios (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

A crença na existência de Deus, apesar de desvinculada de uma concepção religiosa é uma demarcação identitária marcante na vida deste habitante das ruas. Esta visão de mundo é diretamente influenciada pelo seu estado de espírito, caracterizado por uma depressão profunda, devido à rejeição familiar por conta de sua trajetória marcada pelo uso abusivo de drogas, e também devido à infecção pelo HIV/Aids.

Deus não castiga não. Você mesmo é que procura. Eu acredito no seguinte: tudo na vida da pessoa, desde o momento que você nasce, já está escrito. Desde o momento que você nasce. Sabe tem uma novela das 6h que enfeita o negócio de céu, aquele negócio de nuvem, aquela fumaça, com jardim bonito. Eu acredito no seguinte, você morre, e seu espírito vai prestar conta com Deus: o que você fez de bom e de ruim. Dependendo do que você for prestar conta com Deus, te dá oportunidade de reencarnar a vida em uma criança. No meu ver não existe um negócio desse. Porque se lá é tão bom, ninguém nunca voltou pra dizer. Se é ruim, ninguém nunca voltou pra dizer. Acredito que você morra, sua carne vai para debaixo da terra, e o seu espírito vai prestar conta com Deus. Dependendo do castigo, da sua conduta conforme foi na terra, aí você reencarna em outra pessoa, pra você tentar fazer diferente. Eu acredito nessa tese, não estou dizendo que é, que acontece, é o que eu acredito. E te digo mais ainda. Não acredito que tenha inferno: acredito que o inferno é aqui na terra e o céu é na terra. Se você andar nos caminhos certos, você tá no céu, se você andar no caminho torto, você tá no inferno. O caminho que eu escolhi, eu fui pro inferno porque eu não consigo me levantar. Não há inferno pior do que esse. Vê meus irmãos, tudo vive bem. Meus sobrinhos tudo formado, minhas irmãs tudo formado. Eles vivem no céu, têm a casinha deles, têm o que comer, tem o que vestir, tem como passear, têm o carrinho deles e eu, tenho o quê? (“Vivido e Experiente”, setembro de 2010).

Por sua vez, “Outsider” possui formação e sempre trabalhou por conta própria, tendo uma vida estável. Nunca teve necessidade de mudar de trabalho, ou adaptar-se às circunstâncias da vida. As suas falas evidenciam uma identificação com o mundo do trabalho, conforme demonstram as suas falas:

Trabalho com marcenaria e construo móveis. Sou formado há 10 anos, nunca tive emprego com carteira assinada. Sempre trabalhei avulso porque dá mais dinheiro, a gente ganha mais, tirava 1200 reais por semana. É dinheiro doido, dinheiro. Em uma semana, você faz 500 reais aqui, não é pouco mais (“Outsider”, agosto de 2010).

A classe social, o trabalho e habilidades são demarcações identitárias observáveis no discurso deste habitante das ruas, revelando uma tentativa de distinção socioeconômica dos outros personagens das ruas. Durante as entrevistas, este personagem demonstrou ter certo conhecimento da situação política socioeconômica do Brasil e do continente africano, dialogando comigo como cidadão brasileiro frente a um jovem pesquisador oriundo de um país africano, como mostra sua fala:

Eu tive tudo na infância. Nunca me faltou nada não. Terminei meus estudos. Tentei vestibular duas vezes. Ia fazer a área de veterinária, mas não deu certo não. Não gostei não. Aí eu tava no curso lá que tinha lá de marcenaria. E me interessei por moveis, por projetos. Me formei pelo SENAC, na Barra do Ceará. Passei três anos estudando lá. Sou formado com diploma e tudo. Um cara formado e tudo e uma africana dessas aí não quer ficar comigo porque o nego é racista. Eu queria casar, gosto delas. Mas elas gostam assim, não são interesseiras não? Porque ela tá aqui no meu país. Aqui vocês passam bem, não passam necessidade (“Outsider”, agosto de 2010).

A orientação sexual é outra dimensão bastante presente no discurso deste sujeito, que exalta a sua virilidade. Em seu discurso racista, este personagem das ruas, oriundo de uma família com posses, revela disposição para novas experiências sexuais, e sempre que dispõe de dinheiro, frequenta “casas de massagem”.

Se os africanos ficam com as nossas meninas, porque a gente não pode ficar com a deles. Só querem comer a carne dos outros. Meu Deus eu tenho maior vontade de comer uma africana. É um tesão muito grande. Elas são muito grandes. Elas passam ali em frente, e os negãos ficam olhando, encarando. Elas não abrem pra esses negros não. [...] Amanhã eu recebo o dinheiro, 1200 contos. Vou para casa de massagem comer priquita. A casa fica aí em frente aí logo lá no sinal tem uma casa de massagem só com gatas lindas. Rola sexo, são 100 contos, são três horas de f... Boto ela na cadeira, como o... dela, a .., mando ela ... o meu .., ela ... Boto ela numa cadeira erótica, e faço até cachorrinho (“Outsider”, agosto de 2010).

Tal como acontece com os outros habitantes das ruas, a religião é outra demarcação identitária presente no discurso deste personagem, que professa o catolicismo. No passado, frequentou outras igrejas, com particular destaque para as igrejas evangélicas, senão vejamos as suas falas.

Eu sou católico, eu sou paz e amor. Não gosto de violência. Desde criança. Já tentei evangélica e tudo. Tem uns irmãos de vocês que só entraram na igreja evangélica só pra ficar com as meninas (“Outsider”, agosto de 2010).

Já “Convertido e Lúcido”, o personagem que menos tempo habitou as ruas por conta da cegueira que o acometeu, revela apenas algumas identidades nos percursos das ruas e poucas demarcações identitárias. A identificação com o trabalho é uma demarcação identitária presente no seu discurso, apesar de pouco tempo de trabalho. Este sujeito foi aprendendo o ofício de marceneiro, ganhando experiência com o passar do tempo, conforme mostra o seu depoimento:

Trabalhei um ano e seis meses de serraria, mais ele. Ele era carpinteiro. Fazia móveis. Aí, quando ele pegava serviço de móveis. Nós ia fazer o serviço de móveis [...]. Trabalhei na serraria, lá no M.... Trabalhei foi tempo. Ele comprava madeira pra nós fazer. Logo no começo, eu não sabia nada não. Era só ajudante. Quem fazia era o T., que morava lá. Acho que ele ainda deve morar na Bela Vista. Fazia escada, cavalete e tábua de engomar e vendia nos mercado. Aí que eu fui aprendendo, né. Já tinha dezessete anos, fiquei observando como é que era. Fui pegando a malícia, né. Aí quando foi um dia, peguei na escala, caneta, o esquadro e peguei quatro peças lá, marquei, enumerei que é pra não se misturar com as outras. Tinha que marcar e

enumerar. Aí levei pra furadeira. Aí puxei as peça. Aí furamos. Tentava era pra chegar na ponta, eu pedi e o Mauro segurou. Eu fazendo isso aí e ele mais ele. Ele segurou a peça e eu furei a peça todinha. Ele foi e disse: - tá aprendendo, vai observando que um dia tu mesmo tá fazendo escada, cavalete, tábua de engomar. Vendia nos mercado. (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

A religião é outra demarcação importante na vida deste antigo habitante das ruas, que atualmente reside em uma casa de acolhida. Este professa a religião católica e revela-se um crente fervoroso. De fato, pude acompanhar a sua rotina da reza do terço durante os dois meses de pesquisa na casa de acolhida.

E tem gente que com a visão, não sabe rezar um terço. Eu sem a visão rezo o terço. Mas qualquer um religioso ele reza. Eu também, eu trouxe ainda a vista de João Pessoa, Paraíba. O terço é um terço. Se for botar chega até aqui no umbigo. Eu boto ele aqui mais pra trás. Tinha uma irmãzinha lá na Av. João Pessoa, sempre quando ela ia pra lá, ela minha chamava, vamos rezar ali, vamos rezar (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

De fato, como afirmei no início deste item, os habitantes das ruas assumem múltiplas identidades nos percursos das ruas: identidades em aberto e identidades em transformação. Algumas destas identidades e demarcações identitárias são anteriores à vivência nas ruas e outras estão em transformação nos percursos das ruas. Vários depoimentos dos habitantes das ruas desmontam e contrariam as visões estigmatizantes e preconceituosas existentes sobre este segmento social.

Nestes relatos, os personagens das ruas constroem múltiplas identidades, identificam-se com a esfera do trabalho, habilidades profissionais, da família, religião, sexuais com demarcações identitárias comuns aos outros membros da sociedade. Ao mesmo tempo, revelam identidades negativas, e identidades deterioradas assimilando as discriminações e estigmas existentes na sociedade.

3.8 Visões, concepções e atitudes face ao HIV

Durante os percursos de campo, a visão, a convivência e as atitudes diante da infecção pelo HIV/Aids foi um assunto marcante que permeou as falas de vários habitantes das ruas que acessavam às casas de acolhida, sobretudo uma determinada casa que trabalha especificamente com pessoas com pessoas a viver com o vírus HIV.⁶⁷ Cabe ressaltar que a maior parte dos habitantes das ruas infetados com o HIV, que encontrei em meus percursos de

⁶⁷ É necessário lembrar que uma das instituições onde realizei a pesquisa de campo era uma casa de acolhida, que tinha como missão receber pessoas portadoras do HIV/Aids, dentre elas, moradores de rua vivendo com esta doença. Assim, vários usuários desta casa viviam com o HIV/Aids e outros apresentavam, então, impedimentos físicos e enfermidades oportunistas a ela ligadas.

campo, eram homossexuais assumidos, apresentando uma vida sexual ativa.

Nos depoimentos dos sujeitos que vivem nas ruas, a infecção pelo vírus HIV revelou não apenas uma questão biológica ligada à saúde, mas principalmente, uma questão ligada à moralidade dos acometidos pela doença. Os habitantes das ruas infetados com o HIV, muitas vezes, viviam um duplo estigma: o de morar nas ruas e o de viver com a doença. A condição vivenciada pelos habitantes das ruas vivendo com o HIV/Aids remete-nos ao trabalho de Goffman, pioneiro na discussão acerca do estigma.

Ao analisar esta questão, Goffman (1988, p. 11-13) define estigma como “um atributo profundamente depreciativo” que “evidencia algo de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresenta”. Goffman (1988) ressalta ainda que o estigma cumpre uma função social, “aos olhos da sociedade, o estigma serve para desacreditar a pessoa que o possui, vista como possuindo uma diferença indesejável”.

Na sua análise, este autor mostra o estigma como um processo que foi evoluindo ao longo do tempo, desde a concepção grega, passando à concepção cristã, até a forma como é visto atualmente. Deste modo, o autor mostra que longe de ser algo estático e tratado da mesma forma, o estigma corresponde a uma construção coletiva, variando ao longo do tempo, conforme o contexto social e de acordo com a visão de mundo de cada grupo social.

Uma hermenêutica desta visão dos moradores de rua sobre a sua condição de pessoas vivendo com a doença mostrou-se uma dimensão do campo deveras difícil de trabalhar, na medida em que o HIV circunscreve um fenômeno permeado de sentidos negativos a misturar culpa, revolta e comiseração. De fato, a “cultura do HIV” ao longo de décadas é um campo desafiador.

No caso do morador de rua, mergulhado em situações-limites, o viver com Aids parece tomar dimensões de um “caminho sem volta”, em percursos permeados de sentimentos contraditórios, emoções, carências materiais e afetivas, desfiliações e refiliações, buscas e perdas.

Assim, para trabalhar esta questão, procurei municiar-me de recursos metodológicos constituídos, como instrumentos heurísticos nos processos da própria análise de conteúdo. Especificamente, a partir das falas dos personagens de rua, iluminado por categorias teóricas em movimento, nesta reflexão, sistematizei cinco visões sobre o HIV/Aids, nomeadamente: peste mortal que aniquila perspectivas do viver e torna a vida muito difícil; doença grave, mas hoje controlável pela terapia antiretroviral; doença com a qual se pode conviver, mantendo uma rotina de vida costumeira; uma doença tratável, que cria um estigma, fazendo do portador uma pessoa discriminada.

Dando sequência a esta sistematização, como recurso heurístico, categorizei cinco atitudes ou comportamentos diante da infecção, nomeadamente: postura de descaso sem buscar o tratamento, desconsiderando a doença; postura positiva de convivência com a doença, desenvolvendo tratamento possível e, levando a vida da melhor forma; postura negativa face à doença, caindo em depressão, interrompendo o tratamento e só recorrendo a ele em situações de agravamento do HIV; uma postura de repensar a vida a partir da descoberta da doença, buscando conviver com ela, desenvolvendo tratamento como pode; e por último, postura de desânimo e descrença pela falta de possibilidade de um tratamento regular e de forma sistemática.⁶⁸

Tomo como primeiro depoimento, o de “Vivido e Experiente”, que descobriu que vivia com o vírus há cerca de oito anos. Aos poucos, a relação com a esposa foi-se deteriorando, terminando com a separação por conta da infecção pelo HIV, há quatro anos. Contrariamente a outros entrevistados, este sujeito das ruas fala abertamente sobre a doença. O seu depoimento mostra como visão predominante a do HIV como uma peste mortal que aniquila perspectivas de vida. Senão vejamos:

Por incrível que pareça, eu casei em Dezembro do ano 2000, aqui no Ceará, aí em Janeiro eu comecei a passar mal. Foi um presente de casamento. Vivi ainda com essa mulher, uns 7,8 anos, trabalhava. Eu ainda tenho força pra trabalhar. Hoje eu tô meio assim, to com uma pneumonia, estou cheio de febre. – É bom nem chegar muito perto [estas palavras foram dirigidas ao pesquisador. O entrevistado estava consciente do risco de transmissão a terceiros]. Brinquei muito, já malhei muito, mas hoje essa doença acabou com tudo mesmo. Essa doença é uma praga, sabe. Posso não ver a cura, mas também não acredito que saia a cura da doença não, porque tem muita gente ganhando dinheiro em cima, sabe. É milhões que rolam, sabe. E não é tão fácil não a vida com doença. Veja a minha situação. Eu tava no meio da rua, peguei essa pneumonia no meio da rua, por causa de duas noites que eu passei no meio da rua (“Vivido e Experiente”, agosto de 2010).

Já “Outsider”, na condição de morador de rua não infetado pelo HIV/Aids, disse ter tido uma doença sexualmente transmissível no passado, através de uma relação ocasional com uma “noieira”⁶⁹ e, por várias vezes, afirmou não usar camisinha quando se dirige à “casas de massagem”. O seu depoimento apresenta uma visão que parece mais politizada acerca da

⁶⁸ Ao trabalhar estas categorizações como recursos nas tessituras da interpretação, tenho clareza de que busco não perspectivas lineares excludentes, mas, sim, visões predominantes que se sucedem e/ou se articulam nas rotas e trajetórias de pessoas a viver situações limites.

⁶⁹ No jargão da rua, a designação “noieiro” é atribuída aos indivíduos dependentes de drogas, aqueles que fazem de tudo para conseguir droga. O mesmo que drogado. A “nóia” seria o período de necessidade extrema de droga, o mesmo que abstinência, “fissura” etc.

Aids, distinta dos outros personagens das ruas. De fato, encarna um discurso que demarca a visão de um determinado segmento:⁷⁰

Com as meninas não uso. Só tive..., não sou muito de namorar não [...]. Tem uma casa de massagem ali na Adolfo Hebster, cheio de rapariguinha. Ontem eu gastei 520 reais. 70 reais não é dinheiro não. [...] Aí cara, eu estudei um pouco. Dizem que a AIDS vem da África. Aí depois eu cheguei à conclusão que os americanos foram fazer uma pesquisa científica e eles que fizeram esse vírus e botaram a culpa no continente africano. Mas todos os culpados são os americanos, que fizeram essa experiência no laboratório com os macacos e esse vírus surgiu. Por isso os africanos levam a maior parte da culpa. Lá é mais fácil de pegar. Aí ela saiu da América e foi pra África. (“Outsider”, agosto de 2010).

Nestes percursos de campo com os quatro personagens que selecionei nas cenas das ruas, apenas os personagens “Vivido e Experiente” e “Outsider” apresentaram suas visões sobre o HIV/Aids, conforme já explicitado em seus depoimentos. Os outros dois sujeitos das ruas não demonstraram interesse em conversar acerca deste assunto, que parecia ser distante das realidades por eles vivenciadas.

“Sensível, Esperançoso e Alegre”, mesmo vivendo uma vida afetivo-sexual ativa, não se mostrou interessado em falar sobre o assunto, pois, segundo ele, prevenia-se da doença. Quando abordei-o acerca desta questão, este personagem tirou camisinhas da sua mochila, ao lado de outros objetos pessoais, como pente, espelho, escova e pasta de dentes, desviando atenção da conversa.

Cada vez que falava sobre este assunto, “Sensível, Esperançoso e Alegre”, não se mostrava interessado em discutir a sua visão acerca do HIV e, desviava-se da conversa, falando acerca das doenças que geralmente acometem os habitantes das ruas, enveredando em uma visão generalizada acerca da doença e das possibilidades de reação face a ela. Eis um fragmento de fala deste posicionamento de negar-se a falar especificamente do HIV:

Ah, lógico que eu uso [camisinha], é por isso que até hoje eu tô vivo né. Foi isso que eu disse: - pra mim não existe doença porque eu me previno. Mas a doença é como eu digo: - ela só pega, se você tem medo dela. Você vê a doença: - não chega perto de mim, porra pra tu ver. Ela vai embora, ela desiste. Isso aí não adianta não que isso aí não dá pra mim não. A doença quer que você se arreia, pá. Aonde ela lhe

⁷⁰ De acordo com Sontag (2007), nas percepções e representações da mídia e de diversos grupos, a Aids é associada aos pobres, aos negros, aos africanos e imigrantes, reforçando a associação com o estrangeiro. Assim, seguindo a visão da peste à risca, julga-se que a Aids surgiu em África, e depois, se espalhou pelo Haiti, EUA e, por fim, adentrou na Europa. A Aids é considerada uma doença tropical, mais uma peste com origem no Terceiro Mundo. Ao afirmar-se a África como o berço da Aids se reforça os preconceitos sobre a Aids. Entretanto, os africanos também têm as suas visões sobre a Aids. Uma delas afirma que o vírus foi enviado à África pelos EUA, num ato de guerra bacteriológica para diminuir a taxa de natalidade africana, mas que se tornou incontrolável e, “o feitiço se virou contra o feiticeiro”. Em uma entrevista televisiva com grande repercussão no mundo, transmitida pela TV Cultura do Brasil, a ativista queniana Wangari Maathai - vencedora de vários prêmios internacionais e do Prêmio Nobel da Paz no ano de 2004 - esboçou o mesmo pensamento sobre a Aids, como uma arma bacteriológica criada pelos EUA para diminuir a taxa de natalidade africana.

mata os corpo. [...]. A doença, ela só pega aquele que acredita na doença. Eu não tenho medo da doença. E a doença pra mim eu não acredito na doença; eu já sou uma doença. Pobre é uma doença. Eu nunca fiquei doente. Eu fico mais é gripado. Gripado, ave Maria, a minha gripe ela me deixa muito. Eu não posso ter gripe. Mas outros tipos de doença, sinto dor no coração, sinto dor no pulmão. Não sei o que é dor de cabeça. Rapaz eu acho que sou um cara saudável, eu acho. Eu acho que eu nunca vivi no hospital. Só quando eu levei tiro, facada (“Sensível, Alegre e Esperançoso”, agosto de 2011).

Relativamente ao “Convertido e Lúcido”, a infecção pelo HIV/Aids parecia-lhe um assunto distante, pois este sujeito não tinha uma vida sexual ativa há bastante tempo, visto ser cego e depender da casa de acolhida para se locomover na cidade. Entretanto, revelou que, no passado, antes de habitar as ruas, contraiu uma doença sexualmente transmissível. Eis um fragmento de sua fala, conseguido depois de muita insistência do pesquisador neste assunto:

Às vezes ele [o patrão] nos chamava lá pra o Passeio Público. Lá ele pegava as mulher que ele quisesse. Aí ele pagava pra mim. Eu dizia: - Não, eu não quero não. Ele perguntava: - Porquê tu não quer porquê, tu não é homi, não? E eu respondia: - Homi eu sou, eu lá vou sair com essas mulher aí, que sai com uns e com outros, pegar doença, vou não. - Mas eu pago, eu pago com meu dinheiro. - Não, mas eu não quero não (risos) - Tu não é homi não? - Homi eu sou, eu não vou pegar essas mulher que sai com uns e com outros. - Que doença? [Pergunta do pesquisador] - Que doença é que mulher de programa tem?[Falava em tom de ironia]. Eu já fiz uma besteira. Uma vez peguei foi a... O meu pênis ficou foi pingando. Quando ia mijar ma.. doía, doía que só, ma. Saía assim, tipo um pus. -Você foi ao médico? [Pergunta do pesquisador]-É claro que eu me tratei, tomei abezetassil. Nesse tempo eu morava com a minha mãe. Aí desde esse tempo em que ele dizia: - Mhora eu pago. - Não, vou nada (“Convertido e Lúcido”, março de 2011).

Considerarei tais atitudes de não querer abordar o assunto uma sinalização preciosa acerca dos significados da Aids no universo das ruas. Uma das razões que pode explicar esta atitude é o medo de confrontar-se com esta “peste mortal”, querendo, portanto, fugir deste assunto constrangedor. Outra razão para tais atitudes seria, o fato destes personagens estarem cientes dos preconceitos e estigmas existentes sobre os “moradores de rua”, considerados um grupo com hábitos perigosos, associados à vida desregrada e à promiscuidade, vistos, então, como portadores de várias doenças, inclusive a Aids.

Logo, evitar o assunto é evitar tocar em um campo minado de preconceitos. E mais: uma estratégia de fuga e proteção, face a algo ameaçador, é considerar que estamos a salvo e que é sempre o outro é que pode ser atingido. Por fim, a negativa de falar pode expressar uma postura de distinção em relação aos demais, ou seja, distinguir-se em relação ao contingente de moradores de rua.

Neste exercício interpretativo das concepções e atitudes face ao HIV/Aids é importante considerar, como uma referência, que, no imaginário social, ainda é muito forte, a associação entre a infecção pelo HIV/Aids e a culpa sexual, a perversão sexual, a

promiscuidade, vistas como práticas que contrariam o que é natural no padrão do agir humano.

Durante muito tempo, a doença foi associada a determinados grupos, considerados de “risco”, como os homossexuais, os usuários de drogas injetáveis, os imigrantes, as pessoas de pele escura, os pobres e os indesejados da sociedade, tidos como potenciais transmissores das doenças. Vários autores destacam os sentidos morais ligados à Aids, dentre os quais destaco Sontag (2007):

A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que as outras – particularmente porque a Aids é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual. [...] Uma doença infecciosa cuja principal forma de transmissão é sexual necessariamente expõe mais ao perigo aqueles que são sexualmente mais ativos – e torna-se fácil de encará-la como um castigo dirigido aquela atividade (SONTAG, 2007, p. 98).

Neste contexto, a vergonha, o sentimento de culpa, a condenação moral, a discriminação e o estigma dos acometidos pelo vírus HIV/Aids são situações que permeiam a vida de quem convive com ele. Mais do que qualquer outra doença, a história do HIV/Aids está ligada a várias linguagens, imagens, representações e metáforas acerca da doença e de suas vítimas.⁷¹

Para ampliar esta visão, decidi conversar e entrevistar outros habitantes das ruas, que sabia viverem com o vírus HIV/Aids e acessavam os serviços da casa de acolhida. Neste esforço em compreender a vida dos habitantes das ruas soropositivos, conversei e gravei entrevistas com três sujeitos do sexo masculino, com identidades hibridizadas entre o ser masculino e o ser feminino, com diferentes orientações sexuais: um heterossexual, outro homossexual assumido e outro travesti assumido.

Estes sujeitos tiveram infâncias e adolescências difíceis, marcadas pela violência física e simbólica dentro da família. Para identificá-los, criei os seguintes pseudônimos a partir de traços de suas trajetórias: “Sobrevivente e Contraditório”; “Contemporâneo e Libertário” e; “Desafiante do Instituído”. Em coerência com a dinâmica expositiva do texto, senti necessidade de contextualizar as trajetórias de tais personagens, “passeando” pelas diferentes temáticas já trabalhadas, no esforço de circunscrever o “lugar de fala”, ou seja, de que lugar tais habitantes das ruas falam de si na condição de portador do HIV.

“Desafiante do Instituído” é um jovem de 28 anos de idade, branco, morador de rua

⁷¹ Em vários países, incluindo o Brasil, o vírus HIV/Aids foi associado a alguns grupos sexuais e étnicos, a figuras públicas, particularmente aos artistas. Criou-se uma linguagem da Aids como *peste gay*, *câncer gay*, *aidéico*, *virusidado*, *soropositivo* etc.

residindo em casa de acolhida. No momento da entrevista, apresentava-se magro, com cabelos compridos pintados de louro, com roupas femininas, adereços femininos e expressões feminilizadas, enfim, um travesti que assume uma identidade feminina. Nasceu no interior do Ceará, perto de Camocim, “morava no mato mesmo, nas brenha”, conforme as suas próprias falas. Veio morar em Fortaleza quando tinha 11 anos de idade.

Já em Fortaleza, viveu com uma tia até aos 13 anos. Depois foi trabalhar “em casa de família”, como empregado doméstico, passando por várias casas de família, ora trabalhando em casas de costura. Eis a sua narrativa:

Eu me acostumei a morar aqui [Fortaleza]. Eu não gostava do interior, por eu ser uma pessoa homossexual, eu achava muito difícil a convivência lá. Porque eles não aceitavam. Eu achava, sei lá., minhas amizades, eu achava melhor aqui do que lá. Porque lá eu não podia conversar com uma pessoa, que as pessoas achavam que ela já tava... aí eu não gostava. Tanto que até hoje eu não gosto de lá. Quando eu vou pra lá, eu vou porque meus pais moram lá. Eu gosto do interior dos outros, mas o meu não. [...]. Quando eu vim morar com a minha tia, ela era só. Ela saía muito e eu ficava a fazer as coisas. Eu era a empregada dela. Minha tia era muito ruim pra mim. Eu era pequeno, muito criança. Ela botava eu pra fazer as coisas. Eu achava ruim. Aí, eu não aguentei mais e, eu fugi da casa dela. Eu fui morar com pessoal próximo dela, que gostava muito de mim. Aí eu fugi e fui pra lá, era uma irmã do marido dela. Depois a minha mãe me pegou e me levou pra o interior, aí eu voltei pra cá e fui morar com ela de novo, com a minha tia. Eu vinha morar aqui porque eu gostava muito daqui (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Percebe-se nas suas falas, que a sua orientação sexual – como homossexual, especificamente, travesti – configura-se uma identidade marcante que atravessa todo o seu percurso de vida. Este sujeito assume uma identidade híbrida, encarnando uma identidade feminina desde a adolescência. Quando morava e trabalhava “em casa de família”, este personagem sentiu o estigma e preconceito devido à sua orientação sexual enquanto travesti, não sendo bem aceito pela sua família de origem no interior do Ceará, nem pela família que o acolheu em Fortaleza e nem pelas famílias empregadoras.

A discriminação por conta da homossexualidade foi o elemento definidor de processos de desfiliação, de ruptura de vínculos com suas famílias de origem e de acolhimento. O fato de ser homossexual e travesti foi a principal razão da precarização e vulnerabilização de sua vida, sendo o motivo pelo qual saiu do interior para a cidade grande, e das constantes mudanças de emprego, conforme mostra o seu depoimento:

Com minha família, por eu ser gay, eles não me apoiam totalmente. Conversam comigo, mas nesse assunto eles não me apoiam. Eu tenho pai, mãe, irmão e irmã. Nessa parte [orientação sexual] eles não gostam, não gostam de gay, não gostam dessas coisas. Mas me aceitam na casa deles. Às vezes me criticam, e eu fico até um pouco chateado. Mas, às vezes eu entendo o lado deles porque é muito difícil para eles. Eu fico imaginando o que é que se passa na cabeça deles. [...]. Aí eu voltei e morei com a minha tia durante um ano e sete meses. Aí pronto, depois de lá. Eu não voltei mais. Ela também foi embora, foi pra Roraima. Aí eu fui trabalhar. Voltei a

trabalhar em casa dos outros, isso eu já tinha uns 20 anos. Aí eu fui morar na casa onde eu trabalhava, cuidei de uma senhora idosa. E, enfrentei muitas dificuldades também porque o pessoal gostava muito de falar. O pessoal da família dela era um povo falador da vida dos outros, fofoqueiros como o povo diz. Eles também não aceitavam por eu ser gay, né. É que nem a minha família. Eles aceitavam a minha pessoa. Mas o que eu era, eles não aceitavam. Sabe ficavam criticando quando eu saía. Eu nem dizia pra onde eu ia, mas eles diziam que eu ia pra tal lugar (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

A adolescência e a juventude deste sujeito caracterizam-se pela precariedade emocional, insegurança nos vários empregos no mercado de trabalho informal e constantes mudanças de trabalho. Apesar destas circunstâncias desfavoráveis, este habitante das ruas foi organizando sua vida, aos poucos foi ganhando independência e decidiu, então, alugar uma kitinete, morando só. Entretanto, adoeceu e, preocupado com a doença que o acometia, decidiu fazer o teste de HIV. “Desafiante do Instituído” descobriu que vivia com o vírus HIV em janeiro do ano de 2007.⁷²

De fato, a infecção pelo HIV, a perda de emprego e impossibilidade de trabalho configuram as principais razões para a sua decisão de habitar as ruas. Entretanto, a descoberta da sorologia parece não ter comprometido o seu estado de espírito, pois, “Desafiante do Instituído” apresentou uma postura positiva de convivência com a doença, desejou iniciar logo a terapia antiretroviral, “desenvolvendo o tratamento como pôde, levando a vida da melhor forma possível”. Eis um fragmento de sua fala:

Onde eu trabalhava, eu morava. Aí depois eu passei a trabalhar com costura e fui morar só. Aí quando foi depois, que eu vim descobrir que tinha HIV, aí fiquei desempregada. Eu falei, só que eu também assim, não estava em condições de trabalhar porque no começo eu sentia dor na minha barriga, eu não conseguia ficar em pé durante muito tempo. Eu também sentia dor nas minhas perna, tinha uns caroços nas minhas pernas e doía bastante, ficava com febres também. Foi por causa disso que decidi fazer o teste. Eu fiz o teste no CEMJA.⁷³ Aí eu fiz e deu positivo. No momento quando eu recebi o resultado, eu não tive reação nenhuma. Fiquei assim, sei lá. Eu nem chorei, nem fiz nada. Ficou aquele negócio entalado em mim, que eu não sabia o que é que eu fazia. Aí eu perguntei como era que fazia o tratamento, aí a mulher me falou, ela me indicou que era o Hospital Nossa Senhora da Conceição, que era o mais próximo pra mim. E assim, aí eu perguntei ela, quando é que eu podia iniciar o tratamento. Ela disse não, isso demora uns três meses antes de eu iniciar o tratamento. Eu disse: - Aí Ave Maria, isso tudo ainda, eu achei que fosse bem rápido. Eu queria começar logo, porque eu tava me sentindo bem mal, eu queria melhorar (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Antes de descobrir que vivia com a doença, este sujeito apresentava uma “postura de descaso, desconsiderando a possibilidade de contrair HIV/Aids”. Assim fala da doença:

⁷² Exatamente quatro anos depois da descoberta da sorologia, este habitante das ruas iniciou o tratamento com a terapia antiretroviral, no mês de janeiro de 2011. Iniciou o tratamento por intermédio da casa de acolhida. Ao aderir aos projetos da casa de acolhida, passou a ter acesso à assistência médica, no exercício do direito à saúde.

⁷³ Sigla correspondente a Centro de Especialidades Médicas José de Alencar, uma clínica de saúde especializada que fica situado no Centro da Cidade de Fortaleza.

Antes me infetar eu não sabia da doença, eu não tinha conhecimento de nada. O que eu sabia sobre o HIV é que não podia transar sem camisinha que pegava, somente isso. Mas eu não sabia as outras formas que podia pegar. Não sabia e foi assim, os meninos aqui que foram me dizendo. Não tinha informação de nada. Eu procurei me informar, de nada. Agora eu já conheço bastante as doenças, DST, já sei um pouco de tudo. Nos meus relacionamentos eu sei que tem que usar, pra gente e pra outra pessoa. Depois de saber da infecção mudou completamente né. Mas dá pra viver com a doença. Só estou morrendo de medo dos efeitos colaterais. Sei que dá efeito porque são fortes todos os remédios (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Deixa claro, em seu discurso, esta postura de desconhecimento, não sabendo localizar, inclusive, como se deu sua infecção pelo vírus HIV/Aids.

Eu não sei quando me infetei, nem como. Não sei como, não sei onde, não sei com quem. Não faço ideia, mas eu acho que isso já faz mais de três anos. Porque eu tive reações piores. A reação que eu tenho agora, eu tive já há bastante tempo, só que foi agora em janeiro que eu descobri. Quando eu descobri, eu mal saía de casa, porque eu ficava muito cansada. Eu ia no Centro e quando eu voltava, sentia uma dor de cabeça fortíssima, e minhas pernas cansadas (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Após a descoberta da sorologia, este personagem adotou uma atitude de repensar a própria vida, buscando conviver com a doença, desenvolvendo o tratamento dentro das suas condições de “morador de rua” a viver por um tempo na casa de acolhida. Este sujeito, em seu discurso, aponta para a visão do HIV, como uma doença com a qual se pode conviver, mantendo uma rotina de vida costumeira. Eis um fragmento de fala que circunscreve tal visão:

As pessoas que sabem que eu tenho Aids, não falam muito, sabe, essas coisas assim. Eles dizem que é pra mim fazer tudo direitinho, pra mim viver bem. Eu tô fazendo tratamento, tomando os remédios como manda o médico e fazendo os exames quando é necessário. Quando eu descobri, eu não tava muito bem mesmo. E hoje em dia, as pessoas me vê dizem: - Nossa nem parece aquela pessoa que elas iam lá visitar, estava deitada, eu mal me levantava. As pessoas levavam comida pra mim, já feita porque eu mal podia fazer. As pessoas dizem: - “Poxa, hoje você está bem melhor do que você estava antes”. E aí ficam dizendo que é pra mim fazer o tratamento direitinho, todos os exames, que é pra mim me cuidar (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Diferente de outros habitantes das ruas a viver com o vírus e fazendo o tratamento contra a doença, “Desafiante do Instituído” demonstra preocupação com os efeitos secundários inerentes à medicação, pois, via de regra, tais efeitos tornam-se visíveis no corpo do paciente, alterando a musculatura, expondo-o a olhares e atitudes estigmatizantes. De fato, as náuseas, a distrofia muscular e outras alterações no corpo têm sido motivo para que muitos pacientes abandonem a terapia antiretroviral.

A trajetória de vida deste personagem é marcada pelo emprego precário no mercado informal das casas de família e comércio, alternando períodos de trabalho e desemprego, desde a adolescência até à idade adulta. Apesar de ter os parentes vivos, este sujeito nunca os procurou, nem em momentos de extrema necessidade, demonstrando ter os vínculos

familiares fragilizados ou rompidos. É a vivência da desfiliação. Logo após a descoberta da sorologia, este personagem foi despedido do local de trabalho, sentindo que foi discriminado por conta da doença. Apesar disso, mantém uma relação amistosa com os antigos patrões:

Aí consegui, trabalhei nessa casa também. Aí passei um ano também. Aí saí. Saí porque me mandaram embora também. Esse foi porque o pessoal disse que estavam sem condições financeiras, não podiam me pagar mais. A minha patroa tinha ficado desempregada. Aí foi que arranjei outro. Aí fiquei quase dois anos também. Aí fiquei desempregada de novo, e voltei pra. Disseram que estava ruim as vendas e não podiam ficar comigo. Aí voltei pra lá onde eu já tinha trabalhado. Aí foi depois que eu descobri que era soropositiva, aí me mandaram embora de novo. Acho que foi um caso de discriminação. Eles disseram que não foi um caso de discriminação, mas todo o mundo que eu falo diz que foi. Mas eu tenho contato com eles. Sempre vou lá, eles sempre me chama se eu quiser um dia lá. Eles falam comigo, sempre que eu quiser vou lá fico um dia. Foram eles que me ajudaram mesmo. Quando eu fiquei em baixo mesmo, eles iam todo o dia lá em casa, sempre ligavam pra saber como é que eu estava, eles se preocupavam comigo. Eu ganhava bem que dava para me sustentar, para pagar aluguel (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Assim, nesta trajetória de precarizações, depois de perder o emprego e já na condição de soropositivo, “Desafiante do Instituído” decidiu morar nas ruas, pois não tinha mais como pagar o aluguel da kitinete em que vivia, revela ter uma tia e uma irmã residentes em Fortaleza, mas pouco se refere a elas, mostrando, assim, rupturas de relações familiares. O período em que viveu nas ruas de Fortaleza, suas estratégias de sobrevivência e seus amigos, constituem outro campo de sua vida de que não gosta de falar, desviando o assunto sempre que eu me reportava.⁷⁴

Há dois anos que “Desafiante do Instituído” habita a casa de acolhida, por intermédio da qual pôde iniciar a terapia antiretroviral. Ao longo das conversas e entrevistas com este habitante das ruas, percebi a dominância de uma postura de repensar a vida e repensar-se a partir da descoberta da doença, buscando conviver com ela, desenvolvendo o tratamento como pode:

⁷⁴ Em fevereiro de 2011, durante o período de carnaval, em uma noite de sábado, cerca das 19 horas, cruzei com este personagem no Centro da Cidade, na rua Pedro Pereira. “Desafiante do Instituído” estava linda e “montada”, cabelo louro e liso, maquiada com base e batom vermelho, trajava um vestido branco com flores, comprido e de salto alto. Encontrava-se sozinha, em pé, na marquise de um prédio, como se esperasse alguém. Cumprimentei-a e perguntei o que ela fazia naquele lugar. Disse que era o prédio onde vivia sua irmã. Deu-me notícias de todos os usuários da casa de acolhida: sobre a morte de um, a saúde de outro e informou-me que “Vivido e Experiente” havia praticado furto de alguns computadores e material informático, teclado, impressora e outros acessórios e fugira da casa de acolhida. E que ouvira dizer que fora encontrado meses mais tarde em estado grave de saúde e fora recolhido por uma instituição de tratamento de toxicodependentes fora da cidade. Fiquei com a impressão de que ‘Desafiante do Instituído’, este personagem, estivesse “fazendo programa” naquela rua. Enfim, este encontro fez-me pensar na fluidez dos percursos dos que habitam as ruas, expostos à vulnerabilidade do viver, de forma mais extrema, na medida em que não contam com estruturas de espaços da casa e mesmo família que parecem proteger os humanos dos riscos desse viver. O mundo das ruas mostra, sem disfarce, as fragilidades da existência humana.

Antes de me infetar, eu não parava pra pensar na minha saúde. Mas, às vezes eu sempre sentia tonturas. Eu achava muito esquisito, aquilo que eu sentia. [...] A doença afetou só corpo. Eu fui na psicóloga, e a psicóloga me orientou, disse que não era bom pra mim. Aí eu fui dando uma melhorada. Aí foi que eu conheci aqui, o Centro de Convivência que a minha psicóloga me encaminhou para cá. Aí depois que eu cheguei aqui, eu dei uma melhorada bastante, que eu vinha todos os dias, conversava com os meninos. Os meninos foram me informando das coisas, que eu não sabia de nada. Eu não tinha noção de nada o que era o HIV. Nunca usei drogas, usava álcool socialmente. Não era alcoólatra. Hoje em dia, eu não bebo mais nem um pinga (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

Ao longo dos percursos difíceis na infância e adolescência, do desemprego, da infecção pelo HIV e da vida nas ruas e das vivências na casa de acolhida, este personagem encarna o processo de construção de múltiplas identidades. Nas rotas incertas de suas trajetórias, afirma o desejo de ter relações afetivas duradouras e de se casar e constituir família, com expressões identitárias vinculadas à religião e orientação sexual, em um manifesto processo de demarcar distinções:

Eu sou católica. Não tenho namorado. Tô sozinha, solteira, solitária da vida. Porque assim, as pessoas que aparecem, que querem algo comigo, assim, não me interessam. Eu fico às vezes, mas não é pra ter relacionamento. Às vezes eu necessito de ficar com alguém. Mas as pessoas que aparecem não me interessam pra ter um caso sério, conviver. Aí fica difícil, porque eu sou uma pessoa que eu só fico mesmo se eu gostar. Só fico se a pessoa me atrair em alguma coisa. Não sou uma daquelas de ficar só pelo sexo mesmo. Assim, namorado mesmo, eu tive poucos. Meus relacionamentos duram pouco, só três, quatro meses. Quando eu vou pra lá [seu interior, Camocim] é uma admiração, que não tem [travesti]. Nunca enfrentei preconceito lá. Graças a Deus, até hoje, não. Porque eu sou uma pessoa muito na minha, sabe. Eu não sou de rasgar..., porque geralmente esses travesti onde chegam todo o mundo já percebe logo. Eu sou assim bem diferente.

Eu tenho 28 anos, já tô ficando velha. É tenho que procurar fazer alguma coisa pra mim, casar. Meu sonho é um dia eu ter uma casa pra mim.

Trabalhei quase dois anos lá. Lá eu era bem tratada e me sentia como se fosse da minha família. Foi lá onde eu virei travesti mesmo e me aceitaram. Aí estou hoje sendo travesti, muito bem aceite.

Hoje sou feliz, mas não sou por inteira mas, me falta algo, no que eu não sei o que é para completar minha felicidade. Mas eu me sinto feliz. Às vezes eu tenho um pouquinho de tristeza, mas isso é normal. Às vezes a gente chega a pensar nas coisas, doenças, né (“Desafiante do Instituído”, agosto de 2010).

As falas de “Desafiante do Instituído” revelam representações positivas de si próprio, como pessoa e cidadão, evidenciando identidades em aberto e em transformação nas trajetórias das ruas, com uma notória vontade de viver, de se realizar na vida, enfim, de ser feliz.

Penetrando nos interstícios de um campo, a me interpelar permanentemente, as conversas e entrevistas nas casas de acolhida, com os sujeitos das ruas vivendo com o HIV/Aids revelaram-me personagens que na sua condição de morador de rua, encarnam

histórias e trajetórias de vida distintas e marcantes. Alguns personagens mostravam-se mais leves com posturas de uma relativa aceitação com trajetórias de vida curiosas; outros se mostravam inquietos e inconformados, com histórias de vida mais tristes, duras e dramáticas.

Um destes habitantes das ruas de trajetórias tristes e duras, cuja história me instigou em particular, foi a de “Sobrevivente e Contraditório”, cujo percurso de vida é marcado por mortes, tragédias, prisões e doenças. O pseudônimo aqui adotado tenta expressar esta condição do personagem sobrevivente, em suas buscas e tragédias do cotidiano, a revelar expressões, às vezes, aparentemente desconexas, mas que ganham sentido nas rotas de sua existência.

“Sobrevivente Contraditório” é um jovem analfabeto, que não sabe dizer o ano em que nasceu. É habitante das ruas, usuário de drogas, particularmente de crack e convive com o vírus HIV/Aids por já há bastante tempo, por cerca de doze anos, conforme afirmou em falas recorrentes. As conversas e entrevistas com este sujeito foram deveras difíceis.

Como pesquisador, tive que fazer várias reconstruções das informações, devido às imprecisões de datas e assuntos, frases incompletas e falas aparentemente sem sentido. De fato, foi uma conversa sempre em processo e em aberto, retomada em muitas narrativas.

Cabe assinalar que, no período das conversas e entrevistas, este personagem apresentava a saúde debilitada, com um comprometimento físico e mental visível da cabeça aos pés: tinha a mão e pé esquerdos mirrados, sempre fechados, em decorrência do que parece ser uma trombose, e estava quase cego em decorrência de uma doença oportunista, inerente à infecção pela Aids.

Ao primeiro contato com este personagem, tal doença era visível, devido ao tom esbranquiçado de seus olhos, caminhava lentamente e precisava de ajuda para subir degraus de escadas. Apresentava também problemas mentais, pensamento desordenado, com esquecimento das datas, misturando assuntos. Nesta aparente desordem, apresentava momentos de extrema lucidez, permitindo uma recomposição de sua trajetória.

“Sobrevivente e Contraditório” é um ex-presidiário, que cumpria uma pena por latrocínio, com doze anos de prisão em regime fechado, tendo saído em 2010. Este habitante das ruas afirmou ter sido solto por conta de discriminações e ameaças de morte por outros detentos por conta de sua condição de portador do HIV/Aids. Outra hipótese para a sua soltura foi o fato de ter cumprido parte da pena em regime fechado e agora, estar cumprindo em outra modalidade, em outro regime.

Entretanto, mais tarde fiquei sabendo que a sua saída da prisão em regime fechado deu-se graças ao compromisso firmado entre a assistente social que dirige a casa de acolhida e

as autoridades judiciais, tendo a mãe deste personagem custeado as despesas de um advogado que encaminhou o processo. Atualmente cumpre pena em regime de liberdade condicional, devendo apresentar-se uma vez a cada mês às autoridades judiciais, conforme o acordo estipulado entre as duas partes.

No momento da entrevista, “Sobrevivente e Contraditório” declarava ser solteiro, mas tinha esposa e dois filhos, todos vivendo com o HIV em um hospital. Este sujeito não sabe dizer o dia e ano em que nasceu, não sabe quantos anos tem, ou não se lembra das datas. Em sua fala refere-se sempre à “doze anos” quando quer assinalar um longo tempo.

Apresentava dificuldades de fala e uma história de vida triste com tragédias que se articulam em sequência. Seu pai era alcoólatra e espancava a mãe e os filhos. E, assim, desde criança, habituou-se a dormir na rua, devido aos espancamentos do pai, o que ocasionou a ruptura familiar, conforme a sua narrativa:

Nasci no dia de Cristo... em mil novecentos e oitenta e..., mil novecentos e noventa e..., aqui em Fortaleza, numa família de dez pessoas: pai, mãe, 2 irmãos e 5 irmãs. Vivi a infância no Papicu. Morei no Papicu, na Praia do Futuro cerca de 2 anos e 4 meses, aí se mudamos com a mãe e os irmãos para Messejana. O pai era alcoólatra e era violento com nós e com a mãe. Passamos 12-13 anos na Messejana. Durante este período, a gente voltava pra casa do pai. O pai batia em nós quando bebia. Aí dormíamos num canto, no Potiguar, quando o pai queria bater nós (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Por conta da violência doméstica, sua mãe abandonou a casa em que viviam, levando “Sobrevivente e Contraditório” e seus irmãos, indo morar em um bairro distante, na periferia da cidade, perdendo toda a rede de apoio sociofamiliar e da vizinhança.

Na sequência da entrevista que foi se fazendo ao longo de dias, este sujeito deu mais detalhes acerca da ruptura familiar, atribuindo a culpa à sua mãe por esta ruptura e pelo próprio rumo que tomou em sua vida. De acordo com este habitante das ruas, a vida tornou-se ainda mais complicada para si e seus irmãos depois que saíram da Praia do Futuro. As desavenças e rupturas familiares conduziram a si e seus irmãos para a vida nas ruas de Fortaleza, conforme mostra o seu depoimento:

Quando se mudamos para Messejana, a vida piorou. O pai descobriu onde nós estava vivendo, aí a mãe pulou fora. Aí nós fomos ficar com o pai. Aí ele ficava falando. A mãe foi e vendeu a casa. Aí fomos para Messejana, onde a vida era uma desgraça. Nós passava fome, necessidade, a mãe trabalhava pra uma mulher. Trazia gema de ovo, trazia pão, aí nem comíamos direito.

Tinha casa, mas a mãe deixou o pai há 20 anos e aí se arranjou com um negão lá. A vida virou uma desgraça, não tive infância. Nunca trabalhei. Saímos da Praia do Futuro e o pai deixou nós com a mãe. Aí a mãe vendeu a casa. Mas antes fez o maior debate com os filhos, e mandou nós vender a casa da Praia do Futuro e, aí nós os filhos ficamos desbundados. Ela não ficou desbundada, só eu mesmo é que estou desbundado (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Nos circuitos incertos da ruptura familiar, “Sobrevivente e Contraditório” tentou se manter na escola, mas não teve a atenção e o apoio da família, tornando-se, então, um “menor delinquente”, conforme a classificação dominante. Diz ter sido influenciado por seu irmão mais velho, passando a praticar roubos e furtos para sobreviver e usar drogas. Passou a dormir nas ruas para escapar de retaliações de suas vítimas e para não ser preso pela polícia.

A narrativa de vida deste sujeito é perpassada por uma autoimagem negativa, apresentando-se como um indivíduo marginal, um refugio humano. Em toda a sua trajetória, sempre se identificou como “menino de rua”, sobretudo quando terminava por ser levado para delegacias e abrigos para os denominados “menores infratores”. Enfim, a rua apresentava-se como o seu espaço de vida, espaço de liberdade para viver, que termina por se constituir uma marca identitária. Eis um fragmento de sua narrativa:

Estudei até à segunda, minha vida é uma desgraça, só fazendo presepada, menino de rua.[...]. Durante a infância e adolescência, nós roubava pra sobreviver. Primeiro nos carros em Messejana, depois na Aldeota furtando relógios. Quando chegava na Messejana vendia por R\$ 50,00 relógios que custava R\$ 100,00. Pegava o dinheiro, comprava comida e cigarros, fumava só maconha na altura. Nós usava drogas baratas porque não tinha condições de usar pó e haxixe. Usava roipinol e maconha apenas. [...] Eu tinha 14 anos, no tempo em que vivia com os professores do colégio no Manuel Rodízio. Depois parti pra droga, fumar cola. Ia pra escola só pra pegar a merenda, brincar. Hoje estou pensando (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Este habitante das ruas revela que foi preso várias vezes e que seus dois irmãos morreram de forma trágica: um foi morto por outros traficantes, quando “Sobrevivente e Contraditório” era adolescente. Outro foi linchado até à morte por populares no terminal de ônibus do bairro Papicu, depois de um assalto frustrado, quando o nosso interlocutor era já adulto e cumpria pena de prisão por latrocínio de um casal.

Este sujeito demonstra imprecisões acerca da data de sua prisão, os anos a que foi sentenciado, quantos anos de pena cumprira até à altura da entrevista e quantos anos esteve preso. Recorre sempre aos “doze anos”, que parece um tempo mítico em sua narrativa. Além das rupturas familiares, são marcantes nas suas falas, episódios sobre a dependência às drogas, riscos advindos de dívidas e rivalidade com traficantes, crimes de assassinato e processos de discriminação e exclusão por conta da infecção com o vírus HIV. Senão vejamos:

Entrei nessa vida pelo irmão há uns 25 anos atrás, quando eu tinha 13,14 anos de idade, o meu irmão era mais velho. O irmão levou uma porrada no Terminal Papicu, aí ele levou uma porrada tão grande que secou parte do peito. Ele havia participado de um assalto. Aí o cara arrancou o revólver, aí o povo espancou. Primeiramente eu ficava observando, mas depois fui aprendendo com ele. O outro irmão realizou muitos assaltos, aí eu fui seguindo os passos, aprendendo. O outro irmão morreu

cheio de tiros: o Valdinei e o Carlinhos mataram ele com a própria arma dele. [...] Fui preso em 1998 e estava em regime fechado. Matei pra roubar, só um casal de gente. Eu não via a luz do sol no local penal (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Na prisão, este sujeito contraiu o vírus HIV, fruto de relações sexuais que diz ter tido com homens e mulheres. Revelou que, neste período da vida, tinha uma postura de descaso, sem buscar o tratamento, desconhecendo a doença. Atualmente, este sujeito revela uma postura de desânimo e de descrença pela falta de possibilidade de um tratamento de forma regular e sistemática:

Lá no presídio quando faltava água, eu é que subia e enchia de água nas caixas. Aí o pessoal me dava uns trocados. Aí eu comprava o maior veneno. Eu se envolvia sexualmente com homens no presídio. Há 12 anos que tenho o vírus HIV/Aids. Acho que peguei o vírus tanto de homens como de mulheres. Deixei rolar o sonho que tinha. Lá no presídio, tinha informação sobre as DST e AIDS, tinha camisinha, mas não usava. Peguei uma tuberculose, fizeram uma incisão aqui no pescoço. A Aids entrou de lá. Iniciei o tratamento no local penal e agora fazia no Hospital São José. [...] Peguei o vírus no presídio com um veado. Há 8 meses que não faço tratamento contra a Aids. Há 7 anos que estou em liberdade e faltam 3 anos para concluir a pena... (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

No momento da entrevista, este sujeito dormia nas ruas, pois fora expulso de casa pela mãe, cansada de sua drogadição. Ele declara ser dependente químico e ter fricções com seu padrasto. Conforme as suas falas: “sou químico, meu padrasto quer bancar o machão, mas vamos devagarzinho, aí deixo rolar”. O uso abusivo de drogas é um tema bastante recorrente nas falas deste personagem das ruas. A dependência em relação às drogas inviabilizou a convivência social com sua mãe, que acabou o expulsando de casa.

Em alguns momentos de seu discurso, este sujeito demonstra outra visão acerca de sua vida nas ruas, vendo-a como uma situação transitória da qual, quer sair, buscando ter acesso a um local de moradia. Em outras ocasiões, “Sobrevivente e Contraditório” sublinhava uma visão negativa da vida nas ruas, enfim, uma situação que não consegue romper, mas que gostaria de mudar de vida, conforme mostra o depoimento seguinte:

Eu durmo ao relento, ainda não tenho uma casa onde ficar. Há 5 meses estou dormindo de novo na rua. Eu durmo na rua porque quero. Se eu tiver R\$ 5,00 - 10,00, fumo pedra. Na casa onde eu vivia, tinha uma boca de fumo por perto. Aí a gente pegava a senha, trocava por droga e ficava alucinados. A mãe me expulsou de casa por causa da droga. Eu sempre apronto pra mãe. Se eu tivesse continuado meus estudos, eu tinha arranjado minha vida. Passei muita dificuldade. Estava preso. Se eu estivesse bom, começava a vida de novo (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Durante o seu percurso nas ruas, no mundo do crime, na prisão e na casa de acolhida, “Sobrevivente e Contraditório” sempre teve na mãe a sua grande referência afetiva, mantendo vínculos com ela e recorrendo à sua ajuda em momentos de extrema necessidade:

quando adoecia, quando era ameaçado de morte, quando fugia da polícia e, agora quando seu estado de saúde agrava-se ou quando necessita de obter documentos. Sua mãe tem carinho por ele e sempre fez esforço para tirá-lo das ruas e do submundo do crime. Foi com muito sacrifício que sua mãe pagou um advogado para interceder na justiça, de modo a cumprir o resto da pena em regime de liberdade condicional.

A mãe cuida de um sítio há 25 anos, tem peru, tem 6 ovelhas, tem 2 porcos, tem galinhas, tem jenipapo, tem goiaba, tem acerola, tem jambo, tem um bocado de coisa. Tem caju, tem manga. Eu saí de casa porque fazia uns baseados pra mim em frente da minha mãe. Mas ela ainda me quer lá, desde que ele aceite Jesus. Ela falou com a responsável do centro de detenção, acho que foi assim que conseguiu a liberdade condicional. [...]. A mãe é muito boa comigo. As irmãs estão casadas, eu fui preso quando eram pequenas. Não tenho contato com elas: a mais nova é evangélica (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

“Sobrevivente e Contraditório” construiu vínculos sociais nas trajetórias das ruas, em verdadeiros processos de reafiliação. Revela ter tido relações afetivas e sexuais, através de namoros ou situações ocasionais. Chegou a viver com uma companheira e teve filhos, constituindo família. Entretanto, fala pouco da família que formou, evidenciando ruptura de vínculos familiares. Sua antiga companheira e os filhos também vivem com a doença:

Antes do presídio, eu tinha uma namorada de mexerica, de curtição. Ela era novinha em folha, eu me dei bem com ela, aí fui preso e ela me deixou. Eu era um cara esperto, cheio de saúde.

Eu vejo a família uma vez por mês, deixo lá o dinheiro que recebo. A mãe dos filhos me abandonou logo que iniciou o comprometimento físico. Ela mandou eu sair fora. Antes do compromisso físico, eu estava forte e até fumava um baseadinho. Eles também são portadores do vírus. Todos fazem o tratamento contra a Aids. Os filhos vivem num centro de acolhimento. um tem dois anos e outro três anos... (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Quando o entrevistei, este habitante das ruas era usuário da casa de acolhida há cerca de dois meses. Na oportunidade, declarou gostar da instituição, afirmando ser bem tratado neste equipamento. Disse manter boas relações com outros usuários, não informando a ninguém que vivia com o vírus da Aids, por temer discriminação. Revelou perspectivas de um futuro melhor, dizendo acreditar na melhoria do seu estado de saúde:

Depois de entrar no Centro de Acolhida muita coisa mudou, eu tenho o meu cartão, o meu documento, que estão guardados com a irmã... A Dra... é muito boa, assim como as irmãs..., as irmãs tudinho. Eu tenho certeza de que as coisas vão melhorar, há 12 anos que tomo os remédios contra Aids (“Sobrevivente e Contraditório”, novembro de 2010).

Devido às condições físicas e mentais, fui obrigado a interromper um processo sistemático de entrevistas com este usuário, pelo seu próprio estado de saúde, deveras debilitado. Ainda assim, mantive, depois, algumas conversas informais com ele, na

companhia de outros usuários de casa de acolhida, por meio das quais fui resgatando fragmentos de fala na reconstituição de sua história, em meio às suas imprecisões, indefinições e mesmo conflitos.

Mais tarde, fui alertado por uma das assistentes sociais de que devia tomar cuidado com este usuário, tal era a sua periculosidade. Informou-me ela que, apesar do seu estado de saúde, “Sobrevivente e Contraditório” tentara realizar assaltos e que “de dia era uma coisa, e à noite, transformava-se em outra coisa”, devido ao uso abusivo de drogas. A partir do episódio acima descrito, cabe destacar, mais uma vez, o olhar “preconceituoso e estigmatizante” de profissionais da casa de acolhida sobre os usuários das instituições, encarados como perigosos e até criminosos.

Esta representação de profissionais acerca dos usuários da casa de acolhida configura o fenômeno a que Paugam (2010) designa de “desqualificação social dos assistidos”, caracterizado pelo estigma e desvalorização dos pobres e daqueles que dependem de algum tipo de assistência social. De acordo como o autor, a desqualificação social influencia na interação do indivíduo com o resto da sociedade, repercutindo em configurações negativas de identidade, fragilizando os laços de pertencimento.

Ao fazer uma retrospectiva da trajetória de vida deste e de outros habitantes das ruas, torna-se necessário destacar os processos estruturais de desfiliação a marcar sua trajetória: a precarização das condições de vida com privação de direitos elementares, a ausência de uma vivência familiar com múltiplas rupturas. São processos que impõem uma vida errante, caracterizada pela vulnerabilização e marginalização social.

De fato, os episódios descritos por este personagem das ruas vinculam-se aos processos estruturais de ruptura de vínculos, desfiliações e desqualificação social. Indiscutivelmente, “Sobrevivente e Contraditório” vivencia exclusões desde que nasceu, aprofundando-se ao longo das tragédias da vida, envolvendo em situações-limite.

É o campo permitindo ampliar a perspectiva das teorizações de Castel (1997) sobre desfiliação, mostrando que a ruptura de vínculos sociais nas trajetórias dos habitantes das ruas está fundada em “desfiliações estruturais”, decorrentes dos mecanismos geradores de desigualdades abissais e aviltamento da condição humana, nos circuitos excludentes da civilização do capital na vida social brasileira.

“Contemporâneo e Libertário” é um personagem das ruas a viver com o HIV, história de vida com a qual finalizo esta configuração da minha aventura etnográfica. É um homem solteiro, de 53 anos de idade, pardo e apresenta um aspecto jovial. É homossexual que assumi a sua orientação sexual, embora sua aparência e posturas não revelem, de imediato,

esta orientação. É oriundo de uma família pobre do interior do Maranhão, composta por dez pessoas: o pai, a mãe e oito irmãos. Este sujeito iniciou-se muito cedo no trabalho e teve uma infância difícil no interior. Eis o seu depoimento:

Sou nascido no Maranhão. Eu não tive infância, não brinquei com criança, eu não sei jogar bola. Só sei jogar bola no gol. Não sei jogar bola, vim jogar peteca depois de adulto, essas coisas de jogo. Rapaz, eu acho que comecei a trabalhar desde os meus três anos, porque minha mãe saía pro trabalho e eu ficava com o meu outro irmão mais novo. Assim, eu comecei a trabalhar desde novinho, cuidando de outro irmão. Aí eu fui crescendo, aí o outro irmão já ia cuidar de outros irmãos mais novo, meus irmãos depois de mim. Aí aquele ficava prestando atenção ao irmão mais menorzinho e aí a sequência, né. Aí o penúltimo ficava prestando atenção no último, aí os outros irmãos (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Este personagem declara que sempre se identificou com a escola, mas, o contexto de pobreza em que vivia impediu-o de avançar nos estudos, embora seja o membro da sua família que atingiu o nível mais alto de escolaridade, chegando ao curso pedagógico, conforme sua narrativa:

Eu trabalhava em lavoura. Rapaz, eu passei todas as dificuldades possíveis e imagináveis. Até porque... Só pra ter uma ideia, da família, eu fui o único que cheguei a estudar, a saber alguma coisa. Os meus irmãos, os outros mal sabem assinar o nome. Eu ainda consegui fazer o terceiro pedagógico. Os outros só pararam, uns pararam no ginásio, outros parou no antigo ginásio e outros pararam no primário e é assim. Os outros nem sabem ler, inclusive meus dois irmãos mais novos são cegos, cego de leitura, que são meus irmãos por parte de pai. Eu estudei em Liceu, não sei por quê, porque eu acho que tinha que estudar mesmo (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Aliada à dureza da vida no campo, “Contemporâneo e Libertário” teve desavenças com o pai, devido à sua orientação sexual. Seu pai nunca aceitou o fato dele ser homossexual, assim como nunca compreendeu o seu interesse pelos estudos. Nesse período de sua vida, ainda adolescente vivendo em um município no interior do Estado do Maranhão nas décadas de 1960 e 1970, dentro dos padrões familiares tradicionais, este personagem ainda não tinha uma consciência clara de sua condição homossexual. Entretanto, a discriminação por conta do seu jeito e posturas foi invisibilizando a convivência dentro de casa. A ruptura não aconteceu de imediato, porque sua mãe estava por perto. Senão vejamos:

O primeiro sofrimento pesado que eu sofri foi.., eu tinha uns 15 anos, mais ou menos, 15,16 anos, nessa faixa. Aí meu pai veio com uma onda de por quê é que eu não namorava. Só que nessa época, eu ainda era um super inocente, não sabia de nada. Só que por incrível que pareça, ele estimulou, me estimulou, né. E aí eu disse não pai, eu quero é estudar. Não quero namorar não, eu quero é estudar, não sei o quê, e tal. Realmente eu tinha interesse em estudar mesmo. Portanto que lhe falei que quem sabe alguma coisa sou eu. Aí ele me botou pra fora de casa, minha mãe é que não deixou (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

A morte de sua mãe foi o início do processo de ruptura familiar quando “Contemporâneo e Libertário” tinha 25 anos. Assim, a família optou pela dispersão como estratégia de sobrevivência. Em meio a brigas, seu pai arranhou outra mulher e abandonou os filhos, voltando à casa algum tempo depois, conforme o seu depoimento:

Rapaz, eu saí do Maranhão... Foi uma história tão triste. Eu saí do Maranhão porque minha mãe morreu e aí meu pai conseguiu outra mulher. Aí ele brigou com essa mulher, separou-se dela, e ele foi morar comigo. Só que aí eu fiquei... aí cada um dos irmãos mais velhos, os três mais velhos ficaram com os três mais novos. Então eu fiquei com um, o outro irmão que gostava de mim ficou com outro, e o outro ficou com o outro. E aí foi aquela confusão toda, brigaram. Aí um brigou com o outro irmão e foi lá pra casa. E, aí eu fiquei tomando conta de dois irmãos, que era amigo e fiquei tomando conta do outro que não se deu com o cunhado dele né, o meu cunhado, o nosso cunhado. E aí ele foi lá pra casa. Aí meu pai também brigou com a mulher e foi lá pra casa. E era, aí ficou um inferno. E aí, meus dois irmãos ficaram com raiva, porque praticamente ele que abandonou a gente. Aí arranhou outra mulher e abandonou a gente. E aí, meus irmãos ainda menor ficaram com raiva, eles não entendiam isso, porque ele tinha abandonado eles. E, era uma briga danada, não queria respeitar ele, era aquela confusão danada, aí rapaz. E eles diziam que ele não tava mais na casa dele. E era uma confusão danada, era uma briga danada (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

O relato deixa claro o clima de brigas e confusões que marcam o contexto familiar deste personagem, mostrando processos de desfiliação ao longo de uma trajetória de vida, marcada pela desagregação de vínculos. Pouco tempo depois, “Contemporâneo e Libertário” decidiu abandonar o Maranhão com destino à Fortaleza, convidado por um companheiro para morarem juntos nesta cidade. Seu companheiro trabalhava nos “Correios”, enquanto “Contemporâneo e Libertário” ia tentando a vida como cantor e poeta:

Eu vim através de um colega meu. O único conhecido que eu tinha era ele. Eu não conhecia nada. Então aí eu não consegui nada como cantor. Eu não tocava nenhum instrumento. Mas me fez bom. Talvez se eu fosse cantor, eu não era o que eu sou, não saberia o que ia ser, talvez... porque eu tinha entrado talvez na graça do povo e aí eu me.. ia entrar para outro ramo de vida. Talvez eu não soubesse nada que eu sei hoje. E saberia outras coisas diferentes, talvez não me interesse saber o que eu sei. Aí eu me enveredei pela arte de escrever, de ser poeta. Até cheguei a lançar o primeiro livro aqui, em uma faixa de uns dezoitos livros lançados e foi assim, a minha vida. A ainda continuo (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Em Fortaleza, este personagem encontrou um contexto mais favorável para expressar a sua identidade sexual, assumindo-se como homossexual. Era o final da década de 1970 a 1980, tempo da liberdade sexual, da vida vivida de forma intensa e de novas experiências:

Só que eu deixei me jogar depois que eu vim pra cá [Fortaleza]. E, depois que eu cheguei aqui foi que eu me joguei. Eu me joguei, eu assumi a minha homossexualidade. Era todo trancado, todo trancado, até hoje. Eu não sei, se você me vê assim, você não percebe que eu sou uma pessoa entendida. Você não percebe, mas se... e aí imagine antigamente. Antigamente você tinha que ser meia-meia. Aí eu sofri pra porra, era mulher dando em cima de mim, era a maior putaria. E aí, por

isso é que meu pai ficou com raiva, porque rapaz, era tanta mulher dando em cima de mim. Meu pai: – por que é que tu não namora? – Namorar pra quê, eu quero é estudar. E aí foi assim (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

De forma lúcida, este sujeito descreve o tempo de sua juventude entre essas décadas, o contexto social, a liberdade sexual, a vida vivida intensamente, as experiências, os atores que marcaram a sua geração que, influenciaram o seu estilo de vida e a sua vida sexual. Também fala com relativa desenvoltura das DST's e HIV, demonstrando que detinha informação acerca de tais doenças. Aborda sobre a emergência do uso das camisinhas e das dificuldades em utilizá-las nos percursos da vida social. Nesse sentido, a sua narrativa é deveras interessante:

Na época, não se tinha preservativo gratuito, tinha que se comprar. Então eu comprava e na época era caro. Que na época, ainda me lembro bem que era Jontex, e uma outra marca... Só tinha duas marcas nas farmácias pra vender. E o Jontex, dizia eles que era o melhor. Aí eu não sabia usar e estourava. Aí eu dizia: – eu vou comprar um negócio desses, gastar dinheiro pra quê, hein? Não fiz mais as contas, né. Apesar dos pesar de Cazuzza também ter mostrado... Que aqui quem fez o escândalo maior, a causa do preconceito aqui, infelizmente foi o Cazuzza. O Cazuzza se rasgou pro Brasil e pro mundo inteiro. Se rasgou e aí o preconceito. Muito pelo contrário, porque o Cazuzza, apesar dos pesares, há males que vem por bem, né, tem isso. Ele fez o bem e fez o mal ao mesmo tempo. Porque o Cazuzza, ele era de família bem abastada. Tanto que ele chegou a ir pro Estados Unidos, trouxe remédios, pra ver como ele era tão pobre, tão miserável. Então, ele era um cara assim, super introvertido. Pra ele não tinha regras, não tinha limites. O que ele achava que, ele era superior à doença. Então ele, aí nessa ignorância dele, nessa liberdade dele, nessa audácia dele, ele fez um grande mal, que veio o preconceito. Porque eu acho que no mundo, não sei se eu estou certo, pelo que eu já entendi pelas reuniões aí, é o país que tem o estigma do preconceito é o nosso (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

O relato revela uma pessoa em relativa sintonia com o seu tempo, a viver do seu lugar social de jovem do interior que adentra o cenário urbano e, da sua condição de homossexual, os dilemas de um tempo. Este sujeito é emblemático por trazer no corpo as marcas desse tempo, encarnadas no HIV/Aids. Assim, afirma-se a pertinência do seu pseudônimo que lhe foi aqui atribuído, “Contemporâneo e Libertário”.

Depois de alguns anos de convivência em uma relação homoafetiva, seu companheiro adoeceu e veio a falecer. “Contemporâneo e Libertário” foi morar com amigo de seu antigo companheiro, em uma nova relação afetiva. Depois de quase uma década em uma relação de convivência e partilha com este seu segundo companheiro, decidiu separar-se dele. Não tendo onde morar, este personagem foi habitar as ruas até ouvir falar do Centro de Convivência Madre Regina, conforme mostra a sua fala:

Aí ele faleceu, aí eu conheci, por intermédio dele, que ele chegou aqui primeiro, que ele andou me arrastando pra um bocado de lugar que eu não conhecia, pra mim conhecer. Foi através dessas saídas minhas com ele, aí conheci esse outro colega

dele. Aí depois que ele faleceu, eu fui morar com outro colega dele. E aí, essa vida com outro colega dele, aí também aconteceu que a gente se separou e aí eu fui morar só. Aí eu morei só uns... de 8 a 10 anos, que eu moro só. Aí só sei que eu já estava aqui na casa [de acolhida] (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

É importante frisar que, apesar de ter habitado as ruas durante alguns anos, este sujeito não faz referência à vida nas ruas, não se identificando com ela. Praticamente não fala acerca desse período de sua vida, recusando-se a dizer quanto tempo habitou as ruas.

Durante as entrevistas, por várias vezes, perguntei acerca da vivência nas ruas, mas, sutilmente, este personagem mudava o rumo da conversa e desviava para algum assunto interessante sobre a sua vida, desde que não fizesse referência às ruas. Esta postura de omitir do relato a experiência das ruas, mostrando não querer abordar o assunto é um traço comum nas narrativas de muitos personagens das ruas.

Atrevo-me a pensar que tal postura revela constrangimento e, mesmo, o desejo de muitos habitantes das ruas em apagar da memória esta etapa de suas vidas. A morte de seu primeiro companheiro é outro assunto que, este personagem pouco ou quase nada comenta.

Quando questionei sobre as razões da morte desse seu parceiro, “Contemporâneo e Libertário” afirmou não saber das causas de sua morte, declarando não ter se preocupado muito em saber. Entretanto, a sua fala parece indicar que seu companheiro morreu de infecção pelo HIV/Aids, quando ele diz: “exatamente isso que deu em mim: uma tontura...”. eis a sua fala sobre a morte do companheiro:

Praticamente eu morei com esse colega que me trouxe. E aí, ele faleceu, rapaz, eu não sei de que é que ele faleceu. Só sei dizer que ele saiu pra trabalhar. Aí deu um negócio nele. Exatamente isso que deu em mim: uma tontura e, ele foi parar no hospital. Do hospital ele voltou pra casa. Aí deu outra crise de novo e dessa crise, no hospital ele saiu pro cemitério. Eu tinha uns 32 anos. Eu tô com 22 anos aqui [no Ceará], eu tô com 53 anos de idade. Era quase uns 30 anos (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Já na relação com o segundo companheiro, depois de alguns anos de convivência, este sujeito descobriu que era soropositivo. Ao contrário da experiência nas ruas e da questão da morte do companheiro, “Contemporâneo e Libertário” fala abertamente do HIV/Aids, discorrendo sobre a infecção e a forma como vê a doença: este personagem encara a infecção pelo HIV como praga mortal que aniquila perspectivas de vida e torna a vida muito difícil. Senão vejamos:

Como é que foi que me infectei, agora como é que foi? Eu não sei não. Provavelmente foi por via sexual, que eu não fiz nenhuma transfusão de sangue, até agora nunca fiz. Rapaz, de ter como até hoje, todo o mundo tem informação. Só que infelizmente parece que é uma praga, parece que é uma praga, quando tem que dar, dá mesmo. Eu tinha informação, como aqui hoje todo o mundo tem informação e a infecção continua (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Este habitante das ruas faz a terapia antiretroviral há vários anos e discute sobre as representações existentes acerca do HIV, apresentando distintas visões acerca da doença, sendo algumas contraditórias. Tomando o seu próprio caso como exemplo, na sua visão, ele incorre em uma percepção um tanto fatalista da doença, como se a doença comandasse a vida do acometido:

Aqui tem a mania de dizer que isso aqui é um super vírus, é uma doença que não sei o quê, é do século tal, mata, você morre. É completamente mentira. Depende dele. Quando Ele quer te matar, não tem hospital bom, não tem medicamento bom, não tem alimentação boa, ele te mata na hora que ele quiser. Teve um que se internou hoje, em uma semana morreu. Se infectou hoje, e em um mês morreu. Se infectou, não se descobriu e morreu. Tem gente como eu, vou fazer dezesseis anos e só tive uma internação obrigada (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Este personagem das ruas fala da condição do soropositivo, das mudanças em relação aos portadores do HIV/Aids, enfatizando, igualmente, o estigma e a discriminação. Neste sentido, enfoca as dificuldades de relacionamento com seus familiares, dificuldades em conseguir trabalho e a rotina a que o sujeito vivendo com o HIV tem que se adaptar; incluindo as idas regulares ao médico:

Eu já fui discriminado. Já, inclusive pela minha própria família. Assim que eu me descobri..., Ainda bem que foi por telefone, parece que eu tinha morrido. Me esqueceram. Eu tenho um irmão que mora em São Paulo, rapaz. Esse irmão era louco pra mim ir pra lá. Antes de isso aí [infecção], meus irmãos sempre se orgulharam de mim, porque eu era o único da família que sabia ler, que era mais educado, sabia falar, disseram tal. Eles e também o meu pai, tinham o maior orgulho de mim.

É mas aqui hoje, no mundo de hoje, aqui atualmente, esse negócio de afastar os soropositivos não existe mais aqui. O que existe agora é, por exemplo, é o tal do estigma de aidético, que é mais, chama a gente de aidético. Só que em matéria de aceitação, acho que aqui aceita. Agora esse negócio de trabalho, às vezes a galera pena muito. Porque tu vai trabalhar? Ai eles te perguntam. Ai, como é que eu vou trabalhar, se eu tenho que no mínimo, no mínimo, eu tenho que ir uma vez no hospital, por mês, no mínimo. É, geralmente a gente fica meia hora. E se eu trabalhasse numa empresa tipo aqui. Até que dava, no intervalo, até que dava no meio intervalo pra mim ir pra lá no hospital (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Durante os vários encontros de entrevistas e conversas informais com este sujeito das ruas, percebi a construção de múltiplas identidades em processo nas rotas de suas trajetórias, vinculadas aos diferentes eixos: origem interiorana; amor aos estudos, à música e à poesia; condição homossexual; condição de soropositivo. Emergem de seu relato distintas demarcações identitárias ligadas à orientação sexual, religião, trabalho e habilidades:

O mês passado, pediram para eu fazer uma poesia sobre os pais e eu fiz e os pessoal adoraram. E, eu sou um velho desses por aí, eu esqueci a minha voz de cantar, de compor porque eu não sou. [...] Ai, eu acho que nasci pra ser poeta. Ai de lá pra cá depois que eu me enveredei pra linha de poeta, eu não escrevi mais uma música,

com exceção de uma música sobre Deus, escrevi duas música sobre Deus. Só que por incrível que pareça, eu não escrevi, ela continua na minha cabeça. Eu não passei pro papel porque a minha vida foi e é tão complicada, que eu não tenho... (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

A crença ou descrença em Deus é uma demarcação identitária presente em sua vida, e que o faz refletir acerca de suas trajetórias e experiências, relações e vínculos com a família, processos de desfiliação e a infecção pelo HIV. Estas situações e circunstâncias negativas de sua trajetória de vida não comprometeram os seus sentimentos e valores humanos, demonstrando compreender e perdoar as atitudes de seu pai. Apesar de tudo, considera-se uma pessoa feliz. Senão vejamos o seu depoimento:

Eu trato Deus como se fosse inimigo meu, entendeu. – Tu me respeita a mim como pai, que eu te respeito assim como filho. Eu discuto com Ele assim, a infelicidade ou a felicidade dele, é porque eu não O vejo, porque se eu O visse, eu já era assassino há muito tempo, já era criminoso, que eu já tinha matado Ele. Porque o que Ele fez comigo, fez com minha mãe, fez com meus irmãos, apesar do que meu pai fez comigo, a culpa era Dele, não era do meu pai. Só que na época, eu era criança, só que eu não entendia. Hoje eu vim descobrir que meu pai não tem nada de culpa.

Então aí a galera tem mania de dizer que eu sou ateu, mas eu não sou ateu não. Porque na minha concepção, o ateu é aquele que não acredita. E eu acredito, tanto que eu questiono. Eu tento. Eu reconheço que Ele exista e eu questiono. Pra mim Deus é pior do que todos os ditadores existentes e não existentes do mundo juntos. É o pior. Pode raciocinar que é o pior. E Ele dá com uma mão e tira com a outra.

Rapaz, por incrível que pareça. Eu sempre costumo dizer que se existe alguém feliz, sobretudo, sou eu (“Contemporâneo e Libertário”, outubro de 2010).

Ao refletir sobre a história de vida deste sujeito, percebo que “Contemporâneo e Libertário” é um homem de seu tempo, destacando-se dentre os demais personagens aqui retratados pela leitura lúcida que faz do contexto social que marca o período da sua juventude, de suas experiências, dos atores e do estilo de vida que dominou à época.

Mesmo sendo oriundo de família pobre e não contar muito com o apoio familiar, a sua trajetória de vida revela esforço em avançar na escolarização, amor aos estudos e o desejo de ser músico e poeta. Suas falas são permeadas pelo seu espírito libertário, com demarcações identitárias ligadas à habilidade em escrever poesias e cantar, à homossexualidade, ao fato de viver com o HIV, oscilando entre crenças e descrenças em Deus.

É importante sublinhar a situação limite vivenciada por sujeitos que habitam as ruas portadores do HIV/Aids: a falta de condições de assumir a terapia antiretroviral; as precarizações múltiplas na vida cotidiana; o acirramento do estigma pela perversa articulação de ser morador de rua e portador do HIV; a debilidade física decorrente da infecção pelo HIV, aliada ao sofrimento emocional a circunscrever a vida dos portadores desta doença; a perspectiva de morte no horizonte...

Nesta situação-limite, é importante atentar para as configurações identitárias destes personagens, gestadas nas rotas específicas de vida com um duplo estigma. Parece que, na hibridização de identidades, predominam nestes sujeitos configurações negativas de sentir-se excluído, vitimizado, como párias neste mundo contemporâneo regido pela lógica do vencedor, do bem sucedido. Na realidade, abre-se um campo de investigações a nos interpelar!

CONCLUSÕES

A população em situação de rua constitui um segmento social que se peculiariza pela condição especial de morar nas ruas, apresentando como características: pluralidade e heterogeneidade, por ser composto de pessoas com perfis diferenciados, com diferentes experiências e distintas visões, nos percursos urbanos; vivências marcadas por exclusões e inclusões precárias, com rupturas de vínculos familiares; nomadismo, com deslocamentos constantes de lugar em lugar; imediatismo, a viver “do” e “para” o presente, sem planos de longo prazo; pragmatismo nas relações cotidianas, no sentido de ter que encontrar formas diárias de sobrevivência; identidades em processo, negociadas nas suas rotas e trajetórias nas ruas.

O cotidiano destes sujeitos é marcado por privações, carências, vulnerabilidades, estigmas e preconceitos, decorrentes da moradia nas ruas. É uma forma de viver no limite, preocupado com o “aqui e agora”: garantir lugar seguro para dormir, comida diária e dinheiro para as drogas. Deste modo, a condição social vivenciada por estes sujeitos – o morar nas ruas – propicia configurações de vida peculiares em seus valores, formas de estar, modos de vida, constituindo um *habitus*. Este *habitus* da rua implica “saber entrar e saber sair” das mais variadas situações, em estratégias de sobrevivência e em múltiplas artimanhas, buscando garantir alguns ganhos e vantagens.

As observações sistemáticas do cotidiano destes personagens revelam que cada sujeito habitante das ruas tem o seu “pedaço”, ou seja, um lugar temporariamente fixo onde dorme e guarda os seus pertences. É uma busca de um espaço próprio, em meio aos permanentes fluxos de deslocamentos. Ao adentrar o universo dos habitantes das ruas, constatei rotinas no seu cotidiano, em meio a momentos de catarse social. As noites de sextas-feiras, sábados, dias que antecedem a feriados, dias de “clássicos do futebol” local e de shows de música, configuram “momentos liminares” para estes sujeitos, pois são marcados pela subversão às rotinas, protesto e, mesmo, denúncia das dificuldades por que passam nas ruas através de formas moleculares de expressão e resistência.

O campo mostrou-me que, via de regra, os habitantes das ruas vivenciaram processos de exclusão e vulnerabilidade que vêm desde o nascimento, transitando pela infância e adolescência. São exclusões estruturais, encarnadas em trajetórias e experiências perpassadas de destituição de direitos e de enfraquecimento ou rompimento de vínculos familiares. De fato, a maioria dos “moradores das ruas” vivenciou contextos de pobreza e exclusões, inseridos nas “periferias da sociedade”, com violação ou com acesso precário a

direitos básicos.

Alguns foram obrigados, desde cedo, a trabalhar para ajudar no sustento da casa, a praticar roubos dentro e fora de casa para sustentar o vício das drogas. Muitos vivenciaram experiências no trabalho informal, no mercado de comércio de bens ilícitos, no tráfico de drogas, na realização de assaltos e outras formas que perpassam a economia urbana, sobretudo nas periferias das cidades. De fato, nas trajetórias e percursos de vida dos habitantes das ruas pode-se bem vislumbrar o que Telles e Hirata (2007) configuram como “borramento de fronteiras entre o ilegal, o informal e o ilícito”.

As trajetórias dos habitantes das ruas apresentam como elemento em comum definidor de rotas, o uso de drogas visto por eles, como responsável por processos de desfiliação. A droga tem um peso marcante e decisivo nas rotas de vida destes sujeitos. O seu consumo parece criar uma teia que envolve estes personagens, impedindo-os de “sair” e romper com o círculo da dependência. Seus depoimentos revelam percursos marcados pelo uso abusivo de drogas e dependência destas substâncias desde os tempos da adolescência até à idade adulta, na vida antes das ruas e na própria vivência do habitar as ruas.

Cabe destacar que estes sujeitos experienciam formas distintas de desfiliação familiar, de rupturas provocadas pelo uso abusivo de drogas. Em alguns casos, nem sempre a ruptura de vínculos familiares é completa. Em determinadas circunstâncias específicas, os personagens mantêm relações com determinados familiares, principalmente com as mães. Outros, voltam temporariamente à casa, em situações de extrema necessidade: quando ficam doentes, são ameaçados de morte, perdem documentos ou são procurados pela polícia. Deste modo, a família constitui referência em suas histórias de vida, tanto como fonte de carinho e amor, quanto como fonte de conflitos e rejeição.

Nas rotas das ruas, a desfiliação social é um processo que implica também refiliações que ocorrem em meio a situações de insegurança e instabilidades, inerentes à vida neste espaço. Tais refiliações materializam-se em diversos arranjos e configurações, por meio da constituição de novos vínculos de amizade e companheirismo, de relações afetivo-sexuais e vida conjugal com novo(a)s companheiro(a)s nas ruas.

O campo permitiu ampliar a perspectiva das teorizações de Castel (1997) sobre desfiliação social, mostrando que a ruptura de vínculos sociais, nas trajetórias dos habitantes das ruas, está fundada em “desfiliações estruturais”, decorrentes dos mecanismos geradores de desigualdades abissais e aviltamento da condição humana, nos circuitos excludentes da civilização do capital na vida social brasileira.

Neste contexto, morar nas ruas representa, muitas vezes, a última alternativa, ou seja, a situação-limite de um percurso de vulnerabilidades de pessoas que, nos circuitos de exclusões estruturais, romperam vínculos com suas famílias e com o mercado de trabalho.

De fato, autores trabalhados ao longo desta dissertação enfatizam a dimensão familiar e a dimensão ocupacional como duas esferas de sociabilidade importantes na vida dos indivíduos que, quando fragilizadas ou rompidas, influenciam para que o indivíduo tome a decisão de habitar as ruas. Neste sentido, determinados aportes analíticos demonstram existir uma relação entre moradia nas ruas e vulnerabilidade habitacional na vida de muitos personagens que viviam em casas alugadas ou abandonadas nas periferias das cidades e, em seus percursos, apresentam passagens por abrigos e casas de acolhida.

Mais uma vez, os percursos de campo mostraram que os moradores de rua da cidade de Fortaleza vivenciam uma realidade marcada por peculiaridades a exigir um repensar das teorizações sobre este universo. No caso dos personagens, cujas histórias são aqui narradas e refletidas, observa-se que no contexto de vulnerabilidades sociais e pobreza, o alcoolismo, a violência doméstica, os roubos dentro de casa, as relações com traficantes, as dívidas no tráfico e a prática de delitos inviabilizaram a convivência social na família, influenciando na decisão destes sujeitos de morar nas ruas. E, mesmo estando aptos para trabalhar, estes sujeitos, nestas rotas de exclusões, se veem impossibilitados de acessar ao mercado formal de trabalho, sobrevivendo de “bicos”.

Alguns autores apontam que morar nas ruas permite desvincular-se de papéis que o indivíduo não conseguia ou não tinha vontade e disposição de cumprir, tais como papel de marido e provedor, papel de pai, papel de irmão, entre outros. Porém, a experiência etnográfica nas ruas de Fortaleza mostrou que esta hipótese precisa ser relativizada, apontando além das causas acima mencionadas, a dependência às drogas, a não aceitação da orientação sexual e a sorodiscordância por conta da infecção pelo vírus HIV/Aids, como causas importantes da decisão dos indivíduos em habitar as ruas. Quando vão para as ruas, muitas vezes, estes sujeitos abandonam mulheres, filhos, o que não quer dizer que eles não voltam a exercer estes papéis em outras situações e reafiliações.

Em seus depoimentos, estes personagens apresentam visões e interpretações distintas acerca da vida nas ruas, atribuindo diferentes significados à rua. Alguns habitantes veem “a rua como um espaço de riscos e perigos”, marcado por tensões, conflitos e atos de violência; outros apresentam uma visão distinta, vendo “a rua como um espaço de liberdade”; e um terceiro grupo de personagens vê “a rua como a última alternativa de um percurso de vulnerabilidade”.

Os sujeitos que concebem “a rua como um espaço de riscos e perigos”, assim a representam devido às intempéries, doenças e insegurança. Muitos destes moradores das ruas temem roubos e agressões no momento da dormida, especialmente quando habitam determinados espaços nos dias em que acontecem eventos, como shows de música, jogos de futebol, feiras e exposições.

Já os sujeitos que encaram “a rua como um local de liberdade para viver” afirmam ser possível viver e conviver nas ruas, desde que se respeite algumas regras peculiares de relacionamento, como “não se misturar com todo o mundo”, “saber entrar e saber sair”. Na visão destes personagens, a rua somente é perigosa para aqueles que não dominam seus códigos de conduta. Nessa ótica, a rua é um espaço onde podem estar com seus companheiros à qualquer momento, sem incomodar ou ter que dar satisfação às outras pessoas, declarando, então, estar habituados à vida neste espaço e, não mais à vida em domicílio.

Por sua vez, os personagens que veem “a rua como a última alternativa, em um percurso de vulnerabilidade”, encaram-na como um espaço onde não existe formas sociabilidades confiáveis e que torna impossível a construção de vínculos afetivos. Estes habitantes das ruas representam este espaço como um lugar de insegurança e incertezas que permeiam a vida, com um cotidiano marcado por preocupações em conseguir lugares de segurança.

Durante esta etnografia nas ruas, uma das descobertas marcantes foi a existência de diferentes configurações identitárias entre os habitantes das ruas, que assumem múltiplas identidades em processos sempre em aberto e em construção. Os personagens das ruas assumem identidades deterioradas que confirmam os estereótipos existentes acerca deste segmento, tidos como vagabundos e avessos ao trabalho. Ao mesmo tempo, assumem configurações identitárias que desfazem tais interpretações, afirmando identidades em transformação, a reivindicar reconhecimento social e direitos de cidadania.

Muitos personagens das ruas encarnam demarcações identitárias ligadas à profissão e ocupação, assumindo-se como trabalhadores a exercer atividades como “pastorar” e lavar carros, transportar mercadorias, fazer trabalho como pintores ou na coleta de resíduos sólidos, cuidar de jardins, várias tarefas no ramo da construção civil, entre outras atividades. Assim, em muitos personagens das ruas manifesta-se uma identificação e afinidade com o trabalho.

Na realidade, possuem uma “ética do trabalho”, cujas marcas são a pontualidade na hora de acordar e deixar limpo o lugar onde dormem, a fidelidade às pessoas a quem prestam serviços, assim como anseios de conseguir trabalho com carteira assinada. Aliados a estas configurações identitárias, estes sujeitos identificam-se como pais, filhos, irmãos, entrelaçadas

com demarcações identitárias ligadas à classe social, etnia, orientação sexual e religião.

Os habitantes das ruas que convivem com o vírus HIV vivenciam situações particulares, configurando processos de duplo estigma, por morar nas ruas e viver com esta doença. Aliado aos estigmas e preconceitos existentes sobre as pessoas que habitam às ruas, a infecção pelo HIV/Aids configura não apenas uma doença biológica, mas também um campo “moral” permeada por ideias e representações acerca dos acometidos: como culpa sexual, promiscuidade e práticas não naturais, situações que configuram este duplo estigma. Muitos destes sujeitos apresentam a saúde física e mental debilitada em função de doenças oportunistas ligadas a Aids, apresentando falas dispersas e desconexas, situações que impediram a efetivação de entrevistas mais amplas e circunscrição de histórias de vidas.

Nesta etnografia, conferi um lugar de destaque aos habitantes das ruas vivendo com o vírus HIV/Aids porque vivenciam uma situação peculiar dentro do universo das ruas. Muitos dos habitantes das ruas que rompem completamente os vínculos familiares e, por vários motivos não conseguem mais sobreviver nas ruas, devido a impedimentos físicos, mentais, doenças crônicas, cegueira e Aids, aderindo aos projetos de casas de acolhida e de abrigos públicos .

A adesão a tais instituições representa uma alternativa de uma vida “mais segura” para os habitantes das ruas, diminuindo as vulnerabilidades e os riscos, e constituindo uma estratégia de saída das ruas. Nas casas de acolhida e abrigos, os personagens das ruas passam a ter garantidos direitos básicos como dormida, alimentação, banhos regulares, acesso a saúde e tratamento médico, e às vezes, têm oportunidade de aprender uma profissão.

Durante a pesquisa etnográfica nas casas de acolhida, a visão, convivência e atitudes diante da infecção pelo HIV foram assuntos marcantes que permearam as falas de vários habitantes das ruas. É necessário ressaltar que, a maioria dos personagens das ruas infetados com o HIV que encontrei em meus percursos de campo, era de homossexuais assumidos, com uma vida sexual ativa. Muitos destes sujeitos sofrem também com o preconceito e estigma por conta da orientação sexual. Todos os habitantes das ruas portadores de HIV, aqui retratados, contraíram a infecção pela via sexual. Para estes sujeitos, a desfiliação social ocorre primeiro a partir da rejeição e discriminação nas famílias de origem, por conta da orientação sexual.

Desse modo, a homossexualidade apresenta-se como elemento definidor dos processos de desfiliação. Após a descoberta da sorologia, os personagens das ruas adotam múltiplos comportamentos e atitudes diante da descoberta de que soropositivos. Alguns sujeitos adotam uma atitude de repensar a própria vida, buscando conviver com a doença,

desenvolvendo o tratamento dentro de suas possibilidades, enquanto outros assumem uma postura de descaso sem buscar tratamento. Outros ainda caem em depressão, interrompendo o tratamento e só recorrendo a ele em situações de agravamento da doença. Ao mesmo tempo, as relações que mantêm com familiares e pessoas próximas vão se deteriorando por conta da discriminação e estigma. Assim, os habitantes das ruas apresentam autoimagens negativas, como subcidadãos, indivíduos vivendo à margem da sociedade, assimilando os estigmas predominantes.

A identificação como soropositivo é uma demarcação identitária presente na vida dos habitantes de rua que convivem com o HIV/Aids, que perpassa todas as identidades e demarcações assumidas, a partir da qual, estes sujeitos se identificam, sentindo as dificuldades, discriminações e estigmas de quem convive com a doença. De fato, os habitantes das ruas soropositivos encarnam múltiplas identidades em construção, relativas à religião e orientação sexual, alguns se identificam como trabalhadores e mantêm a esperança de voltar ao mercado de trabalho; alimentam o desejo de ter relações afetivas duradouras, casar e constituir família. A orientação sexual revela-se a identidade marcante que atravessa o percurso de vida destes sujeitos que se assumem como homossexuais, travestis e heterossexuais.

Nesta conclusão, cabe ainda sublinhar a situação limite vivenciada por sujeitos que habitam as ruas portadores do HIV/Aids: a falta de condições de assumir a terapia antiretroviral; as precarizações múltiplas na vida cotidiana; o acirramento do estigma pela perversa articulação de ser morador de rua e portador do HIV; a debilidade física decorrente da infecção pelo HIV, aliada ao sofrimento emocional a circunscrever a vida dos portadores desta doença; a perspectiva de morte no horizonte.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Camila M. de; SZAPIRO, Ana M. Analisando a problemática do risco em casais que vivem em situação de sorodiscordância. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 13, n.6, p. 1859-1868, 2008.
- ARAÚJO, Carlos H. Migrações e vidas nas ruas. *In*: BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 88-120.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- _____. **Outsiders: estudo de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. *In*: _____. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p 7-16.
- _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Editora Fim de Século, 2003.
- _____. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, Elza. **Os labirintos da habitação popular: conjunturas, programas e atores**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília: Secretaria de Avaliação e Gestão de Informação, 2009a.
- _____. Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a política nacional para população em situação de rua e seu comitê intersetorial de acompanhamento e monitoramento, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília. DF, 24 dez. 2009b. Artigo 1º, parágrafo único.
- _____. **Centro de referência especializado para população em situação de rua: SUAS e população em situação de rua**. v. III. Brasília: Gráfica e Editora Brasil Ltda, 2011a.
- _____. **Inclusão das pessoas em situação de rua no cadastro único para programas sociais do governo federal: Suas e população em situação de rua**. Vol.III. Brasília: Gráfica e Editora Brasil Ltda, 2011b.
- BURSZTYN, Marcel. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. *In*: _____. (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 27-55.
- CARNEIRO JUNIOR, Nivaldo et al. Serviços de saúde e população de rua: contribuição para um debate. **Revista Saúde e Sociedade**, v.7 n. 2, 1998, p. 47-62.
- CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A luta por direitos e a afirmação das políticas sociais no Brasil contemporâneo. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 1. 38, 2008. p. 16-26.

_____. O exercício do ofício da pesquisa e o desafio da construção metodológica. *In*: BATISTA, Maria M (ed.). **Cultura: metodologias e investigação, cultura portuguesa, declinações latino-americanas**. Lisboa: O Verso Edições, 2009. p. 117-136.

_____; GUERRA, Eliana C. Tempos contemporâneos: trabalhadores supérfluos no fio da navalha da lógica do capital. *In*: SOUSA, Antónia A. et al., (orgs.). **Trabalho, capital mundial e formação dos trabalhadores**. Fortaleza: SENAC, 2008. p. 85-101.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. **Caderno CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40. Jan/dez, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids: a terceira epidemia**. São Paulo: IGLU, 1991.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1991.

SCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. *In*: BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p.139-171.

_____. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. *In*: _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 85-107.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. 1ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes. 2000. p. 103-133.

INSTITUTO MUNICIPAL DE PESQUISA ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS-IMPARH. **Pesquisa: moradores de rua da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: IMPARH, 2000.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA, Silvana G. A. **Vidas do meio fio: os moradores de rua de Fortaleza no contexto da formulação de uma política pública**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

MAGNANI, José G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: v.17, n. 49, Jun 2002. p. 11-30.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. *In*: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 367-397.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e Aids**. Rio de Janeiro: ABIA, 2001. (Coleção ABIA: Cidadania e Direitos, n.1, 2001).

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In*: SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 69-88.

PEREIRA, Nívia Cristiane. Desigualdade e resistência: uma breve caracterização sobre o Nordeste. *In*: HOLANDA, Violeta; ROCHA, Solange (orgs.). **Articulando o ativismo em Aids no Nordeste**. Recife/Fortaleza: SOS CORPO, GRAB, 2006. p.18-27.

RICHARDSON, Robert J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

RODRIGUES, Lídia Valesca. **Vidas nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

SILVA, Hélio; MILITO, Cláudia. **Vozes do meio-fio**: etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objetos nas ruas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SILVA, José Borzacchiello Da. **Nas trilhas da cidade**. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**, v. 21 n. 61, 2007. p. 173-191.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

Artigos de Jornal

MARINHEIRO, Vaguinaldo. Viciados da Cracolândia são os ‘excluídos dos excluídos’. **Folha de São Paulo**, 15 jan. 2012. Folha Cotidiano, p. C1-C4.

GLOSSÁRIO

Glossário das ruas: o mundo de sentidos e significados nos percursos de uma etnografia nas ruas

Aranha – gíria de Artane. Medicamento empregado na terapêutica do mal de Parkinson, do parkinsonismo e como antiespasmódico. Largamente utilizado por pessoas em situação de rua, por via oral ou endovenosa – embora a apresentação desse medicamento seja exclusivamente como comprimido –, por referirem sentir certa sensação de bem estar. Esse medicamento apresenta propriedades estimulantes e eufóricas. Como efeito colateral, pode produzir delírios e alucinações.

Bico – trabalho temporário ou esporádico no mercado informal, em geral prestado para terceiros.

Benflogin – cloridrato de benzidamina. Anti-inflamatório. As pessoas em situação de rua que dele fazem uso alegam sentir os mesmos efeitos provocados pelo Artane.

Bentyl – cloridrato de dicicloverina. Antiespasmódico. Tal qual Benflogin, entre os sujeitos entrevistados circula a ideia de que provoca o mesmo efeito de Artane.

Berotec – bromidrato de fenoterol. Broncodilatador utilizado na terapêutica de asma.

Bombar – usar esteroides anabolizantes no corpo humano. Esses esteróides são geralmente utilizados para causar crescimento muscular em cavalos e animais em geral. Medicamento de uso veterinário.

Bombadeira – mulher com função de aplicar esteroides e silicone no corpo para crescimento muscular.

Botar boneco – expressão típica do Ceará, que significa resistência, implicância, teimosia.

Cafetina – mulher que obtém lucro por meio do agenciamento da prostituição de terceiros.

Cafonete – homem ou mulher que lucra com o agenciamento da prostituição de travestis.

Catimbó – culto de feitiçaria que combina elementos da magia branca europeia com elementos negros, ameríndios e católicos. Há autores que consideram a expressão uma variante de catimbau (que também tem o significado de cachimbo) e proveniente do tupi.

Cola – cola de sapateiro, ela contém tolueno, uma substância que é a princípio ativo da antiga droga lança-perfume.

Celular - nome popular para garrafas plásticas de aguardente de 300 ml, contendo bebidas de alto teor alcoólico, como cachaças e uísques baratos. Ex. Sapupara.

Celulose – cigarro de maconha feito com papel. Na química significa polímero natural, encontrado nos vegetais, e constituído pela polimerização da celobiose, substância branca, fibrosa, usada na fabricação de papéis.

Chá de zabumba – chá alucinógeno derivado da fervura de frutas de um arbusto da família das solanáceas, nativo do México. É, popularmente, chamada de zabumba ou trombeta – a branca ou a cheirosa. Apresenta propriedades calmantes e narcóticas.

Chá de cogumelo – chá alucinógeno derivado da fervura de cogumelos.

Chuckberry – o mesmo que droga no jargão das ruas.

Deby – marca de cigarros Derby.

Doce – ácido lisérgico ou ecstasy, dependendo do contexto.

Drew – marca de conhaque Dreher.

Droguero – mesmo que usuário de drogas, drogado, viciado.

Fissura – ânsia para fazer uso novamente de uma determinada droga, em razão da dependência.

Gambiarra – ligação ilegal de serviços de eletricidade, água, telefone ou internet.

Gato – o mesmo que gambiarra.

Lombra – termo genérico para o efeito de drogas. Pode incluir de alterações de humor a alucinações e paranóia, dependendo da substância.

LSD – ácido lisérgico, droga ilícita com propriedades alucinógenas.

Mesclado – cigarro produzido com maconha e pedras de crack trituradas.

Montar o corpo – fazer alterações corporais (colocar sutiãs com enchimento, colocar silicone nos seios, passar maquiagem, usar peruca, usar roupas femininas) com a intenção de se travestir de mulher.

Mô paia – algo ruim, mesmo que “maior palha”.

Nóia – usuário de crack.

Nóia – efeito da droga.

Noieiro – o mesmo que drogado.

Roipinol – trata-se do Rohypnol, hipnótico cuja substância é flunitrazepan.

Simpatia – feitiço caseiro.

Viado – expressão popular referente ao homossexual, gay ou pessoa do sexo masculino que sente atração por outra do mesmo sexo.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Temas de Análise de Conteúdo

Tema I: A rua como lócus de moradia

- a) Rua como um espaço de liberdade para viver
- b) Rua como a última alternativa em um percurso de vulnerabilidade
- c) Rua como um local de riscos e perigos

Tema II: Situações que levam uma pessoa a viver nas ruas

- a) Desavenças e rupturas familiares
- b) Perda de emprego e impossibilidades de trabalho
- c) Dependências de droga e álcool inviabilizando a convivência social
- d) Não aceitação da orientação sexual pela família
- e) Doenças mentais e outros agravos de saúde
- f) Infecção com o vírus HIV

Tema III: Elementos definidores de processos de desfiliação

- a) Uso abusivo de drogas/dependência química
- b) Dependência de álcool
- c) Riscos advindos de dívidas com traficantes
- d) Crimes de assassinato/roubos
- e) Processos de discriminação e exclusão pela infecção com o vírus HIV

Tema IV: Vínculos familiares e rupturas nos processos de desfiliação

- a) Rupturas de vínculos de familiares
- b) Manutenção de vínculos com determinados familiares
- c) Reaproximação com familiares, em situação de extrema necessidade (doença, ameaça de morte, obtenção de documentação, fuga da polícia)

Tema V: Visão sobre o HIV

- a) Peste mortal que aniquila perspectivas de vida e torna a vida muito difícil
- b) Uma doença grave, mas hoje controlável pelo tratamento antiretroviral
- c) Uma doença com a qual se pode conviver, mantendo uma rotina de vida costumeira

- d) Uma doença tratável, mas cujo tratamento se torna inacessível para o morador de rua
- e) Uma doença que cria um estigma, fazendo do portador uma pessoa discriminada

Tema VI: Atitudes e convivência com o HIV durante a estadia nas ruas

- a) Uma postura de descaso sem buscar o tratamento, desconhecendo a doença
- b) Uma postura positiva de convivência com a doença desenvolvendo o tratamento como podem e levando a vida da melhor forma
- c) Uma postura negativa face à doença, caindo em depressão, interrompendo o tratamento e só recorrendo a ele em situações de agravamento do estado de saúde
- d) Uma postura de repensar a vida a partir da descoberta da doença, buscando conviver com ela desenvolvendo o tratamento como podem
- e) Uma postura de desânimo e de descrença pela falta de possibilidades de um tratamento de forma regular e sistemática

Tema VII: Imagens e autoimagens de pessoas que moram nas ruas

- a) Um indivíduo marginal/refugo humano
- b) Um cidadão que trabalha e têm direitos
- c) Uma vítima da sociedade que não teve oportunidades de vida
- d) Um indivíduo desviado que desperdiçou as oportunidades de vida
- e) Um cidadão que, por força das circunstâncias vive nas ruas
- f) Uma pessoa boa disposta a ajudar
- g) Uma pessoa desanimada, liquidada com baixa autoestima

Tema VIII: Visão sobre o viver nas ruas

- a) Um modo de viver diferente, não se habituando mais uma vida em casa
- b) Uma situação transitória da qual quer sair, buscando ter acesso a um local de moradia
- c) Uma situação que não consegue romper, mas que gostaria de mudar de vida

Tema IX: Refiliações e vínculos sociais construídos nas trajetórias nas ruas

- a) Vínculos com os companheiros de rua
- b) Constituição de família com parceiro e filhos
- c) Relações nos processos de trabalho informal
- d) Relações no interior das casas de acolhida
- e) Relações sexuais e afetivas por meio de namoros ou situações ocasionais
- f) Não existência de vínculos familiares e de amizade

Tema X: Identidades nos percursos da rua

- a) Identidades negativas de indivíduos que vivem à margem da sociedade, subcidadãos
- b) Construção de múltiplas identidades nas rotas das suas trajetórias nas ruas
- c) Identidades em construção na situação de rua, identificando-se como trabalhadores e cidadãos
- d) Identidades deterioradas assimilando-se as discriminações e representações esquematizadas

Tema XI: Demarcações identitárias

- a) Classe social
- b) Etnia
- c) Orientação sexual
- d) Religião
- e) Trabalho e habilidades

Tema XII: Perspectivas de futuro

- a) Tem planos e esperanças de uma vida melhor
- b) Não crê em melhora da vida
- c) Considera o futuro com incerteza
- e) Entrega o futuro a Deus

Tema XIII: Concepção sobre casas de acolhida

- a) Um espaço de acolhida que garante a satisfação de determinadas necessidades vitais
- b) Um espaço de controle que permite o acesso a determinadas condições de vida
- c) Equipamentos indispensáveis para a população de rua
- d) Mecanismos de controle que tentam disciplinar os que habitam as ruas
- e) Espaço de convivência com iguais que vivem na mesma situação
- f) Espaço de assistencialismo, que cria dependência e contribui para manter as pessoas em situação de rua

Tema XIV: Relação com os profissionais das casas de acolhida

- a) Relação de imposição, dominação e controle
- b) Relação de respeito e de acolhida a pessoas em situação de rua
- c) Relação de ajuda e apoio com imposição de normas e mecanismos de disciplina
- d) Relação amistosa de companheirismo de quem tem condições de apoiar pessoas em situação de rua

Tema XV: Visão dos profissionais das casas de acolhida sobre os usuários

- a) Cidadãos que vivem uma situação especial a ser respeitada
- b) Indivíduos marginais/refugos humanos
- c) Pessoas excluídas que precisam ser apoiadas
- d) Indivíduos deteriorados que não têm possibilidades de exercer cidadania
- e) Cidadãos que precisam desenvolver formas dignas de inclusão no seu universo de vida

Tema XVI: Processo de exclusão/inclusão precárias

- a) Falta e /ou precariedade de acesso a direitos sociais fundamentais como alimentação, saúde, vestuário, higiene pessoal, documentos de identidade, trabalho e lazer
- b) Acesso a mínimos sociais por meio de espaços institucionais e suas formas de controle de trabalho
- c) Desenvolvimento de atividades informais de trabalho precárias que garantem uma renda
- d) Acesso a benefícios no âmbito de assistência social e/ou programas sociais
- e) Inserção nas rotas de tráfico de drogas
- f) Prática de prostituição
- g) Prática de crimes

Tema XVII: Expressões de afetividade

- a) Referências afetivas aos pais, notadamente à mãe, com expressões de carinho e saudade
- b) Manifestações de afeto em relação a companheira/companheiro, invocando tempos passados
- c) Expressões de desejo de encontros afetivos e amorosos para partilhar a vida
- d) Referências afetivas a filhos de uma vida antes das ruas, expressando carinho e saudade
- e) Expressões afetivas em relação a amigos e parceiros de uma vida pregressa e de vivências nas ruas
- f) Crença na possibilidade de encontrar o amor e ser feliz
- g) Apego a animais como companheiros nas trajetórias nas ruas, notadamente cachorros

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista para pessoas em situação de rua

Informação sociodemográfica

Sexo

Idade

Escolaridade

Estado Civil

Religião

Local onde se higieniza

Rendimentos semanais

Biografia e percurso na rua

1. Pode falar um pouco de si, como é a sua vida? Do seu percurso? Onde você nasceu?
2. Como chegou a esta instituição? Há quanto tempo está aqui, nesta instituição?
3. Você tem família, tem filhos, é solteiro, casado, tem/tinha parceiro, ou vive só?
4. Você tem alguma profissão? Trabalha/trabalhou? Tem alguma forma de ganhar algum dinheiro? Quanto ganha?
5. Como era a sua vida antes de ir morar na rua?
6. Porque veio morar na rua?
6. Que dificuldades você passou na vida antes de chegar a esta casa de acolhida?

Saúde

7. Pode falar um pouco da sua saúde antes de vir para aqui? Você se considera uma pessoa saudável, com saúde?
8. Você chegou a adoecer alguma vez? Quando foi a última vez que você ficou doente? Como você se tratou?
9. A saúde era importante para você? Alguma vez se preocupou, teve motivos para se preocupar com a sua saúde antes de morar na rua? E depois?
10. Quando ficava doente, o que fazia? Procurava tratamento? Com que frequência ficava doente?
11. Você tinha acesso ao hospital caso ficasse doente?
12. Sentiu dificuldades para chegar ao hospital?
13. Dentro do hospital você sentiu dificuldades?

14. Usa álcool, drogas? Quais? Com que frequência?
15. Antes de chegar aqui, você tinha informações sobre as doenças: dengue, infecções sexuais, hepatite? Você tinha informações sobre como se prevenir das doenças?
16. Como você se prevenia das doenças? O que fazia para não contrai-las?

Relação com a medicina

18. Como é a sua relação com o SUS? Com os enfermeiros, médicos, voluntários e outros?
19. Eles ouvem, compreendem você? Acha que a sua opinião é importante para eles?
20. Você concorda com aquilo que os médicos, as enfermeiras, as voluntárias dizem? Você concorda com eles, com o tratamento, em tomar os remédios?

Comportamento, Atitudes e Práticas diante da Aids

22. Eles explicaram por que você está aqui? Você sabe por que tem que tomar a medicação?
23. Você e o médico/enfermeira conversaram sobre a medicação?
24. Sabe o modo como se infectou, como contraiu o vírus HIV?
25. Sentiu algo, alguma coisa depois de iniciar o tratamento?
26. O que as pessoas lá fora dizem sobre a Aids?
27. Você acredita nisso?
28. O que mudou na sua vida depois de saber que tem a doença?
29. Como você sobrevive na rua, sabendo da doença?
30. Como você pensa a sua saúde pessoal após a descoberta da doença?
31. Como é o atendimento no hospital, posto de saúde em relação à sua doença?
32. Fora daqui, como é a sua relação com as pessoas? E com sua família? Você tem amigos? Conversa com eles e visita eles frequentemente?

Expectativas de vida

33. Você acredita que as coisas vão melhorar, que a sua vida e a sua saúde vão melhorar?
34. Depois de chegar aqui, você recebeu algum apoio? Que tipo de apoio?
35. A sua vida melhorou depois de você entrar na instituição?
36. O que você pensa das ações do governo, prefeitura em relação às pessoas que estão na rua, particularmente em relação ao atendimento no caso da saúde?

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista para profissionais que trabalham com pessoas em situação de rua

Descrição do local de trabalho

1. Pode falar um pouco da sua instituição, que tipo de instituição é, e como foi criada, a história, há quanto tempo existe?
2. Como é que ela funciona?
3. Há quanto tempo trabalha nesta instituição? Pode falar um pouco sobre como foi criada, qual o seu papel social?
4. Que tipo de assistência vocês dão? A que tipo de pessoas vocês dão assistência?
5. Quantas pessoas trabalham aqui? São profissionais ou voluntários?

Tipo de abrigo

6. Quantas pessoas em situação de rua vocês atendem por dia e por mês?
7. Que políticas e programas e instituições assistenciais a Prefeitura dispõe para pessoas em situação de rua? Como funcionam?
8. Quantos abrigos dispõe a Prefeitura de Fortaleza para pessoas em situação de rua? Como funcionam? Quantas pessoas estão nos abrigos atualmente?
9. O que é um abrigo e como ele funciona?
10. Quais são as condições para ser usuário de um abrigo? Quais os procedimentos à entrada? Quais os deveres e obrigações dos usuários?

Perfil dos usuários

11. Pode descrever o perfil das pessoas em situação de rua, o sexo, idade, estado civil, classe social, orientação sexual, que a instituição atende?
12. Sabe dizer quais os principais motivos que conduzem as pessoas a morar nas ruas?
13. Sabe de situações de vulnerabilidade que eles passam nas ruas? Que situações? Quais os problemas que as pessoas em situação de rua enfrentam na rua?

Saúde dos usuários

14. Como, e em que estado de saúde chegam à sua instituição as pessoas que moram nas ruas?
15. Quais as doenças mais comuns que eles apresentam?

16. Os pacientes que moram na rua têm/tinham acesso aos serviços médicos, ao SUS? Estas pessoas têm acesso a algum atendimento médico?
17. Em caso de doença, as pessoas que moram na rua cumprem com os tratamentos, com as recomendações médicas, esforçam-se nesse sentido?
18. Sabe que valores estas pessoas /pacientes atribuem à sua saúde, à sua vida?
19. Tem pacientes portadores de alguma doença (dengue, tuberculose, DST/HIV/Aids) que moram/moravam na rua?
20. Quem são estes pacientes? Sexo, idade, estado civil? Eles têm família? Se têm ou tiveram problemas com drogadição? Têm parceiros fixos ou ocasionais, praticam ou praticaram sexo comercial?
21. Sabe a forma como estes contraíram a doença?
22. Estes pacientes que moravam na rua tinham informações sobre as doenças existentes (Dengue, Hepatite, DST's, HIV/Aids) antes de chegarem à sua instituição?
23. E depois de chegar à instituição passam a ter informações sobre como se prevenir das doenças? Vocês têm algum programa de informação e prevenção das doenças?
24. Depois de iniciar o tratamento, percebe algumas mudanças no comportamento destes pacientes, adotam comportamentos preventivos, costumam voltar às ruas?
25. Estas pessoas têm acesso a atendimento médico? Os pacientes que moram na rua têm/tinham acesso aos serviços médicos, ao SUS antes de chegarem à sua instituição? E depois de chegar aqui, passaram a ter?

Rede e articulações com outras instituições no atendimento

26. Quantas instituições privadas, filantrópicas e religiosas que trabalham com população em situação de rua existem em Fortaleza?
27. Que tipo de relação ou convênio elas têm com a Prefeitura?

Perfil do entrevistado

28. Há quanto tempo trabalha com pessoas em situação de rua?
29. Quais os desafios de trabalhar com pessoas em situação de rua? O que o (a) leva a continuar trabalhando nesta área? Como vê o sentido e a importância de seu trabalho?
30. Pode falar um pouco de si, do seu percurso, formação, se é casado, se tem filhos ou não. Há quanto tempo você trabalha com população em situação de rua?
31. Como e por que começou o seu trabalho com moradores de rua?

ANEXO



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº 207/10 Fortaleza, 10 de setembro de 2010
Protocolo COMEPE nº 196/10
Pesquisador responsável: Ercllio Neves Brandão Langa
Titulo do Projeto: "População de rua, vulnerabilidade e risco diante do
vírus/HIV/AIDS em Fortaleza"

Levamos ao conhecimento de V.Sª. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o protocolo e o TCLE do projeto supracitado na reunião do dia 09 de setembro de 2010.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Mirian Parente Monteiro

Dr. Mirian Parente Monteiro
Docente em 1996 - Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFCE